

A LETRA ESCARLATE

Nathaniel Hawthorne

InfoLivros.org



SINOPSE DA LETRA ESCARLATE

A Letra Escarlata é o romance mais emblemático do escritor americano Nathaniel Hawthorne, publicado em 1850. Nela, o autor conta a história de Hester Prynne, que concebeu uma filha com um homem que não era seu marido. Acusada de adultério, ela foi levada à Picota para ser exposta à humilhação pública e forçada a usar a letra "A" escarlate em seu vestido como lembrança de seu crime.

O romance é ambientado na Nova Inglaterra durante o século XVII. Hester teve que enfrentar uma sociedade que a isolou completamente, lhe virou as costas e a julgou severamente, a ponto de perturbar toda a sua vida.

Morte, pecado, vergonha e culpa são explorados neste trabalho a partir de uma visão crítica da condenação social, o que pode trazer as piores consequências para a vida de qualquer pessoa.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Letra Escarlata por Nathaniel Hawthorne em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [The Scarlet Letter author Nathaniel Hawthorne](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [La Letra Escarlata autor Nathaniel Hawthorne](#)
 - Francês InfoLivres.org: [La lettre Écarlate auteur Nathaniel Hawthorne](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF](#) em InfoLivros.org

CAPÍTULO I

A porta da prisão

Diante de um tosco edifício de porta lavrada em carvalho e guarnecida de puas de ferro, uma turba de homens barbudos, vestindo roupas de cores fúnebres e usando cartolas cinzentas, entremeava-se com mulheres, umas de ficho, outras de cabeças descobertas.

Seja qual for a utopia de virtude e felicidade coletivas que em princípio acalentem os fundadores de uma nova colônia, invariavelmente reconhecem, entre as suas necessidades práticas mais urgentes, a de destinar uma nesga do solo virgem a um cemitério, e outro pedaço à sede de uma prisão. De acordo com esta regra, pode-se perfeitamente supor que os antepassados de Boston tenham erigido a primeira cadeia pública, em qualquer parte dos arredores de Cornhill, quase na mesma ocasião em que demarcaram a primeira necrópole no lote de Isaac Johnson, cingindo a sua sepultura, que mais tarde se tornou o núcleo de todos os túmulos congregados no velho cemitério de King Chapei.

E certo de que, quinze ou vinte anos depois da fundação da colônia, a rústica penitenciária já apresentava estigmas das

tormentas e outros sinais de decrepitude, que lhe tornavam mais sinistro o aspecto da frontaria atarracada e triste. A ferrugem das pesadas guarnições da porta de carvalho parecia a mais antiga das coisas do Novo Mundo. Como tudo o que pertence ao crime, aquele prédio dava a impressão de não haver jamais conhecido a juventude.

Defronte dessa macabra construção, e entre ela e a rua tortuosa, existia um pátio assoberbado de plantas, erva de porco, vegetação assim disforme, que dê certo encontrava uma afinidade qualquer com o solo onde tão cedo brotara a negra flor da sociedade civilizada — o cárcere. Todavia, a um lado do portal, rente quase ao limiar, vicejava uma roseira brava, naquele mês de junho coberta de joias delicadas, como se quisesse oferecer a sua fragrância e a sua frágil beleza ao prisioneiro que entrasse ou ao criminoso condenado que marchasse para o suplício — numa prova de que, mesmo para com eles, o profundo coração da Natureza podia ser generoso e compassivo.

Por estranho acaso, está roseira continuava viva. O que não nos cabe verificar é se apenas resistiu à velha e austera solidão, mais do que os pinheiros e os carvalhões gigantesco que a sombreavam, ou se, como ali se tem motivos para

crer, refloriu sob os passos da santa Anne Hutchinson, quando esta transpôs os umbrais da prisão.

Encontrando-a tão no início da nossa narrativa, que desse fúnebre portal vai agora começar, outra coisa não temos a fazer senão colher uma das suas flores e oferecê-la ao leitor. Ela servirá, assim o esperamos, para simbolizar alguma doce floração moral que encontremos ao longo da jornada, ou balsamizar a torva angústia e uma história de fraqueza e sofrimento humanos.

CAPÍTULO II

A praça pública

Certa manhã, não há menos de dois séculos, o terreno fronteiriço à prisão achava-se apinhado de habitantes de Boston. Todos os olhares cravavam-se ansiosos na porta de carvalho guarnecida de ferro. Entre outra qualquer população, ou num período mais moderno da história da Nova Inglaterra, a sisuda rigidez que petrificava as caras hirsutas daqueles bons cidadãos teria indicado algum tremendo acontecimento em perspectiva.

Teria indicado nada menos do que a execução de algum criminoso notório, sobre o qual a sentença do tribunal da lei não fizesse mais do que confirmar o veredito da opinião popular. Entretanto, em face da primitiva rigidez do carácter puritano, não era dado estabelecer-se com certeza uma conclusão dessa espécie. Podia ser que um escravo preguiçoso ou um menino rebelde, entregue à autoridade civil, tivesse de ser castigado no pelourinho. Podia ser que um Antinomiano, um Quaker, ou qualquer sectário da religião heterodoxa, estivesse em vias de expulsão da cidade, ou que um índio vadio e errante, que a água de fogo dos brancos houvesse tornado turbulento nas ruas, fosse ser tangido a chicote para as

sombras da floresta. Também podia ser que uma feiticeira, como a velha Senhora Hibbins, a azeda viúva do juiz, fosse subir ao pelourinho.

Em qualquer dos casos haveria da parte dos espectadores a mesma solenidade, como cumpria a uma gente para a qual a religião e a lei constituíam quase que uma só coisa, e em cuja mentalidade ambas se fundiam de tal maneira que os mais suaves e os mais severos atos de disciplina coletiva eram, igualmente, veneráveis e terríveis. Na verdade, bem restrita e bem avara condescendência um delinquente devia procurar entre tais circunstâncias. Além disso, uma punição que em nossos dias assumiria o aspecto de provação ridícula e grotesca, podia, naquele tempo, se investir de uma majestade tão grande quanto a da própria pena de morte.

Cumprir notar que, na manhã de verão em que começa a nossa história, as mulheres — que as havia muitas na multidão pareciam possuídas de um interesse especial pelo castigo que se ia iniciar, fosse ele qual fosse. A época não era tão refinada que o senso da inconveniência impedisse às donas de anáguas e anquinhas de trilhar os caminhos públicos e espremer as suas pessoas não pouco

abundantes na turba mais próxima do cadafalso, no momento de uma execução. Moral, como fisicamente, aquelas senhoras e donzelas nascidas ou geradas na Velha Inglaterra possuíam

uma fibra mais rija que a dos seus legítimos descendentes, delas separados por cinco ou seis gerações.

Porque, através dessa cadeia ancestral, cada mãe transmitiu ao filho uma seiva progressivamente mais fraca, uma beleza mais delicada e mais efêmera, uma estrutura mais frágil, senão também um caráter menos inteiriço e menos sólido. As mulheres, que então se aglomeravam diante da porta da prisão, se achavam a menos de meio século do período em que a máscula Elizabeth não deixara de ser um tipo representativo do sexo. Eram suas patrícias. E o bife e a cerveja noite da terra natal, de par com uma educação não mais branda, participavam largamente da sua formação. Por isso o sol brilhante da manhã incidia sobre ombros largos, bustos fartos, rostos redondos e rubicundos, amadurecidos lá na ilha longínqua, e que pouco mais pálidos e murchos se haviam tornado no clima da Nova Inglaterra.

Notava-se, também, entre as matronas — como parecia ser a maioria delas — um modo de falar petulante e palavroso, que atualmente nos espantaria, não só pelo tom, mas também pelas opiniões.

— Senhoras — disse uma cinquentona de fisionomia dura — vou revelar-vos um pouco do que penso. Seria de muito proveito geral que nós, mulheres de idade madura, e religiosas de boa reputação, tivéssemos o encargo de lidar com criminosas da espécie dessa Hester Prynne. Que achais, amigas? Se a velhaca comparecesse perante nós cinco que

aqui estamos, sairia com uma sentença como a que o magistrado proferiu? Palavra, não creio!

— Dizem que o Reverendo Sr. Dimmesdale, o piedoso pastor, está acabrunhadíssimo com esse enorme escândalo na sua congregação.

— Os juízes são cavalheiros tementes a Deus, porém por demais complacentes. Esta é que é a verdade! — acrescentou uma terceira. Deviam pelo menos marchar-lhe a testa com ferro em brasa. Assim a dona Hester espernearia, garanto eu! Mas pouco se incomodará com o que lhe puserem no corpete do vestido, a reles prostituta! Ora! Com um broche ou qualquer outro enfeite pagão poderá esconder o emblema e passear pelas ruas, atrevida como sempre!

— Ah! — interpôs uma jovem esposa que trazia o filho pela mão — deixai que

ela o esconda como quiser. A dor dele há de estar sempre no seu coração.

— Mas por que é que ainda discutimos emblemas e ferretes, ou se devem ser aplicados no corpete ou na frente?! — bradou outra velhota, a mais feia, a mais cruel daquelas julgadoras auto constituídas. Essa mulher lançou a vergonha sobre todas nos, e deve morrer. Não haverá sanções para isto? Há, sim!

Tanto na Escritura como no Código. Pois que os juízes, que não as aplicaram, agradeçam a si mesmos se suas esposas e filhas se perderem!

— Valha-nos Deus, minha senhora — exclamou um homem na multidão. Então não existe na mulher outra virtude a não ser a que nasce do medo dos cadafalsos? Oh, isto é muito duro! Silêncio agora, amigas! A chave está rangendo na fechadura e aí vem a Senhora Prynne em pessoa!

Aberta por dentro a porta da prisão, surgiu primeiro, de espada à cinta e empunhando o bastão do cargo, como uma sombra agourenta na luz do sol, a sinistra, hedionda figura do meirinho. Aquele personagem encarnava e simbolizava todo o torvo rigor da Legislação Puritana, de cuja estrita aplicação aos transgressores era o encarregado. Apertando na mão esquerda o distintivo de autoridade, pousava a direita no ombro de uma jovem, empurrando-a para fora. Ao chegar à soleira da porta ela o repeliu, num movimento cheio de altivez e de força moral e, como se fora da sua própria vontade, caminhou para o ar livre.

Tinha nos braços uma menina de uns três meses, que estremeceu e furtou o rostinho à crua ardência do dia, pois até então a vida só lhe dera a conhecer a penumbra cinzenta de um cubículo, ou de outro qualquer sombrio aposento da cadeia.

Parece que, ao mostrar-se em cheio à turba, o primeiro impulso da mulher — mãe da criança — foi estreitá-la ao peito. Não

tanto por instinto maternal como para, por esse meio, esconder certo emblema que trazia bordado ou aplicado nas vestes. Todavia, concluindo rápida e sensatamente que uma prova da sua vergonha de bem pouco serviria para esconder a outra, embalou a filha, e, com um rubor escaldante, mas com um sorriso ainda altaneiro e um olhar que ninguém poderia abater, encarou conterrâneas e cidadãos. No corpete, emoldurada em laborioso trabalho de arabescos e fio de ouro, aparecia, em nítido recorte escarlata, a letra A. Fora tão artisticamente bordada, e tão exuberante e vistosamente ornada, que dava a impressão perfeita de ser o último e definitivo enfeite do vestido, vistoso, de acordo com o gosto da época, porém muito mais do que era permitido pelos regulamentos santuários da colônia.

A jovem era alta, elegantíssima. Tinha os cabelos pretos e copiosos, tão espelhantes que refrangiam em chispas os raios do sol. O seu rosto, além de belo pela regularidade e pela riqueza dos traços, irradiava a unção que vem de umas pestanas arqueadas e de uns olhos negros e pensativos. Tinha também um ar de grande dama, no padrão da nobreza feminina daquele tempo, caracterizado mais por uma espécie de aparato e majestade do que pela graça gentil, vaporosa e inexprimível de agora. Ela jamais parecera mais distinta, na antiga compreensão do termo, do que ao emergir da cadeia.

Os que já a conheciam e esperavam vê-la empanada e esbatida numa nuvem de catástrofe, ficaram atônitos, pasmos de testemunhar como a sua beleza fulgurava, transformando o infortúnio e o labéu num lado que a envolvia toda. É verdade que, para um observador sensível, havia naquele esplendor qualquer coisa de estranhamente doloroso. A insolente e pitoresca originalidade do traje por ela confeccionado no cárcere para aquela ocasião, parecia revelai a atitude do seu espírito, a desesperada temeridade do seu ânimo. Mas o detalhe que atraia todos os olhares e os esgazeava — ao ponto dos homens e mulheres que a conheciam intimamente se sentirem impressionados como se a estivessem vendo pela primeira vez — era aquela letra “A” escarlata; tão imaginosamente trabalhada no corpete. Dir-se-ia ungida de um feitiço que a arrebatava das relações ordinárias com a humanidade, enclausurando-a num mundo todo seu.

— Saber manejar a agulha, sabe! — comentou uma das espectadoras. Mas como e que uma mulher, antes de passar por essa vergonhosa provação, arranja meios de se pôr assim em evidência?! Comadres, que é isso senão rir na cara dos nossos virtuosos juízes e se ufanar daquilo que eles, homens dignos, consideram um castigo?

— Bom seria — resmungou a mais mal encarada das velhas — que lhe arrancassem dos belos ombros aquela bonita capa! E, quanto à letra, que ela bordou com tanto gosto, cederei em

um pedaço das minhas flanelas de reumática para a fabricação de outra!

Oh! Calma, senhoras, calma! — pediu a mais moça. Que Hester Prynne não vos ouça! Naquela letra não há urna agulhada que ela não tenha sentido no próprio coração!

O meirinho acenou com o bastão.

— Abri alas, bom povo! Abri alas, em nome do Rei — gritou. Abri caminho! E, prometo-vos, de agora até a uma hora da tarde, a Senhora Prynne ficará em posição de proporcionar a homens, mulheres e crianças uma bela visão do seu audacioso vestuário! Abençoada seja a virtuosa Colônia de Massachusetts, onde o crime é punido à luz do sol! Vamos, Senhora Hester! Mostrai a vossa letra escarlata na praça do mercado!

A custo, fizera-se uma passagem entre os espectadores. Precedida pelo funcionário, e com um séquito de homens de cenho franzido e mulheres carrancudas, Hester Prynne dirigiu-se ao local do ultraje. Curiosos e impacientes, pouco entendendo do que se tratava, a não ser que lhes valera meio feriado, garotos de escola corriam na frente, voltando-se a todo instante para cravar os olhos no seu rosto, na criança e na letra infamante. Naquele tempo a prisão não ficava muito longe da praça do mercado. Entretanto, medida na experiência da prisioneira, a distância talvez parecesse um tanto longa, pois apesar da altivez do porte, é de supor que Hester se

agoniasse a cada atropelada daqueles que se acotovelavam para fitá-la, como se o seu coração tivesse sido atirado à rua para que todos o escouçassem, para que todos o pisassem.

Há, todavia, em nossa natureza, uma disposição, maravilhosa e compassiva, que faz com que a vítima não perceba a intensidade do que sofre pela tortura do momento, mas, principalmente, pela dor que depois a abate. Assim, quase serena, Hester Prynne venceu essa etapa do castigo e chegou a uma espécie de patíbulo, no canto oeste da praça do mercado. Ficava quase debaixo dos beirais do mais antigo templo de Boston e era como um prolongamento dele.

De fato, aquele tablado fazia parte de uma máquina punitiva que agora, há duas ou três gerações, tem sido entre nós apenas histórica e tradicional, mas que nos velhos tempos, tanto quanto a guilhotina entre os terroristas da França, desempenhava o papel de agente na proteção dos direitos da burguesia. Era, em suma, a plataforma de um pelourinho. Sobre ela arrumava-se a estrutura do instrumento de trato, tão em voga para imobilizar a cabeça humana entre garras e mantê-la à vista da multidão. Naquele aparelhe de pau e ferro, exibia-se, materializado, o ideal da ignomínia. Creio que não pode existir maior afronta à nossa natureza — quaisquer que sejam os crimes do indivíduo — do que impedir que o culpado esconda o rosto à vergonha. E esta era a essência daquele suplício. No caso de Hester Prynne, contudo, e como não raro, em outros casos, a sentença ordenara que ela permanecesse durante

determinado tempo no tablado, mas sem gargalheira e sem sujeição da cabeça. Sabendo bem o que tinha a fazer,

a condenada galgou um lance de degraus de madeira e, mais ou menos à altura de um homem, apareceu ante a multidão.

Houvesse um Papista ali, na turba de Puritanos, e teria visto naquela bela mulher, tão singular nos trajes e na atitude, e com a criança ao colo, qualquer coisa que lhe recordaria a figura da Divina Maternidade, que tantos pintores ilustres têm porfiado em representar. Qualquer coisa que lhe teria evocado, mas só pelo contraste, a sagrada imagem da Mãe cujo filho veio redimir o Mundo. No caso, entretanto, a mancha do mais negro pecado contra a mais santa condição da vida humana atuava de tal maneira que, para aquela beldade feminina, o Mundo era todas trevas. E estava perdido para a filha que ela concebera.

O ambiente não deixava de refletir o respeito que sempre há de envolver o espetáculo da culpa e da degradação de um semelhante, enquanto a sociedade não estiver bastante corrupta para sorrir em vez de tremer diante dele. As testemunhas da desventura de Hester Prynne ainda não haviam ultrapassado a singeleza. Fosse essa a sentença, seriam bastante rígidas para assistir à sua morte sem um murmúrio contra a severidade do julgamento. Não tinham, entretanto, nada da crueza de coração de outra etapa social

que, numa cena daquele gênero, encontrasse apenas motivo de galhofa.

Aliás, mesmo que houvesse a tendência de levar o caso no ridículo, teria sido reprimida e suplantada pela presença de homens não menos qualificados do que o Governador e muitos dos seus conselheiros, um juiz, um general e os sacerdotes da terra, todos sentados na varanda da capela, e olhando para baixo, para o tablado. Se tais personagens podiam tomar parte na cena sem comprometer a imponência e o decoro da linhagem e do cargo, era porque — deve-se concluir com certeza — a aplicação de uma sentença legal se revestia do mais austero e positivo sentido. Por isso a multidão estava séria e compenetrada. A infeliz criminosa, sob o peso de milhares de olhos hostis que a procuravam, todos cravados no seu seio, suportava o mais que uma mulher pode suportar.

Aquilo era quase inaturável.

De gênio impulsivo e apaixonado, Hester fortalecera-se para enfrentar o aguilhão e as punhaladas do sadismo popular saciando-se em todas as modalidades do insulto. Mas na atitude solene do povo havia um traço tão pungente que ela antes quisera ver, cara a cara, todas aquelas carrancudas fisionomias, desmanchando-se em esgares de escárnio. Houvesse um reboar de gargalhadas se erguido da multidão — cada homem, cada mulher, cada voz

estridente de criança contribuindo com a sua parcela — Hester Prynne tê-lo-ia correspondido com um sorriso amável e desdenhoso. Mas no ambiente plúmbeo em que era forçada a sofrer o castigo, chegava a sentir necessidade de gritar com todas as forças dos pulmões, ou de atirar-se da plataforma abaixo, ou enlouquecer de uma vez.

Entretanto, momentos havia em que toda a cena, de que ela era a protagonista, se parecia esvair aos seus olhos, ou pelo menos tremulava difusa diante deles, num tumulto de imagens informes e espectrais. Singularmente ativos, o seu espírito e, sobretudo, a sua memória, ressuscitavam, uns após outros, cenários que não aquele do oeste selvagem, fisionomias que não aquelas que se erguiam de sob as abas das cartolas. Recordações, as mais corriqueiras e materiais, detalhes da meninice e da vida escolar, diversões, brigas de criança, episódios domésticos dos tempos de moça, chegavam-lhe em enxame, de mistura com a lembrança do que de mais grave acontecera depois na sua existência. E todos os quadros tinham a mesma nitidez, como se as visões todas tivessem a mesma importância, ou constituíssem uma mesma peça. Tratava-se, possivelmente, de uma fuga instintiva do espírito que, através desses quadros fantasmagóricos, tentava se libertar da opressão cruel e da brutalidade dos fatos.

Por assim dizer, a plataforma do pelouro foi um posto de observação que revelou a Hester Prynne toda a estrada

palmilhada, desde a infância descuidada. Daquela miserável eminência, ela reviu a aldeia nativa, lá na velha Inglaterra. Reviu o lar paterno: uma casa de lajes cinzentas, semierguida, de aspecto chocantemente pobre, mas conservando no portal, atestado de nobreza, uma pedra de armas meio apagada. Reviu o pai, a fronte nua, a barba veneranda flutuando sobre a gola talhada à velha moda elizabetana. Reviu a mãe, com aquele olhar de amor desvelado e ansioso, com que sempre a evocava e que, desde a sua morte, tantas vezes lhe lançara no caminho o obstáculo de uma suave repreensão. Reviu o próprio rosto, radiante da beleza juvenil, iluminando todo o espelho embaçado em que gostava de se mirar. Depois outra fisionomia, de um homem bem entrado em anos, a face pálida e magra de estudioso, os olhos fracos e castigados pelo candeeiro que os ajudava a percorrer muitos livros alentados. Mas olhos que, quando o dono queria ler a alma humana, assumiam um estranho poder de penetração. Como o espírito feminino de Hester Prynne não podia deixar de recordar, esse personagem de estudos e reclusão era ligeiramente deformado, o ombro esquerdo um pouco mais alto do que o direito. Depois, ergueram-se diante dela, na galeria da memória, as ruas estreitas e sinuosas, as

casas altas e fuscas, as grandes catedrais e os edifícios públicos, velhos na idade e no estilo, de certa cidade do Continente, onde lhe fora reservada uma vida nova, ainda

ligada ao erudito aleijado. Uma vida nova que se nutria de assuntos banais, vida de tufo de musgo verde em muro arruinado. Por fim, substituindo essas visões fugitivas, novamente se impôs a tosca praça do mercado da fundação Puritana, todos os habitantes congregados cravando olhares inexoráveis em Hester Prynne — sim, nela mesma! — que ali estava, na plataforma do pelourinho, com uma filha nos braços, e tendo no peito, caprichosamente aureolada de fios de ouro, a letra A, em escarlate.

Seria verdade? Apertou a criança contra o seio, a ponto de fazê-la chorar. Baixou os olhos para se certificar de que a menina e a ignomínia eram reais. Sim, eram reais, e tudo mais se desvanecera!

CAPÍTULO III

O reconhecimento

Dessa intensa consciência de estar sendo o alvo da observação unânime e hostil, a portadora da letra escarlate foi afinal arrancada ao avistar, na frente da multidão, uma figura que se apoderou irresistivelmente dos seus pensamentos.

Ali estava um índio, em trajes nativos. Mas nos núcleos ingleses, os homens vermelhos não eram visitantes tão raros que, numa ocasião daquelas, um deles pudesse atrair a atenção de Hester Prynne, e muito menos excluir do seu espírito todos os demais objetos e cogitações.

Ao lado do índio, e em manifesta ligação com ele, via-se um honrem branco, vestindo esquisita mistura de roupas civilizadas e bárbaras. Era de pequena estatura, enrugado, de idade imprecisa. Como alguém que houvesse cultivado tanto as faculdades mentais que estas não pudessem deixar de influir no físico, manifestando-se por sinais irrecusáveis, tinha no rosto uma expressão de notável inteligência. E, embora com o aparente desleixo do vestuário heterogêneo se tivesse esforçado para o esconder ou disfarçar, Hester Prynne notava claramente que um dos seus ombros era mais alto do que o

outro. E, de novo, à visão daquele raquítico personagem, e da discreta deformidade do seu corpo, apertou a criança contra o seio tão fortemente que o pobre bebê lançou outro resmungo de dor. A mãe, entretanto, não deu mostras de o ter ouvido.

Ao chegar à praça do mercado, e pouco antes de Hester Prynne o descobrir, o desconhecido volveu os olhos para ela. Fê-lo, a princípio, com displicência, como um ente acostumado a olhar no vazio, e para quem o mundo exterior pouca importância tem, a não ser quando relacionado a alguma preocupação espiritual. Mas não tardou que as suas pupilas se tornassem agudas e penetrantes. Um espasmo de horror percorreu o e as feições, como uma serpente que por elas se enroscasse, vertiginosamente. Anunciou-lhe o rosto sob alguma poderosa emoção. Ele, contudo, controlou-a tão prontamente, por um esforço da vontade, que, passado aquele instante fugaz, a convulsão podia ser tomada como calma.

Pouco depois tornou-se quase imperceptível e, afinal, desapareceu nas profundezas do seu ser. Então, ao encontrar os olhos de Hester Prynne cravados nos seus, e ao perceber que ela o estava reconhecendo, o forasteiro ergueu lenta e tranquilamente o dedo, fez com ele um aceno no ar e levou-o aos lábios.

Tocou o ombro de um homem que estava ao lado, e perguntou-lhe cerimonioso e cortês:

- Por obséquio, bom senhor, quem é aquela mulher? E por que aqui está exposta à humilhação pública?
- Amigo, é preciso que sejais estrangeiro nesta região — respondeu o outro, observando com interesse o interpelante e o índio — para não terdes ainda ouvido falar da Senhora Hester Prynne e dos seus malfeitos. Ela provocou um grande escândalo, garanto-lhe eu, na congregação do boníssimo Sr. Dimmesdale.
- Tendes razão — esclareceu o desconhecido. Sou mesmo um estrangeiro, tenho andado viajando, bem contra a minha vontade. Por mar e por terra, afrontei tormentosos obstáculos. E estava há muito tempo escravizado no Sul, como prisioneiro dos pagãos. Agora fui trazido até aqui por este índio, para me redimir do cativeiro. Quereis, pois, me falar de Hester Prynne — acertei o nome?
- e dos seus crimes, e do motivo que a levou àquela plataforma?
- Pois não, amigo, — aquiesceu o homem. E estou certo de que, depois das inquietações e da estada num meio selvagem, será grato ao vosso coração encontrar-se afinal num lugar onde a iniquidade é investigada e punida a vista das autoridades e do povo como aqui na nossa abençoada Nova Inglaterra. Sabei que aquela mulher era esposa de certo sábio, invés de nascimento, mas que vivia em Amsterdam, de onde, há

um bom pedaço de tempo, resolveu embarcar para tentar a sorte entre nós, os de Massachusetts. Assim, ordenou-lhe que viesse na frente, demorando-se ele um pouco mais para liquidar alguns negócios importantes. Palavra, bom senhor! Durante os dois anos, ou menos, que a mulher residiu aqui em Boston, não se teve qualquer notícia do sábio, do Sr. Prynne. E a jovem esposa, já vedes, entregue à própria leviandade...

— Ah! Ah! Compreendo! — exclamou o desconhecido com um sorriso amargo. Um homem culto como esse de que falais devia ter aprendido isso nos livros. E, por obséquio, senhor, quem será o pai da criança? Ela poderá ter uns três meses, acho eu... Quem será o pai do bebê que a Senhora Prynne tem nos braços?

— Na verdade, amigo, isto continua em mistério. E o Daniel que o há de deslindar ainda está por vir! — esclareceu o burguês. A Senhora Hester Prynne recusa-se obstinadamente a falar, e as autoridades têm quebrado a cabeça em vão. É capaz do culpado andar por aqui, assistindo a esse espetáculo, ignorado

dos homens e esquecido de que Deus o vê.

— O sábio devia vir pessoalmente desvendar o enigma observou o forasteiro, sorrindo novamente.

— Ser-lhe-á muito útil, se ainda estiver vivo... — redarguiu o informante. Pois, meu caro Senhor, os nossos juízes de Massachusetts, tendo em conta que a acusada é moça e bonita, que sem dúvida foi fortemente tentada — e que, além de tudo, como é mais provável, o marido está no fundo do mar — não quiseram fazer pesar sobre ela todo o rigor das leis. O caso é de pena de morte. Mas, na sua grande mercê e bondade de coração, eles impuseram à Senhora Prynne o castigo de permanecer durante três horas no tablado do pelourinho e, de agora por diante, pelo resto da vida, usar no peito aquele emblema infamante.

Sábua sentença! — comentou o estrangeiro, fazendo uma reverência com a cabeça. Assim ela será um sermão vivo contra o pecado, até que a letra ignominiosa desapareça sob a lápide do seu túmulo. Todavia, revolta-me que o cúmplice do crime não esteja, pelo menos ao seu lado, nesta plataforma. Mas há de ser descoberto! Há de ser descoberto! Há de ser descoberto!

Saudou polidamente o expansivo burguês e, murmurando algumas palavras ao índio que o esperava, com ele abrindo caminho pelo meio da turba.

Enquanto isso se passava, Hester Prynne permanecera no pedestal, com o olhar fixo no recém-chegado. Tão fixo que, em certos momentos de intensa absorção, todas as demais coisas do mundo pareciam se diluir, restando apenas no mundo ele e ela. E assim teria sido talvez muito mais terrível do que tornar a

vê-lo quando se achava naquela situação, com o sol quente e claro lhe iluminando a fisionomia e fazendo ressaltar a sua vergonha. Com a letra escarlate da infâmia no peito. Com a filha do pecado nos braços. Com todo aquele povo acotovelando-se como numa festa, olhando com desprazer para o seu rosto que deverá ser visto somente ao clarão sossegado da lareira, na penumbra feliz do lar ou, no templo, sob a mantilha de matrona. Apesar do horror do transe, Hester sentia-se mais em segurança, com tanta gente de permeio, do que se tivesse de encontrá-lo, face a face, os dois sós. Assim a exposição à massa transformava-se num refúgio, e ela tremia ao pensar quando essa proteção lhe fosse retirada.

Engolfada nas suas cogitações, só ouviu que a chamavam depois que, num tom solene e alto, audível a toda a multidão, a voz que o fazia repetiu várias vezes o seu nome.

— Escuta-me, Hester Prynne!

Já dissemos que bem acima da plataforma em que Hester Prynne se achava erguia-se uma espécie de tribuna, ou varanda, anexa à igreja. Era dali que se faziam as proclamações, com os magistrados reunidos e todo o ritual que na época envolvia as cerimônias públicas. Para assistir ao espetáculo que vamos descrevendo lá se achava o próprio Governador Bellingham, rodeado de uma guarda de honra

composta de cinco ordenanças armados de chuços. Ostentava pluma negra no chapéu, cercadura de bordados no casaco e túnica de veludo. Era um cavalheiro avançado em anos, com uma rude experiência escrita nas rugas.

Não estava mal para dirigir e representar uma comunidade que devia a sua origem, o seu progresso e o seu desenvolvimento não aos impulsos da juventude, mas às austeras e rijas energias da virilidade e à discreta sagacidade da velhice, realizando tanto precisamente porque imaginara e ambicionara tão pouco. Os outros personagens eminentes de que o Governador se cercava distinguiam-se por uma arrogância de porte natural de um período em que as formas da autoridade viviam impregnadas da essência das instituições divinas. Eram, sem dúvida, homens bons, justos e avisados. Mas, em toda a espécie humana não teria sido fácil escolher, entre os sábios e virtuosos, pessoas menos capazes de julgar um transviado coração de mulher, e de desvendar a trama do bem e do mal, do que aqueles doutos de rígido aspecto para os quais agora Hester Prynne voltava o rosto. A infeliz tinha a certeza de que qualquer simpatia que pudesse esperar, estaria no seio mais amplo e mais tépido da multidão, pois, ao erguer os olhos para a varanda, tornou-se pálida e estremeceu.

A voz que lhe havia chamado a atenção era a do reverendo e célebre John Wilson, o mais velho dos sacerdotes de Boston, grande estudioso, como a maioria dos seus colegas e, além disso, homem de espírito bondoso e alegre. Este último atributo,

todavia, fora cultivado com menos desvelo do que os dotes da inteligência e, na verdade, constituía, no seu modo de pensar, mais um motivo de vergonha do que de satisfação. Lá estava ele, com um par de chaves cruzadas bordado no barrete e os olhos cinzentos, acostumados a penumbra do gabinete, piscando como os da filha de Hester Prynne, à luz intensa do sol. Dava a impressão dos retratos que vemos gravados nos velhos livros de sermões. E não tinha mais direito do que um desses desenhos, de adiantar-se, como fez, e intrometer-se num problema de culpa humana, paixão e agonia.

— Hester Prynne, discuti com este meu irmão a cujas prédicas tiveste a honra de assistir — começou o Sr. Wilson pondo a mão no ombro de um moço emaciado

que estava a seu lado — visando persuadi-lo de que ele devia conversar contigo, aqui em face do céu, diante dessas sábias e respeitáveis autoridades, e para todo este povo ouvir, sobre a vileza e o negrume do teu pecado. Conhecendo mais do que eu o teu gênio amargo, ele pode escolher melhor entre os argumentos a utilizar, a brandura ou o terror, o que é capaz de prevalecer sobre a tua aspereza e a tua obstinação, de tal modo que não mais escondas o nome daquele que te tentou a essa degradante queda. Este meu irmão, entretanto, retruca com a fraqueza de um jovem, se bem que muito instruído para a idade, que obrigar uma mulher a desvendar os seus segredos em plena luz do sol e na presença de uma tão grande multidão,

é violentar a essência da alma feminina. Na verdade — como acredito tê-lo convencido — a vergonha reside na perpetração do pecado, e não na sua confissão. Que dizes a isso, uma vez mais, Irmão Dimmesdale?

Deves ser tu ou eu o encarregado de tratar com este pobre espírito culpado?

Houve um murmúrio entre os dignos e venerandos ocupantes do balcão. E o Governador Bellingham traduziu-o falando com voz autoritária, embora temperada de respeito, ao moço sacerdote a quem se dirigia.

— Bom Sr. Dimmesdale — disse. Tendes, em grande parte, a responsabilidade da alma desta mulher. Cabe-vos, portanto, exortá-la à penitência e à confissão, como prova e consequência do arrependimento.

A franqueza desse apelo fez com que os olhares da turba se concentrassem no Reverendo Sr. Dimmesdale, jovem pastor que chegara das universidades da Inglaterra trazendo para a terra inculta toda a sabedoria da época. A eloquência e o fervor religioso já lhe haviam granjeado um austero destaque na profissão. Era pessoa de aparência muito impressionante — a fronte branca, serena e alta, os olhos grandes, castanhos e melancólicos, e uns lábios que, salvo quando propositadamente cerrados, costumavam tremer, exprimindo ao mesmo tempo vibratilidade nervosa e grande poder de autodomínio. Não

obstante esses preciosos dotes naturais e essas prendas de estudioso, percebia-se no jovem sacerdote um ar apreensivo, inquieto e meio assustado, do ser que se sentia completamente extraviado e perdido no caminho da existência humana, e que só podia estar bem no retiro de si mesmo. Eis porque, tanto quanto lhe permitiam os deveres, ele ia entrando pelos atalhos sombreados, e assim se conservava simples e puro — aparecendo, quando a ocasião exigia, com uma frescura, uma fragrância e uma orvalhada candura de pensamento que, ao que diziam muitas pessoas, as impressionavam como a prédica de um anjo.

Tal o moço que o Reverendo Sr. Wilson e o Governador haviam lançado tão abertamente a atenção da massa, nomeando-o para interpelar, em presença de todos os homens, esse enigma que é a alma feminina, sagrada até na desonra. A penosa natureza da tarefa varreu-lhe o sangue da face e fez os seus lábios tremerem.

— Fala à mulher, meu irmão! — insistiu o Sr. Wilson. Será útil para a sua alma e, portanto, como diz o digníssimo Governador, útil a ti mesmo, que és o responsável por ela! Exorta-a a que nos diga a verdade!

O Reverendo Sr. Dimmesdale baixou a cabeça, ao que parece numa prece silenciosa, e depois adiantou-se.

— Hester Prynne — começou debruçando-se da tribuna e olhando-a de relance nos olhos — ouviste o que disse este bom homem e vês a responsabilidade que pesa sobre mim. Se achas que é útil a paz da tua alma, se achas que assim o teu castigo terreno se tornará mais decisivo para a tua salvação, eu te concito a que reveles o nome do teu companheiro de crime e de sofrimento! Não te cales por mal compreendida piedade ou ternura por ele, porque — acredita-me, Hester — se ele baixasse de um lugar muito alto para ficar ao teu lado neste pedestal de infâmia, sentir-se-ia melhor do que ocultando para toda a vida um coração culpado. Que poderá o teu silêncio fazer por ele, senão tentá-lo — e até compeli-lo — a acrescentar a hipocrisia ao pecado? O céu te infligiu uma humilhação pública para que por esse meio possas alcançar um triunfo definitivo sobre o mal que está dentro de ti. Vê, pois, como negas ao teu companheiro — que talvez não tenha coragem para tomá-la por si — a taça amarga, mas salutar, que agora é apresentada aos teus lábios!

A voz do jovem pastor tremia comovida, fica, profunda. O pensamento que fora tão claramente manifestado, mais do que a significação direta das palavras, fê-las vigiai em todos os corações e despertou nos ouvintes um uníssono de simpatia. Até a pobre criança no colo de Hester sofreu a mesma influência: porque dirigiu para Dimmesdale os olhos até então errantes e estendeu-lhe os bracinhos com um murmúrio meio contente, meio dolorido. Tão poderoso soara o apelo do sacerdote que o povo não podia supor outra coisa senão que

Hester Prynne fosse revelar o nome do culpado, ou senão, que o próprio culpado, de qualquer lugar onde estivesse, subisse ao pelourinho, tangido por uma necessidade inesperada e inelutável.

Hester sacudiu a cabeça.

— Mulher, não transponhas os limites da misericórdia do céu — gritou o Reverendo Sr. Wilson, mais áspero do que antes. A esta criancinha foi concedida uma voz, para secundar e confirmar o conselho que ouviste. Revela o nome!

Isto, e o teu arrependimento, podem influir para te arrancar do seio a letra escarlate!

— Nunca! — retrucou Hester Prynne, olhando, não para o velho e douto clérigo, mas para os olhos profundos e perturbados do sacerdote mais moço. A letra escarlate está por demais gravada. Não podereis arrancá-la. E, quanto a ele, eu quisera sofrer a sua agonia, tanto quanto a minha!

— Fala, mulher! — disse, fria e severamente, outra voz que vinha da turba em redor do cadafalso. Fala e dá um pai à tua filha!

— Não falarei! — respondeu Hester, tornando-se pálida como morta, mas replicando à voz que reconhecera com absoluta

certeza. E minha filha terá que procurar um Pai no céu. Jamais o conhecerá na Terra!

— Não falará! — murmurou o Sr. Dimnresdale, que, debruçado na tribuna, com a mão no coração, aguardava o resultado do seu apelo. Prodigiosa energia, generosidade admirável de um coração de mulher! Não falará!

Convencido da irredutibilidade daquele pobre espírito culpado, o sacerdote mais velho, que se preparara cuidadosamente para a oportunidade, endereçou à multidão um sermão sobre o pecado, em todas as suas modalidades, mas contendo referências constantes a letra ignominiosa. E, durante a hora, ou mais, em que fez rolar os períodos por sobre as cabeças do povo, tanto insistiu no símbolo que, na imaginação popular, ele se revestiu de novos terrores, dando a todos a impressão de que tirava o seu brilho das chamas do poço do inferno.

Hester Prynne permanecia no pelourinho, os olhos vagos e um ar de fatigada indiferença. Sofrera naquela manhã tudo quanto a dignidade pode sofrer. E, como não possuía o tipo de temperamento que foge pelo desmaio às dores lancinantes, o seu espírito só se pudera valer de uma pétrea crosta de insensibilidade, ao passo que as funções da vida animal continuavam íntegras. Neste estado, a voz do orador soava aos seus ouvidos implacáveis porém inutilmente. A criança, na última fase da provação, dilacerava os ares com gemidos e gritos. Como um autômato, ela procurava acalmá-la. Mas parecia

indiferente ao pranto. Manteve a atitude inamolgável ao ser reconduzida à prisão e até quando, ao passar os umbrais da porta guarnecida de ferro, desapareceu dos olhos do público. Os que a haviam acompanhado afirmaram que a letra escarlate tinha despedido um lívido clarão ao longo do corredor escuro.

CAPÍTULO IV

O encontro

De volta a prisão Hester Prynne achava-se num nervosismo que exigia constante vigilância para evitar algum impulso suicida ou qualquer ato alucinado contra a pobre criança. Como a noite se aproximasse, sem que repreensões ou ameaças de castigo contivessem a sua inquietação, o Sr. Brackett, o carcereiro, achou melhor mandar buscar um médico. Anunciou-o como sendo um homem hábil em todos os ramos cristãos da medicina e, da mesma forma, familiar a tudo o que os selvagens podiam ensinar sobre ervas e raízes curativas que crescem na mata.

Para dizer a verdade, ali havia muita necessidade de assistência profissional, não só para Hester, mas, ainda com maior urgência, para a menina, que, haurindo a subsistência no seio materno, parecia ter bebido todo o tumulto, toda a angústia, todo o desespero que vagavam no organismo da mãe. Agitava-se em contorções de dor e era, no seu pequenino corpo, uma reprodução expressiva da agonia moral que a prisioneira suportara durante o dia.

Seguindo de perto o carcereiro, surgiu na célula o mesmo indivíduo de singular aspecto, cuja presença na multidão tanto interesse tinha despertado na portadora da letra escarlate. Ele também estava alojado na prisão, não como suspeito de qualquer crime, mas por ser aquele o lugar mais conveniente enquanto as autoridades estivessem discutindo as negaças do índio a respeito do seu resgate. Dera o nome de Roger Chillingworth. O carcereiro ficou por um momento espantado do relativo silêncio que se seguiu à sua entrada. Porque Hester Prynne ficara, de repente, muda como uma defunta. A menina, entretanto, continuava a chorar.

— Deixai-me só com a doente — disse o prático. Crede-me, bom carcereiro: em breve tereis paz em vossa casa. Prometo-vos que a Senhora Prynne se tornará mais dócil à autoridade.

— Ah! Se conseguirdes isto — respondeu o Sr. Brackett — passarei a considerar-vos um homem realmente hábil! Na verdade, esta mulher tem estado como possessa. E por pouco ainda não me encarreguei, eu mesmo, de expulsar Satanás das suas entranhas!

O desconhecido penetrara no aposento com a fleuma característica da profissão que dizia exercer. E essa atitude não se modificou quando a retirada do

carcereiro o deixou face a face com aquela que, pelo intenso interesse com que o olhara na praça, tinha indicado uma

relação muito estreita entre ambos. Os seus primeiros cuidados foram para a criança que chorava e se estorcia na cama, tornando indispensável, para fazê-la calar, o adiamento de qualquer outra tarefa. Examinou-a cuidadosamente e começou a abrir uma bolsa de couro que tirara de dentro das roupas e que continha remédios. Um deles foi posto num copo com água.

— Os meus antigos estudos de alquimia — observou o forasteiro — e a permanência, por mais de um ano, entre um povo bem versado nas salutares propriedades das ervas, fizeram de mim um médico melhor do que a maioria dos que ostentam diploma. Aqui está, mulher! A filha é tua — não tem nada comigo

— não reconhecerá como paternas a minha voz e a minha pessoa. Portanto, dá-lhe tu, com as tuas próprias mãos, esta mezinha.

Fitando-o, com uma forte expressão de suspeita, Hester repeliu o medicamento.

— Queres te vingar numa inocente? — sussurrou.

— Louca! — respondeu o doutor, meio frio, meio terno. Que me adiantaria fazer mal a esta menina bastarda e infeliz? O remédio é muito bom. Se a filha fosse minha — sim, se fosse

minha como é tua — eu não poderia fazer por ela mais do que estou fazendo.

E como Hester ainda relutasse, pois de fato não estava em perfeito estado de espírito, tomou a criança nos braços e ministrou-lhe a droga. Não tardou que se fizesse sentir a sua eficácia. Os gemidos cessaram. As convulsões desapareceram gradualmente e, em poucos minutos, como fazem os bebês aliviados de uma grande dor, a pequena mergulhou num sono profundo e umedecido de suor.

Então o médico — como o desconhecido largamente merecia ser qualificado — voltou a atenção para a mãe.

Num exame calmo e acurado, tomou-lhe o pulso, olhe-a nos olhos — com um olhar que lhe obrigou o coração a saltar e tiritar, tão conhecido e ao mesmo tempo tão estranho e tão frio era — e, afinal, satisfeito com a investigação, começou a preparar outra fórmula.

— Não conheço Lethes nem Nepenthe — notou ele — mas a selva me revelou muita coisa nova. E aqui está uma delas: uma receita que certo índio me ensinou, em troca de algumas lições, velhas como Paracelso. Bebe! Deve ser menos doce

do que uma consciência sem pecado. Isto não te posso dar. Mas este remédio acalmara a tua agitação como óleo derramado nas águas de um mar tempestuoso.

Apresentou o copo a Hester, que o recebeu com um olhar fixo e grave, cheio de dúvida e de interrogação, embora não fosse precisamente de medo, e fitou a filhinha adormecida.

— Pensei na morte — disse. Tenho-a desejado. Teria orado para que ela viesse, se a mim adiantasse rezar por qualquer coisa. Entretanto, se a morte está neste copo, pensa bem no que fazes, antes que me vejas sorvê-la.

— Bebe! — replicou ele, ainda com a mesma atitude fria. Conheces-me tão pouco, Hester Prynne? Pensas que tenho intentos vis? Mesmo que eu acaricie um plano de vingança, que melhor posso fazer para o meu objetivo senão deixar- te viver, senão te ministrar um remédio que te cure e te ponha fora de perigo, para que assim a vergonha continue a causticar o teu peito?

Pousou o longo indicador na letra escarlata, comprimindo-a contra o seio de Hester. E o estigma penetrou-lhe o seio como se fosse de ferro em brasa.

Notando o gesto involuntário, o desconhecido sorriu.

— Vive, pois. E carrega este emblema, aos olhos de homens e mulheres, aos olhos daquele a quem chamaste esposo, aos olhos daquela criança! E porque deves viver, toma este remédio!

Sem mais comentário ou demora, ela esvaziou o copo e, a um gesto do médico, sentou-se no leito onde a filha dormia. Esses preparativos só podiam fazê-la tremer. Sabia que, já tendo realizado tudo quanto a humanidade, ou a educação, ou, talvez, uma requintada crueldade lhe sugeria para aliviá-la, o forasteiro ia começar a interpelá-la como aquele a quem ela ferira mais profunda e inseparavelmente.

— Hester — disse ele — não te pergunto por que, nem de que modo, tu, caíste neste poço, ou melhor: tu subiste ao pedestal de infâmia em que te vim encontrar. Não é difícil achar a razão. Foram a minha insensatez e a tua fraqueza. Homem de pensamento, traça das grandes bibliotecas, já decadente, tendo empregado os meus melhores anos em saciar a fome de conhecimentos — que podia eu fazer de uma mulher moça e bela como tu? Aleijado desde o berço, como me pude iludir com a ideia de que os dotes intelectuais seriam capazes de velar a deformidade física aos olhos de uma jovem esposa? Chamam-me sábio.

Se os sábios o são sempre na própria conduta, eu deveria ter previsto tudo isso. Deveria saber que, ao sair da vasta e sombria floresta e ao entrar nesta colônia cristã, a primeira coisa que o meu olhar havia de encontrar seriam tu, exibida ao povo como uma estátua da ignomínia! Mais ainda: quando descemos casados os degraus da velha igreja, eu deveria ter

visto o clarão desta letra escarlate fulgindo no fim do nosso caminho!

— Sabes que fui franca contigo — disse Hester, porque, embora deprimida, não pôde suportar a última e serena referência ao símbolo da sua vergonha. Nunca te ameï, nem fingi te amar.

— É verdade — concordou ele. Foi leviandade minha! Já disse isto. Mas até aquela época da minha vida eu tinha vivido em vão. O mundo era tão sem carinho! Meu coração era uma casa grande, para muitos moradores, e, no entanto, vivia deserto e frio, sem uma lareira! Apesar de velho, triste e aleijado

— sonhei amar alguém! O amor não me pareceu um sonho louco — mas uma pura bênção lançada para que toda a espécie humana a recolhesse, e que também podia ser minha. E por isso, Hester, eu te trouxe para o meu seio, para o mais íntimo dele, e pensei te aquecer no calor que lhe emprestavas.

— Eu te fiz muito mal! — murmurou ela.

— Fizemo-nos mal, mutuamente — replicou ele. Errei, primeiro, quando atraí a tua juventude que amanhecia. Portanto, como um homem que não pensou nem profetizou em vão, não procuro vingança, não tramo nenhum mal contra ti. Entre mim e tu o fiel da balança se equilibra. Mas, Hester, está vivo o homem que nos infelicitou. Quem é ele?

— Não perguntes! — exclamou Hester Prynne encarando-o resoluta. Nunca o saberás.

— Nunca, dizes tu? — prosseguiu o médico, com um sorriso. Não o saber nunca! Acredita-me, Hester: há poucas coisas — no mundo exterior ou, até um certo limite, no mundo do pensamento — há poucas coisas capazes de se ocultarem a um homem sério e incondicionalmente disposto a solucionar um mistério. Tu podes esconder o teu segredo à curiosidade da multidão. Podes escondê-lo aos sacerdotes e magistrados, como fizeste hoje, quando estavam certos de que arrancariam o nome do teu coração e te dariam um companheiro no pelourinho. Contudo, quanto a mim, entro na investigação com outros

elementos que eles não possuem. Procurarei este homem como procurei a verdade nos livros, como procurei o ouro na alquimia. Há de se manifestar um sinal que o denuncie. Hei de vê-lo estremecer, súbita e inesperadamente Hei de mim próprio estremecer à sua passagem. Mais cedo ou mais tarde ele terá que se entregar em minhas mãos!

E, cravados em Hester Prynne, os olhos do encarquilhado erudito rutilaram de tal forma que ela levou as mãos ao peito, no receio de que eles lessem o segredo que ali estava guardado.

— Não queres revelar o nome? Nem por isso deixarei de sabê-lo! — concluiu o forasteiro, seguro de si mesmo, como se encarnasse o destino. Ele não usa letra infamante no peito, como tu; eu, porém, lerei essa letra no seu coração.

Entretanto, não temias pela sua sorte! Não penses que eu vá interferir nos métodos de castigo do céu ou, para a minha própria perdição, afrontar a lei humana. Não penses que eu vá tentar contra a sua vida, contra a sua reputação, se, como julgo, ele é homem de conceito limpo. Deixá-lo viver! Que se disfarce, se puder, num simulacro de honra! Nem por isso me escapará!

— Ages como se fosses misericordioso — comentou Hester — mas as tuas palavras te tornam hediondo!

— Uma coisa, ó tu que foste minha esposa, uma coisa desejo acrescentar — disse o sábio. Guardas o segredo do teu cúmplice. Guarda também o meu!

Ninguém nesta terra me conhece! Não murmures, para ninguém, que um dia me chamaste marido! Aqui, neste canto selvagem do mundo, erguerei a minha tenda. Porque, errante e isolado dos interesses mundanos, encontrei neste lugar uma mulher, um homem e uma criança que têm comigo as mais estreitas ligações. Não importa se de amor ou de ódio. Não importa se certas ou erradas. Tu e os teus, Hester Prynne, me pertenceis. Meu lar será onde tu e eles estiverdes! Mas não me traias!

— Por que há de ser assim? — perguntou ela, estremecendo, quase sem saber por que, ante aquele compromisso secreto. Por que não te apresentas francamente e me aniquilas de uma vez por todas?

— Talvez porque eu não queira afrontar a desonra que enlameia o marido de uma adúltera — retorquiu ele. Pode ser que seja também por outras razões. Basta. É meu propósito viver e morrer desconhecido. Deixa, pois, que o teu

esposo continua para o mundo como alguém que já morreu e de quem não mais se terá notícia. Não me reconheças, nem por palavra, nem pelo olhar. E, sobretudo, não contes o meu segredo ao homem a quem te entregaste! A sua fama, a sua posição, a sua vida, estarão à minha mercê! Cuidado!

— Guardarei o teu segredo como tenho guardado o outro — prometeu Hester.

— Jura! — insistiu ele. E ela jurou.

— E agora, Senhora Prynne — disse o velho Roger Chillingworth, como será chamado daqui por diante — deixo-te sozinha. Sozinha com a tua filha e com a letra escarlata! Como é, Hester? A sentença te obriga a usar o estigma enquanto dormes? Não tens medo de pesadelos e sonhos maus?

— Por que me sorris deste modo? — perguntou ela, perturbada com a expressão dos olhos dele. És o Homem Negro que assombrava as nossas florestas?

Atraíste-me para alguma cilada que fará a ruína da minha alma?

— Não da tua! — finalizou ele, com um sorriso. Não da tua!

CAPÍTULO V

Hester e a agulha

Terminou o tempo de reclusão de Hester Prynne. A porta do cárcere foi aberta e ela saiu para a luz do sol que, iluminando tudo, parecia, ao seu coração enfraquecido e magoado, não ter outra missão a não ser a de iluminar a letra escarlate do seu seio. Talvez tenha havido uma tortura maior nos seus primeiros passos deixando a prisão, do que na procissão e no espetáculo que já descrevemos, quando a apresentaram ao insulto coletivo, quando toda gente fora convocada para apontá-la com o dedo. Então se sentira fortificada por uma extraordinária tensão nervosa e pela energia combativa do seu caráter, que lhe permitiram transformar a cena numa espécie de sinistra apoteose.

Tratava-se, além disso, de um acontecimento isolado, à parte, a ocorrer uma só vez na sua vida, e a cujo encontro, portanto, ela pudera conclamar as reservas acumuladas durante muitos anos de tranquilidade. A própria lei que a condenara

— um gigante de feições austeras, mas tão vigoroso para aniquilar como para amparar — a havia ajudado durante o transe da humilhação. Agora, porém, naquele inesperado passo

para fora da cadeia, começava a rotina diária. E era preciso cumpri-la e levá-la avante com os recursos normais da sua natureza, ou perecer sob ela. Não podia confiar que o futuro a auxiliasse através da sua desolação. O amanhã traria consigo uma experiência típica, e assim o dia seguinte, e assim o outro dia. Cada qual com uma característica e, contudo, todos com a mesmice que já lhe parecia inaturável!

Daí por diante ela se tomaria o símbolo para o qual os pregadores e os moralistas apontariam, e com o qual dariam vida e corpo às representações da leviandade feminina e da paixão pecaminosa. Assim a mocidade pura seria exortada a olhar para ela como para a imagem, o corpo, a personificação do pecado, a vê-la com a letra escarlata flamejando no peito; para ela, filha de pais honrados; para ela, mãe de uma criança que depois se tornaria mulher; para ela, que já fora casta. E, sobre o seu túmulo, a ignomínia que estava condenada a carregar até lá constituiria o único mausoléu.

Talvez pareça espantoso que, com o mundo inteiro diante de si, não se achando, por nenhuma cláusula da sentença, obrigada a permanecer nos limites da fundação Puritana, livre para regressar à Pátria, ou a outro qualquer país da

Europa — e esconder a sua condição e a sua identidade sob um novo aspecto, tão completamente como se mergulhasse num novo ser — e tendo também abertos os caminhos da mata

escura, inescrutável, onde a rijeza de sua têmpera poderia se fundir à de um povo cujos costumes e vida eram alheios à lei que a atingira — pode parecer estranho que Hester Prynne continuasse considerando sua moradia aquele lugar, o único em que era obrigada a encarnar a infâmia. Mas existe uma fatalidade, sentimento irresistível como a força de um destino, que quase sempre compele os seres humanos a rodearem, e mal assombrarem, como fantasmas, o lugar onde algum grande e marcante acontecimento coloriu as suas vidas. E de um modo tanto mais obstinado quanto mais triste a cor que as tingiu. O pecado e a desonra eram as raízes que a chumbavam àquele solo, como se um novo berço, de atrações mais fortes que as do primeiro, houvesse transformado a terra da floresta, tão árdua para os outros peregrinos e viandantes, no lar, selvagem e temeroso, mas perene, de Hester Prynne. Todos os demais cenários do mundo — mesmo a aldeia da Inglaterra, onde a sua infância feliz e a sua puberdade sem mácula ainda pareciam estar sob a guarda materna — eram-lhe como que estranhos. A cadeia que a imobilizara ali tinha elos de ferro, lacerava o seio da sua alma, não podia jamais ser quebrada.

Talvez também fosse — e de certo o era, embora ela ocultasse o segredo a si mesma, e empalidcesse quando ele lhe vinha à tona do coração, como uma serpente aflorando à boca da toca — talvez também fosse que outro sentimento a escravizasse ao rincão que lhe fora tão funesto. Ali morava, por ali andava alguém a quem ela se julgava ligada numa união que, apesar

de ignorada na terra, levaria a ambos às barras do julgamento final, transformando-as em altar de um novo enlace para a punição eterna.

Sempre e sempre o tentador das almas sugeria esta ideia à meditação de Hester, e ria-se da apaixonada e desesperada alegria de que ela se deixava possuir, para depois tentar afugentá-la. Apenas encarava a sugestão, e logo se apressava a

fazê-la voltar à sua prisão. Aquilo em que se obrigava a crer — o que, em suma, constituía a base dos seus argumentos para continuar residindo na Nova Inglaterra — era meio verdade, meio ilusão. Ali, dizia consigo mesma, fora o cenário do seu crime e seria o da sua expiação terrena. E assim, talvez a tortura da humilhação quotidiana lhe pudesse afinal purgar a alma e nela gerar outra pureza tão grande quanto a que perdera. Mais santificada, porque resultaria do martírio.

Foi por isso que Hester Prynne não partiu. Nos arredores da cidade, nos limites

da península, mas sem estreita vizinhança com outra qualquer habitação, existia uma cabana coberta de colmo. Tinha sido construída pelos primeiros colonos, e abandonada porque o terreno que a rodeava era muito estéril para a lavoura. A distância, relativamente grande, colocava-a fora de mão para a vida social que já assinalava os hábitos dos imigrantes.

Ficava na praia, dando vista para uma enseada e, a oeste, para as colinas cobertas de mata. Não chegando a esconder a pequena residência, um grupo de árvores entanguidas, como as que só cresciam naquele sítio, parecia destinado apenas a insinuar que ali havia qualquer coisa que de boa vontade se teria escondido.

Nessa pequena e solitária morada, com alguns poucos recursos que possuía, e com permissão dos juizes, que continuavam a trazê-la sob vigilância, Hester se instalou com a filha. Uma sombra mística de suspeita ligou-se imediatamente ao local. As crianças, muito ingênuas para compreender por que aquela mulher vivia proscrita do âmbito da caridade humana, passavam por ali num andar que lhes permitisse avistá-la, sentada à janela, manejando a agulha, ou de pé na porta, ou cultivando o pequeno jardim, ou caminhando pela estrada que conduzia à cidade. E, vendo a letra escarlata no seu peito, fugiam, presas de um terror esquisito e contagioso.

Apesar de só, e de não ter no mundo um amigo que ousasse se revelar, Hester não incorria no perigo de passar miséria.

Possuía uma arte que, mesmo numa terra que lhe proporcionava relativamente poucas oportunidades, bastava-lhe para assegurar o próprio sustento e o da menina que se ia desenvolvendo. Era — dantes, como agora, a única de que a mulher tem quase que a exclusividade — a arte da costura. No seu seio, na letra delicadamente bordada, havia, na sua mais sutil e imaginosa habilidade, uma amostra de que as damas de

uma corte se teriam utilizado com satisfação, para acrescentar às vestes de seda e ouro um magnífico e primoroso adorno de talento humano. Ali, aliás, na árida simplicidade que em geral caracterizava as modas Puritanas, não eram raras as encomendas das mais belas produções da sua agulha.

O gosto da época, exigindo que tudo fosse elaborado em trabalhos daquele gênero, não deixou de influenciar os nossos conspícuos antepassados, os mesmos que haviam abandonado tantas outras modas aparentemente mais difíceis de se abandonar. As cerimônias públicas e as ordenações, a posse das autoridades, e tudo quanto pudesse imprimir solenidade à forma com que um novo governo se apresentava ao povo, eram, por política, realçadas num cerimonial imponente e bem ensaiado e numa austeridade, mas afetada

magnificência. Golas profundas, bandas minuciosamente trabalhadas e luvas de esplêndidos bordados, tudo era considerado necessário à imponência oficial dos homens que tomavam as rédeas do poder e facilmente permitido aos indivíduos dignificados pela casta ou pela fortuna — embora os regulamentos santuários proibissem à plebe estas e outras extravagâncias. Também na organização de funerais — fosse para amortalar o cadáver, ou para simbolizar nos múltiplos modelos das vestes de luto e na alvura das cambraias o pesar dos sobreviventes

— era frequente e expressivo o apelo à habilidade de Hester Prynne. Roupas de criança — porque também as crianças usavam roupas solenes — forneciam-lhe outras ocasiões de atividade e ganho.

Pouco a pouco, não muito lentamente, o seu trabalho se tornou o que agora se chama de moda. Fosse por pena de uma criatura tão infeliz, ou pela curiosidade mórbida que empresta um valor fictício até às coisas vulgares ou indignas; fosse por qualquer outra circunstância incompreensível então, como agora; ou porque Hester suprisse realmente uma deficiência que, sem ela, permaneceria — o certo é que encontrava trabalho honesto para quantas horas pudesse manejar a agulha. Talvez a vaidade pretendesse se mortificar ostentando nos cerimoniais de fausto e de estado adornos compostos por aquelas mãos pecadoras. De qualquer modo, as suas obras-primas eram vistas na gola do Governador; os militares usavam-nas nas bandas e o ministro na faixa; decoravam os chapéus das crianças; faziam-se para apodrecer e se converter em pó nos caixões dos defuntos.

Todavia, não se tem lembrança de um caso só em que Hester Prynne houvesse sido chamada para bordar o véu branco destinado a cobrir os cândidos rubores de uma noiva. E a exceção exprimia o rigor irreduzível com que a sociedade execrava o seu pecado.

Hester nada pensava ganhar além da subsistência, da mais simples e ascética espécie para si, e uma fartura discreta para

a menina. Vestia-se do pano mais grosseiro e das cores mais tristes. E de enfeites só usava um — a letra escarlata que estava condenada a usar. As roupas da criança, entretanto, distinguiam-se por uma fantasiosa, ou melhor, por uma fantástica concepção que, embora servindo para lhe realçar o esbelto encanto, desde cedo desenvolvido, parecia ter um significado mais profundo. Falaremos disso, adiante. Todo o dinheiro que sobrava dessa pequena despesa para enfeitar a filha, Hester destinava à caridade, a malvados menos infelizes que ela, que não raro insultavam a mão que os alimentava. A maior parte do tempo, em vez de aplicá-la diligentemente na sua arte, empregava-a costurando para os necessitados. É provável que houvesse uma intenção de penitência neste gênero de ocupação e que, devotando tantas

horas a tão rude serviço, Hester oferecesse um real sacrifício de prazer.

Era dotada de uma rica, voluptuosa característica oriental — o gosto pela beleza esplendente. E a não ser nas caprichosas criações do bordado, esse gosto não encontrava na sua existência outras possibilidades de se expandir. As mulheres colhem, do manejo delicado da agulha, uma satisfação que o outro sexo não pode compreender. Para Hester Prynne o bordado teria sido um meio de exprimir, e, portanto, de

suavizar, a dor da sua vida. Mas, como fez com todos que outros, ela repeliu também esse prazer, considerando-o pecado. É de recuar-se que essa doentia intervenção da consciência em coisas de pequena importância não represente uma genuína e resoluta penitência, mas disfarce qualquer coisa de duvidoso, qualquer coisa talvez eminentemente errada.

Assim Hester Prynne veio a ter um papel a desempenhar no mundo. A sociedade, que a marcara com um ferrete mais intolerável para um coração de mulher do que o que assinalou a fronte de Caim, não a pôde proscrever completamente, vendendo-lhe a natural energia de caráter, e a rara capacidade. Contudo, em qualquer das suas relações com a comunidade, nada havia que lhe desse a impressão de estar integrada nele. Cada gesto, cada palavra, e até o silêncio daqueles com que entrava em contato significavam, e muitas vezes exprimiam, que ela se achava tão banida como se habitasse um outro planeta ou se se comunicasse com a natureza por meio de órgãos e sentidos diferentes dos da espécie humana. Hester conservava-se à margem dos interesses morais, embora vivesse lado a lado com eles. Era como o fantasma que visita o ambiente doméstico, mas não se pode fazer ver nem Sentir, nem mais sorrir com a alegria da casa, nem mais chorar com a tristeza da família.

Um fantasma que, se manifestasse a sua solidariedade proibida, só despertaria terror e aversão. De fato, essas emoções, e a amarga rebeldia que as acompanhava pareciam

construir a única porção que lhe cabia do coração universal. A época não era de suavidades. E, embora ela a compreendesse muito bem, e pouco perigo corresse de esquecê-la, via constantemente recordada à sua sensibilidade, como uma nova angústia, por um golpe dos mais grosseiros no ponto mais dolorido, a situação em que se encontrava.

Já dissemos que os pobres, que se tomaram objeto da sua bondade, muitas vezes injuriavam a mão que se adiantava para socorrê-los. Também as senhoras de categoria elevada, cujas portas ela transpunha por exigência da profissão, costumavam destilar lhe na alma gotas de fel. Em certas ocasiões faziam-no por

meio da alquimia de muda malícia com que as mulheres sabem extrair de bagatelas um veneno corrosivo. Em outras, por uma expressão mais rude, lhe caía no indefeso peito sofredor como uma pancada brutal numa ferida ulcerada. Hester havia se educado longamente, e bem. Jamais revidava a tais agressões, a não ser por uma onda de carmim que lhe subia irresistivelmente às faces pálidas, para depois se esvair nas profundezas do seu ser. Era paciente — na verdade era mártir — e orava pelas inimigas, apesar de temer que, a despeito dos seus propósitos de perdoar, as palavras de bênção se transmudassem, insolitamente, em palavras de maldição.

Sentia sem cessar, por uma centena de outros meios, as inumeráveis manifestações da pena que a sentença sempre ativa do tribunal Puritano astuciosamente arquitetara e lhe infligira por toda a vida. Os sacerdotes paravam em plena rua para lhe endereçar frases de exortação, provocando, em torno da pobre e humilhada criatura, ajuntamentos em que as galhofas se misturavam às censuras. Se entrava numa igreja, confiante de que participaria do sorriso do Pai Universal, acontecia-lhe quase sempre encontrar-se como assunto do sermão.

Começou a causar medo às crianças. Porque os mais velhos as embebiavam da vaga ideia de que existia qualquer coisa de terrível naquela sombria mulher que deslizava silenciosa pela cidade, sempre sem outra companhia que não fosse a de uma menina. Por isto, depois que a deixavam passar, os garotos perseguiam-na à distância, soltando gritos estridentes e pronunciando uma palavra que não tinha significado nos seus espíritos, mas que, por proceder de lábios que a articulavam inconscientemente, não era menos cruel para o amor-próprio da infeliz.

Aquilo parecia-lhe significar que a sua vergonha estava difundida por toda a Criação. O seu sofrimento não seria mais profundo se as folhas das árvores cochichassem entre si a negra história, se a brisa do estio a murmurasse, se as ventanias do inverno a bradassem! Outra tortura: encontrar o olhar de uns olhos novos. Quando os estrangeiros fitavam,

curiosos, a letra escarlate — e nenhum deixou jamais de fazê-lo — era como se a gravassem outra vez na sua alma.

Tanto que, na maioria dos casos, ela dificilmente conseguia evitar o gesto de cobrir o símbolo com a palma da mão. Mas também a magoava o olhar dos já habituados. O ar frio e familiar com que os conhecidos a fitavam era-lhe intolerável. Em suma, Hester Prynne experimentava sempre uma pavorosa aflição quando sentia a pupila humana voltada para o seu estigma. O lugar não calejava nunca. Ao contrário: parecia tornar-se mais sensível com o suplício quotidiano.

Mas, às vezes — uma vez em muitos dias, ou talvez em muitos meses — encontrava sobre o símbolo ignominioso um olhar humano — um olhar humano!

— que lhe dava uma impressão de alívio momentâneo, como se partilhasse com ele metade da sua agonia. Porém logo tudo voltava à rotina — e a sensação de dor tornava-se ainda mais lacerante. Porque, nesse breve intervalo, ela tornara a pecar. Teria pecado sozinha?

Andava com o espírito um tanto perturbado (e mais o estaria se tivesse a fibra moral e mental mais frágil) pelo estranho e solitário martírio da sua existência. Indo e vindo com aqueles passos desacompanhados no pequeno inundo a que só aparentemente pertencia, de quando em quando percebia, ou supunha, que se tratava de simples fantasia, era contudo uma

fantasia forte demais para ser dominada — que a letra escarlata a havia dotado de um novo sentido. Estremecia ao crer, embora não o pudesse evitar, que ela lhe dera a percepção, por afinidade, dos pecados ocultos nos outros corações. E aterrorizava-se com as revelações que obtinha por esse meio. Que eram elas? Que poderiam ser, senão cochichos do anjo mau, que de boa vontade teria convencido a mulher lutadora, sua vítima apenas pela metade, de que as exterioridades da virtude não passavam de mentira, de que, se a "verdade se revelasse sempre, a letra escarlata teria que flamejar em muitos outros seios além do de Hester Prynne?

Ou deveria dar crédito àquelas insinuações — tão imprecisas e, ao mesmo tempo, incisivas? Em toda a sua desventura não havia nada mais inquietante e pungente do que esse estado de alma. Atormentava-a, aturdi-a com a irreverente inoportunidade das ocasiões em que se manifestava, empolgando-a. Algumas vezes, ao passar por algum venerando sacerdote ou magistrado, modelo de piedade e de justiça, que à época, de preitos antigos, considerava um companheiro dos anjos, o estigma do seu seio palpitava, compreensivo.

— Que mal virá por aí? — perguntava-se Hester.

Erguia os olhos timidamente e não enxergava outra forma de gente a não ser o santo terreno!

Outras vezes, compenetrava-se de uma espécie de irmandade maliciosa ao encontrar a virtuosa carranca de alguma velha que, no dizer de todas as línguas, conservara pela vida em fora o peito frio como a neve. Que teriam de comum a neve não derretida do peito da matrona e a vergonha escaldante do de Hester Prynne? Em certas ocasiões, o aviso magnético funcionava: “Olha, Hester! Aí

vem uma tua companheira!” E ela, erguendo a vista, dava com os olhos de uma donzela relanceando os olhos, desconfiada e de esguelha, sobre a letra escarlate. A virgem -desviava-os logo com um tímido rubor nas faces, como, se a sua castidade tivesse ficado um pouco comprometida pelo olhar transitório.

O Demônio, cujo talismã era aquele símbolo fatal! Não querias deixar nada — na juventude ou na velhice — para a reverência da pobre transviada? Essa perda de fé é a mais funesta consequência do pecado. Aceite-se isto como prova de que nem tudo estava corrompido na vítima da própria leviandade e das duras leis dos homens: Hester Prynne ainda lutava por se convencer de que nenhum dos seus semelhantes era tão criminoso quanto ela.

A plebe, que naqueles antigos e tristes tempos sempre acrescentava um horror grotesco às coisas que lhe interessavam a imaginação, criara, a respeito da letra

escarlate, uma história que facilmente se converteria em legenda terrífica.

Afirmava-se que o emblema não era de simples pano vermelho, tinto na tina de tinta deste mundo, mas fora encandecido no fogo do inferno e podia ser visto todo chamuscas quando Hester Prynne caminhava durante a noite. De fato, a letra escarlate cravava-lhe tão fundamente o peito que talvez nessas murmurações houvesse mais verdade do que a nossa atual incredulidade esteja inclinada a admitir.

CAPÍTULO VI

Pearl

Até aqui pouco temos falado da criança, da criaturinha cuja vida, por inescrutável desígnio da Providência abrolhara, flor viçosa e imortal, do luxuriante canteiro de uma paixão culpada. Como parecia esquisito à pobre Hester acompanhar o crescimento, observar a formosura dia a dia mais radiosa, a inteligência que iluminava de raios brilhantes as feições delicadas daquela menina! Da sua Pearl! Assim a chamara. Não como um nome que lhe definisse a aparência, que nada possuía da luz serena, desapaixonada e branca da pérola.

Chamou Pearl à filha porque ela era um ser de alto preço — comprado com toda a sua fortuna — seu único tesouro de mãe! Sim, como lhe parecia esquisito! Os homens haviam estigmatizado o seu desvio de mulher com a letra escarlata, cuja tremenda, ruínosa eficácia era tal que nenhuma simpatia podia envolvê-la, exceto a das que também estavam perdidas. Deus, como consequência do pecado que os homens assim puniam, enviara-lhe uma linda filha, cujo lugar era naquele mesmo seio desonrado, para integrar definitivamente a mãe na Espécie e na descendência dos mortais, e para ser, afinal, uma alma abençoada nos céus!

Esses pensamentos, todavia, causavam em Hester Prynne mais preocupação do que esperança. Ela reconhecia que tinha procedido mal. E não conseguia acreditar que os resultados do seu erro pudessem ser bons. Dia após dia acompanhava assustadamente o gênio da criança, sempre temendo surpreender nele um traço pressago e extravagante, correspondente à culpa que lhe fora legada.

E certo de que a menina não apresentava defeito físico. Pela conformação esbelta, pelo vigor, pelo desembaraço com que se utilizava dos membros ágeis, era digna de ter sido levada para o Éden. Digna de ter ficado lá, para brinqueado dos anjos, depois da expulsão dos primeiros pais do mundo. Tinha uma graça espontânea que nem sempre coexiste com a beleza perfeita. Simples que fossem os seus vestidos, deixariam a impressão de que eram os mais indicados para realçá-la. Contudo, Pearl não usava roupas vulgares. A mãe, com um propósito mórbido que de agora por diante serão mais bem compreendidos, comprava-lhe os melhores tecidos que se podiam encontrar e empregava toda a imaginação em modelar e enfeitar os costumes que a filha usava em público. Tão magnífica ficava a pequena personagem, quando assim ataviada, tão esplêndida a sua

formosura naqueles trajes luxuosos — capazes de empanar uma beleza mais pálida — que em torno dela, no chão rústico da cabana, se formava um verdadeiro halo. Mesmo um vestido

caseiro, amarrotado e enxovalhado pelas suas desabusadas brincadeiras, fazia dela uma imagem da perfeição. Pearl, desdobrava-se numa infinita variedade: naquela menina havia uma porção de meninas, abrangendo toda a escala entre a beleza de flor agreste de uma campesina e a pompa, em miniatura, de uma pequena princesa. Através de tudo isso, entretanto, sentia-se um travo de caráter, uma certa agrura de tom, que ela jamais perdia. E se, em qualquer das suas mutações, se tornasse mais fraca e mais suave, teria deixado de ser ela mesma, não seria mais Pearl.

Essa mutabilidade exterior não fazia mais do que indicar e exprimir livremente as múltiplas peculiaridades da sua vida interior. Parecia que a sua natureza era tão obscura quanto variável. Mas, se verdadeiros os receios de Hester, faltava-lhe aproximação e integração no ambiente em que nascera. Não podia ser submetida a regras. A sua vinda ao mundo fizera-se pela infração de uma grande lei. Disso resultara um ente cujos atributos, porventura belos e brilhantes, eram, todavia, desordenados, ou possuíam uma ordem toda original, cujo centro de dispersão e de coesão se tornava impossível descobrir. Tudo quanto Hester conseguia saber sobre o gênio da filha — e mesmo assim do modo mais vago e precário — era através da recordação do que ela própria fora durante o período em que Pearl estava absorvendo uma alma do mundo espiritual e absorvendo do mundo terreno os elementos do corpo físico.

Através do estado passional da mãe haviam sido transmitidos à filha ainda não nascida os primeiros clarões da vida moral. E, conquanto originariamente brancos e castos, esses clarões depois se impregnaram das manchas de carmim e ouro, do brilho bárbaro, da sombra espessa, da luz maligna da substância imoderada que sobre eles influíam. Acima de tudo, estava reproduzida em Pearl a inquietação do espírito de Hester naquela época. Em Pearl ela revia a sua atitude agressiva, desesperada, arredia; a volubilidade do seu humor e, mesmo, algumas das nuvens de melancolia que lhe turvavam o coração. Estavam agora iluminadas pela ardência matinal de um temperamento de criança. Mais tarde, porém, no correr da existência, se poderiam definir em tormentas e ciclones.

Naqueles dias a disciplina doméstica era de um tipo muito mais rígido que o de agora. Usavam-se a carranca, a reprimenda áspera, a aplicação frequente do açoite, preconizada pela autoridade da Escritura, não só para punir faltas já cometidas, mas também como um regime salutar para despertar e desenvolver

todas as virtudes infantis. Hester Prynne, todavia, mãe solitária de uma filha única, corria pouco perigo de pecar por excesso de severidade. Sempre lembrada dos seus próprios erros e desditas, a princípio pensou em estabelecer sobre a menina entregue à sua responsabilidade um controle suave, porém vigilante.

Entretanto a tarefa estava além da sua habilidade. Depois de experimentar risos e repelões e de constatar que nem uns nem outros produziam qualquer efeito ponderável, viu-se afinal compelida a se pôr de lado e deixar que a criança seguisse os seus impulsos naturais. Quando Pearl era menor, notara nela um certo modo significativo de olhar, que lhe indicava quando equivalia a perder tempo insistir, persuadir, implorar. Era um olhar tão expressivo — apesar de indecifrável — tão esquisito, algumas vezes tão malicioso, que, diante dele, Hester não podia deixar de se perguntar se Pearl era mesmo uma criaturinha humana. Parecia mais um diabrete volúvel que, depois de fantásticas brincadeiras no chão da cabana, fosse voar para longe com um riso galhofeiro.

Quando aquela expressão surgia nos seus olhos traquinas, brilhantes, profundamente negros, investia-a de uma esquisita distância e intangibilidade. Era como se ela estivesse esvoaçando no ar e pudesse sumir de repente, como um raio de luz vindo não se sabe de onde e que foge não se sabe para onde.

Nesses instantes, Hester sentia-se obrigada a correr, persegui-la na fuga que ela invariavelmente tentava, cingi-la ao seio num abraço apertado, dar-lhe beijos sérios — não tanto por efusão amorosa como para se certificar de que a filha era de carne e osso, e não uma ilusão total. Mas, apesar de divertido, o riso de Pearl, ao ser agarrada, tornava a mãe ainda mais hesitante.

Sentindo o coração ferido com a estonteante incompreensão tantas vezes manifestada entre ela e o seu único tesouro, que tão caro lhe, custara, Hester prorrompia, às vezes, num pranto apaixonado. Então — talvez porque não fora previsto que aquilo a comoveria — Pearl franzia as sobrancelhas, endurecia o rostinho numa carranca de amuo. Não raro, tornava a rir, e mais alto do que antes, como um ente inacessível e impermeável ao sofrimento humano. Ou — mas isso acontecia com menos frequência — convulsionava-se numa rajada de choro e, soluçando, dizia em frases entrecortadas o amor que devotava à mãe e parecia querer provar que possuía um coração — despedaçando-o. Meditando todos esses detalhes, Hester sentia-se como alguém que tivesse invocado um espírito e que, por qualquer deficiência no processo de invocação, se tornasse incapaz de realizar o essencial para dominar a nova e incompreensível companhia. Só desfrutava de uma tranquilidade real quando a menina estava placidamente adormecida. Então convencia-se da sua existência e gozava horas de serena e deliciosa felicidade. Até que — talvez com o tal olhar esquisito

brilhando por entre as pestanas estremunhadas — Pearl acordava!

Depressa — e na verdade, com que estranha rapidez! — a garota chegou a uma idade capaz de conhecer outras coisas além do sorriso materno, sempre pronto. Que alegria para Hester teria sido ouvir-lhe a voz clara e passara misturando-se à algazarra das outras e distinguir, entre todos os do grupo folgazão, os gritos da sua querida! Isso, entretanto, jamais poderia acontecer. Pearl nascera excluída do mundo infantil. Produto e prova de pecado, não tinha direito entre as crianças cristianizadas. E nada mais notável do que o que parecia ser o instinto pelo qual ela compreendia a sua posição de isolamento, o destino que lhe havia traçado um limite intransponível, todas as particularidades, em suma, da sua posição em face das demais crianças.

Jamais, desde que saíra da prisão, Hester afrontara o olhar público sem a sua companhia. Nas caminhadas para a cidade, conduzia-a sempre. A princípio, nos braços; depois como uma garotinha, pequena companheira da mamãe, segurando-lhe com toda a mão um dedo indicador e dando três ou quatro passadinhas miúdas para cada passo de Hester. Nas ruas relvadas, ou nas portas das casas, encontrava as crianças da colônia brincando dos brinquedos soturnos que o puritanismo permitia: ir à igreja, flagelar Quakers, escalpar índios em combates simulados, ou apavorarem-se mutuamente imitando esgares de feitiçaria. Pearl as via e observava atentamente, porém jamais pensou em travar relações com elas. Se a chamavam, não dava resposta. Se a rodeavam, como às vezes

faziam, tornava-se positivamente terrível na sua cólera, atirava-lhes pedras, esganiçando exclamações incoerentes que faziam Hester estremecer, porque tinham um tom de esconjuros de magia negra pronunciados em alguma língua desconhecida.

A verdade era que os pequenos puritanos, filhos da casta mais intolerante que já existiu, tinham adquirido a vaga noção de que existia, na mãe e na filha, qualquer coisa de estranho, extraterreno, fora do comum — e por isso desprezavam-nas nos seus corações e, frequentemente, injuriavam-nas com as línguas. Pearl percebera esse sentimento e enfrentava-o com a mais rude agressividade que se possa imaginar existente no íntimo de uma criança. Essas explosões de gênio violento tinham para Hester um certo valor. Chegavam, mesmo, a consolidá-la. Porque nelas havia, pelo menos, uma franca dignidade de atitude, em lugar da volubilidade de comportamento que tanto a contrariava na filha. Temia, entretanto, ao ver também naquilo um reflexo do seu próprio mal.

Por direito inalienável, Pearl herdara do seu coração toda aquela apaixonada

hostilidade. Mãe e filha haviam sido colocadas juntas no mesmo círculo de segregação da sociedade humana. E no caráter da menina pareciam espelhar-se as agoniadas

circunstâncias que, antes do seu nascimento, tinham dilacerado Hester Prynne, circunstâncias depois suavizadas aos doces influxos da maternidade. No lar, dentro e em redor da casa materna, não faltava a Pearl uma ampla e sortida roda de amigos. O sopro de vida saía do seu espírito sempre criador e comunicava-se a milhares de coisas, como uma tocha ateia fogo aos objetos de que a aproximam. Os objetos mais díspares — um pau, um molhe de trapos, uma flor — eram as bonecas das suas brincadeiras. E, sem alteração, adaptavam-se a qualquer que fosse o drama encenado no seu mundo interior.

Uma multidão de personagens imaginários, jovens e velhos, falava pela sua voz de criança.

Os pinheiros vetustos, negros e solenes, lançando à brisa gemidos e outros sons tristes, de pouca transformação careciam para se converter em Puritanos, cujos filhos, os arbustos mais feios do jardim, ela quebrava e pisava sem a menor piedade. Era admirável a enorme variedade de símbolos em que Pearl dispersava a inteligência, símbolos sem continuidade, é verdade, mas que surgiam em investidas e fugas, sempre num estado de atividade sobrenatural — para logo desaparecer, como exaustos de uma vida tão fugaz e febril — e ser substituídos por outras formas dotadas da mesma louca energia. Nada se parecia mais com o jogo fantasmagórico dos cambiantes de luz. Entretanto, nesses simples exercícios da imaginação e na jovialidade da sua alma

que desabrochava, pouco mais havia do que o que se pode constatar nas outras crianças de inteligência viva. A singularidade de Pearl residia nos sentimentos hostis com que ela encarava todos aqueles produtos da sua emoção e do seu espírito. Jamais criou um amigo. Ao contrário: parecia viver semeando largamente dentes de dragão, dos quais surdia uma colheita de inimigos armados, a cujo encontro ela corria para batalhar. Era inexprimivelmente triste — e que tristeza para uma mãe que sente a causa no próprio coração! — observar num ente tão jovem aquela compenetração constante da adversidade do mundo e aquele treino feroz de forças para a obtenção do triunfo no combate que se devia ferir.

Muitas vezes, observando a filha, Hester Prynne deixava cair no colo a costura e exclamava, numa aflição que de boa vontade teria disfarçado, mas que explodia, insopitável, meio fala, meio gemido:

— Oh, Pai do céu — se é que ainda és meu Pai — que ser foi esse que eu trouxe ao mundo?!

E Pearl, ouvindo a exclamação, ou advertida da crise de angústia por outros fenômenos mais sutis, volvia para ela o rosto vívido e radiante, sorria-lhe um sorriso de compreensão e continuava a brincar.

Falta contar ainda uma particularidade do seu comportamento. A primeira coisa que ela notou na vida foi o quê? Não, como

acontece com as demais crianças, o sorriso materno, respondido por outro débil, embrionário sorriso de boca pequenina, depois recordado e discutido entre dúvidas. Nada disso! O primeiro objeto em que Pearl reparou — devemos dizê-lo? — foi a letra escarlata no peito de Hester! Um dia, quando a mãe se debruçou para o berço, os seus olhos sentiram-se atraídos pelo bordado a ouro. E a pequena, estirando o bracinho, agarrou o emblema — sorrindo, sim, mas com um olhar franco, que fez com que a sua fisionomia parecesse a de uma criança muito mais velha! O toque inteligente da mão da filhinha causou em Hester Prynne uma dor tão intensa, que ela, quase sem fôlego, segurou o símbolo fatídico — procurando, instintivamente, arrancá-lo. Desde então, a não ser quando a menina estava dormindo, nunca mais pôde se sentir tranquila, nem gozou, em sua companhia, de um minuto de sereno prazer. É verdade que algumas vezes se passavam semanas sem que o olhar de Pearl se fixasse, um só instante, na letra escarlata.

Mas, de repente, lá estava ele, inesperado como o golpe da morte súbita, e sempre acompanhado daquele sorriso singular e da mesma bizarra expressão de olhos.

Uma ocasião aconteceu que esse caprichoso traço surgiu nos olhos da criança quando Hester estava se mirando neles — como as mães costumam fazer. E, de chofre — as mulheres que vivem na solidez e com os corações turbados são atormentadas por incontáveis assombrações — a infeliz julgou ter percebido, no espelho negro dos olhos da filha, não a sua

própria imagem, porém outra. Era uma fisionomia diabólica, banhada em sorridente malícia — apesar de se parecer com outra fisionomia que ela conhecera muito bem, e que raramente sorria, e que jamais sorria com malícia. Dir-se-ia que um espírito mal se apoderara da criança e acabava de surdir, zombeteiro. Dali em diante Hester torturou-se frequentemente com a mesma visão, embora com menos intensidade.

Numa tarde de verão — depois de suficientemente crescida para poder caminhar

— Pearl divertia-se fazendo ramos de flores agrestes e atirando-os, um a um, no peito da mãe, pulando como um diabrete contente sempre que atingia a letra escarlate. O primeiro gesto de Hester foi o de cobrir o seio com as mãos espalmadas. Mas, por orgulho ou resignação, resistiu ao impulso, pálida como

morta, olhando tristemente as atitudes impetuosas da filha. Continuou o tiroteio de flores, ferindo quase invariavelmente o alvo e cobrindo o peito de Hester Prynne de chagas para as quais ela não encontraria bálsamo neste mundo e não sabia como procurar no outro. Afinal, esgotada a munição, a garota pairou e fitou-a com aquela minúscula, risonha imagem diabólica espiando — pelo menos assim imaginou a mãe — do abismo insondável dos seus olhos negros.

— Filha, quem és tu?

— Oh! Eu sou a tua Pearl!

Mas, ao dizer isto, riu e começou a balançar o corpo no ritmo humorismo de um diabinho cuja próxima traquinada fosse saltar para a chaminé.

— És minha filha, na verdade? — perguntou Hester.

Não foi uma pergunta inteiramente ociosa. Para o momento, continha boa dose de autêntica seriedade, pois tão maravilhosa era a inteligência de Pearl que Hester estava em dúvida sobre se a menina já conhecia ou não o segredo da sua existência, e sobre se devia ou não o revelar.

— Sim, eu sou a tua Pearl! — repetiu a pequena, continuando as traquinices.

— Não, não és minha filha! Não és minha Pearl — declarou a mãe, meio brincalhona, porque muitas vezes lhe acontecia sentir, entre os sofrimentos mais profundos, um impulso jovial. Dize-me então o que és e quem te mandou para cá!

— Dize-me tu, mamãe — tornou a criança, muito séria, chegando-se a ela e comprimindo-se contra os seus joelhos.

— Foi teu Papai do céu quem te mandou! — explicou Hester Prynne.

Mas disse isto com uma hesitação que não escapou à agudeza de Pearl. Fosse movida apenas pela habitual travessura ou porque um espírito mau a inspirasse, ela esticou o dedinho e tocou na letra escarlata.

— Ele não me mandou! — gritou com energia. Eu não tenho Papai do céu!

— Oh, Pearl! Oh! Não deves falar assim! — repreendeu Hester, sufocando um

gemido. Ele nos mandou a todos a este mundo. Até a mim, tua mãe. E, com muito mais razão, a ti! Mas se assim não foi, estranha e atordoante criaturinha, de onde vieste tu?

— Dize-me! Dize-me! — insistiu Pearl, não mais seriamente, porém rindo e saltando. És tu quem me deve dizer!

Hester não podia resolver o enigma, achando-se ela própria num negro labirinto de dúvida. Recordava — entre um sorriso e um arrepio — o que dizia o povo da vizinhança. Este, procurando em vão a paternidade da criança e observando alguns dos seus singulares atributos, propalara que a pobre Pearl era um produto do demônio, igual aos que, desde o início

dos tempos católicos, vinham à terra, por intermédio do pecado materno, para realizar algum propósito criminoso ou errado. Lutero, de acordo com o que apregoavam os seus adversários monásticos, descendia dessa geração infernal. Aliás, Pearl não era a única criança a que tão indesejável ascendência tinha sido conferida pelos Puritanos da Nova Inglaterra.

CAPÍTULO VII

O palácio do governador

Um dia Hester Prynne foi ao palácio do Governador Bellingham. Levava um par de luvas costurado e bordado de encomenda para qualquer grande cerimônia oficial, pois, embora os azares de uma eleição popular tivessem feito o antigo administrador descer um ou dois degraus na escala hierárquica, ele ainda conservava uma posição honrosa e influente na magistratura da colônia.

Outra razão, e muito mais importante do que o par de luvas bordadas, compelia Hester a procurar, naquela ocasião, um encontro com personagem de tão grande prestígio e atuação nos negócios locais. Tinha-lhe chegado aos ouvidos que havia, por parte de alguns habitantes notáveis, ciosos de uma ordem mais rígida de princípios no culto e na administração, o propósito de separá-la da filha. Na suposição de que Pearl, como já fora sugerido, tinha origem demoníaca, aquela boa gente argumentava, com razão, que o interesse cristão da alma da mãe exigia que se retirasse tal tropeço do seu caminho. Por outro lado — raciocinava-se — se a criança fosse realmente capaz de evolução moral e religiosa, e possuísse elementos para alcançar a salvação, cumpria-lhe aproveitar estas

inestimáveis vantagens deixando-se transferir para uma direção mais sábia e mais pura do que a de Hester Prynne. Entre os que promoviam esse desígnio — dizia-se — o Governador Bellingham era dos mais ativos. Pode parecer singular, e até mesmo um tanto grotesco, que assuntos de tal espécie, que em dias mais modernos não mereciam jurisdição mais elevada do que a de simples fiscais, chegassem a constituir coisa publicamente debatida e na qual estadistas de evidência tomassem partido.

Todavia, naquela época de primitiva simplicidade, episódios do mais leve interesse coletivo, e de muito menor peso intrínseco do que o caso de Hester e da filha, misturavam-se bizarramente às deliberações dos legisladores e aos atos oficiais. O período era, quase, aquele da nossa história em que a discussão do direito da propriedade de um porco não somente causou rija e virulenta celeuma na câmara legislativa da colônia como também provocou importante transformação na própria estrutura do conclave.

Cheia de aflição — mas tão convicta do seu direito que quase não lhe parecia desigual a luta entre o público e uma mulher desamparada, proscrita das

simpatias do mundo — a pecadora partiu da sua cabana solitária. É claro que a pequena Pearl a acompanhava. Já estava em idade de correr desembaraçadamente ao lado da

mãe e, sempre em movimento, de manhã até a noite, possuía treino bastante para cobrir uma distância muito maior do que a que tinha pela frente. Muitas vezes, porém, mais por capricho do que por necessidade, pedia para ser levada nos braços. Mas logo queria descer, e traquinava para diante, no caminho gramado. Já falamos da viva, luxuriante beleza de Pearl, beleza que fulgurava em cores fortes e ressumastes: corpo magnífico, olhos dotados de expressão e de brilho, cabelos já de um tom sombrio, castanho lustroso, e que nos anos seguintes se tornariam quase pretos.

Era flamante: parecia o rebento incontido de um momento apaixonado. A mãe ao prepará-la para sair, dera rédeas às pomposas tendências da sua fantasia, vestindo-a num costume carmesim de talhe original, copiosamente bordado de arabescos em fio de ouro. Tanta força de colorido, que teria desbotado e deperecido rostos menos vívidos, adaptava-se admiravelmente à formosura da menina, transformando-a no mais radioso jato de luz que jamais palpitou.

Mas, o que era mais notável, aquele traje, e na verdade toda a criança, lembravam irresistivelmente o símbolo que Hester Prynne havia sido condenada a usar no peito. Ali estava a letra escarlate com outra forma! A letra escarlate animada de vida! A própria mãe — como se tivesse gravada tão profundamente no cérebro a ignomínia rubra, que todas as suas concepções lhe assumissem o aspecto — a própria mãe conseguira laboriosamente aquela semelhança, prodigalizando longas

horas de mórbido talento para criar uma analogia entre o objeto da sua afeição é o emblema da sua culpa e da sua tortura. De fato, Pearl era tanto uma coisa como a outra: e só por causa dessa identidade Hester chegara a fazê-la representar de modo tão perfeito a letra escarlata.

Quando as duas alcançaram a cidade, os filhos dos Puritanos, interrompendo os brinquedos — ou o que por brinquedos passava entre aqueles fúnebres fedelhos

— falaram gravemente uns para os outros:

— Olhai! Ali vai a mulher da letra escarlata! Além disso, lá vem a encarnação da letra correndo ao lado dela! Vamos atirar lama em ambas!

Mas, depois de enfarruscar a cara, bater com o pé e brandir o punhozinho numa imensa variedade de gestos ameaçadores, Pearl, que era destemida, investiu de súbito para o magote de inimigos, pondo-os a todos em fuga. Parecia, na feroz perseguição dos adversários, um jovem flagelo — a febre escarlatina, ou outro

anjo de castigo — cuja missão fosse punir os erros da geração que nascia. E gritava e verberava, com tremendo volume de voz, que dê certo obrigava a tremer nos peitos os corações dos

fugitivos. Completada a vitória, voltou tranquilamente para o lado de Hester e, olhando para cima, sorriu-lhe no rosto.

Sem mais incidentes, chegaram à casa do Governador Bellingham. Era uma construção rústica, erigida em linhas de que ainda hoje se veem remanescentes nas ruas das cidades mais antigas. Espécimes agora musgosos, mal firmes, nostálgicos dos muitos acontecimentos tristes e alegres, lembrados ou esquecidos, que os seus aposentos abrigaram. Naquele, entretanto, havia uma frescura juvenil e, brilhando nas janelas ensolaradas, a jovialidade de uma habitação humana onde a morte jamais penetrara. O palácio oferecia, realmente, um aspecto alegre. Tinha a frontaria rebocada com uma espécie de estuque a que fora misturada grande quantidade de fragmentos de vidro. E assim, quando o sol incidia na fachada, toda ela brilhava, rutilava, como se estivesse sendo alvejada com punhados de diamantes. Aquele fulgor era mais adequado ao palácio de Aladino do que à residência de um austero e velho administrador Puritano.

Notavam-se também, desenhadas na massa fresca, que depois se tornara sólida e durável, para a admiração dos pósteros, estranhas decorações, parecendo diagramas e figuras cabalísticas, de acordo com o esquisito gosto da época.

Pearl, vendo a casa maravilhosa e rutilante, começou a saltar e dançar, e exigiu, autoritária, que toda a palpitação do sol fosse arrancada à parede e lhe fosse dada para brinquedo.

— Não, minha pequena Pearl! — disse-lhe a mãe. Tens que conquistar o teu sol! Eu não possuo nenhum para te dar!

Aproximaram-se da porta — em arcada, flanqueada de cada lado por uma torre ou ressalto, com janelas envidraçadas e postigos de madeira. Levantado o martelo que pendia do portal, Hester Prynne bateu e foi atendida por um dos servos do Governador, inglês nascido livre e então escravo por sete anos.

Durante esse prazo constituía propriedade do patrão, que podia dispor dele, para barganha ou venda, tão comodamente como dispunha de um boi ou de um tamborete. Usava jaqueta azul que, naqueles tempos, e desde muito, nas tradicionais mansões da Inglaterra, era o uniforme habitual dos criados.

— O digníssimo Governador Bellingham está? — perguntou a mulher.

— Sim, certamente — replicou o homem arregalando os olhos para a letra escarlata, pois, recém-chegado à terra, ainda não a tinha visto. Sim, sua dignidade está em casa. Mas estão com ele um ou dois sacerdotes e um médico. Não podeis ver sua excelência agora.

— Não importa. Entrarei — replicou Hester.

O servo, talvez julgando, pelo seu ar resoluto e pelo brilho do símbolo, que se tratasse de uma grande senhora, não ofereceu resistência.

Assim a mãe da pequena Pearl foi admitida na sala de espera. Com muitas alterações, inspiradas na natureza do material empregado, na diversidade do clima e no estilo de vida social, o Governador Bellingham erigira a sua morada pelo modelo das residências dos senhores de linhagem da terra nativa. Assim, pois, havia um vestíbulo vasto e razoavelmente alto, que se desdobrava em toda a profundidade da construção, formando uma via geral de comunicação, mais ou menos direta, com todos os demais aposentos. Numa extremidade, este extenso corredor era iluminado pelas janelas das duas torres, que por sua vez formavam um pequeno recanto de cada lado dos umbrais. A outra extremidade, apesar de parcialmente velada por uma cortina, recebia luz mais viva por uma varanda envidraçada, como as de que nos falam os livros antigos, e que era provida de assentos amplos e acolchoados. Nesta sobre uma almofada, via-se um volume inflado, provavelmente as Crônicas da Inglaterra, ou literatura assim substancial, ali deixado exatamente como hoje deixamos sobre a mesa de centro livros ligeiros para passatempo de algum visitante casual. A mobília do vestíbulo consistia em algumas pesadas cadeiras, de espaldares laboriosamente ornados de flores de carvalho, em talha; uma mesa do mesmo gosto — conjunto da moda na época elizabetana, ou talvez anterior a ela, e alfaias

trazidas da casa paterna do Governador. Numa banca — prova de que a velha hospitalidade inglesa não fora esquecida — pousava um grande pote de estanho, em cujo fundo, se Hester e Pearl quisessem espiar, teriam encontrado os restos espumosos de uma dose recente de cerveja forte.

Das paredes pendia uma fileira de quadros representando os antepassados da linhagem de Bellingham, alguns com armaduras no peito, outros ostentando golas solenes e roupas de paz. E todo o ambiente se revestia desse rigor e dessa austeridade que os retratos antigos invariavelmente irradiam, como se fossem mais fantasmas do que pinturas das personalidades mortas, e estivessem observando, através de um duro e intolerante espírito crítico, o procedimento e

as alegrias dos vivos.

Ao centro dos painéis de carvalho que ornavam a Sala ficava uma panóplia, não relíquia ancestral, como as telas, porém objeto moderníssimo, pois fora fabricada por um hábil amieiro de Londres no mesmo ano em que o Governador viera para a Nova Inglaterra. Compunha-se de um capacete de aço, uma couraça, um gorja e graves, um par de guantes, e uma espada. Tudo, e especialmente o capacete e a couraça, intensamente brunidos, despedia uma cintilação crua, espalhando reflexos pelo chão. Esse luzidio equipamento não estava ali de amostra;

o dono o havia usado em muitos e magníficos desfiles e torneios e, além disso, ele já brilhara na frente de um regimento em guerra. Porque, sendo embora jurista, acostumado a se referir a Bacon, Cock, Noye e Finch como colegas de ofício, o Governador Bellingham, premido pelas exigências do novo país, se tinha transformado em soldado, tanto quanto em homem de Estado e dirigente.

A pequena Pearl — encantada com o fulgor das armas como já se encantara com o da fachada da casa — levou alguns instantes mirando-se na lustrosa couraça.

— Mamãe! — gritou, de repente. Eu estou te vendo aqui! Olha! Olha!

Hester obedeceu, só para contentá-la. E viu que, devido ao efeito peculiar dos espelhos convexos, a letra escarlate aparecia aumentada, em gigantescas proporções, ao ponto de se tornar o detalhe mais em destaque na sua pessoa. Na verdade, ela parecia inteiramente escondida por detrás do símbolo. Pearl apontou outra imagem semelhante refletida no capacete. E sorriu para a mãe, com a inteligência admirável que era uma expressão tão comum na sua fisionomia. E o seu olhar de gozo malicioso se repetiu no aço, tão ampliado e tão intenso que deu a Hester a impressão de que aquela não podia ser a imagem da sua filha, mas a de um demônio que estivesse tentando usurpar-lhe a forma.

— Sai daí, Pearl! — disse ela, puxando-a. Vem ver o jardim. Talvez tenha flores mais bonitas do que as que colhemos no mato!

Pearl correu para a varanda envidraçada, lá no fim da galeria, e olhou para a área atapetada de grama cortada rente e circundada de rudes e enfezadas tentativas de vegetação. Entretanto, a julgar pela aparência, o proprietário já havia desistido dos esforços para perpetuar, neste lado do Atlântico, no solo sáfaro e em meio à dura luta pela existência, o estilo ornamental da jardinagem inglesa. Couves cresciam escandalosamente. E uma abóboreira, enraizada à distância, invadira o

espaço restante e viera depositar um dos seus enormes frutos bem debaixo da varanda, como para advertir o Governador de que aquela grande massa de vegetal dourado era o ornato, mas rico que a gleba da Nova Inglaterra lhe podia oferecer. Havia, porém, algumas roseiras bravas e algumas macieiras, que provavelmente descendiam das plantadas pelo Reverendo Blackstone, o primeiro colono da península, personagem meio mitológico que, montado num boi, passa através das nossas crônicas mais antigas.

Pearl, vendo as roseiras, começou a chorar por uma rosa vermelha — e não queria se calar.

— Silêncio, filha! Silêncio! — pediu Hester, severamente. Não chores, querida! Estou ouvindo vozes no jardim! É o Governador que vem chegando acompanhado de vários senhores!

De fato, caminhando ao longo da aleia, um grupo de pessoas aproximava-se da casa. Pearl sufocou um soluço e acalmou-se. Não porque tivesse qualquer noção de obediência, mas porque a sua vida e borboleteaste curiosidade estava excitada pelo aparecimento daqueles novos personagens.

C A P Í T U L O VIII

A Menina esquisita e o pastor

Governador Bellingham, em casaco e de barrete — como na intimidade os velhos gostavam de andar — caminhava na frente e parecia estar mostrando a propriedade e expondo projetos de melhoramentos. A vasta circunferência da gola bordada, à antiga moda do reinado do Rei Jaime, fazia com que a sua cabeça lembrasse, e não pouco, a cabeça de São João Batista na salva. O seu aspecto, grave e severo, congelado por uma idade mais que outonal, dificilmente se coadunava com os recursos de alegria mundana que ele evidentemente se esforçara por acumular em torno de si. Mas é um erro supor-se que os nossos austeros antepassados apesar de acostumados a se referir e meditar sobre a existência como sobre uma condição apenas transitória e penosa, e embora sinceramente prontos a sacrificar bens e vidas ao cumprimento do dever — considerassem um imperativo de consciência rejeitar os elementos de conforto, uma vez que estivessem legitimamente ao alcance das suas mãos.

Tal teoria nunca foi professada, por exemplo, pelo venerando pastor John Wilson, cuja barba se via sobre o ombro do Governador, branca como um floco de neve, enquanto o dono

afirmava que as peras e os pêssegos ainda se podiam aclimatar na Nova Inglaterra e que era possível fazer a uva roxa brotar nos muros ensolarados do jardim. O velho clérigo, nutrido no seio sumarento da Igreja Inglesa, tinha um gosto autêntico e longamente cultivado por todas as coisas saborosas e confortáveis. E, sem embargo do rigor que demonstrava no púlpito, ou na reprovação pública de transgressões como a de Hester Prynne, a contente bonacheirice da sua vida privada tinha-lhe granjeado uma simpatia ardorosa como jamais fora dispensada a nenhum dos seus confrades.

Atrás do Governador e do Sr. Wilson vinham dois outros visitantes. Um era o Reverendo Artur Dimmesdale, de quem o leitor se recorda, pois que teve um breve e relutante papel na degradação de Hester Prynne; o outro, em cordial camaradagem com ele, era o velho Roger Chillingworth, pessoa de grande habilidade em medicina e que, já há dois ou três anos, se achava estabelecido na colônia. Entenda-se que esse ilustrado cavalheiro era amigo e médico do jovem sacerdote, cuja saúde se abalara ultimamente, por causa dos sacrifícios irrestritos, expressivos, feitos aos trabalhos e às obrigações da missão pastoral.

O Governador, guiando os hóspedes, subiu dois ou três degraus e, ao abrir a grande porta da varanda, achou-se diante da

pequena Pearl. A sombra da cortina caía sobre Hester, escondendo-a parcialmente.

— Que temos aqui?! — perguntou o magistrado, olhando surpreendido para a figurinha escarlate. Juro que nunca vi uma coisa assim, desde os meus tempos de elegância, na época do velho Rei Jaime, quando eu considerava um alto favor ser admitido num baile de máscaras na Corte! Lá costumava aparecer um enxame dessas pequenas visões, que nós chamávamos Filhas do Senhor de Confusão.

Mas como foi que isto veio parar em minha casa?!

— É verdade! — exclamou o bom Sr. Wilson.

Que passarinho de penas vermelhas será este? Acho que já vi figuras inteiramente iguais, quando o sol brilhava através de um vitral ricamente colorido e reproduzia no chão imagens de ouro e carmesim! Mas isso foi lá na outra terra! Querida e jovem senhorita, quem és tu, e que moléstia deu na tua mãe para que ela te vestisse desta esquisita maneira? És cristã, hein? Conheces o catecismo? Ou és um daqueles gênios ou fadas que julgamos ter abandonado com outras relíquias do Papismo, na velha e jovial Inglaterra?

— Eu sou filha de mamãe e meu nome é Pearl — respondeu a visão escarlate.

— Pearl?! Rubi! Ou coral! Ou, pelo menos, a julgar pelo colorido, rosa vermelha! — contestou o ancião, procurando inutilmente dar-lhe palmadinhas nas faces. Mas onde está a tua mãe? Ah, já vejo...

E voltando-se para o Governador, cochichou:

— Esta é a criança de que temos falado... E ali está a mãe, essa infeliz mulher, Hester Prynne!

— Que me dizes?! — exclamou o magistrado. Chegou a propósito! Vamos imediatamente tratar do assunto!

Seguido pelos três visitantes, o Governador transpôs a porta e entrou na galeria.

— Hester Prynne — disse, fixando o olhar naturalmente severo na portadora da letra escarlate — ultimamente tem havido muita discussão a teu respeito. E o que debatemos seriamente é se nós, que possuímos autoridade e prestígio, faríamos

bem descarregando as nossas consciências do peso de ter confiado uma alma imortal, como a desta criança, à guarda de uma pessoa que tropeçou e rolou pelos despenhadeiros deste

mundo. Fala tu, que és a mãe da menina! Não achas melhor que ela seja retirada da tua companhia, e vestida sobriamente, e disciplinada com rigor, e instruída nas verdades do céu e da terra?

— Sei ensinar à minha pequena Pearl o que aprendi com isto!

— retorquiu Hester Prynne, apontando com o dedo a letra escarlate.

— Mulher, isto é o emblema da tua perdição! — exclamou o rude magistrado. E é por causa da mancha que ele simboliza que entregaremos a criança a outras mãos!

— Todavia — redarguiu a mãe, calma, embora tornando-se ainda mais pálida — todavia este emblema me tem ensinado, ensina-me diariamente, está me ensinando neste instante, lições que minha filha aprenderá mais e melhor do que eu, uma vez que para mim elas não podem ter mais nenhum proveito.

— Julgarei com prudência — disse Bellingham. Hei de ver bem o que ternos a fazer. Bom Sr. Wilson, peço-te que examines esta pérola — uma vez que é este o seu nome — e verifiques se ela tem as noções de doutrina cristã que convêm a uma menina da sua idade.

O velho pastor sentou-se numa poltrona e esforçou-se por entalar Pearl entre os joelhos. Mas a criança, desabituada a outras demonstrações de familiaridade além das de Hester, escapuliu e foi parar no topo da escada — como um pássaro bravio dos trópicos, de plumagem rica, pronto a alçar voo para

as alturas. O Sr. Wilson, não pouco espantado com a rebeldia — porque era um tipo de aspecto patriarcal, e vastamente estimado pela meninada — tentou, entretanto, a arguição.

— Pearl — começou, com grande solenidade — debes cuidar da tua instrução para que assim, no devido tempo, possas ostentar no peito a pérola de maior preço. Sabes me dizer quem te fez, minha filha?

Pearl já sabia perfeitamente quem a havia feito, porque Hester Prynne, descendente de um lar religioso, logo após lhe ter falado do Pai do céu começara a informá-la das verdades de que o espírito humano, qualquer que seja o estágio de imaturidade, se embebe com tão sôfrego interesse. Estava, portanto, — ampla como era a compreensão dos seus três anos de existência — em condições de

suportar um exame imparcial na Cartilha da Nova Inglaterra, ou no primeiro grau dos Catecismos de Westminster, não obstante desconhecer a forma exterior dessas celebradas obras. Mas a perversidade de que toda criança tem um pouco, e que ela possuía em dose decupla, empolgou-a, justamente naquele momento, o mais inoportuno, fazendo-a cerrar os lábios ou dizer coisas disputadas. Depois de meter o dedo na boca e de oferecer outras deselegantes recusas às perguntas do Sr. Wilson, acabou por declarar que absolutamente não

tinha sido feita e que fora simplesmente colhida pela mãe na roseira brava da porta da prisão.

A fantasia inspirou-se, provavelmente sugerida na proximidade das rosas vermelhas do Governador, que ela estava vendo pela porta que dava para o jardim, aliada à recordação da outra roseira, pela qual passara para chegar ao palácio.

O velho Roger Chillingworth, com um riso no rosto, sussurrou qualquer coisa ao ouvido do jovem pastor. Hester Prynne fitou o cientista e, mesmo ali, com o seu destino lançado na balança, estremeceu-se de ver a mudança que nele se operara, desde os dias em que haviam convivido — como se tornara mais feio, como a tez escura parecia ter ficado mais escura, como o corpo se deformara mais. Por um momento encontrou os seus olhos, mas foi imediatamente obrigada a prestar toda a atenção à cena que se estava desenrolando.

— E pavoroso! — roncou o Governador, recuperando-se lentamente do espanto em que a resposta de Pearl o mergulhara. Eis uma pequena de três anos que não sabe dizer quem a fez! Não há dúvida! Esta alma está em trevas! Creio, senhores, que não é preciso perguntar mais nada!

Hester correu para a menina e tomou-a nos braços, enfrentando o magistrado com uma expressão quase feroz. Sozinha no mundo, dele enxotada, e contando apenas com aquele tesouro para mantê-la viva, sentia que tinha contra o

mundo direitos inalienáveis e estava resolvida a defendê-los até a morte!

— Deus me deu esta filha! — bradou. Deu-me esta filha para me recompensar de todas as outras coisas que me arrebataram! Ela é a minha felicidade! Pearl é quem me faz viver! Pearl também me pune! Não vedes? Ela é a letra escarlata que pode ser amada e que por isso está dotada de redobrado poder para castigar o meu pecado! Não a tomeis! Será preciso que eu morra antes!

— Minha pobre mulher — interveio o velho sacerdote, que não era mau — a

criança há de ser bem tratada! Melhor do que tu o podes fazer!

— Deus confiou minha filha à minha guarda! — repetiu Hester, erguendo a voz quase ao grito. Não a entregarei!

E, num impulso irreprimível, voltou-se para o jovem religioso, que até então talvez não a tivesse encarado uma única vez:

— Fala por mim! És meu pastor, tens a responsabilidade da minha alma, conhecesse melhor do que eles! Não quero perder a minha filha! Defende-me! Sabes — porque tens percepções que faltam a estes homens — sabes o que está em meu íntimo, sabes o que são os direitos de mãe, sabes quanto são mais

fortes quando essa mãe não possui senão uma filha e a letra escarlate! Vê! Não quero perder minha filha! Não quero!

A esse selvagem e singular apelo, prova de que o estado de Hester era pouco menos que a loucura, o moço adiantou-se, pálido, a mão comprimindo o coração, como costumava fazer, sempre que o seu temperamento nervoso sofria algum abalo. Parecia mais abatido, gasto e emaciado do que quando o descrevemos no espetáculo de expiação pública de Hester. E, fosse pela crise de saúde, ou por outro qualquer motivo, os seus grandes olhos negros continham, nas suas profundezas turbadas e tristes, um mundo de sofrimento.

— Há verdade no que ela diz — começou ele, numa voz branda e trêmula, porém vibrante, tanto que ressoava na galeria. Há verdade no que diz Hester e no sentimento que a inspira. Deus lhe deu a filha e lhe deu também o conhecimento instintivo do seu caráter e das suas necessidades — e ambos parecem tão singulares! — conhecimento que nenhum mortal, a não ser ela, pode possuir. E, além disso, não haverá um traço de terrível inviolabilidade no parentesco que une esta mãe a esta filha?

— Ora! Como é isto, bom Sr. Dimmesdale? — interrompeu o Governador. Explicai-vos, eu vos peço!

— Deve ser mesmo assim — continuou o sacerdote. Porque, pensar de outra maneira não equivalerá a dizer que o Pai do céu, Criador de toda carne, considerou levianamente um caso

de pecado e não fez distinção entre a luxúria pagã e o amor sacrificado? Esta criança, filha da culpa do pai e da desonra da mãe, veio das mãos de Deus para atuar de vários modos sobre o coração materno que, com tanta veemência, com tanta amargura de espírito, suplica o direito de

conservá-la. Ela é uma bênção, a única da sua vida! E é também, como a própria mãe nos declarou, uma expiação, uma tortura que se manifesta em mais de um momento inesperado, um remorso, uma agonia sempre renovados em meio de uma alegria intranquila! Hester não exprimiu este pensamento vestindo a desventurada menina com esta roupa, que lembra tão incisivamente o símbolo escarlata que lhe punge o seio?

— Bem dito! — gritou o excelente Sr. Wilson. O meu receio era que a mulher não quisesse a pequeno senão para fazer dela uma pelotiqueira!

— Oh! Não, não! — prosseguiu o Sr. Dimmesdale. Crede-me que ela reconhece a existência desta filha o solene milagre que Deus operou. E deve também sentir

— segundo acredito — que está dádiva tem por missão, acima de tudo, conservar viva a alma da mãe e preservá-la dos abismos ainda mais negros a que Satanás queira atirá-la. Assim, há de ser bom para esta pobre pecadora ter confiado aos seus cuidados um ente capaz de alegria ou tristeza, para

que ela o exercite na retidão, para que a todo instante lhe recorde o seu erro, e também para ensinar-lhe que — como consta da sagrada promessa do Criador — se ela levar a filha ao céu, a filha levará os pais! Nisto, a mãe culpada é mais feliz do que o pai criminoso. Assim, pois, para bem de Hester Prynne, e não menos para bem da pobre Pearl, deixemos que ambas continuem como a Providência julgou que deviam ficar!

— Falais com estranha veemência, amigo! — notou o velho Roger Chillingworth, sorrindo-lhe.

— E há muita sensatez no que o meu jovem irmão acaba de dizer! — acrescentou o Reverendo Sr. Wilson. Que dizeis, Excelentíssimo Sr. Bellingham? Ele não defendeu bem a infeliz mulher?

— De fato defendeu-a — respondeu o Governador — e lançou tais argumentos que nós manteremos as coisas como estão. Pelo menos enquanto não houver outro escândalo com a mãe. Entretanto é preciso providenciar para submeter a pequena ao necessário e rigoroso estudo do catecismo. Esse assunto ficará convosco ou com o Sr. Dimmesdale. Depois, na época apropriada, os fiscais verificarão se ela frequenta a escola e o templo.

Tendo acabado de falar, o jovem pastor afastara-se do grupo alguns passos e permanecia com o rosto meio oculto nas dobras pesadas da cortina da janela. A

sombra do seu corpo, que a luz do sol projetava no chão, tremia ainda da violência do discurso. Pearl, o demoniozinho agressivo e fugaz, caminhou maciamente para ele e, tomando-lhe a mão nas suas duas mãos, encostou nela o rostinho, numa carícia tão terna e, ao mesmo tempo, tão discreta, que Hester, observando-a, perguntou a si mesma: “Esta será mesmo a minha Pearl?” Sabia, entretanto, que no coração da filha havia amor, embora na maioria dos casos revelando-se como cólera e talvez nem em duas vezes em toda a sua existência se manifestando com tanta delicadeza como naquele instante.

O sacerdote — porque a não ser as atenções longamente cobiçadas de uma mulher, nada é mais doce do que essas demonstrações de afeto de uma criança, concedidas por impulso da alma e, portanto, como que nos ungindo de qualquer coisa realmente digna de ser amada — o sacerdote olhou em torno, posou-lhe a mão na cabeça, hesitou um pouco, e beijou-lhe a fonte. Não durou muito esse estado de espírito em Pearl. Rindo, a pequena saiu cabriolando pelo corredor, com tanta leveza que o bom Sr. Wilson chegou a duvidar de que as pontas daqueles pezinhos estivessem mesmo tocando o chão.

— A tipinha tem feitiço! — comentou para o Sr. Dimmesdale. Corre assim sem precisar de cabo de vassoura!

— Menina esquisita! — notou o velho Roger Chillingworth. É fácil descobrir o que herdou da mãe. Que achais, senhores? — que tal se fizéssemos uma investigação filosófica em torno do

caráter desta pequena e, pelo seu feitio e pelo seu gênio, dêssemos uma severa caça ao pai?

— Nada disso! Seria pecado seguir os ditames da filosofia profana em assuntos desta ordem! — declarou o Sr. Wilson. É melhor que nos apressemos em rezar por ela! E ainda melhor, talvez, será deixar o mistério como foi encontrado, a menos que a Providência o revele pela sua própria vontade. Assim, pelo menos, todo bom cristão estará credenciado para votar uma bondade paternal a esta infeliz criaturinha abandonada!

Resolvido o caso de modo tão satisfatório, Hester Prynne, acompanhada de Pearl, partiu para casa. Quando as duas desciam os degraus, dizem que se abriu a janela de um dos quartos e dela se projetou a cara da Senhora Hibbins, a medonha irmã do Governador, a mesma que, poucos anos depois, foi executada por feitiçaria.

— Psiu! Psiu! — chamou a megera, enquanto a sua fisionomia agourenta parecia lançar uma sombra sobre o precioso modernismo do palácio. Queres ir conosco esta noite? Vai haver uma bela reunião na floresta. E eu quase que prometi ao Homem Negro que a bela Hester Prynne estaria presente!

— Apresenta-lhe as minhas desculpas, por obséquio! — respondeu Hester com um sorriso triunfante, preciso voltar para casa e cuidar da minha pequena Pearl. Se a tivessem arrebatado dos meus braços eu de boa vontade iria contigo à

floresta e, com o meu próprio sangue, assinaria também o meu nome no livro do Homem Negro!

— Ainda te conquistaremos! — retrucou a feiticeira, zangada, e recolhendo a cara.

E aqui — se quisermos admitir que este encontro tenha sido verdadeiro, e não uma parábola — já obtemos uma prova da veracidade dos argumentos do jovem pastor, contra a separação de uma mãe decaída do fruto da sua leviandade. Tão cedo, e já a filha salvava Hester das armadilhas de Satanás.

CAPÍTULO IX

O médico

Sob o nome de Roger Chillingworth — como de certo o leitor se recorda — escondia-se um outro que, segundo resolvera o dono, nunca mais devia ser pronunciado. Já dissemos que, na multidão que testemunhava a acabrunhante exibição de Hester Prynne, se achava um homem, velho e gasto, que acabando de emergir do sertão bravio, via exposta ao público, como símbolo do pecado, a mulher em que esperava encontrar personificadas a tepidez e a ternura do lar. A dignidade doméstica dessa mulher fora pisada aos pés da turba. E a infâmia latejava em torno dela, na praça do mercado. Aos seus pés, se até eles chegassem as notícias, e aos companheiros dos tempos de vida ilibada, nada mais restava senão o contágio de uma desonra — que não deixaria de ser distribuída proporcionalmente à intimidade e à santidade das suas antigas relações.

Por que, então — uma vez que lhe cabia a escolha — iria ele, cuja ligação com a degradada fora a mais íntima e santa, ensaiar qualquer passo para reivindicar uma herança tão pouco desejável? Decidiu que não devia participar do suplício no pedestal da vergonha. Desconhecido de todos, com exceção de Hester Prynne, e possuindo o cadeado e a chave do seu

silêncio, resolveu riscar o próprio nome do rol dos vivos e, quanto aos laços e aos interesses antigos, abandonar a existência tão completamente como se de fato estivesse jazendo no fundo do oceano, lugar onde, de longa data, os boatos o faziam. Conseguindo esse propósito, novas preocupações surgiram e, conseqüentemente, uma nova finalidade. Sinistra, senão mesmo criminosa, mas bastante forte para avassalar todas as energias do seu eu.

Procurando realizar o plano, o forasteiro, sem outra credencial além da cultura e da inteligência, que possuía em dose acima do nível comum, fixara residência na fundação Puritana, dizendo se chamar Roger Chillingwoith. Como os estudos, numa época já longínqua, o haviam familiarizado com a ciência médica do tempo, foi como médico que se apresentou e se viu cordialmente acolhido.

Homens competentes na medicina e na cirurgia raramente aportavam ali. Os poucos que apareciam eram fanáticos do mesmo zelo religioso que fazia com que os demais emigrantes atravessassem o Atlântico.

E podia acontecer que nas pesquisas do corpo humano as faculdades mais altas e

delicadas desses senhores se embotassem e que eles perdessem a visão espiritual da existência nos meandros do prodigioso mecanismo que parece dotado de capacidade

suficiente para resumir em si mesmo a totalidade da vida. Em todos os casos, a saúde da boa cidade de Boston, tanto quanto pertencia à alçada da medicina, estivera até então a cargo de um velho diácono e boticário, cuja devoção e cujo virtuoso procedimento eram, em seu favor, recomendações mais convincentes do que as que poderia conseguir na forma de um diploma. O único cirurgião era um que entremeava o exercício ocasional da nobre arte com o manejo quotidiano e habitual de uma navalha de barba. Para tal corpo profissional, Roger Chillingworth foi uma brilhante aquisição. E não tardou em demonstrar traquejo no pesado e imponente aparelhamento da antiga terapêutica, na qual cada remédio se compunha de uma infinidade de ingredientes rebuscados e heterogêneos, e de manipulação tão laboriosa como se devesse resultar no Elixir da Vida. Além disso, no seu cativeiro entre os índios, o velho aprendera muito sobre ervas e raízes, e não escondia aos clientes que aquelas mezinhas simples, dádivas da Natureza aos selvagens livres, participavam tanto da sua confiança quanto a Farmacopeia da Europa, que tantos doutores ilustres levaram séculos elaborando.

O erudito desconhecido, pelo menos nas formas exteriores da religiosidade, mostrava-se exemplar. Pouco depois da sua chegada, escolhera o Reverendo Sr. Dimmesdale para guia espiritual. O jovem pastor, cujo renome de estudioso ainda palpitava em Oxford, era, pelos seus admiradores mais fervorosos, considerado quase um apóstolo feito no céu e

destinado, se vivesse e trabalhasse durante um período normal de existência, a realizar pela então débil Nova Igreja Inglesa feitos tão consideráveis como os dos primeiros padres na infância da fé Cristã. Todavia, já nesse tempo, a saúde do Sr. Dimmesdale começava evidentemente a fraquejar. Para os que lhe conheciam melhor os hábitos, a palidez do moço sacerdote devia ser levada a conta da sua dedicação aos livros, da sua escrupulosa compenetração dos deveres pastorais e, acima de tudo, dos jejuns e das vigílias que ele constantemente se impunha, a fim de evitar que a crosta da condição terrena envolvesse e velasse a sua lâmpada intelectual.

Outros declaravam que o Sr. Dimmesdale ia mesmo morrer, mas porque o mundo já não era digno de ser palmilhado pelos seus pés. Ele, por sua vez, com característica modéstia, jurava que se a Providência achasse por bem removê-lo, isso exprimiria que a iniquidade o tornava incapaz de cumprir aqui na terra a mais humilde das missões. Entretanto, em meio as muitas opiniões sobre a causam do seu de perecimento, um fato permanecia, indiscutível: o pastor

tornava-se cada vez mais abatido. A sua voz, apesar de ainda rica e suave, transmitia um certo prenúncio melancólico de decadência. E muitas vezes o viam, a qualquer leve sobressalto ou acontecimento repentino, levar a mão ao coração, primeiro com um rubor, depois com uma palidez que indicava sofrimento.

Tais eram a situação e os graves receios de que a flama vital do Reverendo Sr. Dimmesdale se extinguísse prematuramente, quando Roger Chillingworth apareceu na colônia. A sua primeira entrada em cena — ninguém sabia vindo de onde, se caído do céu, ou surgido do ventre da terra — adquiriu foros de mistério, que foi logo elevado a milagre. Observou-se que ele colhia ervas e molhes de flores silvestres, e cavava raízes, e arrancava ramos de árvores, como alguém que os soubesse possuidores de virtudes ocultas, e sem valor aos olhos dos leigos. Ouviram-no falar de Sir Kenelm Digby e outros homens famosos — cujos dotes científicos eram considerados quase sobrenaturais — como tendo sido correspondentes ou companheiros seus. Por que, então, um cavalheiro tão altamente situado nas esferas da cultura tinha ido parar ali? Que poderia estar ele, cujo ambiente eram as grandes cidades, buscando no ermo? Em resposta a essas indagações, ganhou vulto um rumor — e, embora absurdo, mereceu crédito de algumas criaturas muito emotivas — um rumor de que o céu operara um milagre absoluto, transportando de certa Universidade alemã, em carne e osso, pelo ar, um eminente doutor em medicina, e pousando-o na porta do gabinete do sacerdote! Até mesmo indivíduos mais cultos, de fé mais esclarecida, sabedores de que o céu promove os seus desígnios sem visar o efeito teatral disso a que se chama intervenção miraculosa, mostravam-se inclinados a admitir a não providencial na chegada oportuna de Roger Chillingworth.

Essa ideia tornou-se ainda mais arraigada pelo grande interesse que o médico votava ao jovem clérigo. Ligara-se a ele como paroquiano e esforçava-se por cativar-lhe a amizade e a confiança. Declarava-se apreensivo com o seu estado de saúde, mostrava-se ansioso por iniciar o tratamento — pois, dizia, se não se agisse com urgência, os remédios não dariam mais resultado. Os anciãos, os diáconos, as matronas e as jovens e belas senhoritas do rebanho do Sr.

Dimmesdale insistiam com ele para que aceitasse a ajuda que o doutor lhe oferecia com tanta espontaneidade. " O pastor, poiem, repelia brandamente os seus rogos:

— Não preciso de remédio...

Mas como podia dizer isso, se de sábado a sábado as suas faces se tornavam mais pálidas e descarnadas a sua voz mais trêmula? Como podia dizer isso, se já adquirira o hábito — pois não se tratava de um simples gesto casual — de comprimir o peito esquerdo com a mão? Estaria esgotado de trabalho? Estaria com vontade de morrer? Estas perguntas lhe foram solenemente endereçadas pelos mais velhos sacerdotes de Boston e pelos diáconos da igreja, os quais, para usar da sua própria expressão, "pelejaram com ele" sobre o pecado de recusar um auxílio que a Providência lhe proporcionava de maneira tão clara. O jovem ministro ouviu-os e, afinal, prometeu consultar o doutor.

— Se fosse da vontade de Deus — disse, quando, hei ao compromisso, pediu os conselhos médicos de Roger Chillingworth — se fosse da vontade de Deus eu estimaria muito que os meus trabalhos, e as minhas tristezas e os meus sofrimentos me liquidassem logo e que tudo quanto de terreno existe neles fosse enterra o numa sepultura, e que a essência espiritual partisse comigo para a eternidade. Isso seria melhor do que ver a vossa habilidade posta à prova por minha

— Ah, — replicou Roger Chillingworth, com aquela serenidade que, forçada ou não, assinalava as suas atitudes — assim fala um jovem pastor. Os moços que ainda não criaram raízes renunciam à vida com tanta facilidade! E os varões santos, que andam com Deus na terra, de bom grado partiriam para passear com Ele nas calçadas de ouro da Nova Jerusalém.

— Nada... — tornou o pastor, levando a mão ao coração, com um arrepio de dor na fisionomia. Fosse eu mais digno, e preferiria trabalhar aqui mesmo.

— Os homens bons sempre desfazem em si mesmos — disse o outro.

Assim o misterioso Roger Chillingworth se tornou assistente médico do Reverendo Sr. Dimmesdale.

Como não apenas a molesta-se sentia fortemente tentado a estudar o caráter virtudes do paciente, os dois homens, de idades tão desiguais, foram pouco a pouco aumentando o

tempo de convivência. Em benefício da saúde do sacerdote, e para permitir ao facultativo a colheita de plantas que contivessem bálsamo cicatrizante, os dois faziam longos passeios à beira-mar ou na floresta, misturando as mais variadas palestras ao marulhe das ondas ou ao solene rumor do vento na fronde do arvoredor. Frequentemente, também, um visitava o outro

no seu refúgio de estudo Para o pastor, era fascinante a companhia daquele homem de ciência, no qual ele reconhecia uma cultura intelectual não pouco profunda, nem de finalidades limitadas, aliada a uma ordem e a uma independência de ideias que em vão procurara entre os membros da classe a que pertencia. Na verdade, estava espantado, talvez mesmo amedrontado, de ter descoberto este atributo no médico. O Sr. Dimmesdale era um verdadeiro sacerdote, um religioso sincero com o sentimento do respeito largamente desenvolvido e uma disposição de espírito que o impelia poderosamente pela estrada de uma crença que, com o passar do tempo, mais e mais o impregnava. Em nenhum estágio social teria sido o que se chama um homem de vistas liberais. Fora sempre indispensável à sua tranquilidade sentir o peso da fé, embora ela o esmagasse sob seu arcabouço de ferro. Nem por isso, entretanto — ainda que com uma satisfação tímida — deixava de experimentar um relativo desafogo em olhar o universo através de uma inteligência diferente daquelas com que

habitualmente tratava. Era como se se abrisse uma janela, dando entrada a uma atmosfera mais livre no gabinete fechado e abafadiço onde a sua vida se ia esgotando à luz de candeeiros ou de anêmicos raios de sol e no cheiro bolorento que os livros exalam. Mas aquele ar era por demais frio e fustigante para ser respirado com conforto. Por isso o ministro — e com ele o médico — tornava a se encerrar nos limites do que sua igreja classificava de ortodoxia.

Deste modo, Roger Chillingworth fazia uma análise minuciosa do cliente, tanto pelo que via na sua vida comum dentro de uma corrente de ideias que lhe eram conhecidas, como quando o levava a terrenos impregnados de suas peculiaridades. Em Artur Dimmesdale o pensamento e a imaginação eram tão ativos, e a emotividade tão intensa, que o mal físico devia ter neles a sua origem. Assim Roger Chilmgwoith — cientista, desvelado assistente — resolvera que a vaidade podia trazer alguma revelação à flor do seu caráter.

Julgava essencial conhecer o homem antes de empreender a cura. Onde quer que existam um coração e um cérebro, as moléstias do corpo estarão. Deve-se ir ao íntimo do enfermo, esquadrihando os princípios investigando as recordações, tudo experimentando com um toque prudente, como um caçador de tesouro numa caverna escura. Poucos mistérios conseguem escapar a um pesquisador que tem oportunidade e permissão para empreender um inquérito desse gênero, e habilidade para levá-lo avante. Um homem arcado sob um

segredo deve, a todo transe, evitar a familiaridade do médico. Se este tiver astúcia natural, e outra coisa mais que não tem nome, mas que chamaremos intuição; desagradáveis; se possuir o dom inato de imprimir ao próprio espírito uma afinidade tal com o do

paciente que este fale por distração aquilo que imagina ter apenas pensado; se ouvir sem alvoroço as revelações obtidas e souber recebê-las não tanto com expressões de solidariedade, mas em silêncio, com uma frase matriculada e, aqui e acolá, uma palavra para indicar que está tudo entendido — e se a estas qualidades do confidente se aliam as facilidades que derivam da sua declarada condição de médico, então a que quer momento inevitável a alma do sofredor se dissolvera e diluirá numa corrente negra, porém transparente, revelando a luz do dia todos os seus enigmas, Roger Chillingworth tinha todos os atributos acima enumerados, ou ainda mais. Ora, como já dissemos, desenvolvera-se uma espécie de intimidade entre aqueles dois espíritos estudiosos, que tinham para se encontrar um campo vasto como a vastidão do pensamento e da cultura universais. Discutiam todas as questões da ética e da religião, e os negócios públicos, e episódios de feição mais restrita. E falavam, de lado a lado, sobre problemas de caráter individual. Todavia, ao contrário do que o médico supusera que acontecesse, nenhuma revelação brotava da consciência do

sacerdote. Roger chegava mesmo a suspeitar que a própria natureza do sofrimento físico do Sr.

Dimmesdale não lhe havia sido revelada. Era uma esquisita descrição!

Tempos depois, por insinuação sua, os amigos do Sr Dimmesdale organizaram um plano para que os dois fossem morar juntos, de modo que cada passo, nos altos e baixos da vida do pastor, pudesse ser seguido de perto pelo dedicado e solícito assistente. Houve muita satisfação quando foi conseguido esse objetivo, grandemente desejado. Era — declarava-se — o menor que se podia fazer pelo bem-estar do ministro, a menos, como tantas vezes lhe haviam sugerido os que para isso tinham autoridade, que ele escolhesse uma das muitas lindas moças que lhe eram espiritualmente devotadas e a transformasse em esposa carinhosa. Esse, todavia, não era o passo que Artur Dimmesdale se achava inclinado a dar.

Rejeitava todas as insinuações em tal sentido, como se o celibato clerical constituísse um dos seus dogmas de disciplina religiosa. Condenado, portanto, por livre vontade, a comer o seu desabrido prato sempre em mesa alheia e a se aquecer sempre em lareira estranha, parecia efetivamente que aquele atilado doutor, hábil e prestativo, votando aqui ministro um amor paternal e respeitoso era, em toda a espécie humana, o

homem melhor indicado para estar constantemente ao alcance da sua voz.

Hospedava os dois amigos uma piedosa viúva de alta categoria social que morava muito perto do lugar em que se erguia o vulto venerando da King Chapei.

A casa ficava ao lado do cemitério, que dantes fora o Jote de Isaac Johnson — sítio tão adequado para inspirar reflexões sérias a um sacerdote e a um cientista.

O desvelo maternal da excelente senhora destinara ao Dr. Dimmesdale um quarto de frente, com muita luz de sol e pesadas cortinas destinadas a criar um ambiente de penumbra quando assim fosse desejado. Ungindo as paredes, tapeçarias que se diziam saídas dos teares de Gobelin representavam a história de Davi e Betsheba e Nathan o Profeta, em cores ainda não esmaecidas, mas que de um certo modo tornavam a bela mulher da cena quase tão sinistramente pitoresca como o profeta de calamidades. Aí o pálido pastor arrumara a sua biblioteca, rica de volumes em pergaminho, dos Padres, e da sabedoria dos Rabinos, e da erudição monástica — volumes de que, embora combatendo e ridicularizando tal classe de autores, os ministros Protestantes eram frequentemente constrangidos a se valer. No outro lado da casa o velho Roger Chillingworth instalara o seu gabinete e laboratório, que um moderno homem de ciência não poderia chamar completo, mas

provido de um aparelho de destilação e de elementos necessários à preparação de fórmulas e produtos químicos, que o alquimista prático bem sabia como em pregar

Assim, confortavelmente, aquelas duas ilustradas criaturas se estabeleceram, cada qual nos seus domínios, embora passando de um aposento para o outro e mantendo uma observação mútua e não desinteressada de ocupações.

E os mais esclarecidos amigos do Reverendo Artur Dimmesdale imaginavam, muito razoavelmente, conforme dissemos, que a Providência — atendendo a tantas preces públicas, domésticas e secretas — promovera tudo aquilo para restaurar a saúde do jovem ministro. Quando a turba ignorante tenta ver com os próprios olhos está fatalmente votada ao erro. Quando, porém, como geralmente faz, forma os seus juízos sob a influência do grande e generoso coração que possui, as conclusões que tira são muitas vezes tão profundas e acertadas que chegam a se revestir o caráter de vaidades reveladas de maneira sobrenatural.

No caso de que falamos, o povo não podia, por nenhum fato ou argumento digno de refutação séria, justificar as suas suspeitas contra Roger Chillingworth. É verdade que um velho artesão, cidadão londrino no tempo do assassinato de Sir Thomas Overbury, cometido alguns trinta anos atrás, afirmava que já havia visto o médico, sob outro nome, de que não se lembrava mais, em companhia do doutor Forman, o velho e famoso conspirador que esteve envolvido no crime.

Dois ou três indivíduos sustentavam que, durante o cativeiro entre os índios,

Roger Chillingworth ampliara os seus conhecimentos médicos incorporando a eles sortilégios dos sacerdotes selvagens, universalmente conhecidos como feiticeiros poderosos, que tantas vezes, com a magia negra, operavam curas quase milagrosas. Grande número de pessoas — e muitas de tanta sensatez e observação objetiva que as suas opiniões teriam sido valiosas em outros assuntos

— asseguravam que o aspecto de Roger Chillingworth sofrera uma grande transformação desde a sua chegada na colônia e, especialmente, desde que passara a residir com o Sr. Dimmesdale. A princípio tinha uma aparência calma, meditativa, estudiosa. Agora, porém, havia na sua fisionomia qualquer coisa de feio e mau, que não fora notado antes, e que se desenvolvera de tal maneira que já era visível a um simples relance de olhos. Segundo a versão popular, o fogo do seu laboratório provinha das regiões inferiores e era alimentado com o óleo do Inferno, o que explicava, naturalmente, que as suas funções estivessem se tornando negras de fuligem.

Ainda mais: tornou-se vastamente difundida a opinião de que o Reverendo Artur Dimmesdale, como muitas outras personagens de especial santidade, em todas as épocas do mundo Cristão, estava sendo tentado por Satanás em pessoa, ou por um

emissário sob o disfarce do velho Roger Chillingworth. Esse agente diabólico tinha a Divina permissão para se insinuar por algum tempo na intimidade do pastor e tramar contra a sua alma. E nenhum homem sensível — declarava-se — podia ter dúvidas sobre para que lado penderia a vitória. O povo esperava, com uma crença inabalável, ver o sacerdote sair do conflito transfigurado pela glória que inquestionavelmente alcançaria. Enquanto isso, entretanto, era doloroso avaliar a agonia talvez mortal que ele devia atravessar para obter o triunfo.

Ah! A julgar pela tristeza e pelo terror que havia nas profundezas dos olhos do pobre ministro a batalha era de fato renhida e a vitória não estava nada segura.

CAPITULO X

O médico e o seu paciente

O velho Roger Chillingworth sempre fora de temperamento plácido e bondoso, apesar de não propenso às amizades ardentes. E em todas as suas relações com o mundo revelara-se um honrem virtuoso e correto. Tinha, como pretendia, iniciado uma investigação com a austera e incorruptível imparcialidade de um juiz, desejoso apenas da verdade, precisamente como se a questão envolvesse linhas abstratas e algarismos de um problema geométrico, em vez das paixões e dos erros humanos que o atormentavam. Mas, à medida que prosseguia, arrebatava-o uma fascinação terrível, uma espécie de necessidade feroz, embora ainda serena, que não o deixava enquanto não via satisfeitas as suas imposições. E ele cavava no coração do sacerdote como um mineiro à procura de ouro. Ou melhor: como o coveiro que viola um túmulo na cobiça de alguma joia enterrada com um cadáver, mas também disposto a encontrar somente morte e podridão.

Às vezes um clarão fulgurava nos seu olhos, rutilando azulado e macabro como o reflexo de uma fornalha ou, digamos, semelhante a um dos raios de luz fantasmal que irrompiam da sinistra furna de Bunyan, na encosta da colina, e tremeluziam

no rosto dos viandantes. Talvez o terreno em que operava o lúgubre mineiro já lhe houvesse fornecido alguma indicação encorajadora.

— Este homem, — monologava o velho Roger — casto como o consideram, todo cerebral como parece, herdou, do pai ou da mãe, um poderoso instinto animal. Penetremos um pouco mais neste veio! E, depois de pesquisas minuciosas no negro interior do sacerdote, revolvendo materiais preciosos que se apresentavam sob a forma de elevadas aspirações ao aperfeiçoamento da espécie, e acendrado amor às almas, e sentimentos puros, e piedade natural, fortificados pela meditação, pelo estudo, e iluminados pela revelação — e todo esse ouro inestimável era considerado mero cascalhe — o pesquisador voltava desanimado e recomeçava a investigar em outra direção. Ia apalpando, tão furtivo, com um andar tão cauteloso e um olhar tão prudente como o de um ladrão que penetra no quarto onde um homem porventura está apenas meio adormecido — ou porventura inteiramente acordado — com o propósito de roubar um tesouro por ele estimado como as próprias menina dos olhos. A despeito do seu cuidado meticuloso, podia acontecer que o assoalho estalasse aqui e ali; que as roupas fizessem um ruído; e que, numa aproximação excessiva,

a sombra do corpo se projetasse sobre a vítima. Em outras palavras: o Sr. Dimmesdale, cuja sensibilidade nervosa às vezes

dava a impressão de dom sobrenatural, já se mostrava vagamente desconfiado de que entrara em relação com qualquer coisa de adverso à sua tranquilidade. Mas também Roger Chillingworth dispunha de percepção quase divinatória. Por isso, quando o pastor voltava para ele os olhos esgazeados, fazia uma pausa: era um bom companheiro, carinhoso, solícito, mas nunca impertinente.

Aliás, o Sr. Dimmesdale talvez tivesse visto com mais perfeição aquele caráter humano, se uma certa morbidez, de que os corações fracos são passíveis, não lhe houvesse tornado suspeita toda a humanidade. Uma vez que não confiava em ninguém como amigo, não podia perceber a aproximação do inimigo.

Continuava, pois, a manter contato com ele. Diariamente recebia o velho médico no seu gabinete ou visitava-o no laboratório onde, para se distrair, seguia os processos de transformação das ervas em drogas poderosas.

Certo dia, a fronte apoiada na mão e o cotovelo no peitoril da janela aberta sobre a necrópole, conversava com Roger Chillingworth, que estava examinando um molhe de plantas horrendas.

Perguntou, olhando-as de revés, porque ultimamente era raro que fitasse com firmeza um objeto, animado ou inanimado:

— Meu bom doutor, onde colhestes estas plantas com semelhantes folhas negras e flácidas?

— Aqui perto, no cemitério — respondeu o cientista, prosseguindo no seu trabalho. Para mim, são desconhecidas. Encontrei-as vicejando numa cova rasa. Não havia outra oferta ao morto além destes feios arbustos, que nasceram para lhe conservar a memória. Brotaram talvez do seu coração, simbolizando algum hediondo segredo que ele haja levado para a sepultura e que fora melhor ter revelado enquanto vivia.

— Talvez o desejasse sinceramente, mas não tivesse podido fazê-lo — disse o Senhor Dimmesdale.

— E por quê? — argumentou o médico. E por que não, se todas as forças da Natureza clamam com tanta veemência pela confissão das culpas que estas ervas nasceram de um coração sepultado para revelar um crime oculto?

— Isso, bom senhor, não passa de fantasia vossa — replicou o sacerdote. Talvez, se vaticino bem, não seja força, mas falta da Divina Misericórdia, desvendar, por palavras pronunciadas ou por símbolo ou emblema, os segredos que podem ser enterrados com um coração. Desde que ele se torne culpado, deve forçosamente guardá-los, até o dia em que todas as coisas serão reveladas. E quanto mais leio e interpreto a Sagrada Escritura menos me convenço de que as revelações que então se farão dos pensamentos e dos atos humanos constituam uma parte do castigo. Isto seria, certamente, uma visão muito rasteira do assunto. Não! A menos que eu esteja

redondamente enganado, elas servirão apenas para promover a satisfação intelectual de todos os seres pensantes, que nesse dia estarão a postos para ver simplificado o negro problema da vida. Para a completa solução desse problema há de ser indispensável o conhecimento do coração dos homens. E creio, além do mais, que os corações que guardam os desgraçados segredos de que falais, os desvendarão, nesse último dia, não com relutância, mas com indizível prazer.

— Então, por que não o fazer aqui? — perguntou Roger Chillingworth, olhando tranquilamente de lado, para o sacerdote. Por que os culpados não procuram logo se proporcionar essa indefinível consolação?

— A maioria assim procede — retorquiu o pastor crispando rudemente os dedos no peito, como a uma pontada repentina. Muitas, muitas pobres almas me têm feito as suas confissões, não só no leito de morte, mas ainda enquanto estão cheias de vida e gozam de bom conceito. E depois de tais desabafos, oh! — que alívio testemunhei nesses irmãos pecadores. E sempre com alguém que, por longo tempo asfixiado no próprio hábito pútrido, respira afinal ar puro. E como pode ser de outra maneira? Como pode o infeliz culpado — digamos — de um assassinio, preferir conservar o cadáver da vítima sepultado no coração a arremessá-lo de si, de uma vez por todas, e deixar que o universo o receba?

— E, todavia, alguns homens sepultam assim os seus segredos — observou o fleumático doutor.

— E verdade. Há homens que o fazem — respondeu o Sr. Dimmesdale. Porém

— para não sugerir motivos mais simples — pode ser que se conservem em silêncio por uma questão de feitio pessoal. Ou porque — não podemos supor? — culpados que sejam, e todavia conservando apesar de tudo o zelo pela glória de Deus e pelo aperfeiçoamento da espécie, temem mostrar-se torvos e imundos aos olhos dos homens, uma vez que daí por diante nenhum bem poderão mais

praticar, nem reparar, por ações melhores, as ações más cometidas no passado. Neste caso, para o próprio e inexprimível tormento, continuam, entre os seus semelhantes, parecendo puros como a neve recém-saída, mas tendo nos seus corações nódoas enormes de iniquidade, que não conseguem apagar.

— Esses indivíduos se iludem — disse Roger Chillingworth, num tom um pouco mais enfático do que o usual, e fazendo um gesto breve com o indicador. Temem a vergonha que de direito lhes cabe. O seu amor pelo homem, o seu zelo pelo serviço de Deus — esses sagrados impulsos podem ou não coexistir nos seus corações com os maus hóspedes a que o crime abriu a porta e que fatalmente exercerão sobre eles uma influência infernal. Entretanto, se tais indivíduos procuram glorificar Deus, não consintamos que levanten para o céu as mãos impuras! Se

querem servir os seus semelhantes, que o façam manifestando o poder e a realidade da consciência compelindo-os a uma humilhação de penitentes! Quereis me fazer crer — ó sábio e piedoso amigo! — que a falsa aparência é melhor, e mais útil à glória divina e ao aperfeiçoamento humano do que a própria verdade de Deus? Acreditai-me: os que assim pensam, enganam-se!

— Talvez seja — cedeu o jovem pastor, displicente, como desistindo de uma discussão que considerava sem importância e desarrazoada.

Tinha, com efeito, uma pronta habilidade em escapar a qualquer assunto que lhe sacudisse demasiadamente o temperamento emotivo e nervoso.

— Agora eu perguntaria ao meu erudito médico se de fato acredita que os seus cuidados têm feito melhorar o meu frágil arcabouço.

Antes que Roger Chillingworth pudesse responder, ouviram uma voz infantil, cristalina e vivaz, vinda do cemitério vizinho.

Olhando instintivamente pela janela aberta — porque era verão — o sacerdote viu Hester Prynne e a pequena Pearl passando pela calçada que atravessava a necrópole. Pearl estava linda como o dia, mas num daqueles momentos de alegria estouvada que, quando chegavam, pareciam arrebatá-la completamente à esfera da compreensão e do contato humanos. Lá se foi, irreverente, pulando de um túmulo para

outro, até que, chegando ao mausoléu de um alto personagem falecido — talvez do próprio Isaac Johnson — desandou a sapatear em cima dele. Em resposta às intimações e aos pedidos da mãe para que se comportasse com mais decoro, começou a colher carrapichos crescidos ao lado do sepulcro. E com um molhe deles, veio pregá-los

na letra escarlate que decorava o seio materno. Hester não os tirou.

Enquanto isso, Roger Chillingworth tinha-se aproximado da janela e sorria horrendamente.

— Para esta criança não há lei, nem respeito a autoridade, nem atenção aos ditames e opiniões humanos, nem direito, nem errado — comentou ele, mais para si do que para o companheiro. Outro dia vi-a molhar o próprio Governador com água do bebedouro do gado em Spring Lane. Em nome de Deus, quem será ela? Será o demônio? Terá afeições? Terá algum princípio de gente?

— Não tem nada, a não ser a liberdade de uma lei transgredida — respondeu o Sr. Dimmesdale, num tom muito baixo, como se discutisse o assunto de si para si. Se é capaz de algum bem, não sei.

A menina ouvira provavelmente as vozes, porque, olhando para cima com um radioso, mas perverso sorriso de júbilo e compreensão, atirou no sacerdote um dos carrapichos. O emotivo ministro estremeceu de medo daquele leve projétil. Observando o seu susto, Pearl bateu palmas, na mais extravagante satisfação.

Também Hester Prynne erguera involuntariamente os olhos. E os quatro personagens, velho e jovens, fitaram-se em silêncio, até que a criança soltou outra gargalhada e gritou:

— Vamos, mamãe! Vem, senão o Homem Negro te pega! Ele já pegou o pastor! Vem, mamãe, senão ele te pega! Só não pega a pequena Pearl!

Arrastou a mãe para longe, saltando, dançando e agitando-se fantasticamente por entre as moradas dos defuntos, como uma criatura que não tinha nada com uma geração morta e sepultada, nem possuía parentes nela. Era como se tivesse sido feita de elementos novos e por isso se devesse deixá-la viver a própria vida, sem que as suas excentricidades fossem levadas em conta de crime.

— Ali vai uma mulher — concluiu Roger Chillingworth, depois de uma pausa

— que, sejam quais forem os seus desmerecimentos, nada tem desse mistério de pecado oculto, que considerais tão penoso. Acreditaís que por usar a letra escarlata no seio, Hester Prynne é menos infeliz?

— Realmente, acredito — respondeu o sacerdote. Entretanto não posso responder por ela. Há no seu rosto uma sombra de dor que de bom grado deixaria de notar. Mas, mesmo assim, creio eu, sempre será melhor para o

sofredor pode exhibir o seu sofrimento em vez de guardá-lo todo no coração.

Nova pausa. E o médico recomeçou a examinar e seleccionar as ervas que colhera.

— Há pouco perguntastes — disse lentamente — minha opinião sobre a vossa saúde.

— Perguntei — respondeu o pastor — e gostaria muito de conhecê-la. Peço-vos, falai francamente, seja de vida ou de morte o meu estado.

— Para falar franca e singelamente — declarou o doutor, ainda ocupado com as suas plantas, mas vigiando-o com um olhar sagaz — a vossa doença é estranha. Não tanto em si mesma, nem nas manifestações exteriores — pelo menos até quanto os sintomas se revelaram às minhas pesquisas.

Observando-vos diariamente, meu bom amigo, e anotando as mutações do vosso aspecto, já há meses, eu vos consideraria um homem talvez gravemente enfermo, embora não tanto que um médico competente e cuidadoso não possa ter esperança

de curá-lo. Mas — não sei como dizer — parece que eu conheço a moléstia, apesar de não a conhecer.

— Falais por enigmas, ilustre senhor — disse o pálido ministro, olhando de soslaio pela janela.

— Então, para falar com mais clareza — prosseguiu o doutor — e imploro-vos perdão, senhor... se vos parecer caso de perdão... para a necessaríssima singeleza das minhas palavras — consenti que vos interrogue, como amigo, como alguém que perante a Providência tem a responsabilidade da vossa vida e do vosso bem-estar físico — foi-me revelado e contado todo o processo da vossa doença?

— Como podeis perguntar isto? — estranhou o pastor. É claro que seria uma brincadeira de criança chamar o médico e ocultar-lhe o mal!

— Quereis dizer-me, pois, que sei de tudo? — inquiriu Roger Chillingworth, deliberadamente, e fixando no rosto do sacerdote um olhar rutilante de atenção concentrada e intensa. Que assim seja! Mas, insistamos! Aquele a quem somente o mal exterior e físico foi revelado conhece, em regra geral, apenas metade da moléstia que deseja curar. Uma enfermidade do corpo, que se examina de forma englobada e em si mesma, pode não ser, afinal, senão sintoma de algum sofrimento espiritual. Mais uma vez suplico-vos perdão, meu bom senhor, se o

que digo vos sugere sequer uma sombra de ofensa. De todos os homens que tenho conhecido, vós sóis o que tem o corpo mais intimamente ligado, fundido, articulado — por assim dizer — com o espírito de que ele é o instrumento.

— Então não preciso perguntar mais nada! — retorquiu o ministro um tanto áspero, erguendo-se da cadeira. Afirmo que não entendeis de medicina da alma!

— Uma moléstia — continuou Roger Chillingworth num tom inalterado, sem fazer caso da interrupção, mas levantando-se e postando diante do rosto esmaecido e branco do pastor a sua figura baixa, escura e disforme — uma moléstia, digamos: um ponto dolorido do vosso espírito, tem imediatamente um reflexo correspondente no físico. Quereis que o vosso médico alivie o mal físico. Mas como poderá ele fazê-lo se antes não lhe revelardes a chaga ou a perturbação da vossa alma?

— Não a ti! Não a ti! Não a um médico deste mundo! — gritou o Sr. Dimmesdale, exaltado e volvendo para o velho uns olhos grandes, brilhantes e embebidos de uma espécie de ferocidade. Não a ti! E se é uma enfermidade da alma, então serei eu o médico! E este médico, como lhe aprouver, poderá curar ou matar! Quem és tu, que te metes nestes assuntos? Que te ousas interpor entre os sofredores e seu Deus?

E num impulso frenético saiu do quarto.

— Foi bom que tenha dado este passo — murmurou Roger Chillingworth, observando com um sorriso grave a retirada do sacerdote. Nem tudo está perdido.

Ainda voltaremos a ser amigos, mas agora se vê como a paixão empolga este homem e o põe fora de si! Como foi com esta, será com qualquer outra. Levado pelo arrebatamento do coração, este pio Sr. Dimmesdale já cometeu algum ato reprovável.

Não houve dificuldade para restabelecer no mesmo pé e no mesmo grau a intimidade entre os dois companheiros. Depois de algumas horas de isolamento o jovem ministro sentiu que o distúrbio nervoso o lançara numa incrível explosão de gênio e que nada havia de mais nas palavras do cientista. Ficou realmente espantado da violência com que repelira o bom velho, quando este estava apenas fazendo a advertência que era do seu dever e que ele próprio solicitara, Com estes remorsos apressou-se em apresentar as mais amplas

desculpas e suplicar ao amigo que continuasse a tratá-lo, pois que, ainda que não o curasse, poderia com toda a possibilidade prolongar a sua débil existência.

Roger Chillingworth acedeu logo e continuou como assistente do pastor, fazendo de boa-fé o mais que lhe era possível, mas sempre, ao fim das consultas, deixando o quarto do enfermo com um misterioso e indecifrável sorriso nos lábios. Esta

expressão era invisível na presença do Sr. Dimmesdale, porém se tornava fortemente acentuada quando o doutor transpunha o portal.

— Caso raro! — murmurava ele. Preciso conhecê-lo mais profundamente! Estranha correspondência entre corpo e espírito! Quando mais não seja, devo, pela causa da minha arte, investigar este caso até o fundo!

Aconteceu que, não muito depois da cena que narramos acima, o Reverendo Sr. Dimmesdale, num meio-dia, e de todo inesperadamente, mergulhou num sono profundo, profundo, sentado na sua cadeira, tendo diante de si um grande livro aberto sobre a mesa.

A obra devia ser um trabalho notável da escola soporífica de literatura. E aquele dormir pesado era estranhíssimo, tanto mais quanto o sacerdote sempre fora uma dessas pessoas de sono tão leve, tão inquieto e tão fugidio como um passarinho que salta num ramo de árvore. Entretanto o seu espírito fora arrebatado a tal distância que ele nem sequer estremeceu quando, sem qualquer precaução, Roger Chillingworth entrou no quarto. O médico dirigiu-se ao cliente, estendeu a mão para o seu peito e entreabriu a roupa que até então o escondera até aos seus olhos de profissional.

Nesse instante, de fato, o Sr. Dimmesdale agitou-se, um pouco excitado. Depois de breve pausa, o doutor retirou-se.

Mas com que extravagante olhar de estupor, de alegria e de horror! Com que horrível júbilo, grande demais para se exprimir pelos olhos e pela fisionomia — e por isso irradiando de toda a fealdade das suas feições, mas e mesmo manifestando-se tumultuosamente nos movimentos desordenados com que ele atirava os braços para o teto e dava patadas no chão! Se alguém visse o velho Roger Chillingworth naquele instante de arrebatamento não teria necessidade de perguntar como se comporta o próprio Satanás quando uma alma preciosa perde o céu e é conquistada para o seu reino.

Mas o que distinguia o transporte do médico do de Satanás era o traço de

espanto que havia no primeiro!

CAPÍTULO XI

O íntimo de um coração

Depois do episódio que narramos as relações entre o médico e o sacerdote, apesar de aparentemente as mesmas, assumiram de fato outro caráter. O cérebro de Roger Chillingworth passou a ter diante de si um caminho suficientemente desimpedido. Não, com efeito, igual ao que se traçara. Calmo e fleugmático como parecia ser, é de recear-se que aquele infortunado velho possuísse também alguma recôndita reserva de maldade, até então latente e depois ativa, que o impelisse a tomar a desforra mais pessoal que um homem já tirou contra um inimigo: tornar-se o seu confidente exclusivo, a quem podiam ser revelados todo o temor, todo o remorso, toda a agonia, todo o estéril arrependimento, toda a recua de pensamentos pecaminosos em vão repelidos! Assim a dor de crime, sonegada ao mundo, cujo grande coração o teria lamentado e perdoado lhe seria confessada, a ele, o Impiedoso, a ele, o Inevitável! E a ele, ao próprio homem que nada mais desejava do que pagar o seu débito de vingança, seria prodigalizado todo o negro tesouro!

Ã discrição desconfiada e sensitiva do pastor tinha alterado este plano. Entretanto Roger Chillingworth quase, ou antes, absolutamente, não se contrariara com a maneira porque a

Providência, utilizando para os seus desígnios o vingador e a vítima e, talvez perdoadando onde parecia haver muito o que punir interviera nos seus sinistros propósitos. De certo modo, podia dizer que lhe fora proporcionada uma revelação. Para os objetivos visados, pouco importava se pelo céu ou por outra qualquer região. Mercê dessa revelação, nas futuras relações entre ele e o Sr. Dimmesdale, não apenas a presença material, porém, na realidade, a própria alma do passado ficou tão exposta aos seus olhos que lhe era possível vê-la e interpretá-la a cada movimento.

Tornou-se, assim, não somente espectador, mas também ator principal no mundo íntimo do pobre religioso. Manejava-o à vontade. Queria lançá-lo numa crise de agonia? O escravo ali estava, para sempre, no tronco: bastava conhecer a mola que fazia funcionar o mecanismo. E o doutor a conhecia de sobra! Como a um aceno da sua varinha mágica, erguia-se um pavoroso fantasma — erguiam-se mil fantasmas de várias espécies — de morte, de vergonha acabrunhadora, flutuando em redor do sacerdote e apontando-lhe o peito com os dedos!

Tudo isso conseguido com uma habilidade tão perfeita que o Sr. Dimmesdale, tendo embora a vaga impressão de que uma influência maligna o cercava, não conseguia identificá-la. É verdade que ele via com suspeita e medo — algumas vezes até com repugnância e um travo de rancor — a disforme figura do médico. Os seus gestos, o seu aspecto, a sua barba ruça,

mesmo o modelo das suas roupas, eram-lhe odiosos — prova, que deve ser levada em conta, de que a aversão tinha raízes mais profundas do que ele supunha. Todavia, não conseguindo encontrar justificativa para semelhante desconfiança e malquerença, e convencido de que as emanções de alguma moléstia física lhe estavam intoxicando o coração, atribuía-lhes todos os seus pressentimentos.

Negligenciando as lições que podia colher da antipatia votada a Roger Chillingworth, censurou-se por ela e extremou-se no esforço para extirpá-la. E não conseguiu. Mas, por uma questão de princípio, continuou a manter os seus hábitos de familiaridade com o velho, dando-lhe oportunidades constantes para aperfeiçoar o plano a que — desgraçada, mísera criatura que ele era, mais infeliz do que a vítima — se havia dedicado.

Apesar do sofrimento físico, apesar da negra inquietação de espírito, e de viver à mercê das maquinações do seu pior inimigo, o Reverendo Sr. Dimmesdale conseguira brilhante popularidade no púlpito. A dor, a agonia da existência que levava mantinha numa excitação fora do comum os seus dotes intelectuais, a sua sensibilidade moral, a sua faculdade de experimentar e transmitir emoções. E a sua fama, ainda raiando, já suplantava a dos mais austeros vultos do clero, muitos dos quais eminentes. Contavam-se, entre os colegas do Sr. Dimmesdale, estudiosos que havia gastado anos na aquisição de uma ilustração mais aprimorada do que a sua, e que, portanto, nos sólidos e valiosos conhecimentos

relacionados com a profissão, podiam ser mais profundamente versados do que o jovem confrade.

Havia-os, também, mais bem dotados do que ele desse critério seco, granítico, férreo que, devidamente misturado ao ingrediente doutrinário, compõe um tipo clerical altamente respeitável, eficiente e desagradável. E outros, ainda, na verdade santos irmãos, cujas faculdades tinham sido elaboradas através de árdua labuta entre os livros, e da meditação paciente — eterizada por comunicações espirituais com o mundo melhor, a que a pureza de vida quase já os conduzira, mesmo em trajes mortais. Tudo o que lhes faltava era a unção das labaredas descidas no Pentecostes sobre os discípulos eleitos, labaredas que parecem simbolizar, não a capacidade de falar em idiomas estrangeiros e desconhecidos, mas a de dirigir a toda a humanidade na linguagem nativa do coração. Estes

sacerdotes, apesar de tão apostolares, careciam do dom mais raro, do dom definitivo do ofício: a Língua de Fogo. Em vão se esforçariam — jamais sonharam tentá-lo — por exprimir pelo instrumento humílimo das palavras e imagens comuns as sublimes verdades de que eram possuidores. Longínquas e indistintas, as suas vozes baixavam de alturas incomensuráveis.

Não é improvável que, por muitos traços de caráter, o Sr. Dimmesdale pertencesse a esta última classe. Poderia ter

escalado os mais elevados picos da santidade e da fé, não fosse a ascensão contrariada pela carga — de crime ou de angústia — sob a qual estava condenado a cambalear.

Mas esse mesmo fardo era que lhe proporcionava, em relação à pecadora confraria humana, uma afinidade tão estreita que o seu coração pulsava em unísono com o dela, recebia-lhe as dores e, em fluxos de melancólica, persuasiva eloquência, embebia das suas próprias mil outros corações.

Eloquência quase sempre persuasiva, mas às vezes terrível! O povo ignorava a força que projetava aqueles jatos.

Consideravam o jovem sacerdote um milagre da santidade e tinham-no como o porta-voz das mensagens celestes de ensinamento, censura e amor. Aos olhos dos crentes, o próprio chão que os seus pés pisavam era sagrado. As virgens da congregação definhavam em torno dele, pungidas de uma paixão tão impregnada de religiosidade que elas supunham ser toda religião, e por isso exibiam-na publicamente nos peitos castos, como o seu mais precioso holocausto ao altar. Vendo tão débil o corpo do Sr. Dimmesdale, a passo que se conservavam tão rijos na velhice, os anciãos do rebanho inclinavam-se a acreditar que ele os precederia no caminho do céu e recomendavam aos filhos que os seus velhos ossos fossem sepultados perto do sagrado túmulo do seu jovem ministro. E, justamente então, ao pensar na morte, talvez o jovem pastor se perguntasse se a relva cresceria sobre a sua

sepultura — porque ali havia de estar enterrada uma coisa execrável.

E inconcebível a aflição com que o torturava aquela veneração pública! O seu verdadeiro impulso levava-o a adorar a verdade e considerar nulas, inteiramente destituídas de peso e valor, as coisas que não possuem, como vida dentro das próprias vidas, a sua divina essência. E assim sendo, que era ele? Uma substância? Ou a mais apagada sombra? E sonhava falar do púlpito, a plenos pulmões, e se revelar ao povo.

— Eu, a quem vedes nestas roupas negras do sacerdócio; eu, que subo à sagrada tribuna e volto para o céu a minha pálida face, sublimando-me para, em vosso

nome, entrar em comunhão com a Mais Alta Onisciência; eu, em cuja vida quotidiana imaginais a santidade de Enoch; eu, cujos pés, como supondes, deixam ao longo dos caminhos terrenos rastros de luz para guiar às regiões de bênção os peregrinos que me acompanharem; eu que pousei a mão do batismo nos vossos filhos; eu, que tenho murmurado as preces da partida sobre os vossos amigos agonizantes para os quais o Amém soa esbatido de um mundo que eles deixaram; eu, vosso pastor, que tanto considerais e em que confiais tanto, sou todo mácula e mentira!

Mais de uma vez o Sr. Dimmesdale fora ao púlpito com o propósito de não descer de lá sem ter proferido palavras desta

espécie. Mais de uma vez havia pigarreado, tomado o longo, profundo e trêmulo hausto de ar que ao ser expelido devia sair carregado com o negro segredo da sua alma. E mais de uma vez — mais de uma centena de vezes — já havia falado. Falado! Mas como? Dizendo aos ouvintes que era completamente vil, o mais vil entre os mais vis, o pior dos pecadores, uma abominação, uma criatura de inimaginável iniquidade. Dizendo- lhes que o que o espantava era que ainda não tivessem visto o seu corpo infeliz queimado à vista de todos pela ira candente do Todo Poderoso! Poderia haver discurso mais claro do que este? Não iria o povo pular das cadeiras num arremesso unânime a arrancá-lo do púlpito de que ele não era digno? Realmente, não! O povo ouvia tudo e não fazia mais que o reverenciar com redobrado fervor. Não percebia o que de profundamente sentido havia naquelas palavras de autocondenação.

— Santo rapaz! — comentava-se. Um santo na terra! Ai de nós! Se ele descobre tantos pecados na sua alma pura, que horrível espetáculo não enxergará na tua e na minha!

O sacerdote bem sabia — torturado, mas sutil hipócrita que era! — o prisma porque haviam de encarar a sua vaga confissão. Tentava paliar com a revelação de uma consciência culpada, mas só lucrava outro pecado, e uma punição disfarçada. Dizia a verdade, e transformava-a na mais completa mentira.

Contudo, pela formação do seu caráter, amava a verdade e odiava a mentira, como poucos homens jamais o fizeram. Assim, pois, acima de tudo, tinha repugnância de si mesmo!

O distúrbio interior compeliu-o a práticas mais compatíveis com a velha e corrupta fé romana do que com a luz melhor da Igreja em que nascera e se educara. No quarto particular do Sr. Dimmesdale, havia um látego

ensanguentado. E, frequentemente, este sacerdote Protestante e Puritano brandia-o sobre os próprios ombros, gargalhando amargamente e flagelando-se com mais encarniçamento por causa desse amargo gargalhar. Também costumava jejuar, a exemplo de outros piedosos Puritanos: não, todavia, como eles, para purificar a carne e torná-la mais digna das claridades celestes, mas duramente, num ato de penitência, até que os joelhos lhe vacilassem sob o corpo.

Dava-se ainda a vigílias, noite após noite. Algumas vezes em completa escuridão; outras, com uma candeia bruxuleante; e outras fitando o espelho sobre o qual projetava a luz mais intensa que podia conseguir. Expressava deste modo a permanente introspecção com que se torturava, porém não lograva purificar-se.

Nessas vigílias prolongadas, muitas vezes o seu cérebro fraquejava e parecia que diante dele erguiam-se visões, umas difusamente reveladas no clarão mortiço que irradiavam na

treva carregada do aposento, outras mais nítidas e mais próximas, dentro do espelho. Agora era uma farândola de formas diabólicas rindo e zombando do sacerdote exangue e acenando-lhe para que as acompanhasse; depois, um grupo de anjos radiosos que se alçavam lentamente, como carregados de tristeza e se iam tornando mais etéreos à medida que subiam. Mais tarde vinham os amigos de infância, já mortos, e o pai, de barbas brancas, com uma cara repreensiva e bondosa, e a mãe, virando o rosto ao passar. Fantasma de mãe — a mais leve fantasia de mãe que ela fosse — creio que ainda teria lançado ao filho um olhar de compaixão! E por fim, no quarto que esses espectros tornavam tão pavoroso, deslizava Hester Prynne, conduzindo pela mão a pequena Pearl, vestida de vermelhe. E apontava primeiro para a letra escarlata do próprio seio, e depois para o peito do pastor.

Nenhum desses fantasmas o iludia completamente. A qualquer momento, por um esforço da vontade, era-lhe possível divisar matéria através da nevoenta ausência de substância, e convencer-se de que eles não eram concretos como a mesa de carvalho lavrado, ou o grande e sagrado livro quadrado, revestido de couro e enfeixado de bronze. Mas, mesmo assim, eram, num certo sentido, as coisas mais verdadeiras e tangíveis com que o infeliz podia lidar. A indizível desventura numa vida falsa como a sua é que ela rouba a seiva e a substância das realidades que nos cercam, e que o céu destinou à alegria e à nutrição do espírito. Para homem insincero, todo o universo é

abstrato — é impalpável — minguava-lhe nas mãos até desaparecerem. E ele próprio, a medida que se mostra por um prisma mentiroso — torna-se sombra, ou mesmo, deixa de existir. Os únicos elementos que continuavam proporcionando ao Sr. Dimmesdale uma existência real neste mundo eram a angústia do mais fundo da sua alma e o seu

indisfarçável reflexo no corpo físico. Pudessem ele encontrar energia para sorrir e mostrar uma cara alegre — e não seria aquele homem!

Numa dessas noites tormentosas de que demos uma pálida ideia, e de que nos abstermos de fornecer mais detalhes, o sacerdote saltou da cadeira, empolgado por uma nova ideia. Depois de vestir-se cuidadosamente, como para o culto público, e precisamente da mesma maneira, esgueirou-se devagarinho pela escada, abriu a porta — e saiu.

C A P Í T U L O X I I

A vigília do pastor

Caminhando numa penumbra de sonho e talvez sob a influência de uma espécie de sonambulismo, o Sr. Dimmesdale chegou ao local onde, fazia muito, Hester Prynne vivera as suas primeiras horas de degradação pública. A mesma plataforma do pelourinho, enegrecida e manchada pelos temporais e soalheiras de sete longos anos, e gasta pelos pés dos muitos culpados que desde então a haviam galgado, lá permanecia firme, sob a varanda do templo. O ministro subiu os degraus.

Era uma noite escura de começo de maio. Um pálio uniforme de nuvens velava toda a amplidão, do zênite ao horizonte. Se a mesma turba que ali estivera assistindo à punição de Hester Prynne pudesse naquele instante ser convocada, não teria distinguido nenhum rosto acima do tablado, nem mesmo os contornos de um corpo humano, na treva espessa da meia-noite. Mas a cidade estava adormecida. Não havia perigo de descoberta. Se lhe aprouvesse, o pastor poderia ficar ali até que a alvorada rompesse no nascente, sem outro risco senão o de que o ar úmido e frígido se insinuasse no seu organismo e lhe entravasse as juntas com reumatismo e carregasse a garganta com catarro e tosse — decepcionando, assim, o ansioso auditório da prece e do sermão matutinos.

Nenhum olho conseguiria vê-lo, a não ser aquele, sempre vigilante, que já o vira no gabinete, brandindo o chicote ensanguentado. Por que, então, fora até ali?

Aquilo não seria antes unia pantomima de penitência? Uma pantomima, em verdade, mas na qual a sua alma se comprazia! Uma pantomima a que os anjos coravam e choravam, enquanto os demônios se divertiam rindo com sarcasmo! Arrastara-o até ali a força do Remorso que o corroía todo, e cuja irmã e companheira inseparável era a Covardia que invariavelmente o puxava para trás, com a sua garra trêmula, sempre que o outro o colocava na iminência de uma revelação. Pobre, desventurado homem! Que direito tinha um fraco da sua espécie de se sobrecarregar com um crime? O crime é para os que possuem nervos de ferro, para os que podem escolher entre suportar lhe as consequências ou, se elas lhes pesam demasiado, devotar energias rígidas e bravias a um bom propósito, enxotando assim o Remorso! Aquele espírito, o mais débil e sensível dos espíritos, era incapaz de qualquer das duas coisas, embora continuamente fizesse uma e outra, entrelaçando numa mesma meada inextricável as aflições de

um desertor do céu e um arrependimento inofensivo.

Por isso, enquanto estava na plataforma, naquela inútil exibição expiatória, o Sr. Dimmesdale sentiu-se presa de um

grande horror, como se o universo estivesse fitando a letra escarlate do seu peito nu, bem em cima do coração. Nesse lugar, com efeito, agia — e de há muito — o afiado e venenoso dente da dor física.

Sem qualquer esforço da vontade, ou capacidade para se conter, o sacerdote gritou. Um grito que se foi desatando através da noite, de casa em casa, e ecoou nas colinas ao longe — como se uma legião de demônios, percebendo nele tanta desgraça e tanto terror, tivesse transformado o som em peteca e o estivesse atirando de um lado para outro.

— Pronto! — murmurou o sacerdote cobrindo o rosto com as mãos. A cidade inteira vai acordar e sair para a rua, e me encontrará aqui!

Todavia, isso não aconteceu. Talvez o grito houvesse soado mais forte aos seus próprios ouvidos atônitos. A cidade não acordou. Ou se o fez, os dorminhocos estremunhados consideraram o brado a resultante de algum pesadelo, ou do clamor das feiticeiras, cujas vozes, nesse tempo, eram ouvidas passando sobre povoados ou residências isoladas, como se, em companhia de Satanás, rolassem pelo ar em fora. Entretanto, não observando sinal de alteração, o sacerdote destapou os olhos e olhou em torno. Numa das sacadas de quarto da mansão do Governador Bellingham, que ficava a alguma distância, viu surgir o velho magistrado, em pessoa, com uma candeia na mão, um barrete branco na cabeça e o corpo envolto numa vasta camisa branca. Parecia um fantasma à

tolamente convocado do sepulcro. Era evidente que o grito o assustara. Em outra janela da mesma casa apareceu ainda a velha Senhora Hibbins, irmã do Governador, também com uma lâmpada que, mesmo tão à distância, revelava a expressão da sua face maligna e antipática. Espichou o pescoço para fora e espiou ansiosamente. Sem sombra de dúvida, a veneranda dona bruxa, tendo escutado o grito do Sr. Dimmesdale, interpretara-o, na sua multidão de ecos e refrações, como sendo o vozear dos demônios e das fúrias noturnas, com os quais era bem sabido que ela costumava fazer excursões pela floresta.

Mas, ao perceber o luzir da candeia do Governador Bellingham, apagou depressa a sua e sumiu. Possivelmente foi meter-se entre as nuvens. O sacerdote nada mais viu dos seus movimentos. O magistrado, depois de uma sisuda investigação na treva — em que, aliás, podia enxergar pouco mais do que se estivesse trancado num moinho — retirou-se da sacada.

O pastor sentiu-se relativamente calmo. Contudo, os seus olhos não tardaram em ser atraídos por uma luz vacilante que, a princípio muito longe, aproximava-se pela rua, projetando um clarão de reconhecimento, aqui num poste, ali numa cerca de jardim, ali na vidraça de uma janela, acolá numa porta arcada de carvalho com aldrava de ferro e um rude cepo à guisa de batente. O Reverendo Dimmesdale notava todas essas minúcias, embora convencido de que naqueles passos que

ouvia se ia definindo o destino da sua existência, de que dentro de poucos instantes aquela luz de lanterna cairia sobre ele e desvendaria o seu segredo longamente oculto. Quando a lanterna chegou perto, reconheceu, dentro do círculo luminoso, o seu irmão em sacerdócio — ou para falar mais detalhadamente, patrono profissional e amigo altamente valioso — o Reverendo Sr. Wilson que, segundo conjecturou, devia ter estado rezando à cabeceira de algum moribundo. De fato. O bom e velho ministro vinha do quarto de morte do Governador Winthrop, que naquele momento acabara de passar da terra para o céu. E agora, a exemplo das personagens santas dos tempos antigos, emoldurado num halo radioso que o glorificava dentro daquela noite de pecado — como se o Governador falecido lhe houvesse legado todo o seu esplendor, ou como se ele enquanto olhava daqui o triunfante viajor transpor os portões da cidade celeste, tivesse atraído a si todo o seu brilho distante — agora, em suma, o excelente Padre Wilson voltava para casa, esclarecendo os passos com um candeeiro aceso! A luz inquieta da lanterna sugeria aquelas imagens ao Sr. Dimmesdale, que sorriu — não, que quase riu — e depois ficou pensando se não havia enlouquecido.

Quando o Reverendo Sr. Wilson passou debaixo da plataforma, fechando com um braço a sua capa de Genebra e com o outro mantendo a candeia diante do peito, o ministro dificilmente se conteve para não falar: Boa noite para vós, venerável Padre Wilson!

Subi até aqui, eu vos peço, e passai comigo uma hora agradável!

Justos céus! O Sr. Dimmesdale falara mesmo? Por um momento acreditou que aquelas palavras lhe haviam atravessado os lábios. Mas tinham sido pronunciadas apenas na sua imaginação. O venerando Padre Wilson prosseguiu na marcha vagarosa, olhando cuidadosamente para o caminho enlameado e sem virar uma única vez o rosto para a plataforma do crime. Quando o clarão titubeante da lanterna já se esvaía ao longe, o pastor descobriu, pela exaustão que sentia, que aqueles últimos e breves momentos haviam sido um transe de terrível ansiedade, apesar da espécie de sinistra gaiatice com que o seu espírito

se esforçara por abrandá-lo.

Pouco depois, o mesmo gênero de humorismo macabro voltou a se impor entre os solenes fantasmas do seu pensamento. Sentindo os membros entorpecidos pela frialdade da noite, a que não estava habituado, o Sr. Dimmesdale começou a duvidar que fosse capaz de descer os degraus do tablado. A manhã chegaria, encontrando-o ali. Os vizinhos começariam a se levantar. O mais madrugador, saindo na claridade difusa do

alvorecer, perceberia, sobre o pedestal da vergonha, uma figura vagamente definida.

E, meio tonto, entre alarmado e curioso, iria, de porta em porta, chamando toda a gente para ver o espectro — como de certo haveria de supor que fosse — de algum criminoso defunto. Um sombrio tumulto bateria as asas de casa em casa. Então, a luz do sol já palpitando mais forte — os velhos patriarcas se ergueriam muito apressados, em camisas de flanela, e as senhoras nem teriam tempo para mudar as roupas de noite. Todo o bando de decorosos personagens, que até então não fora visto com um simples cabelo da cabeça arrepiado, irromperia à vista do público numa desarrumação de pesadelo. O velho Governador Bellingham surgiria severo, a gola à Rei Jaime abotoada às pressas; a Senhora Hibbins, com alguns gravetos da floresta dependurados das fraldas, e parecendo mais azeda do que nunca, como se não tivesse conseguido pregar olhe depois cia sua excursão noturna; e também o bom Padre Wilson, depois de despender metade da noite à cabeceira de um moribundo, e achando ruim ter sido arrancado assim tão cedo aos seus sonhos sobre a glória dos santos. Para ali, da mesma maneira, convergiriam as jovens donzelas que tanto idolatravam o seu pastor e que para ele tinham feito um escrínio dos alvos peitos que, no alvoroço e na confusão, quase não achavam tempo para cobrir com as fichas. Todo o povo, em suma, atropelaria portais em fora circulando o pelourinho de fisionomias convulsionadas de horror. E quem haveria de ver

ali, com a rubra luz da manhã na frente? Quem, senão o Reverendo Artur Dimmesdale, meio gelado para morrer, esmagado de vergonha, no lugar^o onde Hester Prynne estivera.

De repente, levado pelo grotesco pavor desse quadro — e para seu infinito pânico — o ministro caiu numa grande crise de gargalhadas. E o seu rir foi imediatamente respondido por um leve, jovial rir de criança, no qual, com um tremor no coração — mas sem saber se de dor estranha, ou de prazer intenso — o Sr. Dimmesdale reconheceu a entonação da pequena Pearl.

— Pearl! Pearl! — gritou depois de uma pausa.

E baixando a voz:

— Hester! Hester Prynne! És tu?

— Sim, é Hester Prynne! — replicou ela, num tom de surpresa. E o sacerdote ouviu os passos que se aproximavam pela calçada.

— Somos eu e a minha pequena Pearl!

— De onde vens, Hester? — perguntou o pastor. Que foste fazer?

— Venho da cabeceira de um moribundo — esclareceu Hester Prynne — da cabeceira do Governador Winthrop. Tornei-lhe as medidas para a mortalha, e agora vou para casa.

— Sobe até aqui, Hester. Tu e a pequena Pearl! — disse o Reverendo Sr. Dimmesdale. Já estivestes; aqui, mas não comigo. Vinde uma vez mais, e fiquemos os três juntos!

Ela galgou silenciosamente os degraus e postou-se na plataforma, segurando a pequena Pearl pela mão. O sacerdote procurou a outra mão da criança e tomou-a. No momento em que o fez, sentiu qualquer coisa parecida com um fluxo tumultuoso de vida nova, outra vida que não a sua, jorrando em torrente no seu coração e precipitando-se por todas as suas veias, como se o calor vital da mãe e da filha se estivesse comunicando ao seu organismo meio entorpecido. O trio formava uma cadeia elétrica.

— Padre! — sussurrou a menina.

— Que é, filha? — perguntou o Sr. Dimmesdale.

— Queres ficar aqui com mamãe e comigo, amanhã ao meio-dia? — perguntou Pearl.

— Não. Assim não, minha pequena Pearl — redarguiu o pastor.

Com a energia momentânea voltara-lhe o medo da exibição em público, que durante tanto tempo vinha sendo a angústia da sua vida. E já estava tremendo da situação em que — com esquisita alegria, aliás — se encontrava naquele

instante.

— Assim não, minha filha — repetiu. Ainda estarei assim contigo e tua mãe, mas outro dia, não amanhã.

Pearl riu e tentou tirar-lhe a mão. O sacerdote segurou-a, rápido.

— Um minuto mais, minha filha! — pediu.

— E prometes — insistiu a criança — segurar a minha mão e a mão de mamãe amanhã ao meio-dia?

— Amanhã não, disse ele. De outra vez.

— E quando? — indagou ela.

— No grande dia do julgamento — ciciou o ministro.

E, muito estranhamente, a consciência da sua condição de mestre profissional da verdade o impeliu a responder assim à criança:

— Então, e lá, diante da cátedra do julgador, tua mãe, eu e tu estaremos juntos. Mas a luz do dia deste mundo não deve surpreender o nosso encontro!

Pearl tornou a rir.

Antes, porém que o Sr. Dimmesdale acabasse de falar, um clarão rutilou, longínquo e vasto, por todo o céu embuçado. Tratava-se, sem dúvida, de um desses meteoros que os notívagos tantas vezes observam, fuzilando para se esvaírem nas regiões desertas da atmosfera. Tão potente era a sua luz que iluminou inteiramente o denso véu de nuvens entre o firmamento e a terra. O vácuo imenso brilhou como se fosse o bojo de uma lâmpada desmedida, iluminando a rua com a nitidez de um meio-dia, mas infundindo-lhe também a majestade de que as coisas se revestem quando submetidas a uma luz fulgurante. As rudes casas, com as suas sacadas salientes; as escadarias e soleiras, assediadas pela grama tenra; as leivas dos jardins, negras da umidade da terra revolvida; a estrada das carruagens, pouco usada e, mesmo na praça do mercado, margeada de capim — tudo se tornou visível, mas com uma singularidade de aspecto que parecia emprestar aos objetos deste mundo um significado moral que

eles jamais haviam tido antes. E ali estavam o sacerdote, com a mão no

coração; Hester Prynne, com a letra escarlate luzindo no peito; e a pequena Pearl, um símbolo, o traço de união entre os dois. Estavam sob o meio-dia do esplendor deslumbrante e solene, como se aquela fosse a luz reveladora de todos os segredos e a alvorada que deverá congrega todos os que se pertencem mutuamente.

Havia feitiço nos olhos da pequena Pearl. E o seu rosto, quando ela o ergueu para o pastor, tinha aquele sorriso zombeteiro que frequentemente lhe tornava a expressão tão singular. Retirando a mão da mão do Sr. Dimmesdale a menina apontou para a rua. Ele, porém, crispando os dedos no peito, desviou o olhar para o zênite.

Naquele tempo nada mais comum do que se interpretar como advertências de origem sobrenatural as ocorrências de meteoros ou de outros fenômenos naturais menos regulares do que o nascer do sol e da lua. Assim, uma lança de fogo, uma espada flamejante, um arco, ou um feixe de setas, vistos no céu da meia-noite, prenunciavam guerra com os índios. Sabia-se que a peste era anunciada por uma aura de luz carmesim. Duvidamos que qualquer acontecimento marcante, bom ou mau, se tenha verificado na Nova Inglaterra, desde a fundação até a época Revolucionária, sem que os habitantes já não

estivessem avisados por um espetáculo dessa natureza. Não raro, era visto por multidões. Mais frequentemente, porém, a sua credibilidade repousava na fé de alguma testemunha isolada, que o assistira através do instrumento colorido, ampliador e deformador da própria imaginação. Era realmente grandiosa, a ideia de que os destinos das nações fossem anunciados por esses terríveis hieróglifos na abóbada do céu.

Um papel tão vasto não parecia excessivamente vasto para que a Providência escrevesse nele o destino do povo. Entre os nossos antepassados constituía uma crença favorita, essa de que a comunidade nascente estava sob uma guarda celestial particularmente vigilante e rigorosa. Mas que devemos concluir quando um indivíduo considera endereçada exclusivamente a si uma revelação escrita em tão amplo pergaminho? Nesse caso só pode tratar-se de um sintoma de grave distúrbio mental de alguém que, morbidamente introvertido por um sofrimento longo, intenso e secreto, terminou por estender o seu egoísmo por sobre toda a vastidão da Natureza, de tal forma que o próprio firmamento não lhe parece mais do que uma página adequada para a história da sua alma e do seu destino!

Só atribuímos, pois, e unicamente, à perturbação da vista e das emoções o fato

de ter o pastor, olhando para cima, para o zênite, surpreendido o aparecimento de uma letra imensa — a letra A — gravada no céu em linhas de luz rubra e triste.

Não que o meteoro se não estivesse mostrando assim, luzindo sinistramente através do véu de nuvens. Mas não assumia a forma que aquela consciência culpada lhe atribuíra. Ou, pejo menos, se o fez foi tão vagamente que outra consciência culpada teria visto nele um símbolo diferente.

Uma circunstância singular caracterizava, no momento, o estado psicológico do Sr. Dimmesdale. Durante todo o tempo em que permaneceu fitando o céu, sentiu, simultaneamente, a certeza perfeita de que a pequena Pearl estava apontando com o dedo para o velho Roger Chillingworth, que se postara a certa distância da plataforma. Parece que o ministro o via com o mesmo olhar com que divisara a letra miraculosa. Às feições do doutor, como a todas as outras coisas, a luz meteórica emprestava uma expressão insólita. Também podia ser que ali ele negligenciasse a cautela, observada nas demais ocasiões, de esconder a malevolência com que fitava a sua vítima. É claro que se o fenômeno iluminava o céu e desvendava a terra com uma terribilidade que sugeria a Hester Prynne e ao pastor o dia do julgamento, bem podia ser que Roger Chillingworth representasse aos olhos de ambos o maior demônio, ali a postos, sorrindo ameaçador na reivindicação da sua posse. Tão vívida era a sua expressão, ou tão intensa foi a sensação deixada no sacerdote, que lhe pareceu que ela continuava

gravada na treva depois que o meteoro se apagou, dando a impressão do aniquilamento definitivo da tua e de tudo mais.

— Quem é este homem, Hester? — regougou o Sr. Dimmesdale, cheio de terror. Tremo ao vê-lo! Conheces este homem? Odeio-o, Hester!

Ela se lembrou do juramento e calou-se.

— Digo-te, minha alma treme ao vê-lo! — rosnou novamente o sacerdote. Quem é ele? Quem é ele? Não me podes ajudar? Tenho um horror inexprimível a este homem!

— Pastor — disse a pequena Pearl — eu te posso dizer quem ele é.

— Depressa, então, filha! — urgiu o Sr. Dimmesdale, chegando o ouvido aos lábios da menina. Depressa!... E o mais baixinho que puderes!

Pearl cochichou qualquer coisa que soou realmente como linguagem humana, mas não passava da algaravia, com que as crianças se divertem quando estão

brincando juntas. Se revelou, entretanto, alguma informação secreta a respeito do velho Roger Chillingworth, foi numa língua desconhecida do erudito ministro e não adiantou senão para

exacerbar a perturbação do seu espírito. Feito isso, a esquisita criança riu alto.

— Estás zombando de mim? — perguntou-lhe o pastor.

— Tu não tens coragem!... Tu não és sincero!... — Retrucou ela. Não quiseste prometer segurar a minha mão e a de mamãe amanhã ao meio-dia!

— Digno senhor — falou o médico, que chegara ao pé da plataforma. Piedoso Sr. Dimmesdale, sereis vós? Bem, bem, é mesmo! Nós, os homens de estudo, que andamos com a cabeça nos livros, necessitamos de uma grande vigilância! Sonhamos acordados e caminhamos dormindo! Vinde, bom senhor e querido amigo, vinde, eu vos peço. Consenti que eu vos leve para casa!

— Eu estava aqui? — perguntou o sacerdote, apavorando.

— Verdadeiramente, e em boa-fé, — explicou Roger Chillingworth — eu não sabia de nada. Levei a maior parte da noite ao lado do digníssimo Governador Winthrop, fazendo em seu benefício o melhor que a minha fraca habilidade podia. Ele partiu para um mundo melhor, e eu também estava no caminho de casa quando essa estranha luz surgiu no céu. Vinde comigo, Reverendo Senhor, senão ficareis bem pouco capaz de cumprir o dever do Sábado, amanhã. Ah!

Vede como os livros nos perturbam a cabeça. Esses livros! Esses livros! Precisaís de menos estudo e mais distração, caro senhor! Senão essas venetas noturnas tomarão conta de vós!

— Irei convosco para casa — disse o ministro.

Numa atitude de autômato, como alguém que acordasse todo sem nervos de um sonho mal, caminhou para o médico e deixou-se conduzir.

Todavia, no dia seguinte, Sábado, pregou um sermão que foi considerado o mais substancioso, o mais potente, o mais ungido de influências celestes que já saíra dos seus lábios. Almas, dizem que mais de uma, foram encaminhadas à verdade pela eficácia desse sermão e juraram consigo mesmas dedicar ao Sr.

Dimmesdale uma sagrada e perene gratidão. Entretanto, quando o Sr. Dimmesdale descia os degraus do púlpito, o velho coveiro foi-lhe ao encontro, agitando uma luva preta que ele reconheceu como sua.

— Isto foi encontrado esta manhã — disse o coveiro — na plataforma onde os crimes são expostos à execração pública. Acho que Satanás jogou isto ali tentando um ato aviltante contra Vossa Reverência! Mas na verdade estava cego e louco,

como sempre foi o sempre será! Mãos puras não precisam de luvas para cobri-las!

— Obrigado, bom amigo — disse o sacerdote gravemente, mas com o coração em suspenso, porque as suas recordações eram tão confusas que ele quase encarava os fatos da noite passada como simples visões. — Sim, parece que é mesmo a minha luva!

— E desde que Satanás achou conveniente fazer isso, de agora por diante Vossa Reverência deve espancá-lo sem luvas!

— sugeriu o ancião, sorrindo ironicamente. E Vossa Reverência ouviu falar do portentoso que foi visto a noite passada? Uma grande letra no céu — a letra A, que nós achamos que significa Anjo? Porque, como o nosso bom Governador Winthrop se tornou anjo a noite passada, é claro que tinha de haver algum aviso do fato!

— Não — respondeu o pastor. Não ouvi falar do assunto.

C A P Í T U L O XIII

Outro aspecto de Hester

Na sua última e singular entrevista com o Sr. Dimmesdale, Hester Prynne impressionara-se com o estado a que o vira reduzido. Os nervos do jovem ministro pareciam inteiramente arrasados. A sua força moral tinha descido a um nível mais baixo do que o da fraqueza infantil. O pastor jazia por terra, desamparado, embora as suas faculdades mentais conservassem a energia antiga, ou melhor, tivessem adquirido uma vibração mórbida, que só a moléstia lhe poderia transmitir. Conhecendo um conjunto de circunstâncias que vivia oculto aos demais, Hester pôde inferir imediatamente que, além da ação natural da consciência, um terrível mecanismo estivera e continuava solapando a sua saúde e a sua tranquilidade. E sabendo o que fora antes aquele pobre, destroçado homem, toda a sua alma se comoveu ao recordar o tiritante terror com que ele apelara para ela — mulher banida — pedindo-lhe arrimo contra o inimigo instintivamente descoberto. Decidiu, além disso, que o pastor tinha direito à sua inteira solidariedade. Pouco acostumada, devido à longa segregação da sociedade, a bitolar por qualquer padrão exterior o conceito do certo ou do errado, Hester viu — ou

supôs ver — que, no caso do Sr. Dimmesdale, cabia-lhe uma responsabilidade que ela não devia a nenhum outro ser, nem também a todo o mundo. Os elos que a prendiam ao resto da humanidade — elos de flores, de seda ou de ouro, ou do que fosse — tinham sido quebrados. Mas ali havia o elo de ferro de um crime perpetrado em conjunto, que nem ele nem ela podiam partir. Como todos os demais laços, aquele implicava em compromissos. Agora Hester Prynne não ocupava exatamente a mesma situação em que a vimos nos primeiros períodos da sua humilhação. Pearl já estava com sete anos. E a mãe, com a letra escarlate fulgindo em fantásticos bordados no seio, há muito se tomara um objeto familiar à população.

Como pode suceder quando alguém permanece em destaque ante a comunidade e, ao mesmo tempo, abdica de interferir nas questões e nas conveniências públicas ou privadas, crescera afinal em torno da proscrita uma certa simpatia. Lance-se ao crédito da espécie humana o fato de que, exceto quando o seu egoísmo está em jogo, ela ama com mais facilidade do que odeia. O ódio, por um processo gradual e sereno, será sempre transformado em estima, a menos que a mudança seja impedida por uma irritação sempre renovada do primeiro sentimento de hostilidade. No caso de Hester Prynne não havia nem irritação

nem aborrecimento. Ela jamais hostilizava a coletividade. Ao contrário, submetia-se resignadamente aos seus piores tratos.

Jamais a acusava pelo que sofria. Nunca lhe decepçionava a benevolência. Já então, também, a irrepreensível pureza da sua vida durante todos aqueles anos em que fora votada à infâmia era largamente considerada em seu favor. Sem ter nada o que perder em relação à humanidade, sem esperança, e aparentemente sem ambição de conquistar fosse o que fosse, só mesmo uma autêntica inclinação para a virtude poderia ter feito a caminhante transviada voltar sobre o próprio rastro.

Notava-se ainda mais que, ao passo que Hester Prynne não demonstrava sequer o mais humilde desejo de participação nos privilégios do mundo — a não ser o de respirar o ar comum e o de ganhar diariamente, com o trabalho confiante das suas mãos, o pão para Pearl e para si — estava sempre pronta a reconhecer a sua fraternidade com a espécie onde quer que se tomasse necessária a prática do bem. Ninguém tão solícito em contribuir com uma pequena ajuda à indigência, embora o pobre amargurado recompensasse com um motejo a comida levada regularmente à sua porta, ou as roupas costuradas para ele por aqueles dedos que poderiam ter bordado o manto de um Rei. Ninguém tão devotado quando a peste irrompia na cidade.

Em todas as situações de calamidade, individual ou coletiva, a enxotada da sociedade encontrava imediatamente o seu posto. Não era como visita, mas como um habitante de pleno direito, que penetrava nos lares que a infelicidade sombreava — como se a penumbra da desventura fosse o ambiente em que ela

possuísse credenciais para continuar mantendo contato com os seus semelhantes. Ali a letra escarlata brilhava plenamente no seu brilho extraterreno. Além de símbolo do pecado era o círio do quarto da agonia. No último instante dos moribundos, lançava sempre os seus raios na borda do infinito. Mostrava-lhes onde pôr o pé, quando a luz da terra se esvaía rapidamente, e a do futuro ainda não os podia alcançar. Nessas emergências a natureza de Hester expandia-se, cálida e rica, fonte abundante de ternura humana, infalível a cada solicitação, e inesgotável por mais ampla que ela fosse. O seu seio, com o degradante estigma, não era senão o travesseiro para a cabeça que necessitasse de um. Tinha-se ordenado a si mesma Irmã de Caridade. Ou, devemos antes dizer, a pesada mão do mundo a ordenara, quando nem ele nem ela previam os resultados. A letra era o emblema da sua profissão. Encontrava-se nela tanto arrimo, tanta capacidade de servir e de se compadecer — que muitas pessoas se recusavam a dar ao “A” a sua primitiva significação. Diziam que ele significava AMIGA. Tão forte era Hester Prynne com uma força de mulher.

Só os lares obscurecidos podiam contê-la. Quando o sol tornava a brilhar, ela já não estava presente: a sua sombra se havia filtrado pelos umbrais. A visita prestimosa partira, sem volver um olhar em busca de gratidão — se gratidão houvesse — daqueles a que servira com tanto zelo. Encontrando-os na rua, jamais levantava a cabeça para lhes receber o

cumprimento. E se alguns eram bastante resolutos para se aproximar, ela indicava com o dedo a letra escarlata, e passava. Isso podia ser orgulho, mas se parecia tanto com humildade, que de humildade produzia o efeito no espírito público. O povo tem um temperamento despótico. E capaz de recusar justiça comum, quando reivindicada vigorosamente como um direito. Mas quase sempre concede mais do que justiça, quando a petição é em adereçada, como os déspotas gostam que se faça, exclusivamente à sua generosidade. Interpretando o comportamento de Hester Prynne como um apelo desse gênero, a sociedade sentia-se inclinada a adotar para com a sua antiga vítima uma atitude mais benigna do que ela imaginara, ou, talvez, merecesse.

Os administradores e os cidadãos esclarecidos e cultos da comunidade levaram mais tempo do que a plebe em reconhecer as suas qualidades. Os preconceitos que partilhavam com a massa eram, neles, fortificados por uma férrea estrutura ideológica, que tornava mais difícil extirpá-los. Mas, dia a dia, as austeras e duras rugas se foram desfazendo em qualquer coisa que, com o correr dos anos, pôde se tornar uma expressão de quase benevolência. Assim acontecia com os homens de posição, a quem a elevada categoria impunha a guarda da moral pública. Entretanto os indivíduos da vida burguesa tinham perdoado inteiramente a leviandade de Hester Prynne. Mais do que isto. Começaram a olhar a letra escarlata não como um símbolo do pecado pelo qual ela

suportara uma penitência tão longa e lacerante, porém como símbolo dos muitos benefícios que ela praticara desde então.

— Vedes aquela mulher com uma insígnia bordada? — diziam aos estrangeiros. E a nossa Hester, a nossa Hester que é tão boa para os pobres, tão desvelada com os doentes, tão confortadora para os aflitos!

É verdade que, depois, a propensão que a humanidade tem de denunciar o pior de si mesma quando esse pior está personificado em outra pessoa, os impelia a cochichar-lhes o negro escândalo dos anos idos. Mas também não é menos exato que, aos olhos das próprias pessoas que assim falavam, a letra escarlata era como um crucifixo num peito de monja. Emprestava à portadora uma espécie de inviolabilidade que lhe permitia caminhar ilesa entre os perigos. Se Hester

Prynne tivesse caído entre bandidos, estaria em segurança. Dizia-se, e muitos acreditavam, que certa vez um índio disparara uma flecha contra o símbolo: o arremesso atingira o alvo, mas tombara, inofensivo.

O efeito do estigma melhor, da situação que ele lhe assinalava na sociedade — fora poderoso e singular no ânimo de Hester Prynne. Toda a leve e graciosa folhagem do seu espírito tinha sido crestada pelo ferrete, e de há muito caíra, deixando uma silhueta nua e rude, que seria repulsiva se ela possuísse amigos ou companheiros para repeli-la. E a sua sedução pessoal

também sofrera uma transformação idêntica. Isso podia ser devido, parte à estudada austeridade dos seus vestidos, e parte à descrição das suas maneiras. Triste era também a transformação que havia sofrido os seus cabelos ricos e luxuriantes, inteiramente cortados ou tão ocultos sob o chapéu que nem um dos lustrosos cachos luzia à luz do sol. Por todas essas causas, mas principalmente por outra coisa mais, parecia já não existir no rosto de Hester nada em que o amor pudesse pousar. E nas formas de Hester, embora esplêndidas e de estatuária, nada que a Paixão pudesse conter num abraço. E no seio de Hester, nada que algum dia o. fizesse voltar a ser o regaço do Afeto. Tinham-na abandonado tributos essenciais à conservação da mulher. E esse, frequentemente, o destino, e esse é q rígido fim do corpo e da alma femininos quando a mulher encontra e atravessa um transe de brutalidade incomum. Se é toda ternura, perece. Se sobrevive, vê a meiguice banida de si, ou — o que aparentemente dá na mesma tão profundamente recalcada no seu coração que nunca mais poderá voltar à tona. A última teoria é talvez a verdadeira. Aquela que uma vez foi mulher, e deixou de o ser, só pode voltar a sê-lo se houver um toque que realize a transfiguração. Veremos se Hester Prynne será assim tocada e assim transfigurada.

Muito da frieza marmórea de que ela dava a impressão devia ser atribuída à circunstância de que a sua vida passara da paixão e do sentimento para a meditação. Sozinha no mundo —

sozinha quanto a qualquer ligação com a sociedade, e tendo a pequena Pearl para guiar e proteger — sozinha e desesperançada de reconquistar a sua antiga situação, ainda que a não desdenhasse — sacudira para longe pedaços de uns grilhões quebrados. Para o seu espírito a lei do mundo não era lei. Estava-se numa época em que a inteligência humana, recentemente emancipada, conquistara um papel mais ativo e mais amplo do que o desempenhado nos muitos séculos anteriores. Os homens da espada haviam deposto nobres e reis. Homens mais bravos tinham derrubado e reformado — não praticamente, mas na teoria, seu campo natural — todo o velho sistema de preconceitos que tanto peava a educação antiga.

Hester Prynne

deixou-se embeber dessa orientação. Assumiu a liberdade de análise, já muito comum do outro lado do Atlântico, mas que, se descoberta pelos nossos antepassados, teria constituído para eles um crime mais funesto do que o que a letra escarlate estigmatizava. Na cabana solitária, à beira-mar, visitavam-na pensamentos que se não atreviam a penetrar em outra residência da Nova Inglaterra, sinistros visitantes cuja companhia seria perigosa como a de demônios, se consentissem ao menos que eles batessem às portas.

É assinalável que os mais audaciosos na meditação muitas vezes se comportam com absoluta serenidade em face das exigências sociais da comunidade. O pensamento basta-lhes,

sem que se invista da carne e do sangue da ação. Assim parecia acontecer com Hester Prynne. Não tivesse recebido a pequena Pearl do mundo espiritual e tudo seria diferente. Nesse caso talvez nos aparecesse na história ombro a ombro com Anne Hutchinsón, como fundadora de uma seita religiosa. Numa das suas fases, podia ter sido profetisa. Podia — e decerto isso aconteceria — ser condenada à morte pelos inevitáveis tribunais da época, por tentativa de desagregação dos alicerces da fundação Puritana. Mas, na educação da filha, o entusiasmo da mãe encontrava onde se exercer. A Providência havia confiado a Hester o germe e a floração de uma mulher que devia ser cultivada e se desenvolver por entre dificuldades. Tudo era contra ela. O mundo lhe era hostil. O próprio gênio da criança apresentava qualquer coisa de excêntrico a indicar constantemente que ela nascera diferente — a emanção de um amor ilegal — e muitas vezes obrigava Hester a se perguntar se era para mal ou para bem que aquela pobre criaturinha tinha vindo.

Na verdade, a mesma apreensiva interrogação se erguia no seu espírito a propósito de todo o sexo feminino. Mesmo para as mais felizes a vida seria digna de ser vivida? Quanto a si, há muito tempo respondera pela negativa, e abandonara a cogitação como caso resolvido. A tendência para a reflexão, embora torne a mulher calma, como faz com os homens, entristece-a. Parece que ela vê diante de si uma tarefa desesperada. Antes de tudo, é preciso que todo o sistema

social seja subvertido, e edificado outro. Depois o próprio caráter do sexo oposto, ou seu hábito, que vem de longe, que se fez comei que natureza, precisa de ser essencialmente modificado, antes que se permita à mulher assumir o que parece uma posição justa e adequada. E ainda assim, removidas todas as demais dificuldades, ela não poderá colher os benefícios dessas reformas preliminares enquanto não passar por uma transformação mais profunda, durante a qual talvez se veja evaporar a essência etérea em que se condensa o mais autêntico da sua existência. Uma mulher jamais domina estes problemas pelo

exercício do pensamento. São insolúveis, ou só têm uma solução. E se acontece que o coração feminino se sobrepõe a eles, desaparecem. Assim Hester Prynne, cujo coração perdera o ritmo regular e sadio, vagava sem um anelo no negro labirinto da alma: ora caminhando para uma escarpa inabordável, ora recuando de um vórtice profundo. Em torno dela tudo era perspectiva agra e lúgubre onde não havia lar nem conforto.

Às vezes uma temerosa dúvida lutava por se apoderar da sua alma: não fora melhor mandar logo a pequena Pearl para o céu e ir ao encontro do futuro que lhe estivesse reservado pela justiça Eterna?

A letra escarlate não produzira efeito.

Agora, entretanto, a sua entrevista com o Sr. Dimmesdale, na noite da vigília, tinha lhe proporcionado um novo tema de reflexão e acenava-lhe com um objetivo cuja conquista lhe parecia digna de qualquer esforço e sacrifício. Ela testemunhara a lacerante desgraça em que o ministro se debatia ou, para dizer melhor, em que já deixara de se debater. Via que ele estava nas raias da loucura, se ainda não as havia transposto. Não restava mais dúvida de que, fosse qual fosse a eficácia que pudesse residir no secreto aguilhão do remorso, um veneno mais mortal fora-lhe adicionado pela mão que oferecia alívio. Um inimigo oculto estivera constantemente ao seu lado, sob o disfarce de amigos e protetor, e se tinha aproveitado das oportunidades que assim se lhe ofereciam para corromper as delicadas fontes da sua emotividade. Hester não podia deixar de se perguntar se, desde o início, não houvera da sua parte falta de sinceridade, de coragem e de lealdade, em permitir que o sacerdote fosse levado a um passo de que se podia esperar tudo de mau e nada de bom. A única justificativa estava no fato de que não lhe tinha sido possível encontrar, para salvá-lo de uma ruína pior do que a sua, outro recurso senão o de concordar com o plano de disfarce de Roger Chillingworth. Sob essa pressão fizera a escolha e adotara, como agora lhe parecia, a pior das alternativas. Resolveu reparar o erro, tanto quanto pudesse.

Enrijada por anos de rude e solene provação, já se não sentia tão incapaz de enfrentar o doutor, como naquela noite em que, aviltada pelo pecado e quase louca de humilhação, os dois se encontraram na célula do presídio. Desde então ela abrira o caminho para uma situação mais elevada. Além disso, pela vingança a que descera, Roger Chillingworth se tinha colocado no seu nível, ou talvez abaixo dele.

Em suma, Hester Prynne decidiu procurar o antigo marido e fazer o que

estivesse nas suas forças para redimir a vítima sobre a qual ele havia tão evidentemente lançado a garra. A oportunidade não tardou. Uma tarde, passeando com Pearl num ponto afastado da península, viu o velho doutor, com uma cesta num braço e um cajado na mão, caminhando curvado, à procura de ervas e raízes para as suas mezinhas.

C A P Í T U L O XIV

Hester e o médico

Ester mandou que a pequena Pearl fosse correr na praia e brincar com as conchas e com sargaços enquanto ela conversasse com o colecionador de ervas. A menina partiu como um pássaro e, descalçando os pequeninos pés alvos, começou a chapinhar na areia molhada. Aqui e acolá parava e debruçava-se curiosa para um poço que a mare vazante lhe deixara como espelho. De dentro do poço espiava- a, de cabelos negros e cacheados e com um sorriso brejeiro nos olhos, a imagem de uma criaturinha arque ela, não tendo outra companheira de folgado, acenava para que lhe tomasse a mão e se divertissem juntas. A menina do poço, por seu turno, gesticulava da mesma forma, como se estivesse dizendo:

— Aqui é melhor! Vem para cá!

E Pearl, avançando, com as pernas meio mergulhadas, mirava os pezinhos brancos, enquanto., na água ainda rasa, palpitava o brilho de uma espécie de sorriso fragmentário flutuando para lá e para cá nas muretas.

Nesse ínterim Hester Prynne chegava junto do médico.

— Desejava uma palavra com o senhor — disse. Uma palavra que muito nos interessa.

— Ah! É a Senhora Hester quem tem uma palavra para o velho Roger Chillingworth? — respondeu ele, endireitando o corpo. De todo o coração! Em toda parte, ouço boas notícias vossas! Ainda na tarde de ontem um magistrado, um sábio e santo homem, discorreu sobre os vossos negócios, Sra Hester, e me revelou que houve discussão a vosso respeito, no conselho. Debateu-se se podia ou não, sem perigo para o bem-estar da comunidade, tirar do vosso peito esta letra escarlata. Juro pela minha vida, Hester, que supliquei ao magistrado que a tirassem imediatamente!

— Não está na vontade dos magistrados retirar daqui este símbolo — replicou serenamente Hester. Fosse eu digna de me livrar dele, e ele perderia a expressão ou passaria a significar outra coisa.

— Pois se vos apraz, usai-o — disse o doutor. Uma mulher precisa satisfazer a

própria fantasia, no tocante ao adorno da sua pessoa. A letra está alegremente bordada e brilha bravamente no vosso peito!

Durante esse tempo Hester encarara firmemente o velho. E estava impressionada e dorida com a mudança que se operara

nele naqueles sete anos. Não era que tivesse envelhecido demasiado, pois embora fossem visíveis os rastros da vida que avançava, o seu físico estava de acordo com a idade e parecia conservar um vigor trepidante e alerta. Mas o antigo aspecto de intelectual e de homem estudioso, calmo e calado, que era o que ela mais recordava dele, tinha desaparecido inteiramente e fora substituído por um ar inquieto, inquiridor, quase feroz, apesar de cuidadosamente disfarçado. Parecia que o seu desejo e propósito eram mascarar esta expressão com um sorriso. O sorriso, entretanto, brilhava falso e passava-lhe pelo rosto tão sarcástico que por ele o observador podia avaliar ainda melhor a sua amargura. De quando em quando, também, os seus olhos despediam um clarão rubro, como se a alma incendiada, queimando secretamente dentro do peito, se erguesse em labaredas fugazes a cada sopro casual de paixão. Ele o reprimia o mais ligeiro possível e esforçava-se por se comportar como se nada houvesse acontecido.

Numa palavra, o velho Roger Chillingworth era a prova estarrecidora da faculdade que um homem possui de se transformar em demônio se, durante um certo espaço de tempo, pretende desempenhar um papel demoníaco. Devotando-se, por sete anos, à análise constante de um coração cheio de tortura, e tirando daí a sua alegria, e alimentando os sofrimentos crus que analisava e em que se cevava — que transformação tinha sofrido o infeliz!

A letra escarlate luzia no seio de Hester Prynne. Ali estava outra ruína cuja responsabilidade, em parte, lhe cabia.

— Que é que vedes no meu rosto que olhais tão sérios para ele? — perguntou-lhe o médico.

— Uma coisa que me faria chorar, se eu ainda tivesse lágrimas bastante amargas

— respondeu ela. Mas deixemos isto! É sobre aquele infeliz que desejo falar.

— E que tem ele? — acudiu Roger Chillingworth, veemente, como se gostasse do assunto e tivesse prazer em discuti-lo com a única pessoa de quem podia fazer uma confidente. Paia não esconder a verdade, Senhora Hester, acontece que eu estava pensando precisamente nesse cavalheiro! Falai, pois, francamente.

Responderei.

— Quando conversamos pela última vez, faz agora sete anos — disse Hester Prynne — tivestes a satisfação de extorquir de mim um compromisso de segredo, no que se refere às nossas antigas relações. Como tínheis nas mãos a reputação do homem de quem vos falo, pareceu-me que não havia outra coisa a escolher, a não ser o silêncio, de acordo com os vossos

desejos. Entretanto, não foi sem grande apreensão que eu assim me prendia, pois, tendo-me desfeito de todos os deveres para com os seres humanos, ficara-me um dever para com ele. E alguma coisa me sussurrava, quando me decidi a ceder à vossa exigência, que eu o estava traindo. Desde então, ninguém como vós tem permanecido mais perto do infeliz. Vós lhe seguís todos os passos. Estais sempre ao seu lado, dormindo ou acordado. Vós lhe investigais os pensamentos. Vós lhe estais rasgando, ulcerando o coração. Tendes a sua existência como presa, e dia a dia o fazeis morrer de uma morte viva. E ele vos não conhece. Perdoai-me, porém, desempenhei um papel insincero em benefício do único homem que teve o poder de me fazer deixar de ser leal!

— Que vos restava escolher? — perguntou Roger Chillingworth. Meu dedo, apontado para aquele homem, tê-lo precipitado do púlpito num abismo e, de lá, talvez no patíbulo!

— Fora melhor assim! — disse Hester Prynne.

— Que mal lhe fiz? — tornou a perguntar Roger Chillingworth. Eu te digo, Hester, a mais rica recompensa que um médico já tenha recebido de um monarca não poderia pagar o cuidado que venho dispensando aquele miserável padre!

Sem o meu desvelo, a vida se lhe teria consumido em tormentos nos dois primeiros anos que se seguiram ao seu crime, e ao teu. Porque, Hester, o seu espírito não possui o vigor

que lhe permitiria, como fez o teu, reagir sob uma carga como a tua letra escarlata. Oh, eu te podia revelar uma boa notícia. Mas basta! Venho esgotando nele todos os recursos da arte. Se ainda respira e anda na terra, deve-o a mim!

— Fora melhor que ele tivesse morrido logo! — repetiu Hester.

— Sim, mulher! Tu disseste a verdade! — exclamou Roger Chillingworth, despedindo pelos olhos o fogo lívido do seu coração. Antes ele tivesse morrido logo! Nunca um mortal sofreu o que esse homem tem sofrido! E tudo, tudo, à

vista do seu pior inimigo. Ele tinha consciência disso. Vinha sentindo sobre si uma influência inevitável, como uma maldição. Sabia, por algum sentido espiritual — porque o Criador jamais fez um ser tão sensível como esse — que não era amiga a mão que lhe repuxava as fibras do coração, e que um olho que o observava curiosamente só procurava o mal, e o havia encontrado. Não sabia, entretanto, que essa mão e esse olhar eram os meus! Com a superstição comum à confraria, acreditou-se à mercê de um demônio, para ser torturado com sonhos pavorosos, com pensamentos terríveis, com a desesperança do perdão. Tudo, porém, era a sombra constante da minha presença! A proximidade mais próxima do homem a quem ele aniquilara vilmente e que só tem conseguido viver por

esse veneno eterno da mais hedionda vingança! Sim, com efeito! Não se enganou! Um demônio o acotovelava! Um mortal, que já possuía um coração humano, transformara-se em demônio somente para torturá-lo!

Enquanto pronunciava estas palavras, o desventurado cientista estendia as mãos, num gesto de pavor, como se estivesse vendo algum vulto monstruoso e irreconhecível usurpando o lugar da sua imagem num espelho. Estava num desses momentos — que ocorrem bem poucas vezes no intervalo de anos — em que a fisionomia moral do indivíduo é fielmente revelada aos olhos do seu espírito. De certo Roger Chillingworth jamais se vira como se estava vendo naquele instante.

— Já não o torturaste o bastante? — perguntou Hester, notando a expressão do velho. Ele já não te pagou tudo?

— Não! Não! Só conseguiu aumentar a dívida! — respondeu o doutor.

E, quando prosseguiu, os seus traços haviam perdido as características mais ferozes e esbatiam-se em melancolia.

— Lembras-te de mim há nove anos, Hester? Então já eu estava no outono da vida, e não era um outono prematuro. Mas toda a minha existência se construía de anos e anos austeros, estudiosos, pensativos e tranquilos, dedicados confiantemente ao aumento dos meus conhecimentos e confiantemente, também, embora esse último objetivo não fosse senão um

feito do outro — ao desenvolvimento do bem-estar humano. Não havia vida mais pacífica e inocente do que a minha, poucas seriam tão pródigas de benefícios. Lembras-te de mim? Eu não era, embora me possas considerar frio, um homem preocupado com os outros, querendo pouco para si, bom, sincero e justo, e de afeições constantes,

apesar de discretas? Eu não era assim?

— Assim, é ainda melhor — concordou Hester.

— E que sou agora? — perguntou ele, fitando-lhe o rosto e deixando que toda a maldade que trazia em si se lhe estampasse na fisionomia. Já te disse o que sou. Um demônio! Quem me transformou em demônio?

— Eu! — exclamou Hester, estremecendo. Fui eu, não menos do que ele! E por que não te vingaste em mim?

— Deixei-te para a letra escarlata — replicou Roger Chillingworth. Se ela não me vingou, eu não poderia fazer mais! E, sorrindo, indicou a letra com o dedo.

— Ela te vingou! — respondeu Hester Prynne.

— Também acho — declarou o médico. E agora, que deseavas de mim falando- me a respeito daquele homem?

— Vou revelar-lhe o segredo — respondeu Hester com firmeza. Ele precisa de te conhecer no teu verdadeiro caráter. Qual será o resultado, não sei. Mas essa longa dívida de lealdade, que tenho para com ele, de quem fui o flagelo e a ruína, deve ser paga afinal. Quanto ao desmoronamento ou à conservação do seu conceito, da sua posição no mundo e, talvez até da sua vida, isso está em tuas mãos. Eu — a quem a letra escarlata disciplinou para a verdade, embora seja a verdade de um ferro candente penetrando na alma — não percebo vantagem em que me avilte a implorar a tua clemência para que ele continue a viver uma existência de pavorosa ignorância. Faze com ele o que quiseres! Não há bem para ele... nem bem para mim... nem bem para ti... Não há bem para a pequena Pearl! Não há saída que nos tire desse negro abismo!

— Mulher, eu me poderia apiedar de ti! — disse Roger Chillingworth, sem dominar um estremecimento de admiração, porque havia, no desespero com que ela se exprimira, um traço de quase majestade. — Possuis grandes dotes. Se, por acaso, houvesse encontrado antes um amor melhor do que o meu, este mal não teria acontecido. Eu te lamento, pelo bem que está perdido em tua natureza!

— E eu a ti — respondeu Hester Prynne — pelo ódio que transformou em

demônio um homem sábio e justo. Queres bani-lo de ti, queres voltar a ser um ente humano? Senão por causa dele, então sem dúvida por tua própria causa! Perdoa e deixa a punição futura ao Poder que pode aplicá-la! Eu disse há pouco que não haverá bem para ele, para ti ou para mim, que aqui vagamos juntos neste escuro labirinto do crime, tropeçando a cada passo na culpa que semeamos em nosso caminho. Não é assim! Pode haver bem para ti, que foste tão profundamente ferido. Esse bem virá da tua vontade de perdoar. Queres gozar deste privilégio? Ou rejeitas o inestimável benefício?

— Silêncio, Hester! Silêncio — replicou o velho, com uma severidade sombria. Não me cabe perdoar.

Não disponho do grande poder que disseste. Minha velha fé, longamente esquecida, volta a mim e explica tudo o que fizemos, tudo o que sofremos. Com o teu primeiro passo transviado plantaste o germe do mal. E desde então o mal se tornou uma sinistra necessidade. Vós, que me lacerastes, não sóis pecadores, senão por efeito de uma espécie de ilusão típica. Nem eu sou uma espécie de demônio que haja tomado a si a execução de uma tarefa demoníaca. É o nosso destino. Deixa que a negra flor cresça como deve! E agora segue o teu caminho e procede como entenderes com aquele homem. Acenou com a mão e voltou à sua tarefa de colher ervas.

CAPÍTULO XV

Hester e Pearl

Assim Roger Chillingworth — velha e disforme figura, com uma cara que mal- assombrava a memória dos homens — afastou-se de Hester Prynne e continuou a caminhar vergado para o solo. Aqui e acolá, colhia uma erva, desenterrava uma raiz, que metia na cesta presa ao braço. Quando se debruçava mais, a sua barba grisalha quase se arrastava no chão. Hester ficou olhando um instante, com uma curiosidade meio fantasista, para ver se a relva tema da primavera em começo não se crestava sob seus pés, assinalando as pegadas, calcinadas e negras, através da verdura. Imaginava que arbustos seriam aqueles que o velho ia colhendo com tanto cuidado. E a terra, avisada de um mau propósito pela expressão dos seus olhos, fornecer-lhe-ia plantas venenosas, de espécies até então desconhecidas, para que os seus dedos as excitassem? Ou seria que qualquer floração sadia se transformava em algo de maligno e deletério ao seu contato? E o sol, que brilhava tão vivo sobretudo mais, estaria brilhando sobre ele? Ou o que havia ali, como parecia, era um círculo de sombra sinistra acompanhando por toda parte a sua deformidade? E para onde iria ele? Não iria de repente sumir no chão, deixando

atrás de si um lugar maninho e tismado onde, com o correr do tempo, cresceriam beladonas, pilriteiros, meimendros, tudo florescendo com enorme viço? Ou iria desdobrar asas de morcego e voar para longe, tanto mais feio quanto mais alto voasse em direção ao céu?

— Seja ou não pecado — disse Hester Prynne amargamente, continuando a olhá-lo — odeio este homem!

Censurava-se por esse sentimento, mas não o podia dominar nem banir. Tentou fazê-lo, recordando os dias de há muito passados, numa terra distante, quando ele costumava sair à tardinha da reclusão do seu gabinete e sentar-se ao calor da lareira e à luz do seu sorriso conjugal. Dizia que necessitava de se impregnar daquele sorriso para repelir do coração do estudante o frio de tantas horas passadas entre os livros.

Naquele tempo essas cenas só lhe deixavam uma impressão de felicidade. Mas no presente, vistas através da tenebrosa vida que se seguira, classificavam-se entre as suas mais horrendas recordações. Hester admirou-se de que aquilo houvesse sido possível! Admirou-se de que tivesse sido arrastada a se casar com ele! Considerou que o crime de que se tinha de arrepender era o de haver sempre suportado e retribuído o tépido aperto da sua

mão e fundido o seu sorriso no sorriso dos seus lábios e dos seus olhos. E pareceu-lhe que o mais aviltante insulto de Roger

Chillingworth, mais vil do que os mais vis que ele lhe assacara, fora o de a ter levado a supor que era feliz a seu lado, no tempo em que o seu coração não conhecia outra coisa de melhor.

— Sim, odeio-o! — repetiu Hester, mais amargamente do que antes. Ele me iluiu! Fez-me um mal maior do que o que eu lhe fiz!

Que os homens tremam em conquistar a mão da mulher, a menos que haja conquistado o mais profundo amor da sua alma! De outra maneira, quando uma influência mais poderosa acorda toda a sensibilidade feminina, acontece-lhes, como aconteceu a Roger Chillingworth, a desgraça de se verem acusados até pela tranquilidade satisfeita, pelo frio arremedo de felicidade que lhe tenham oferecido como uma realidade acariciadora. Mas Hester devia há muito tempo ter desistido dessa injustiça. Que significava aquilo? Então os sete longos anos de tortura sob a letra escarlata, trazendo-lhe tanto de desventura, não lhe trouxera o arrependimento?

As emoções daqueles breves instantes empregados em observar Roger Chillingworth, lançaram uma luz baça sobre o estado de espírito de Hester, revelando-lhe muita coisa que de outra maneira ela não teria sabido.

Depois que o doutor se foi, ela chamou a criança:

— Pearl! Pearl! Onde estás?

Pearl, cuja atividade de cérebro jamais esmorecia, não ficara em falta de divertimento enquanto a mãe conversava com o velho colecionador de ervas. A princípio, como já se disse, namorou fantasiosamente a própria imagem refletida num poço de água, acenando para que ela saísse. E como a imagem se recusara, ela tentara abrir caminho para o seu mundo de terra impalpável e de céu inatingível. Entretanto, verificando logo que ou a figura ou ela própria era irreal, voltou-se para outra parte à procura de um brinquedo melhor. Fabricou navios com casca de bétula, carregou-os de pequenas conchas e impeliu-os para o largo, para que tivessem mais aventuras do que quaisquer outros navios mercantes da Nova Inglaterra. Mas a maior parte deles afundou pertinho da praia. Depois apanhou punhados da espuma alva, que orlava a linha das ondas da preamar, e lançou-os à brisa, correndo com passos alados para agarrar os grandes flocos que caíam. Vendo um bando de aves marinhas que comiam e saltitavam ao longo da

praia, a traquinas encheu o avental de seixos e, saltando de rocha em rocha, perseguindo os bichinhos, revelou notável destreza em visá-los. Uma avezinha cinzenta de peito branco — Pearl tinha quase certeza — fora atingida por uma das pedras e continuará a fugir com a asa quebrada. Então a endiabrada suspirou e deu por finda a brincadeira, porque doía-lhe ter feito

mal a um pequenino ser tão livre quanto a aragem do mar, ou quanto ela mesma, quanto Pearl.

O seu último trabalho foi colher ervas marinhas de várias espécies e arranjar com elas um corpete e um enfeite para a cabeça, assumindo assim o aspecto de uma pequena sereia. herdara da mãe o dom de inventar enfeites e vestidos. Para arremate do traje de sereia, arrancou um pouco de capim enguia e compôs, o melhor que pôde, no próprio seio, o emblema que tanto se acostumara ver em Hester. Uma letra — a letra A mas evidentemente verde, em vez de escarlata!

Olhou para o peito e contemplou o enfeite com estranho interesse, como se só tivesse vindo ao mundo para compreender o seu significado oculto.

“Com certeza mamãe vai me perguntar o que é que isto quer dizer!” pensou.

No mesmo instante ouviu a voz de Hester, e, correndo, leve como uma das aves marinhas, surgiu diante dela, dançando, rindo e apontando com o dedo o símbolo que trazia no corpete.

— Minha pequena Pearl — disse Hester depois de um momento de silêncio — a letra verde, no teu seio, não tem sentido! Sabes, minha filha, o que significa esta letra que a tua mãe está condenada a usar?

— Sei, mamãe! — respondeu a criança. É um A maiúsculo! Tu já me mostraste esta letra na cartilha!

Hester fitou a menina. Todavia, apesar da singular expressão que tantas vezes se via nos seus olhos negros, não conseguiu descobrir se Pearl emprestava realmente alguma significação ao símbolo. Sentiu um desejo mórbido de obter uma certeza a esse respeito A letra escarlate.

— Sabes por que é que a tua mãe usa esta letra, minha filha?

— É claro que sei! — retrucou ela, com os olhos rutilando no rosto da mãe. E pelo mesmo motivo que o pastor anda com a mão no coração!

— E que motivo é esse? — insistiu Hester, meio sorridente à absurda

incongruência da observação da criança, mas, a um segundo pensamento, tornando-se pálida. Que é que a letra tem a ver com outro coração que não seja o meu?

— Pois mamãe, eu disse tudo o que sabia! — falou Pearl, mais sisuda do que costumava. Pergunta àquele velho que estava conversando contigo! Pode ser que ele te possa dizer! Mas agora, seriamente, mamãe querida, que quer dizer esta letra escarlate?... E por que tu a usas no seio?... E por que o pastor anda com a mão no coração?

Tomou com ambas as mãos a mão de Hester, olhou-a nos olhos com uma gravidade que raramente se surpreendia no seu gênio irrequieto e caprichoso. Ocorreu a Hester a ideia de que a filha estivesse procurando conquistá-la com uma confiança infantil e esforçando-se o mais que podia, e inteligentemente como sabia fazer, para estabelecer entre ambas um plano de compreensão. Isso mostrava Pearl por um prisma incomum.

Até então, a mãe, embora amando a menina com a intensidade de uma afeição exclusiva, tinha-se ensinado a esperar como recompensa pouco mais do que a volubilidade de uma brisa de abril, que leva o tempo em brinquedos ao ar livre, e tem gostos de inexplicável capricho, e é petulante no melhor dos humores, e que nos deixa no peito uma sensação mais fria do que terna. E este, entretanto, era um juízo de mãe sobre a disposição de uma filha. Qualquer outro observador teria enxergado nela poucos, mas desagradáveis traços, e lhes daria um colorido mais sombrio.

Agora, entretanto, surgia repentinamente no espírito de Hester a ideia de que Pearl, com a sua notável e precoce acuidade, era capaz de já ter senso para se tornar uma amiga, enfronhada nas tristezas que a mãe e pudesse comunicar sem desrespeito para qualquer das duas. Podiam-se observar, emergindo do pequenino caos do seu caráter — e em verdade desde o princípio — os brotos firmes de uma coragem inamolgável, e uma vontade irreduzível, de um orgulho atrevido — e de um amargo desprezo por várias coisas que, uma vez examinadas,

mostravam trazer em si a mancha da falsidade. Tinha também agrados — embora até então acres e violentos, como são os mais capitosos perfumes dos frutos verdes. Com todos estes atributos verazes, pensava Hester, o mal que ela herdara da mãe deveria ser realmente grande, se daquela menina esquisita não desabrochasse uma nobre mulher.

A inevitável tendência de Pearl para esvoaçar em torno da letra escarlate parecia uma qualidade inata do seu ser. Desde os primeiros momentos da sua vida consciente tinha-se impressionado com aquilo, como com uma tarefa especial.

Muitas vezes Hester pensava que a Providência visara justiça e castigo ao dotar a criança com aquela marcada propensão. Mas nunca, até ali, ousara perguntar-se se de envolta com esse desígnio não poderia existir também um propósito de misericórdia e beneficência. Se a pequena Pearl fosse tratada com sinceridade e confiança, como espírito mensageiro e criança da terra, quem sabe se a sua missão não seria a de aliviar a tristeza fria que gelava o coração materno, e o transformava num sepulcro? Quem sabe se não seria a de ajudá-la a suplantar a paixão, outrora tão veemente, e ainda agora nem morta nem adormecida, mas apenas prisioneira dentro daquele mesmo coração sepulcral?

Eis alguns dos pensamentos que então se agitavam no seio de Hester, tão vivos como se lhe houvessem sido cochichados

naquele instante. E, durante todo o tempo em que ela fazia tais perguntas, uma vez, outra mais, e mais outra, a pequena Pearl continuava fitando-a, com a sua mão seguia.

— Que é que a letra quer dizer, mamãe? E por que tu a usas? E por que o pastor anda com a mão no coração?

“Que direi? — pensou a mãe. — Não! Se é esse o preço da simpatia de minha filha, não posso pagá-lo!”

E falou alto:

— Pearl, tolinha, que perguntas são estas? Há muitas coisas neste mundo que uma criança não deve perguntar. Que é que eu sei sobre o coração do pastor? E, quanto à "letra escarlata, uso-a por causa do bordado a ouro.

Em todos os sete anos passados, jamais Hester Prynne falseara a significação do símbolo que trazia ao peito. E quem sabe se ele não era o talismã de um espírito grave e severo, e ainda assim o protetor, que naquele minuto a abandonava? Sim, porque a despeito da rigorosa vigilância que ela exercia sobre o próprio coração, algum novo mal, aproveitando a oportunidade, intrometeu-se nele — ou algum outro, antigo, nele se incrustou para sempre. Quanto a Pearl, não tardou a perder a seriedade da fisionomia.

Mas não estava disposta a deixar o assunto cair. Duas ou três vezes, na volta para casa, e muitas outras, à hora da ceia, e enquanto Hester a agasalhava para o

sono, e uma vez quando parecia já estar adormecida, descerrou as pálpebras com a malícia brilhando nos olhos negros.

— Mamãe — perguntou — que é que a letra escarlata quer dizer?

E na manhã seguinte, o seu primeiro sinal de que estava acordada foi levantar a cabeça do travesseiro e fazer esta outra pergunta, que ligara de modo tão estranho às suas investigações sobre a letra escarlata: Mamãe! Mamãe! Por que é que o pastor anda com a mão no coração?

— Cale-se boca, menina impossível! — respondeu Hester com uma aspereza que nunca se havia permitido não me importunes, senão te meto no quarto escuro!

CAPÍTULO XVI

Um passeio na floresta

Hester Prynne continuava resolvida a fazer o Sr. Dimmesdale conhecer, qualquer que fosse o perigo de sofrimento presente ou de consequências futuras, a verdadeira condição do homem que se tinha insinuado na sua intimidade. Por muitos dias, entretanto, procurou em vão oportunidade para abordá-lo num daqueles meditativos passeios a que ela o sabia habituado a fazer, pelas praias da península, ou nas colinas sombreadas dos arredores. Não haveria, mesmo, risco nem escândalo para a sagrada pureza do sacerdote se ela o visitasse no seu próprio gabinete, onde mais de uma penitente já havia confessado pecados talvez tão graves como o que a letra escarlata simbolizava. Mas, parte porque temia a intervenção secreta ou aberta do velho Roger Chillingworth, parte porque o seu espírito reto atribuía suspeição ao que suspeita não merecia, parte porque enquanto estivessem conversando, ela e o pastor necessitariam de todo o vasto ar do mundo para respirar — por todas essas razões Hester jamais pensou encontrá-lo num ambiente mais íntimo do que sob o céu aberto.

Afinal, quando velava no quarto de um moribundo, onde o Sr. Dimmesdale fora chamado a fazer uma prece, soube que ele

partira na véspera para visitar o missionário Eliot entre os seus índios catequizados. Voltaria, provavelmente, a uma certa hora da tarde do dia seguinte, cedo, pois, Hester preparou a pequena Pearl — que embora de presença inconveniente era a companheira indispensável em todas as expedições da mãe — e saiu.

Depois que as duas atravessaram da península para o continente, a estrada se reduziu a uma trilha que mergulhava no mistério da floresta primitiva. Coleava tão estreita, e tão negra e densa se mostrava adiante, revelando nesgas de céu tão precárias, que pareceu a Hester uma imagem não perfeita da agrura moral em que ela peregrinava. O dia estava úmido e sombrio. O firmamento era uma grande expansão de nuvens que a brisa tangia levemente, tanto que, aqui é acolá, se podia ver um raio tremulo de sol brincando, solitário, nas veredas. Mas luziam sempre na extremidade das retas extensas que sulcavam a mata. E apagavam-se à aproximação das caminhantes, deixando ainda mais escuros os lugares onde haviam dançado, porque elas esperavam encontrá-los iluminados.

— Mamãe — notou Pearl — a luz do sol não gosta de ti. Foge e se esconde,

porque teme qualquer coisa no teu seio. Agora vê! Lá está ela, brincando a uma boa distância. Fica, eu vou correr para pegá-

la. Eu sou criança. Ela não fugirá de mim, porque eu ainda não tenho nada no peito!

— E não terás nunca, assim o espero! — disse Hester.

— E por que não, mamãe? — perguntou detendo-se logo no começo da carreira. Quando uma mulher cresce não procede conforme gosta?

— Corre, filha! — respondeu a mãe. Corre e pega a luz! Ela não tarda a ir-se embora!

Pearl avançou a passos largos e, enquanto Hester ria, alcançou a mancha de sol e ficou rindo no meio dela, toda brilhante do seu esplendor e cintilando de vivacidade excitada pela corrida. A luz envolvia-a, como contente de ter encontrado aquela companheira de brinquedo. Hester aproximou-se e ia dar um passo para penetrar também no disco luminoso.

— Agora a luz vai fugir! — disse Pearl, sacudindo a cabeça.

— Vê! — respondeu a mãe, sorrindo. Ao menos posso estender as mãos e apanhar um pouco deste clarão!

Quando tentou fazê-lo a luz desapareceu. Ou, a julgar pela expressão radiosa que palpitava na fisionomia da menina, dir-se-ia que ela a havia absorvido para irradiá-la depois como um halo, quando ambas mergulhassem na sombra mais espessa. Não havia atribuído que emprestasse ao feito de Pearl tanto

caráter de novo e exclusivo vigor como a sua incansável mobilidade de espírito. Ela não sofria da moléstia da tristeza que nos últimos tempos quase todas as crianças herdavam, com as manifestações das aflições dos ancestrais. Talvez aquilo também fosse uma doença, nada mais do que o reflexo da energia selvagem com que, antes do seu nascimento, a mãe lutara contra os desgostos. Aquela vivacidade era certamente um encanto duvidoso, que dava ao psiquismo da criança um timbre áspero e metálico. Faltava-lhe o que na vida falta a muita gente — uma dor que a tocasse profundamente, e assim a humanizasse e tornasse capaz de simpatia. Mas para isso ainda havia tempo de sobra.

— Vem, minha filha! — disse Hester olhando em torno do lugar onde Pearl estivera sob a luz. Vamos entrar um pouco mais na mata para descansar!

— Não estou cansada, mamãe — replicou a menina. Mas se queres me contar uma história, vamos!

— Uma história, filha! — disse Hester. História de quê?

— Oh! Uma história do Homem Negro! — respondeu Pearl segurando-lhe a saia e olhando para cima com uma carinha meio séria, meio velhaca. Conta-me como ele mal-assombrada esta floresta e anda com um livro — um livro grande e pesado, com fechos de ferro. E como esse feio Homem Negro oferece o

livro e uma pena de ferro a todos os que o encontram entre as árvores, para que eles escrevam os seus nomes com o próprio sangue. E como depois ele marca o peito deles! Já encontraste o Homem Negro, mamãe?

— Quem te contou esta história, Pearl? — perguntou Hester, reconhecendo a superstição vulgarizada na época.

— Foi a velha que estava junto da lareira na casa onde tu velaste a noite passada

— esclareceu a criança. Ela pensou que eu estivesse dormindo. Ela disse que milhares e milhares de pessoas já encontraram o Homem Negro, assinaram o livro e foram marcadas por ele. Aquela senhora zangada, a velha Senhora Hibbins, foi uma dessas pessoas. E, mamãe, a velha disse também que esta letra escarlata é a marca que o Homem Negro fez em ti, e que ela brilha com uma luz vermelha quando tu te encontras com ele, à meia-noite, aqui nesta mata escura. É verdade, mamãe? Tu vens ao encontro dele à meia-noite?

— Já acordaste alguma vez que encontrasses a tua mãe fora de casa? — inquiriu Hester.

— Que eu me lembre, não — declarou a menina. Se tens medo de me deixar sozinha na nossa casa, poderás me trazer] contigo! Eu gostaria tanto! Vamos, mamãe, dize-me agora! Há mesmo o Homem Negro? Já o encontraste? Ele te marcou?

— E, se eu te disser, me deixarás em paz? — perguntou a mãe.

— Sim, se me disseses tudo! — prometeu Pearl.

— Uma vez na minha vida encontrei o Homem Negro! — disse Hester. E esta letra escarlata é o sinal dele!

Assim conversando penetraram mais na floresta, o suficiente para evitar a curiosidade de algum caminhante casual que passasse pela estrada. Sentaram-se num luxuriante montão de musgo que, em outro tempo, no século anterior, fora um pinheiro gigantesco, raízes e tronco na sombra espessa, fronde alçada altaneira no ar. Estavam num valado. E, por entre ribas suaves, um riacho fluía na penumbra, sobre um leito de folhas caídas e submersas. As árvores que se debruçavam para ele tinham estendido longos ramos que de quando em quando choravam a corrente, obrigando-a a formar em certos pontos negros e revoltos redemoinhos. Em outros trechos mais calmos, era como um caminho forrado de seixos e de areia castanha.

Alongando-se pela corrente, o olhar colhia, a pouca distância, floresta adentro, o brilho das águas. Mas não tardava a perdê-lo na confusão dos troncos e das moitas e, aqui e acolá, no obstáculo de uma rocha coberta de limo. Todos aqueles troncos gigantescos e aquelas massas de granito pareciam querer fazer mistério sobre o curso do riacho, temendo talvez que, com a sua incessante loquacidade, ele cochichasse histórias do

coração da velha selva de onde fluía, ou espelhasse as suas revelações na superfície de um poço. De fato, o filete d'água erguia um lamento meigo, sereno, acariciante, porém melancólico, como a voz de uma criança que fosse passando a infância sem folguedos e não soubesse como ser jovial entre amigos tristes e tonalidades fúnebres.

— O riacho! O riacho bobo e enfadonho! Por que és tão triste? Anima-te, e não fiques aí todo o tempo suspirando e murmurando! — gritou Pearl depois de escutá-lo por alguns instantes.

Mas o riacho, no seu curto percurso entre as árvores da floresta, via coisas tão solenes que não podia deixar de falar sobre elas, e parecia não ter outro tema. Pearl era como aquele riacho, pois que a corrente da sua vida nascia também no mistério e vinha fluindo por entre sombras da mesma pesada melancolia. Mas, ao contrário do córrego, dançava, e fulgurava, e tagarelava folgazã enquanto ia correndo.

— Que é que este riachinho triste está dizendo, mamãe? — perguntou.

— Se tivesses uma tristeza ele te diria muito, como está me dizendo — respondeu Hester. Mas ouço passos e alguém afastando galhos. Filha, vai brincar e deixa-me falar com esse alguém que se vem aproximando.

- É o Homem Negro? — interrogou Pearl.
- Queres ir brincar, filha? — repetiu a mãe. Mas não entre muito na mata. E logo que eu te chamar, vem.
- Sim, mamãe — respondeu a menina. Mas se for o Homem Negro, queres me deixar ficar um bocadinho para vê-lo com o seu grande livro debaixo do braço?
- Vai, tolinha! — disse a mãe, impaciente. Não é o Homem Negro! Olha por entre as árvores! É o pastor!
- É mesmo!... — Confirmou Pearl. Vê, mamãe, ele está com a mão no coração. Será que escreveu no livro e o Homem Negro marcou-o no coração? Mas por que ele não usa o sinal do lado de fora da roupa, como a senhora faz, mamãe?
- Vai, filha! Depois perguntarás o que quiseres! — exclamou Hester Prynne. Mas não te afastes muito. Fica sempre num lugar de onde possas ouvir o marulhe do riacho.

A menina partiu, seguindo o curso do riacho. Cantava, tentando misturar uma cadência mais alegre à sua voz melancólica. Mas o córrego não se consoava, e prosseguia narrando o inaudível segredo de algum triste caso acontecido — ou erguendo uma lamentação profética sobre algum outro que ainda havia de acontecer — dentro do seio negro da floresta. Por isso Pearl, já farta de tristezas, resolveu cortar relações com o choramingas. Entregou-se à tarefa de colher violetas, anêmonas silvestres e

umas florinhas escarlates que encontrou vicejando nas fendas de um grande rochedo.

Depois da partida da filha, Hester Prynne deu um ou dois passos pela trilha da floresta, mas continuou na sombra das árvores. Avistou o sacerdote caminhando pela vereda, inteiramente só, e apoiando-se a um bastão improvisado. Parecia abstrato e enfraquecido e revelava na atitude um enervamento completo, como jamais demonstrara nas suas voltas pela cidade ou em qualquer outra ocasião em que o pudessem ver. Ali, na solidão profunda da floresta, que por si mesma constituía um fardo pesado para qualquer espírito, era perfeitamente claro. O Sr. Dimmesdale marchava num alheamento de quem não encontrasse motivo para mudar a passada, nem tivesse vontade de fazê-lo. Como alguém que — se ainda pudesse ter alguma satisfação — teria a sua satisfação maior em atirar-se para a raiz da árvore mais próxima e aí se deixar, passivamente, para sempre. As folhas o cobririam, pouco a pouco o cisco se iria acumulando e formando um pequeno

monte sobre o seu corpo, não importa se vivo ou morto. A morte é por demais certa para ser desejada ou evitada.

Aos olhos de Hester, o Reverendo Sr. Dimmesdale não revelava outro sintoma de dor atuante e aguda, a não ser, como a pequena Pearl notara, o de andar com a mão no coração.

Capítulo XVII — O pastor e a sua paroquiana

O PASTOR caminhava devagar. E mesmo assim já ia muito longe e Hester Prynne ainda não encontrara voz para chamá-lo a atenção. Afinal conseguiu.

— Artur Dimmesdale! — chamou, a princípio debilmente.
Artur Dimmesdale!

— repetiu, agora alto, mas roucamente.

— Quem fala? — respondeu o pastor.

Recobrando-se, aprumou o corpo, como um homem surpreendido em atitude de quem não desejasse testemunhas. Volveu ansiosamente os olhos em direção da voz e viu, indistinto, sob as árvores, um vulto vestido em roupas tão escuras, e tão apagado na penumbra cinza em que o céu e o arvoredo envolviam o dia, que ficou sem saber se se tratava de uma mulher ou de uma sombra. Talvez algum espectro, surgido dos seus pensamentos, lhe estivesse mal-assombrado o caminho da vida.

Deu um passo à frente e descobriu a letra escarlate.

— Hester! Hester Prynne! — exclamou. És tu? Estás viva?

— Assim é! — respondeu ela. Viva, nesta vida que tem sido a minha durante os últimos sete anos! E tu, Artur Dimmesdale, ainda vives?

Não admira que se fizessem essas perguntas, que duvidassem de si mesmos. Tão estranhamente se encontravam, ali, na floresta escura, que aquilo parecia o primeiro encontro, no inundo de além-túmulo, de dois espíritos que tivessem tido ligações estreitas na existência anterior e que tiritassem num medo mútuo, desacostumados à nova condição, ao convívio como seres desencarnados. Um fantasma aterrorizando o outro! E ambos aterrorizados de si mesmos, porque o transe lhes avivava a consciência e revelava a cada coração a sua história e a sua experiência, como a vida só consegue fazer nesses instantes cruciais. Então, no espelho do momento que passa, a alma vê a própria fisionomia. Foi amedrontado, trêmulo e, mesmo, com relutância, que Artur Dimmesdale estendeu a mão, fria como a morte, e tocou a mão fria de Hester Prynne. O aperto, embora gélido, baniu o que havia de assombração no encontro. Os dois

se sentiram, pelo menos, habitantes da mesma esfera.

Sem uma palavra — nem ele nem ela assumindo a iniciativa, mas ambos exprimindo um consentimento mudo — deslizaram para a sombra do arvoredor de onde Hester emergira e sentaram-se no mesmo velho tronco em que ela e Pearl tinham estado descansando. Quando encontraram voz para falar, foi, a princípio, somente para trocar observações idênticas às que dois conhecidos quaisquer teriam trocado, a respeito do céu turvo, da ameaça de tempestade e, depois, da saúde de cada um. Assim se aproximaram, passo a passo, dos assuntos mais profundamente enterrados nos seus corações. Há tanto tempo separados pelos fatos e pelas circunstâncias, necessitavam de temas leves e casuais; que abrissem as portas intermediárias, dando passagem às suas verdadeiras preocupações.

Passados alguns momentos, o pastor fixou o olhar nos olhos de Hester Prynne.

— Hester — perguntou — encontraste a paz? Ela sorriu tristemente, mirando a letra escarlate.

— E tu? — indagou, por sua vez.

— Não! Não encontrei nada, a não ser desespero! E que poderia eu conseguir, sendo como sou e levando a existência

que levo? Se eu fosse um ateu, um homem desprovido de consciência, um transviado de instintos grosseiros e brutais, teria há muito tempo encontrado a tranquilidade. Nada! Nem teria chegado a perdê-la! Mas, tendo a alma que tenho, toda a boa essência que existia em mim, todos os dons que Deus me deu, e que eram os melhores, se transformaram em fontes de tormento espiritual. Hester, eu sou um infeliz!

— Mas o povo te aplaude — disse ela. E na verdade, és bem útil a ele! Isso não te conforta?

— Mais infelicidade, Hester! Isso só traz mais sofrimento! — respondeu o sacerdote com um sorriso amargo. Quanto ao bem que eu esteja parecendo fazer, não creio nele. Que pode uma alma arruinada como a minha realizar em benefício da salvação das outras almas? Que pode uma alma poluída operar pela purificação das outras? E quanto à veneração do povo, eu preferia que ela se transformasse em escárnio e ódio! Podes tu considerar uma consolação, Hester, que eu esteja no meu púlpito e veja tantos olhares voltados para o meu rosto,

como se a luz celeste o estivesse banhando; que eu sinta o meu rebanho faminto de verdade e atento às minhas palavras como se estivesse falando a língua do Pentecostes — e então, olhando para o meu íntimo, veja a negra realidade do que eles estão idolatrando? Tenho sorrido, na amargura e na agonia do

meu coração, ao contraste entre o que sou e o que pareço ser!
E Satanás também se ri!

— Enganas-te, assim — disse Hester brandamente. Já estás profunda e sinceramente arrependido. O teu pecado ficou para trás, nos longos dias que já se foram. De fato, a tua vida presente não é menos santa do que parece aos olhos do povo. Não haverá realidade na penitência selada e autenticada pelas boas ações? E por que então ela não te restitui a paz?

— Não, Hester! Não! — replicou o pastor. Não há verdade nisso! O que dizes é frio, é morto, não me adianta nada! De sofrimento, tenho tido muito! A penitência é que não tem sido nenhuma! Além disso, há muito tempo que eu devia ter arrancado estas vestes de grotesca santidade e me mostrado aos homens como eles hão de me ver perante a cadeira do juízo final. Feliz de ti, Hester, que usas abertamente no teu seio a letra escarlata! A minha arde em segredo! Nem sabes que alívio é, depois de um tormento de sete anos de embuste, olhar para uns olhos que veem em mim o que realmente sou! Tivesse eu um amigo — ou fosse ele o meu pior inimigo! — a quem, quando magoado com os elogios de todos os meus semelhantes, eu pudesse diariamente me revelar, contando-lhe a vileza dos meus pecados, creio que a minha alma se conservaria viva. Apesar de tudo, mais sinceridade me salvaria! Mas até agora tudo é falsidade! Tudo é vácuo! Tudo é morte!

Hester Prynne olhou-o no rosto, mas hesitou em falar. Todavia, exprimindo com tanta veemência emoções longamente

sopitadas, as palavras ofereciam muitas oportunidades para a interposição do que ela desejava dizer. Hester dominou os receios e falou:

— Um amigo como o que acabas de desejar, que chore contigo sobre o teu pecado, tu o possuis em mim, tua cúmplice nele.

Tornou a hesitar, mas arrancou as palavras com esforço:

— E de há muito tens um inimigo, e com ele moras sob o mesmo teto!

O pastor ergueu-se bruscamente, sem fôlego, enclavinando os dedos no coração, como se quisesse arrancá-lo do peito.

— Que dizes? — exclamou. Um inimigo! E debaixo do meu teto? Que queres dizer com isso?

Hester Prynne estava perfeitamente compenetrada da desgraça que infligira ao infeliz, permitindo, durante tantos anos, que ele jazesse à mercê de um homem cujos propósitos só podiam ser maléficos. A simples proximidade do inimigo, fosse qual fosse a máscara que o escondesse, fora o bastante para perturbar o mundo de um ente sensível como Artur Dimmesdale. Houve uma época em que Hester se sentia menos imbuída dessa verdade, ou talvez em que, engolfada na própria

agonia, fosse deixando o sacerdote sofrer aquilo que ela imaginava ser um mal mais tolerável. Ultimamente, porém, desde a noite da vigília, os seus sentimentos em relação a ele tinham-se tornado ao mesmo tempo mais ternos e mais fortes. Lia-lhe agora mais claramente o coração. Não duvidava de que a presença contínua de Roger Chillingworth — o veneno secreto da sua malignidade infectando todo o ar em torno dele, a sua autorizada intromissão de médico nas moléstias físicas e espirituais do sacerdote — não duvidava de que essas desastrosas facilidades tivessem sido aproveitadas para um propósito cruel.

A consciência do sofredor fora mantida num estado de permanente irritação, cuja finalidade consistia, não em curar por meio de uma dor necessária, mas em desorganizar e corromper o seu ser psíquico. Isso dificilmente deixaria de resultar em loucura e, portanto, nessa alienação eterna do Bom e da Verdade de que a loucura é talvez expressão terrena.

Tal era a ruína a que ela lançara o homem a quem havia amado e — por que não o dizer? — a quem ainda amava apaixonadamente! Hester sentia que o sacrifício do conceito do pastor, mesmo a sua morte — e já o dissera a Roger Chillingworth — teriam sido infinitamente preferíveis à escolha que fizera. E agora, em vez de ser obrigada à horrenda confissão que ia lhe fazer, antes quisera cair na alfombra da mata e expirar aos seus pés!

— Oh, Artur! — exclamou. Perdoa-me! Em tudo tenho lutado para me conservar sincera! A sinceridade foi a única virtude que mantive intacta — que tenho mantido intacta — até nas crises mais penosas. Só não a conservei assim quando o teu bem, a tua vida, a tua reputação esteve em jogo! Então, consenti numa fraude. Mas não se deve mentir, nem sob ameaça de morte. Não percebes o que eu quero dizer? Esse velho!... O médico!... Esse a quem chamam Roger Chillingworth — é meu marido!

O ministro fitou-a por um instante, com toda aquela intensidade de raiva que — explodindo, multiforme, de entre as suas virtudes mais altas, mais puras e mais doces — era, de fato, a porção do seu ser que o Demônio reivindicava e através da qual contava conquistar o resto. Jamais houvera mais torvo e mais enfurecido semblante como o que Hester enfrentava naquele momento. No breve espaço de tempo que durou operou uma negra transfiguração. Mas o caráter do sacerdote achava-se tão debilitado pelo sofrimento que mesmo as suas energias mais recônditas eram incapazes de mais do que uma reação momentânea. Escondendo o rosto nas mãos, o Sr. Dimmesdale tombou por terra.

— Eu deveria saber disto — gemeu. Eu sabia disto! Não o senti, no íntimo do coração, desde a primeira vez que o vi e nas outras muitas vezes que o tenho visto? Por que não percebi logo? Oh, Hester Prynne, nem avalias o horror disto tudo! E a

vergonha! E a grosseria! E como é pavorosa a exposição de um espírito enfermo e culpado precisamente ao olhar que se rejubila com isso! Mulher, és responsável por tudo! Não te posso perdoar!

— Deves perdoar! — exclamou Hester, caindo nas folhas ao lado dele. Deixa que Deus me puna. Deves perdoar!

Com uma ternura súbita e desesperada, passou-lhe os braços em torno do pescoço, apertou-lhe a cabeça contra o seio, sem se importar que o rosto ficasse comprimido contra a letra escarlate. O sacerdote tentou desprender-se, mas lutou em vão. Hester não queria soltá-lo, não queria que ele tornasse a fitá-la enraivecido. Todo o mundo a tinha olhado assim — durante sete longos anos todos olharam assim para aquela mulher desprotegida — e ela tudo suportara, não desviando uma só vez o olhar corajoso e triste. Também o céu lhe havia fechado a cara, e ela não morrera por isso. Mas a cólera daquele homem pálido, doente, pecador e arrasado pela desventura era o que Hester não podia afrontar e sobreviver.

— Queres perdoar? — repetiu, várias vezes. Estás zangado? Queres perdoar?

— Perdoo-te, Hester — respondeu afinal o pastor, numa voz profunda, que vinha de rã abismo de sofrimento, mas não de rancor. Agora perdoo-te de boa vontade. Possa Deus nos perdoar também! Hester não somos os piores pecadores deste

mundo. Hai outro pior do que este sacerdote poluído! A vingança daquele velho é mais negra do que o meu pecado! Ele violou, a sangue frio, a santidade de um coração humano. Tu e eu, Hester, nunca fizemos isso!

— Nunca! Nunca! — sussurrou ela. O que fizemos foi consagrar os nossos. Assim o sentíamos! Assim nós dissemos! Lembras-te?

— Silêncio, Hester! — disse Artur Dimmesdale levantando-se. Não, não esqueci!

Lado a lado, as mãos dadas, tornaram a se sentar no velho tronco musgoso. A vida jamais lhes trouxera uma hora mais melancólica. Envolvia-os a floresta escura, ramalhando a uma lufada que passava. As galhadas agitavam-se pesadamente no alto e cada árvore solene e vetusta gemia soturna para outra, como narrando a história infeliz do par que ali estava e fazendo algum mau presságio.

E, todavia, eles se demoravam. Como lhes parecia temeroso o caminho que conduzia à cidade, onde Hester Prynne devia retomar o fardo da sua ignomínia e o ministro recomeçando a sinistra comédia da sua boa fama! E os dois iam ficando um instante mais. Nenhuma luz doirada fora jamais tão preciosa como a escuridão daquela mata. Ali, vista apenas pelos seus olhos, a letra escarlate não precisava brilhar sobre o seio da mulher, que caíra! Ali, visto apenas pelos olhos de Hester

Prynne, Artur Dimmesdale, falso a Deus e falso aos homens, podia ser, por um momento, sincero!

Ele estremeceu a uma ideia.

— Hester! — gritou. Eis um novo horror! Roger Chillingworth conhece a tua resolução de me revelar a sua verdadeira identidade. Continuará guardando o nosso segredo? Que fará no curso da desforra?

— Há no seu gênio uma estranha descrição — replicou Hester, pensativamente

— e está característica se desenvolveu com as práticas ocultas da vingança. Não creio que ele venha a trair o segredo. Com certeza procurará outros meios para saciar a sua cólera terrível.

— E eu? Como poderei continuar respirando o mesmo ar que respira este inimigo mortal? — exclamou Artur Dimmesdale, num arrepio, calcando nervosamente o peito com a mão, gesto que nele se tornara automático. Pensa por mim, Hester! És forte! Decide por mim!

— Não debes morar mais com aquele homem — disse Hester, firme e lentamente. O teu coração não deve continuar exposto aos olhos daquele

demônio!

— Isso seria pior do que a morte! — replicou o sacerdote. Mas, como evitá-lo? Que me resta para escolher? Devo me atirar novamente nestas folhas onde caí quando me disseste quem ele é? Devo cair aqui, e morrer logo?

— Oh, que desgraça te aconteceu! — disse Hester, com lágrimas saltando-lhe dos olhos. Queres morrer por pura fraqueza? Só a fraqueza pode sugerir isso!

— A Justiça de Deus tombou sobre mim — respondeu o ministro, cheio de remorso. Lutar contra ela é demais para mim!

— O céu terá misericórdia de ti — acrescentou Hester — se tiveres energia para merecê-la!

— Sê forte por mim! — suplicou ele. Dize-me o que devo fazer!

— O mundo será assim tão estreito? — exclamou Hester Prynne, fitando no sacerdote os seus olhos profundos e, instintivamente, exercendo uma influência magnética sobre aquele espírito abatido e subjugado, que a custo se mantinha. Será que o universo está enquadrado nos limites dessa cidadezinha que ainda há pouco tempo não passava de uma solidão juncada de folhas, um deserto como este que nos rodeia? Para onde vai o caminho da floresta? Para a cidade, disseste! Sim, mas também para mais longe! Quanto mais se

aprofunda, quanto mais mergulha na selva, mais se acidenta. Até que, poucas milhas adiante, as folhas amarelas já não mostram vestígio dos passos dos homens brancos. E serás livre! Uma curta jornada te transferirá de um mundo onde tens sido tão flagelado para outro em que ainda poderás ser feliz! Não haverá, em toda esta imensa floresta, sombra bastante para esconder o teu coração do olhar de Roger Chilingworth?

— Sim, Hester..., mas somente debaixo das folhas caídas! — respondeu o pastor com um sorriso desanimado.

— Então aí tens o amplo caminho do mar! — continuou ela. Ele te trouxe até aqui. Se o quiseres, ele te levará daqui. Na terra do nosso berço, seja numa aldeia remota ou na vastidão de Londres, ou na Alemanha, ou na França, ou na bela Itália — tu estarás a salvo da influência e das tramas do teu inimigo. E que tens tu com esses homens de ferro e as suas opiniões? Eles já escravizaram bastante o melhor que possuis em ti!

— Não pode ser! — respondeu o ministro, como se estivesse sendo chamado para realizar uma utopia. Não me sinto com forças para partir! Apesar de transviado e pecador não tenho outro pensamento que não seja o de arrastar a minha existência no meio em que a Providência me colocou. Apesar de minha alma estar perdida, desejo continuar fazendo o que puder pelas outras almas! Não ousa abandonar meu posto,

apesar de ser uma sentinela infiel, cuja recompensa infalível será a morte e a desonra, quando o seu triste plantão terminar.

— Estás esmagado sob o peso desses sete anos de infelicidade! — replicou Hester, ardentemente resolvida a fazê-lo vir à tona à custa da sua energia. Mas é necessário que esqueças o passado. Ele não deve fazer com que os teus passos vacilem quando caminhares pelas trilhas da floresta. Nem deves carregar com ele o navio, se preferires atravessar o oceano. Deixa os destroços e a ruína aqui onde a ruína te aconteceu. Não te importes mais com isso! Começa de novo! Já esgotaste as possibilidades de seguir este caminho? Não! O futuro está ainda cheio de estradas e êxitos. Ainda há felicidade a ser gozada! Ainda há benefício a ser feito! Troca a tua vida falsa por uma vida sincera! Sê, se o teu espírito te chama a essa missão, o mestre e apóstolo dos peles-vermelhas. Ou — como é mais do teu feitio — sê um estudioso e sábio entre os mais sábios e mais famosos do mundo civilizado. Doutrina! Escreve! Age! Faze seja o que for, menos jazer e morrer! Abandona este nome de Artur Dimmesdale e constrói um outro nome, que possas usar sem receio ou humilhação. Por que te demoras mais um dia que seja nos tormentos que tem aniquilado a tua vida? Que te tornaram tão fraco para querer e agir? Que te deixarão incapaz até do arrependimento.

Levanta-te e segue!

— Oh, Hester! — gritou Artur Dimmesdale, em cujos olhos, acesos pelo entusiasmo, um clarão de confiança brilhara e se esvaíra — tu ordenas que corra a um homem cujos joelhos estão vacilando sob o próprio corpo! Eu tenho que morrer aqui! Não me resta mais força ou coragem para me aventurar pelo vasto, estranho, difícil mundo — sozinho!

Era a última expressão de abatimento de um espírito aniquilado. Faltava-lhe energia para perseguir a sorte melhor que parecia ao seu alcance.

Repetiu:

— Sozinho, Hester!

— Tu não irás sozinho! — respondeu Hester, num murmúrio profundo. E estava tudo dito!

C A P Í T U L O XVIII

Um dilúvio de luz

Arthur Dimmesdale encarou Hester com um olhar radiante de esperança e alegria, sim, mas em que se misturava uma espécie de medo da coragem daquela que havia dito o que ele sentia vagamente e não ousava dizer.

Hester Prynne, porém, dona de um espírito naturalmente bravo e ativo, e por tanto tempo não apenas afastada, mas escorraçada da sociedade, habituara-se a uma independência de pensamento de que o sacerdote era absolutamente incapaz. Tinha vagado, sem roteiro e sem guia, por uma solidão moral vasta cerrada e sombria como a floresta indomada em cuja penumbra os dois travavam naquele instante o diálogo decisivo dos seus destinos. A inteligência e o coração de Hester tinham por lar os lugares ermos, por onde ela errava tão livre quanto um índio nos bosques nativos. Durante anos encarara deste estranho ponto de vista as instituições humanas e o que os padres e os legisladores haviam estabelecido, criticando tudo com uma reverência pouco maior do que a que um selvagem sentiria pelas vestes clericais, pela toga dos juízes, pelo pelourinho, pelos tormentos, pela lareira e pela igreja.

A sina e os acontecimentos deixaram-na liberta. A letra escarlate era o seu passaporte para regiões que outras mulheres não ousavam palmilhar. Vergonha desespero, Solidão! Esses os mestres — rudes mestres — que a haviam tomado forte, ensinando-lhe, entretanto, muita rebeldia.

O pastor, ao contrário, jamais passara por um transe que o arrastasse para além do limite das leis geralmente aceitas, embora, numa única vez, houvesse transgredido tão temerariamente a mais sagrada de todas. Fora, contudo, um pecado de paixão, não de caráter, nem sequer de propósito. Desde essa desgraçada época ele vigiava, com um zelo mórbido e minudente, não os seus atos — porque esses eram de fácil controle — mas cada arrepio de emoção e mesmo cada um dos seus pensamentos. Figurando no primeiro plano da organização social, como naquele tempo figuravam os sacerdotes, sentia-se apenas o cidadão mais oprimido pelas imposições, pelos princípios e mesmo pelos preconceitos. Como pastor, a rigidez da seita constrangia-o inevitavelmente. Como homem que pecara, mas que conservava a consciência de todo viva, e dolorosamente alertada pelo pungir de uma chaga não cicatrizada,

podia ser considerado tão seguro dentro das linhas da virtude como se jamais houvesse pecado.

Assim, parece-nos, quanto a Hester Prynne, os sete anos de exílio e humilhação não tinham feito mais do que prepará-la para a hora decisiva. Quanto a Artur Dimmesdale, porém... Se aquele homem caísse novamente que desculpa conseguiria para suavizar o seu crime? Nenhuma, a não ser a de que se debilitara num longo e estranho sofrimento; a de que a, sua alma estava obumbrada e confusa pelo remorso que a despedaçava; a de que entre fugir como criminoso confesso e permanecer como um hipócrita, a consciência achara difícil fazer pender a balança; a de que e humano evitar o perigo da morte e da infâmia e as maquinações inescrutáveis de um inimigo; finalmente, a de que, para aquele pobre peregrino, manchado, doente, desolado no seu caminho temeroso e deserto, haviam surgido um raio de afeição e simpatia humanas, uma vida nova e sincera, para substituir a sua dura expiação.

E, diga-se a rude e triste, verdade: a ferida com que o pecado lacerou uma vez a alma humana não cicatriza mais neste mundo. Deve ser vigiada e guardada para que o adversário não torne a forçar a passagem da cidadela e possa ainda, em novos assaltos, escolher outra via de penetração além daquela em que já obteve êxito. Mas ali estava o muro fendido e, traiçoeira, junto a ele, a ameaça do invasor querendo reeditar a vitória que nunca será esquecida.

A luta, se houve, não precisa ser descrita. Basta dizer que o pastor resolveu fugir, e não sozinho.

“Se me fosse possível recordar um momento de paz e de esperança nestes sete anos passados — pensou — eu continuaria a sofrer, e grato à misericórdia do céu. Mas agora — uma vez que estou irremediavelmente perdido — por que não gozar do lenitivo concedido ao condenado antes da execução? Se esse é o caminho para uma vida melhor, segundo Hester quis me convencer, é claro que não tenho perspectiva mais bela do que a de segui-lo! Nem poderei mais viver sem a sua companhia, tão enérgica para amparar, tão tema para consular! Ó Tu, para quem não me atrevo a erguer a vista, perdoa-me ainda uma vez!”

— Irás! — disse Hester tranquilamente, quando ele buscou os seus olhos.

Tomada a decisão, uma onda de estranha alegria jorrou, cintilando, sobre a tristeza do peito de Artur Dimmesdale. Era como um redemoinho selvagem,

como a aragem livre de um rincão virgem, pagão, sem leis, envolvendo e estimulando o prisioneiro que acabava de sair do cárcere do próprio coração. O seu espírito elevou-se de um salto, e assim chegou mais perto do céu do que o fizera através de toda a desventura que o jungia ao aviltamento na terra. Dotado de profunda religiosidade, era inevitável um traço de misticismo na sua atitude.

— Sinto-me de novo feliz! — gritou, admirado de si mesmo. Pensei que o germe da alegria tivesse morrido em mim! Oh, Hester! Tu és o meu anjo melhor! Tenho a impressão de que me enterrei fraco, poluído e negro de dor — nestas folhas do chão, e ressuscitei outro, e com energias novas para glorificar aquele que teve Misericórdia! Já é a vida melhor! Por que não a encontramos antes?

— Não olhemos para trás — respondeu Hester O passado acabou! Porque havemos de insistir ne e. Vê! Com este símbolo, eu o apago e é como se nunca houvesse existido!

Dizendo isto, desatou o laço que sustinha a letra escarlate e, arrancando-a do peito, atirou-a paia longe. O emblema rutilou até a margem do riacho. Por pouco teria caído na água, oferecendo ao córrego mais uma calamidade para carregar, além da história ininteligível que ele murmurava incessantemente. Mas ali ficou a letra bordada, luzindo como uma joia perdida que algum mal-afortunado caminhante podia apanhar — para ser desde então perseguido por estranhos fantasmas de crime, e desânimos de coração e indizível infelicidade.

Livre do estigma, Hester suspirou longa e profundamente. E no suspiro expulsou do espírito a dor da vergonha e da angústia. Oh, admirável alívio! Só avaliou quanto era pesado o fardo quando se libertou dele! Noutro impulso, arrancou o chapéu que lhe escondia os cabelos — e, em (fadas pelos seus ombros, eles rolaram negros e abundantes, massa ao mesmo tempo

sombria e luminosa que lhe emprestava a fisionomia um encanto meigo. Brincava-lhe nos lábios e fugia-lhe nos olhos um sorriso radiante e terno, que parecia jorrar do próprio seio da feminilidade. Um fluxo de sangue invadiu as faces, há tanto tempo descoradas.

O seu sexo, a sua mocidade, toda a riqueza da sua formosura, refluíram daquilo que os homens chamam o passado irrevogável e? dentro do círculo mágico daquele instante, uniram-se na sua esperança de mulher e numa felicidade inédita.

E, como se a tristeza da terra e do céu não fosse mais do que uma emanção daqueles dois corações mortais, desvaneceu-se com o desvanecimento da”

tristeza deles. Tudo ao mesmo tempo, como a um súbito sorriso céu fulgurou, jorrando um verdadeiro dilúvio de luz na floresta escura, alegrando as ramadas verdes, transformando em folhas de ouro as folhas machucadas e caídas, faiscando nos troncos cinzentos das árvores solenes. O que dantes era sombra, agora voltava a brilhar. O curso do riacho podia ser acompanhado pelo alegre cintilar com que ele se ia através do misterioso coração da mata que se transformara num milagre de alegria.

Tal era a solidariedade da Natureza — da bravia Natureza da floresta jamais subjugada pela lei humana nem iluminada por

verdade mais alta — com a felicidade daquelas duas almas! O amor, recém-nascido, ou redimido de uma aparência de morte, gera sempre uma onda de luz tão grande que nos transborda do peito para o mundo exterior. Se a mata houvesse continuado escura, ainda assim haveria de brilhar aos olhos de Hester e aos de Artur Dimmesdale!

Ela fitou-o, com estremecimento de alegria nova.

— Tens que conhecer Pearl! — disse. Nossa pequena Pearl! Já a viste, sei que sim — porém agora a veras com outros olhos! É uma criança original! Não a compreendo! Mas tu a amarás ternamente, como eu, e me aconselharás sobre o que devo fazer com ela!

— E achas que a menina gostará de mim? — perguntou o sacerdote, um pouco contrafeito. Ando muito ressabiado com crianças, porque frequentemente revelam desconfiança e prevenção contra mim. Tenho tido medo até de Pearl!

— Ah, que coisa triste! — replicou a mãe. Ela te amará muito, e tu a ela! Vou chamá-la. Não está longe. Pearl! Pearl!

— Vejo-a daqui — disse o pastor. Lá estava, numa faixa de luz, a uma boa distância, do outro lado do riacho. Então crês que ela gostará mesmo de mim?

Hester sorriu e tornou a chamar Pearl que, conforme dissera o ministro, se achava um pouco distante, brilhantemente vestida

por um raio de sol descido através de uma arcada de ramos. A luz ia e vinha deletando ou avisando-lhe a figura — que ora parecia uma criança, ora parecia um fantasma de criança — no vaivém da réstia. A menina, ouvindo a voz da mãe, caminhou lentamente, aproximando-se.

Não achara enfadonha àquela hora que Hester levara sentada, conversando com

o pastor. A grande floresta sombria — apesar de carrancuda com os que traziam para o seu seio os próprios crimes e remorsos — tornou-se, tanto quanto podia, uma companheira de folgedos da criança solitária. Triste, embora, arranjou o melhor da sua aparência para lhe dar as boas-vindas. Ofereceu-lhe frutas de perdiz, brotadas no ano anterior, amadurecidas na primavera, e então rubras como gotas de sangue sobre as folhas secas. Pearl colheu-as e deliciou-se com o sabor silvestre. Os pequenos habitantes da selva quase não se afastavam do seu caminho. É verdade que uma perdiz, seguida de vasta ninhada, fugiu em pânico. Mas logo se arrependeu e piou para que os filhotes não tivessem medo. Um pombo, sozinho num gralhe baixo, deixou que Pearl se aproximasse e desferiu um arrulhe mais de acolhimento do que de susto.

Um esquilo, das sublimes altitudes da sua árvore doméstica, carretilha zangado ou divertido — porque um esquilo e uma

criaturinha tão irritadiça e humorística que é difícil distinguir entre as duas disposições — e escrevendo atirou-lhe uma noz na cabeça. Era uma noz do ano passado e já roída pelos seus dentes agudos. Uma raposa, despertada pelos passos na folhagem, fitou-a inquisitivamente, sem saber se devia ficar ou fugir, e terminou por continuar a sua sesta no mesmo lugar. Um lobo, ao que se disse — mas aqui a história com certeza escorregou para o improvável — chegou-se a Pearl, farejou o vestido e ofereceu a cabeça feroz as suas carícias. Em todo caso, o que parece verdade é que a mãe floresta e os seres bravios que ela nutre reconheceram naquele pequenino ente humano uma rusticidade simpática. E Pearl era mais doce ali do que nas ruas relvadas da cidade ou na casa materna. Parecia que as flores a conheciam e que uma e outra lhe cochichavam à passagem:

— Enfeita-te comigo, linda criança! Enfeita-te comigo!

Para satisfazê-las, Pearl colheu violetas, anêmonas e alguns fios dos cipós mais prospero que as velhas árvores faziam pender diante dos seus olhos. Com eles adornou os cabelos, o flanco juvenil, e assumiu o aspecto de uma jovem ninfa, ou dríade menina, ou qualquer coisa desse gênero, que tenha a mais estreita afinidade com a mata virgem. Assim se enfeitara quando ouviu a voz de Hester e veio voltando devagarinho.

Devagarinho, porque tinha visto o pastor.

C A P Í T U L O XIX

A menina do outro lado do riacho

Tu a amarás muito — repetiu Hester Prynne enquanto, com o sacerdote, observava a aproximação de Pearl. Não é bonita? E vê com que habilidade natural ela se adornou de flores! Se a mata lhe houvesse dado pérolas, e diamantes, e rubis, não a teria tornado mais bela! É uma criança esplêndida! Mas eu sei que gênio tem!

— Sabes, Hester — disse Artur Dimmesdale com um sorriso inquieto — que está querida menina, saltitando ao teu lado, já me causou mais de um susto? Eu

— oh, Hester! que pensamento, e como é horrível temê-lo! — supunha que as minhas feições estavam em parte repetidas nas de Pearl, e tão nitidamente que o mundo podia perceber o fato! Mas a pequena se parece mais contigo!

— Não, não! — respondeu a mãe com um sorriso carinhoso. Nem tanto assim! E dentro de pouco não necessitarás mais de temer pelos traços que ela tenha. Mas como parece estranha e linda, com aquelas flores nos cabelos! É como se uma das fadas que deixamos na velha e querida Inglaterra se tivesse enfeitado para vir ao nosso encontro!

Foi com um sentimento que nenhum dos dois jamais experimentara que eles assistiam a lenta aproximação de Pearl. Era visível nela o traço que os ligava. Durante os sete anos anteriores a menina fora oferecida ao mundo como um hieróglifo vivo, no qual se continha o segredo que ambos procuravam esconder

— o segredo todo escrito — e plenamente revelado se ali houvesse um profeta ou um mago bastante hábil para ler as letras da paixão! Pearl era a unidade dos seus seres. Fosse qual fosse o mal passado, como podiam eles duvidar de que as suas vidas terrenas e os seus destinos estavam conjugados, quando ali viam, ao mesmo tempo, a união material e a aliança espiritual em que se haviam encontrado e em que permaneciam perenemente juntos? Pensamentos como estes — e talvez outros que eles não percebiam ou definiam — cercavam de receios a criança que chegava.

— Quando a abraçares não mostres arrebatamento ou pressa, nada que ela estranhe — sussurrou Hester. Às vezes a nossa Pearl parece um capetinha caprichoso e fantástico. Raramente tolera a emoção quando não lhe entende os porquês. Mas tem afeições fortes. Ama-me e há de te amar!

— Nem imaginas como o meu coração teme esta entrevista, e anseia por ela! — disse o pastor olhando de esguelha para Hester Prynne. As crianças não se relacionam muito facilmente

comigo. Não sobem aos meus joelhos, não me cochicham ao ouvido, não respondem ao meu sorriso. Ficam de lado e fitam-me de modo esquisito. Até os bebês de colo choram amargamente quando os temos nos braços. Entretanto, por duas vezes na sua vida ainda tão curta, Pearl mostrou-se carinhosa comigo. A primeira, tu bem sabes qual foi! A última, quando a levaste à casa do nosso velho e austero Governador.

— Sim, quando advogaste tão bravamente a minha causa e a dela! — respondeu a mãe. Lembro-me. E Pearl também se deve lembrar. Não temas! A princípio ela estranhará, mas bem depressa aprenderá a te querer bem!

Por esse tempo a menina chegara à margem do córrego e, do lado de lá, olhava em silêncio para Hester e o sacerdote, que continuavam a esperá-la, sentados juntos no tronco musgoso. Acontecia que, justamente onde ela havia parado, o riacho formava um poço, tão polido e tranquilo que lhe refletia perfeitamente a pequenina figura — e ainda mais delicada e espiritualizada — com toda a brilhante originalidade da sua beleza, adornada de flores e engrinaldada de ramos. Esta imagem, assim parecida com a pequena Pearl, dava a impressão de que lhe transmitia qualquer coisa da sua condição abstrata e imponderável.

Era estranha a atitude de Pearl olhando-os tão fixamente através da obscuridade da floresta — e toda radiosa no raio de sol que avançara como atraído por uma espécie de simpatia. Embaixo, no córrego, via-se outra menina — outra e a mesma

— também envolta no seu halo de luz doirada. Hester sentiu-se, de um modo vago e tantalizam-te, separada da filha, como se a criança, no solitário passeio pela mata, houvesse transcendido da esfera em que as duas viviam e naquele instante estivesse tentando inutilmente regressar a ela.

Nessa impressão existia tanto de verdade quanto de erro. Filha e mãe achavam-se separadas, mas por culpa desta, e não de Pearl. Logo depois da partida da menina, outro ente fora admitido no âmbito dos sentimentos de Hester. E tanto os modificara que a pequena caminhante que retornava não podia encontrar o pouso desejado e quase nem sabia onde estava.

— Tenho a esquisita ideia — observou o sensitivo pastor — de que este riacho é um limite entre dois mundos e que nunca mais encontrarás Pearl. Ou será ela um daqueles gênios que, segundo as lendas da nossa infância, não podem atravessar

a água corrente? Apressa-a por favor, Hester. Esta demora já me está causando um tremor de nervos.

— Vem, querida filha — chamou Hester, encorajando-a e estendendo-lhe os braços. Que vagar é este? Quando é que já foste tão preguiçosa assim? Está aqui um amigo meu, que há de ser também teu amigo. Terás de agora em diante duas vezes mais amor do que a tua mamãe sozinha te podia dar! Salta o córrego e vem! Tu sabes pular como uma gazela!

Pearl, sem dar resposta a essas doces palavras, continuou do outro lado do riacho. Ora fixava em Hester as pupilas cintilantes e espantadas, ora volvia-as para o sacerdote, ora envolvia a ambos no mesmo olhar, como para surpreender e explicar a relação que podia existir entre um e outro. Quando Artur Dimmesdale sentiu sobre si os olhos da criança, crispou os dedos no coração — no gesto tão habitual que já se tornara automático. Afinal, assumindo uma singular atitude de autoridade, Pearl estendeu a mão, com o indicador esticado apontando o peito da mãe. E embaixo, no espelho de água, lá estava a imagem florida e luminosa apontando com o dedinho também esticado.

— Menina esquisita, por que não vens? — exclamou Hester.

Pearl tornou a apontar. Uma sombra emanou-lhe a fisionomia. E como a mãe continuasse a acenar-lhe, enfeitando o rosto numa festa rara de sorrisos, bateu os pés, olhou e gesticulou mais imperiosamente. E de novo o riacho refletiu a sua bizarra beleza, o rosto severo, o dedo em riste, a atitude imperativa e enfática.

— Depressa, Pearl! Senão ficarei zangada contigo! — gritou Hester Prynne que, embora já acostumada àquele procedimento da menina, estava naquele instante naturalmente ansiosa por um comportamento mais comedido. Salta o riacho, tolinha, e corre até aqui! Ou vens ou irei te buscar!

Mas Pearl, bem pouco impressionada com as ameaças da mãe e muito menos abrandada pelos rogos, entrou numa crise de raiva, gesticulando violentamente e desengonçando o pequenino corpo nas mais extravagantes contorções.

Acompanhava tudo isso com gritos estridentes, que a floresta repetia de todos os lados, tanto que, apesar de sozinha na sua zanga infantil e desarrazoada, era como se a multidão lhe estivesse enviando solidariedade e incentivo. Vista mais uma vez no riacho, lá estava a imagem de Pearl, cingida e engrinaldada de flores, mas batendo os pés, gesticulando doidamente e apontando o seio de

Hester!

— Sei o que a está afastando — cochichou Hester ao pastor, tornando-se pálida a despeito do esforço para esconder a perturbação e a contrariedade. As crianças não suportam a mais leve transformação no aspecto das coisas que têm costume de ver diariamente. Para Pearl, está faltando qualquer detalhe que ela sempre me viu usar!

— Peço-te! — suplicou o sacerdote. Acalma logo esta menina se tens algum meio para isso!

E acrescentou, numa tentativa de sorriso:

— A não ser a ira venenosa de uma velha feiticeira como a Senhora Hibbins, não sei o que é que encontro mais depressa numa criança! Na formosura jovem de Pearl, tanto quanto na enrugada megera, a cólera imprime um traço sobrenatural.

Hester voltou-se de novo para Pearl, com um rubor nas faces, um olhar de compreensão dado de lado ao pastor e, depois, um profundo suspiro. E, antes que pudesse falar, o rubor desfaleceu numa palidez mortal.

— Pearl — disse ela tristemente — olha para teus pés! Adiante de ti! Do lado de cá do riacho!

A menina volveu a vista para o ponto indicado e lá estava a letra escarlate tão perto da água que o bordado a ouro se refletia nela.

— Traze-me isto! — ordenou a mãe.

— Vem tu e apanha-a — respondeu a criança.

— É sempre assim esta menina! — observou Hester, para o sacerdote. Oh, tenho muito que te contar a respeito dela! Mas, quanto a este símbolo odioso, tem razão. Devo suportar um pouco mais a tortura que ele me inflige. Somente por alguns dias, até que deixemos esta terra e a possamos recordar como um lugar que vimos apenas em sonho. A floresta não pode

esconder aquela letra! O oceano a receberá de mim e a tragará para sempre!

Com estas palavras, dirigiu-se à margem do riacho, apanhou a letra escarlata e recolocou-a no peito. E ela, que momentos antes falara esperançadamente de

lançá-la ao mar, teve uma inevitável sensação de condenação ao tornar a receber das mãos do destino aquele emblema sinistro. Havia mergulhado no espaço infinito! Haurira um instante fôlego livre! E ali estava outra vez o suplício escarlata fulgurando no seu antigo lugar! Hester recolheu as pesadas madeixas e sepultou-as debaixo do chapéu. E como se na letra fatídica houvesse um feitiço atrofiante, a sua beleza, o calor e a seiva da sua feminilidade esvaíram-se num crepúsculo, e uma sombra cinza a envolveu.

Terminada a terrível transformação, estendeu a mão para Pearl.

— Agora reconheces a tua mãe, minha filha? — perguntou, repreensiva, mas num tom discreto. Queres atravessar o riacho e voltar a pertencer à tua mãe, agora que ela tem sobre si a vergonha, agora que ela está triste?

— Sim! Agora irei! — respondeu a menina saltando o córrego e abraçando-a. Agora és minha mãe! E eu sou a tua pequena Pearl!

Numa efusão de ternura que lhe não era comum, obrigou Hester a baixar a cabeça e beijou-lhe ambas as faces. Mas logo, por uma espécie de necessidade que sempre a impelia a perturbar com um choque de angústia as carícias que dispensava, estendeu os lábios e beijou a letra escarlate!

— Isso não é carinho! Quando me demonstras um pouco de amor, zombas de mim! — exclamou Hester.

— Por que é que o pastor está sentado ali? — perguntou a menina.

— Está esperando para falar contigo! — replicou ela. Vem, e pede-lhe a bênção! Ele te quer bem, minha pequena Pearl, e estima também a tua mãe. Não gostas dele? Vem! Há muito tempo que ele te espera!

— Ele nos quer bem? — indagou Pearl, fitando, com aguda inteligência, o rosto da mãe. E ele quer voltar conosco, de mãos dadas, nós três juntos, para a cidade?

— Agora não, minha filha! — disse Hester. Mas nos dias que virão ele andarás de mãos dadas conosco. Teremos casa e uma lareira para nós. E ele te sentará no colo! E te ensinará uma

porção de coisas, e te amará muito! Tu o amarás também, não é?

— E ele ficará com a mão sempre no coração? — interrogou Pearl.

— Louquinha, que pergunta é esta? — repreendeu a mãe. Vem, pede-lhe a bênção!

Mas, fosse a influência do ciúme, que parece instintivo em toda criança chocada pela presença de um rival perigoso, ou fosse por qualquer capricho do seu gênio variável, Pearl não demonstrou a menor simpatia pelo sacerdote. Hester teve que levá-la à força, arrastada, protestando em tremendas caretas — de que desde tenra infância possuía singular sortimento, podendo desmanchar a fisionomia maleável numa série de expressões diferentes, cada qual possuindo um traço inédito de maldade. O sacerdote — muito constrangido, mas na esperança de que um beijo pudesse ser o talismã que conquistasse uma disposição mais amigável da menina — inclinou-se e beijou-lhe a fronte. Então Pearl afastou-se bruscamente da mãe e, correndo para o riacho, lavou a testa até apagar e dissolver o beijo numa grande quantidade de água.

Depois manteve-se à distância, observando silenciosamente Hester e o pastor, que conversavam, fazendo as combinações

que a nova situação sugeria e os planos que em breve seriam realidades.

E assim terminou a entrevista. Era tempo de restituir a solidão às velhas e negras árvores que, numa multidão de línguas, sussurrariam longamente sobre o que ali se passara. E, sem alterar o tom, o riacho melancólico acrescentaria esta história ao mistério que já sobrecarregava o seu pequeno coração, e que ele continuava a murmurar debilmente.

CAPÍTULO XX

O pastor num labirinto

Quando o pastor partiu, na frente de Hester Prynne e de Pearl, voltou-se para olhar para trás, quase certo de que não veria mais do que figuras vagamente esboçadas, ou os vultos da mãe e da filha dissolvendo-se na penumbra da mata. Na sua vida, um transe assim tão violento não podia ser tido como real. Todavia, lá estava Hester, no seu vestido cinzento, junto ao tronco que alguma ventania há muito abatera, que o tempo fora cobrindo de musgo para que aqueles dois infelizes, vergados sob a dor moral, se sentassem juntos e gozassem uma hora de paz e consolação. E — Agora que o intruso se retirara — lá ia a pequena Pearl saltando da margem do riacho para o colo materno. Não, o pastor não dormira nem sonhava.

Para libertar o espírito dessa impressão confusa e dúplice, que lhe infligia uma estranha intranquilidade, recordou e examinou melhor os planos que Hester e ele haviam traçado para a partida. Ficara resolvido que o Velho Mundo, com as suas multidões e as suas cidades, lhes oferecia um abrigo e um esconderijo mais aconselháveis do que as florestas da Nova Inglaterra, ou de toda a América, com as suas alternativas de uma cabana indiana ou de raros povoados de europeus

esparsos ao longo da costa — e isso para não falar da saúde do pastor, tão inadequada às rudezas da vida na mata, e nos seus dotes naturais, e na sua cultura, e no desenvolvimento completo que um lar lhe asseguraria, mas somente um lar num ambiente civilizado e culto. Quanto mais alto o padrão de vida, mais docemente o homem se adapta a ele. E havia um navio no porto. Um daqueles transatlânticos suspeitos, frequentes no tempo, e que, não sendo inteiramente clandestinos do mar, vagavam sobre ele com assinalável dubiedade de caráter.

Chegara recentemente da Espanha e dentro de três dias zarparia para Brístol. Hester Prynne — cuja vocação de quase irmã de Caridade lhe tinha valido a amizade do capitão e os tripulantes podia-se encarregar de conseguir passagem para duas pessoas e uma criança, sob o sigilo que as circunstâncias tornavam mais do que desejável.

O pastor perguntara-lhe, não pouco interessado, o momento exato em que se esperava a partida do barco. Seria provavelmente no quarto dia a contar dali.

“Assim é ainda melhor!” dissera ele, falando para si.

O que hesitamos em revelar é o motivo por que o Reverendo Sr. Dimmesdale considerou isso tão bom. Todavia — para que nada fique escondido do leitor — foi porque dentro de três dias ele devia pregar o Sermão da Eleição, e essa solenidade constituía um episódio venerável na vida de um pastor da Nova

Inglaterra. Assim, pois, o ministro não poderia encontrar uma maneira e uma oportunidade melhores para encerrar a sua carreira de evangelizador.

“Pelo menos — pensou o exemplar homem — não dirão que deixei incompleto o cumprimento de um dever público, ou que deixei de cumpri-lo”.

— No regresso daquela entrevista com Hester a excitação nervosa emprestava-lhe uma desacostumada energia física e tangia-o a passos rápidos. O caminho entre as árvores parecia-lhe mais áspero, mais juncado de rudes obstáculos naturais, menos trilhado pelos pés humanos. Ele, porém, saltava os lugares lamacentos, enfiava-se pelas moitas, grimpava cânforas descia chanfras, sobrepujando todas as dificuldades da trilha com uma atividade incansável que o assombrava. Não podia evitar a lembrança de como, dois dias antes, palmilhara aquele mesmo caminho — fraco, parando a todo instante para respirar. Quando chegou à colônia teve a impressão de que as coisas conhecidas haviam sofrido uma transformação. Era como se ele as tivesse deixado não por um dia, ou dois, mas por muitos dias, ou mesmo por muitos anos. Lá estavam, efetivamente, os antigos traços da rua, que coincidiam com a sua recordação, e as características das casas. Nem por isso, entretanto, deixavam de causar aquela incômoda sensação de metamorfose. Ele se dava com as “pessoas que ia encontrando, com todos os tipos humanos conhecidíssimos na pequena comunidade. Não pareciam mais velhos nem mais jovens: as

barbas dos anciões não estavam mais brancas, nem andavam as crianças que na véspera gatinhavam. Era impossível dizer em que diferiam dos indivíduos sobre os quais, fazia tão pouco, ele lançara um olhar ao partir. E, contudo, o mais recôndito sentido do pastor parecia informá-lo de que aquela gente havia mudado. Idêntica impressão o empolgou, ainda mais nítida, quando ele passou pelos muros da sua igreja. O edifício tinha um aspecto tão estranho, e ao mesmo tempo tão familiar, que o espírito do Sr. Dimmesdale oscilou entre duas ideias: ou até então só o vira em sonho, ou era em sonho que o estava vendo naquele instante.

Este fenômeno, nas variadas modalidades de que se revestia, não exprimia uma transformação no mundo exterior, porém uma mudança tão súbita e radical no espectador da costumeira cena, que o simples intervalo de um dia agia na sua consciência como um lapso de muitos anos. A vontade do ministro, a de Hesitei,

e o destino que se colocara entre ambos, haviam provocado essa revolução. A cidade era a mesma que dantes. Mas não era o mesmo o sacerdote que voltava da floresta. Ele poderia dizer aos amigos que o encontravam: “Não sou o homem por quem me tomais!

Deixei-o lá na mata, escondido perto de um tronco musgoso, à beira de um riacho melancólico! Ide procurar o vosso pastor e

vede se o seu corpo exangue, o seu rosto magro, a sua fronte branca, abatida, pungida de dor, não jazem ali como farrapos abandonados! Sem dúvida os amigos insistiriam com ele: “Tu és o pastor! Entretanto, nesse caso errariam os amigos, e não o ministro.

Antes de chegar em casa, o íntimo do Sr. Dimmesdale ofereceu-lhe outras provas do distúrbio que se operava no seu pensamento e na sua sensibilidade. A cada passo sentia-se incitado a cometer algum ato esquisito, mal ou errado. E isso com a impressão de que o procedimento seria meio involuntário e meio intencional. Por exemplo: encontrou um dos diáconos. O ancião dirigiu-se a ele com paternal afeto, privilégio patriarcal que a idade, a posição social, a santidade de caráter e a função que exercia na Igreja lhe conferiam — e com a profunda veneração que a missão do sacerdote e a sua vida privada lhe inspiravam. Jamais houve mais bela demonstração de como a majestade da velhice austera pode se coadunar com o respeito a um superior. Pois, durante a conversa entre o Reverendo Sr. Dimmesdale e esse excelente e barbudo diácono, foi tão somente por um rigoroso controle de si mesmo que aquele conseguiu conter a exposição de certas ideias blasfemas que sobre a sagrada ceia se erguia no seu espírito.

Ficava inteiramente trêmulo e pálido como cinzas, com medo de que a língua o traísse pronunciando aquelas coisas horríveis e, ao mesmo tempo, suplicava para isso o próprio

consentimento, embora não o quisesse dar livremente. E, mesmo com esse tenor no coração, dificilmente evitava o riso, ao imaginar como o venerando varão ficaria estarecido ante a impiedade do seu pastor!

Outro episódio do mesmo gênero. Caminhando rápido pela rua, o Reverendo Sr. Dimmesdale encontrou a mais velha das suas paroquianas, senhora piedosíssima e exemplar. Pobre, viúva, só, e tão repleta de recordações do defunto marido, e dos filhos, e dos amigos mortos há muito tempo, que o seu coração eia como um cemitério cheio de lápides e epitáfios. Desde que o Sr. Dimmesdale tomara a direção espiritual da boa senhora, o seu principal prazer neste mundo — que se não fosse também emanado do céu não sei ia prazer algum — era encontrar o pastor, casualmente ou de propósito, e se deliciar com uma palavra de veemente, capitosa, celestial verdade evangélica que lhe saísse dos lábios amados para os

seus ouvidos surdos, mas gulosamente atentos. Nessa ocasião, porém, no momento de chegar à boca a orelha da velha, o Sr. Dimmesdale, como possuído pelo grande inimigo da alma, não conseguiu se lembrar de nenhum texto da Escritura, nem de mais nada, exceto de um breve, ímpio e — pareceu-lhe — irrespondível argumento contra a imortalidade da alma humana. Isso, uma vez inculcado, teria feito a idosa irmã desabar e morrer subitamente, como por efeito de uma droga violentamente tóxica. O ministro nunca mais se pode recordar

do que de fato lhe cochichou. Teria havido, talvez, algum feliz atropelo de pronúncia, ou outro acidente promovido pela Providência para evitar que qualquer ideia definida alcançasse a compreensão da boa viúva. Fosse como fosse, quando o pastor olhou para trás, viu-lhe no rosto enrugado e pálido uma expressão de divina gratidão e êxtase que lembrava a irradiância da cidade celeste.

E ainda um terceiro exemplo. Depois de deixar a velha religiosa, o Sr. Dimmesdale encontrou a mais jovem das frequentadoras da sua igreja. Tratava-se de uma donzela recentemente resolvida — e resolvida pelo sermão do próprio Reverendo Sr. Dimmesdale no Sábado, depois da vigília — a trocar as efêmeras alegrias do mundo pela esperança do céu. Era bela e casta como um lírio que tivesse florido no Paraíso. O pastor bem sabia que, entre cortinas nevadas, no escrínio do coração sem mácula, ela guardava a sua imagem emprestando à religião a veemência do amor e ao amor a pureza da religião. Naquela tarde, de certo, Satanás tinha atraído a pobre mocinha para fora da casa materna e lançara-a no caminho daquele homem medonhamente tentado e — por que não o dizer?

— daquele homem perdido e desesperado. Quando a moça chegou perto, o maior demônio sussurrou ao sacerdote que condensasse e instilasse no seu tenro seio um germe de mal que certamente se desenvolveria logo, sinistramente, e em breve daria negros frutos.

Tal era a convicção do porquê exercia sobre aquela alma virginal, confiante nele como era, que o pastor se sentiu capaz de queimar todo o campo da sua inocência com um simples olhar e fecundar todo o campo oposto com uma simples palavra. Por isso — numa luta mais forte do que as que já havia sustentado — tapou o rosto com a capa de Genebra e, sem o mínimo sinal de reconhecimento caminhou depressa para a frente, deixando que a jovem interpretasse como quisesse a sua grosseria. Ela, coitada a, vasculhou a consciência — que andava cheia de pequenas coisas inofensivas, como as que trazia na bolsa — e começou a se acusar de mil pecados imaginários. Na manhã seguinte, ao retomar os trabalhos caseiros, tinha as pálpebras inchadas.

Antes que o ministro pudesse celebrar a vitória sobre esta última tentação, sentiu outro desejo, mais grotesco e talvez mais horrível. Foi — coramos em dizê-lo — foi o de parar ali na rua e ensinar algumas palavras imorais a um grupo de meninos Puritanos que ali estavam brincando. Esteve a ponto de começar. Mas repelindo a ideia, como indigna das suas vestes, avistou um marinheiro bêbedo, um dos da tripulação do navio espanhol. E, depois de ter rechaçado valentemente todas as outras inconveniências, o pobre Sr. Dimmesdale ambicionou, finalmente, apertar a mão do alcatroado embarcado, divertir-se com alguns gestos impróprios, de que os marujos dissolutos são pródigos e com uma rodada de belas, roliças, sólidas

saborosas afrontas ao céu! Não foi tanto uma educação melhor, mas o bom gosto natural, e ainda mais o hábito de clérigo, que o salvaram desta derradeira crise.

“Que será que me tortura e me tenta? — perguntou-se, parando na rua e dando uma palmada na testa. Estarei louco? Ou estarei inteiramente entregue ao demônio? Teria eu assumido com ele algum compromisso na floresta e selado o contrato com o meu próprio sangue? Estará ele agora me chamando para cumprido contrato, sugerindo-me os piores crimes que a sua imaginação criminosa pode conceber.

Quando o Sr. Dimmesdale assim se comunicava consigo mesmo e dava pancadas na fronte, dizem que passou por ele a velha Senhora Hibbins, a famosa feiticeira. Surgiu violentamente. Com um penteado muito alto, um rico vestido de veludo e uma gola fixada a goma amarela, de que Ann Turner sua diletta amiga lhe havia dado a fórmula, antes de ser enforcada pelo assassinio de Sir Thomas Overbury. Tivesse ou não tivesse lido os pensamentos do pastor, o certo foi que a feiticeira o encarou astutamente, sorriu, com malícia. e — Embora pouco dada a conversar com religiosos — começou a falar. ,

— Então, Reverendo Senhor, fizestes uma visita a floresta? — observou balançando o penteado. De outra vez, peço-vos que me envieis apenas um pequenino aviso, e terei muito prazer em gozar da vossa companhia. Sem querer me gabar, a minha

recomendação proporcionará a qualquer cavalheiro estranho uma recepção cordial por parte do potentado que bem sabeis...

— Senhora — respondeu o sacerdote com a grave deferência que a interlocutora merecia e a sua própria compostura tornava indispensável — confesso, de consciência e coração, que estou completamente alheio ao significado das vossas palavras. Não fui à mata procurar nenhum potentado, nem no futuro pretendo

visitá-la com o intuito de conseguir os favores de tal personagem. Meu objetivo único foi encontrar um piedoso amigo, o Missionário Eliot, e me alegrar de ver as almas que ele tem arrancado ao paganismo!

— Ha-ha-ha! — gargalhou a megera, tornando a balançar o penteado alto. Bem, bem! Assim à luz do dia devemos falar deste modo..., mas ainda havemos de conversar à meia-noite na floresta!

Passou, na sua espigada velhice, mas voltando o rosto várias vezes, como alguém que estivesse percebendo íntimas afinidades.

“Então — pensou o sacerdote — então eu me vendi mesmo ao demônio que, segundo dizem, esta velha bruxa engomada de amarelo e aveludada escolheu para príncipe e senhor!”

Pobre pastor! Fizera um negócio bem parecido! Tentado por um sonho de felicidade, entregara-se deliberadamente, como jamais o fizera, ao que sabia sei pecado mortal! E o veneno virulento desse pecado difundira-se por todo o seu organismo moral.

Entorpecera os impulsos abençoados e excitara de uma vida intensa a farândola dos maus impulsos.

Desprezo, sarcasmo, malignidade gratuita, desejo do mal, ridículo sobre o bom e o sagrado, tudo tinha acordado para tentá-lo, mesmo causando-lhe terror. E aquele encontro com a velha Senhora Hibbins, a ser real, não fazia senão mostrar a sua ligação e camaradagem com entes transviados e com o mundo dos espíritos pervertidos.

Por esse tempo ia chegando à residência. Subiu correndo as escadas e foi se refugiar no gabinete. Estava contente de ter alcançado aquele abrigo antes que se tivesse traído diante do mundo pelas bizarras e daninhas excentricidades que o incitavam na rua. Penetrou na sala, tão conhecida, olhou em torno, para os livros, para as janelas, para a lareira, para o conforto das paredes atapetadas — e teve a mesma sensação de estranheza que o perseguira no caminho da floresta para a cidade, e na própria cidade. Ali ele estudava e escrevia, ali se entregava aos jejuns e as vigias, de que saía meio morto. Ali forcejava por orar, ali suportava cem mil tormentos! Lá estava a Bíblia, no seu precioso hebreu antigo, e Moisés e os Profetas falando-lhe, com as vozes impregnadas de Deus! Ali, numa

mesa, com a pena ao lado, jazia um sermão incompleto, com uma frase interrompida

no ponto em que. dois dias antes, os seus pensamentos haviam deixado de fluir sobre a folha de papel. O Sr. Dimmesdale sabia que fora ele, o pálido e magro sacerdote, o autor e a vítima de tudo aquilo, que trabalhara no Sermão da Eleição. Mas parecia-lhe que estava afastado de si mesmo e olhando a sua antiga personalidade com uma curiosidade desdenhosa, penalizada e, todavia, meio invejosa. Aquele eu tinha partido. Outro homem voltara da floresta: mais sábio, conhecendo mistérios recônditos que a ingenuidade do primeiro jamais poderia desvendar. Amarga espécie de sabedoria, aquela!

Estava engolfado nessas reflexões quando ouviu baterem na porta do gabinete. Disse Entre! Não inteiramente isento da impressão de que iria ver um espírito mal. Realmente! Quem entrou foi o velho Roger Chillingworth. O pastor ficou imóvel, branco e sem fala, com uma das mãos apoiada nas Escrituras Hebraicas e a outra espalmada no peito.

— Sede bem-vindo, Reverendo Senhor! — começou o médico. E como deixastes aquele santo homem o Missionário Eliot? Mas... parece-me que estais muito pando, meu caro Senhor! Parece que a selva foi rude demais para convosco! Não quereis que eu intervenha e vos dê força de inspiração e energia para o vosso Sermão da Eleição?

— Não — recusou o Reverendo Sr. Dimmesdale. A viagem, a companhia do santo Missionário e o ar puro que respirei fizeram-me bem, depois de uma reclusão tão longa neste gabinete. Creio que não necessitarei mais dos vossos remédios, meu bom doutor apesar de tão bons e ministrados por mão tão amiga.

Roger Chillingworth, durante todo o tempo, estivera fitando no sacerdote um olhar grave e compreensivo, como o de um clínico num paciente. Mas a despeito dessa demonstração, o sacerdote estava quase convencido de que o velho sabia, ou pelo menos suspeitava, da sua entrevista com Hester Prynne. Se assim era, o doutor já sabia também que, aos olhos do ministro, deixará de ser o amigo de confiança e convertera-se no pior dos inimigos. Assim, fora natural que alguma coisa se definisse ali mesmo. Todavia, é singular como as vezes as palavras custam a exprimir os atos, e com que segurança duas pessoas que se decidem a evitar um determinado assunto podem se aproximar dos seus limites e recuar sem perturbação. Por isso o sacerdote não receou que Roger Chillingworth abordasse com palavras diretas a verdadeira posição que Tim ocupava em face do outro. Mas o doutor, obscuramente, chegou terrivelmente perto do segredo.

— Não seria melhor tomar os meus remédios esta noite? — perguntou. Na verdade, cumpre-me tornar-vos forte para o momento do discurso da Eleição. O povo espera muito de vós,

como que pressentindo que no próximo ano o seu pastor já terá partido.

— Sim, para o outro mundo — replicou piedosamente resignado o Sr. Dimmesdale. E que o céu permita que esse outro mundo seja melhor. Porque, sinceramente, não desejo arrastar a minha carcaça pelas estacoes vindouras! Mas, quanto aos vossos remédios, amável Senhor, não tenho necessidade deles por enquanto.

— Alegro-me de ouvir isso — respondeu o velho Roger. Talvez, depois de tanto tempo ministradas em vão, as minhas fórmulas estejam começando a dar resultado. Feliz de mim, e digno da gratidão da Nova Inglaterra, se conseguir curar-vos!

— Agradeço-vos de coração, prestimosíssimo amigo — disse o Reverendo Sr. Dimmesdale, num sorriso solene. Agradeço-vos e não vos posso pagar senão com as minhas preces!

— Às — preces de um homem virtuoso valem por uma recompensa em ouro! — declarou o doutor, ao retirar-se. Sim, elas são a moeda corrente na Nova Jerusalém e trazem o próprio cunho do Rei!

Tendo ficado só, o pastor chamou um criado da casa pediu comida, que devorou com apetite. Depois, atirando ao fogo todas as folhas já escritas do sermão, começou outro, arrebatado num tal fluxo de pensamento e emoção que se imaginou inspirado. E só se admirava de que o céu consentisse em transmitir a grande e majestosa música dos seus oráculos

por intermédio de um órgão tão falho. Entretanto, deixando que esse mistério se resolvesse por si mesmo, ou continuasse para sempre insolúvel, levou a tarefa adiante, num transporte, num ímpeto enérgico. Assim a noite voou como se tivesse asas e arrebatasse consigo o Sr. Dimmesdale. A madrugada chegou, espiou corando, através das cortinas. E afinal o sol insinuou um raio dourado no gabinete e dirigiu-o em cheio aos seus olhos congestionados. Lá estava ele, a pena ainda entre os dedos, e tendo diante de si uma vasta, desmedida quantidade de papel escrito!

CAPÍTULO XXI

Feriado na nova Inglaterra

Cedo, na manhã em que o novo Governador ia receber o cargo das mãos do povo, Hester Prynne e a pequena Pearl chegaram à praça do mercado. O logradouro já estava cheio de artesãos e habitantes da cidade, entre os quais se viam muitos tipos rústicos, cujas roupas de couro indicavam que pertenciam a algumas das fazendas vizinhas da pequena capital da colônia.

Nesse feriado, como em todas as demais ocasiões, durante sete anos, Hester Prynne usava um vestido de fazenda ordinária e escura. E não tanto pela cor, mas por uma certa indescritível peculiaridade do modelo, o traje tinha a propriedade de apagá-la, ao mesmo tempo em que a letra escarlate a colocava em evidência, revelando-a sob a feição moral que o seu brilho lhe assinalava. O seu rosto, tão conhecido da população mostrava a mesma placidez marmórea com que estavam habituados a vê-lo. Parecia máscara. Ou melhor era como se tivesse a calma gelada da fisionomia de uma defunta. E essa sinistra semelhança era devida ao fato de Hester, no que dizia respeito a qualquer ambição de simpatia, estar já morta e fora do mundo a que aparentemente ainda pertencia.

Dizia que naquele momento a animava uma expressão insólita, embora não tão vívida que se fizesse notar, a não ser que algum observador dotado de virtudes sobrenaturais lhe tivesse lido antes o coração e depois procurasse, no seu comportamento e na sua atitude, o desdobramento das emoções que ele sentia.

Um investigador assim sutil poderia conceber que, tendo durante sete longos anos afrontado os olhares da multidão como uma necessidade, uma penitência, e qualquer coisa cuja aceitação constituía um voto solene, ela os encontrava ali pela última vez, livre e voluntariamente, para converter numa espécie de triunfo o que por tanto tempo fora uma angústia. “Olhai pela derradeira vez para a letra escarlata e para mim! — teria dito consigo mesma. Um pouco mais, e estarei fora do vosso alcance! Poucas horas mais, e o profundo e misterioso oceano tragará e esconderá para sempre o símbolo que me condenastes a usar!” Nem será atribuir à natureza humana uma inconsistência por demais improvável supormos na alma de Hester uma sensação de melancolia, naquele momento em que se achava prestes a se libertar do sofrimento que fora tão estritamente vinculado ao seu ser. Por que não estaria ela querendo tirar um último,

prolongado sorvo na taça de absinto e aloé que impregnara quase toda a sua existência de mulher? Dali por diante, o vinho

da vida que lhe chegaria aos lábios devia ser capitoso, delicioso e reconfortante no seu copinho raro e dourado.

Pearl fremia de jovialidade e leveza. Fora impossível adivinhar-se que aquela figura radiosa e magnífica descendia do corpo amortalhado da proscrita, e que a imaginação ao mesmo tempo esplendente e delicada que compusera a roupagem da criança tinha sido a mesma que cumprira a missão, talvez mais difícil, de criar a originalidade que distinguia o traje simples de Hester. O vestido de Pearl assentava-lhe tão bem que parecia uma efusão ou um prolongamento inevitável e uma exteriorização do seu caráter — dela inseparável como, de uma asa de borboleta, o brilho multicolor; e de uma pétala de flor, a beleza colorida. Como acontece com estas, acontecia com a menina. O vestido era cópia integral da sua natureza. Além disso, naquele dia memorável havia na sua atitude uma certa e singular trepidação, um que do palpar de um broche de diamante que fuzila e fulgura ao vaivém do peito em que se encontra. As crianças refletem sempre os acontecimentos que as envolvem.

E pressentem sempre, e especialmente, qualquer alteração ou revolução iminente no âmbito doméstico. Pearl, portanto, fruto do seio inquieto da mãe, traía, pela verdadeira ciranda em que o seu espírito se lançara, as emoções que ninguém poderia perceber na imobilidade pétrea do semblante de Hester.

Essa efervescência, em vez de caminhar, fazia-a saltitar ao lado da mãe, em movimentos de passarinho. Ao chegarem à

praça do mercado, e observando o rumor lá confusão que animavam o local, tomou-se ainda mais agitada.

— Que é isto, mamãe? — exclamou. Por que é que todo esse povo não trabalha hoje? Veja, lá está o ferreiro! Lavou o carvão da cara, botou roupas de festa e parece que gostaria de ficar alegre, se alguém lhe ensinasse como! E ali está o velho carcereiro o Sr. Brackett, acenando e sorrindo para mim. Por que é que ele está fazendo assim, mamãe?

— Porque te viu muito pequena e se lembra de ti, minha filha — respondeu Hester.

— Antes não me acenasse nem me sorrisse, aquele velho preto e feioso! — disse a menina. Se quiser que te cumprimente, porque tu te vestes de escuro usas a

letra escarlate! Olha, mamãe! Quanta gente desconhecida, e índios, e marinheiros! Que foi que vieram fazer aqui na praça do mercado.

— Estão à espera do desfile — explicou Hester. O Governador, os magistrados, os sacerdotes, as pessoas de importância vêm aí, com música e soldado marchando.

E o pastor também vem? — indagou a criança. E vai estirar os braços para mim como fez quando me mandaste cumprimentá-lo na beira do riacho?

Ele também vira, minha filha — respondeu a mãe. Mas hoje não falará contigo, nem debes falar com ele.

Que homem esquisito e triste! — comentou Pearl, falando em parte consigo mesma. Na escuridão da noite chama-nos para junto dele, pega a tua mão e a minha, como quando estávamos naquela plataforma. E na floresta, onde somente as árvores podem ouvir e o céu ver, conversa contigo sentado no tronco musgoso! E beijou minha testa também, beijou-a tanto que a água do riacho quase não pôde lavar o beijo! Mas aqui, na luz do dia, no meio desta gente, não nos conhece, nem nós devemos conhecê-lo! que? homem esquisito e triste, sempre com a mão no coração!

— Cala-te, Pearl! Tu não entendes dessas coisas! — disse Hester. Não penses agora no pastor. Olha em torno de ti e vê como todo esse povo parece contente. As crianças vieram das escolas, a multidão veio das oficinas e dos campos para se divertir. Hoje um novo homem começará a governá-la. Por isso — como sempre foi costume entre a humanidade — ela se alegra. Como se, afinal, viesse passar sobre este velho e pobre mundo um ano bom e feliz.

Era verdade o que Hester dizia sobre o desusado contentamento que brilhava em todas as fisionomias. Nessa festiva data do ano — segundo se fazia e continuou fazendo durante quase dois séculos — os Puritanos entregavam-se ao entusiasmo e à alegria coletiva que consideravam permissíveis à fraqueza humana.

Mas talvez tenhamos exagerado as tintas melancólicas que indubitavelmente caracterizavam o humor e as maneiras da época. As pessoas que se encontravam na praça do mercado de Boston não haviam nascido para uma herança de tristeza Puritana. Eram filhos da Inglaterra, e os pais tinham vivido no luxo esplendente do tempo de Elizabeth, um tempo em que a vida inglesa, vista compreendida, foi a mais faustosa, a mais feérica e a mais jovial que o mundo já conheceu. Se os

colonos na Nova Inglaterra liam vessem seguido as maneiras dos ancestrais, comemorariam todos os acontecimentos com fogos de artifício, banquetes, torneios e paradas. Nem seria impraticável combinar diversões risonhas com a pompa dos rituais majestáticos e bordar rutilante e grotescamente o manto de cerimônia de que em tais ocasiões as nações se revestem.

No modo de celebrar o dia em que começava o ano político da colônia vislumbrava-se uma sombra de tentativa desse gênero. O reflexo esmaecido de um esplendor relembrado, uma repetição incolor do que se vira na velha e orgulheça Londres — já não dizemos na coroação real, mas na apresentação do Lorde Maior — podiam ser constatados nos programas que os nossos antepassados organizavam para a posse anual dos dirigentes. Os pais e fundadores da comunidade — o estadista, o sacerdote e o soldado — consideravam um dever investir-se da pompa e grandiosidade exteriores que, de acordo com a antiga mentalidade, constituíam a roupagem mais adequada

ao relevo social e político. Saíam todos para desfilar em procissão aos olhos do povo e, pois, esse meio transmitir a indispensável respeitabilidade a débil estrutura dos governos recém-instalados. E a plebe sentia-se autorizada, senão estimulada, a descansar dos rudes ofícios que, nos outros tempos, eram como uma peça e um elemento da sua religião.

Aqui, é verdade, não havia a profusão de diversões populares que se teriam encontrado na Inglaterra dos tempos de Elizabeth, ou nos de James. Não havia nenhum tosco espetáculo teatral, nem menestrel com a sua harpa e a sua balada legendária, nem saltimbanco com macaco dançando ao som de música, nem prestidigitador com os seus passes de feitiçaria mímica. Nem o Alegre Andrew para empolgar a multidão com esgares velhos de centenas de anos, mas ainda eficientes, porque se dirigiam às amplas fontes de hilaridade. Todos esses mestres dos diversos ramos do jocoso teriam sido severamente repelidos, não só pela disciplina da lei, mas pelo sentimento coletivo que imprimia vitalidade à lei. Nem por isso, entretanto, a vasta e honesta cara do povo deixava de sorrir.

Descorado, talvez, mas também francamente. Nem faltavam jogos, iguais aos que os colonos tinham visto e haviam participado nas festas de cidade e nas verdes aldeias da Inglaterra e que pela destreza e pela coragem que exigiam eram considerados úteis à nova nação. Aqui é acola desenrolavam-se na praça do mercado lutas a maneira de Cornwall e de Devonshire. E — O que atraía mais as atenções —

na plataforma do pelourinho, já tão celebre nas páginas anteriores deste livro, dois mestres de duelo tinham iniciado uma exibição com escudo e sabre. Mas — para grande desapontamento dos espectadores — o encontro foi

interrompido pela intromissão do meirinho, que não queria de modo algum a austeridade da lei afrontada por semelhante abuso de um dos sítios que lhe eram consagrados.

Em suma (estando o povo nas primeiras fases do comportamento sorumbático, e provindo de cidadãos que na sua época sabiam como se divertir) não seria exagerado afirmar que, do ponto de vista da programação dos feriados, os avós teriam considerado favoravelmente os seus descendentes, apesar de tão distantes deles como nós. A geração imediata — que sucedeu à dos primeiros imigrantes — adotou as tonalidades mais fúnebres do Puritanismo, e com elas tanto sombreou a fisionomia nacional que todos os anos subsequentes ainda não bastaram para desanuviá-la. Temos ainda que aprender a arte esquecida de ser alegres.

O espetáculo de vida humana que se desenrolava na praça do mercado, apesar de geralmente colorido pelo cinzento escuro, o marrom ou o negro dos colonos ingleses, era também animado de outras cores índios — na elegância bárbara dos seus trajes curiosamente bordados, um dos cinturões bizarros, vermelhos e amarelos — armados de arcos, flechas e machados de pedra —

mantinham-se à parte, numa atitude de inalterável gravidade, maior mesmo do que a que os Puritanos poderiam apresentar. Mas, ferozes como fossem aqueles bugres pintados, não eram eles o traçam mais selvagem da cena. Essa qualificação se ajustaria melhor à marujada — parte da tripulação do barco espanhol — que desembarcara para assistir à festa do Dia da Eleição. Os marinheiros tinham um aspecto bestial de bandidos, caras curtidas de sol, barbas hirsutas. Usavam calças curtas e folgadas, cinturões na maioria chapeados de prata e ouro brutos, sustendo sempre uma longa faca e, em alguns casos, uma espada.

Por debaixo dos seus chapelões de palha faiscavam olhos que, mesmo de bom humor e em pleno divertimento, revelavam uma espécie de ferocidade animal. Transgrediam, sem receio nem escrúpulo, as regras de comportamento a que todos estavam sujeitos, fumando tabaco nas ventas do próprio meirinho — e cada baforada daquelas custaria um xelim a um habitante da colônia e tomando, a vontade, goles de vinho e de aguardente em frascos de bolso que, sem cerimônia, ofereciam a turba embasbacada. A licença que se concedia à marinhagem caracterizava notavelmente a época que chamamos virtuosa. Não só quanto ao comportamento em terra como, principalmente, no que se referia aos atos selvagens que ela cometia no mar. O marujo daquele tempo andava perto do pirata dos nossos dias. Pouca dúvida podia existir, por exemplo, de que aquela

mesma tripulação, embora não integrada de espécimes inteiramente maus da classe náutica, tais desatinos cometera contra o comércio espanhol que, num moderno tribunal de justiça, lhe custariam a cabeça.

Mas, naqueles velhos tempos, o oceano agitava-se, raivava, espumava como entendia, ou obediente apenas aos ventos tempestuosos, sem querer saber da lei humana. Sobre as ondas, o bucaneiro podia desprezá-la se quisesse — e, logo depois, ser em terra um homem piedoso e honesto. Aí, mesmo no auge da sua carreira turbulenta, ninguém o considerava um personagem indigno de entabular negócios ou de estabelecer uma camaradagem passageira. Por isso, os mais velhos Puritanos, de roupas negras e cartolas, sorriam indulgentemente ao escandaloso procedimento daqueles belos homens do mar — e não houve nem surpresa nem censuras quando um cidadão respeitável como Roger Chillingworth, o médico, entrou na praça do mercado conversando familiarmente com o comandante do navio suspeito.

O capitão, no que respeitava ao traje, era a mais apresentável e galante figura que se via na multidão. Ostentava uma profusão de fitas, um laço dourado no chapéu, também circundado por uma corrente de ouro e encimado por uma pluma. Tinha uma espada ao lado e na frente um golpe que, a julgar pelo arranjo do cabelo, ele se esforçava muito mais por exibir do que por esconder. Quem não fosse marujo dificilmente

poderia ter aquelas roupas e aquela fisionomia, usá-las e exibí-las com um ar tão galhardo — sem sofrer severo interrogatório do magistrado e provavelmente incorrer em multa ou prisão, talvez ir para o tronco. No caso do comandante, porém, (aquilo tudo era considerado como próprio da sua condição, tanto quanto as escamas são próprias do peixe.

Depois de se separar do médico, o marinheiro vagou preguiçosamente pela praça até que, aproximando-se por acaso do lugar onde estava Hester Prynne, reconheceu-a e não hesitou em se dirigir a ela. Como acontecia sempre, Hester achava-se numa área vaga — espécie de círculo mágico que ela provocava — e na qual, embora o povo se acotovelasse a pequena distância, ninguém se atrevia ou se sentia disposto a penetrar. A letra escarlate envolvia numa espécie de solidão moral a desgraçada que a usava: parte pela sua própria discrição e parte pela repulsa instintiva, apesar de não mais hostil, dos seus semelhantes. Agora, como nunca, isso vinha muito a propósito, pois permitia que Hester e o marujo conversassem sem risco de ser ouvidos. E tão mudada aos olhos do público estava a sua reputação que a matrona de mais sólido conceito não poderia travar, sem promover menos escândalo, uma palestra daquelas.

— Então, minha senhora — começou o capitão — tenho que ordenar ao comissário que prepare mais uma cama além das que pedistes! Nesta viagem não há que temer escorbuto ou

febre de bordo! Com o cirurgião do navio e esse outro doutor, nosso único receio devem ser os canivetes e as pílulas! E ainda mais porque levamos no barco um grande sortimento de remédios que barganhei com um navio espanhol.

— Que dizeis? Tendes outro passageiro? — perguntou Hester, mais espantada do que se permitia demonstrar.

— Então, não sabeis! — exclamou o comandante. O médico daqui — Chillingworth, chama-se ele — está inclinado a experimentar convosco os meus alojamentos de ré! Sim, sim, deveis saber disso, porque ele me declarou que era do vosso grupo e amigo íntimo do cavalheiro de quem me falastes, o tal que está em perigo por causa destes cruéis dirigentes Puritanos!

— Eles se conhecem, de fato — replicou Hester, calma, apesar de intimamente consternada. Há muito tempo que moram juntos.

Nada mais se passou entre ela e o marujo. Mas, nesse instante, Roger Chillingworth, que se postara no ângulo mais adiante da praça, sorriu-lhe. Um sorriso que — através do grande logradouro em tumulto, de todas as conversas e de todos os risos, varando pensamentos, atitudes e interesses da multidão — trazia um significado secreto e terrível.

CAPÍTULO XXII

O desfile

Antes que Hester Prynne pudesse coordenar as ideias e meditar o que seria possível fazer naquela nova e espantosa situação, ouviu-se o som da banda militar que se aproximava, precedendo o desfile de magistrados e cidadãos, a caminho do templo onde, de acordo com o costume desde então estabelecido, e sempre observado, o Reverendo Sr. Dimmesdale devia pronunciar o Sermão da Eleição.

Não tardou que a vanguarda da parada surgisse a passo lento e imponente, dobrando uma esquina e desembocando na praça do mercado. Em primeiro lugar apareceu a banda. Compunha-se de instrumentos que talvez não se ajustassem bem e fossem mal tocados, mas que, ainda assim, realizavam o grande objetivo com que as harmonias do tambor e do clarim se dirigem à multidão — o de emprestar uma expressão mais pomposa e heroica ao espetáculo de vida que passa ante os seus olhos. A princípio a pequena Pearl bateu palmas, porém depois perdeu, por momentos, a incessante agitação em que trepidara durante toda a manhã. Olhou em silêncio e pareceu enlevada, como um passarinho que flutuasse nas longas modulações da melodia.

Mas foi logo restituída à inquietação primitiva pelo brilho intenso das armas e pelo rútilo equipamento da companhia militar, que marchava em seguida aos músicos e formava a guarda de honra do cortejo. Esse corpo de tropa — que; ainda mantém vida organizada e vem de velhos tempos com uma reputação veneranda e pura — não era composto de mercenários. Avistavam-se nas suas fileiras cavaleiros que sentiam os impulsos dos instintos marciais e tinham em vista fundar uma espécie de Colégio das Armas em que, como numa associação de Cavaleiros Templários, pudessem, tanto quanto lhes facultassem os treinos de paz, adestrar-se para a guerra. A grande conta em que então se levava a carreira das armas poderia sei avariada peia alta condição de cada um dos componentes da companhia. Alguns, com efeito, pelos serviços prestados nos Países Baixos e em outros campos de batalha, possuíam amplas credenciais para assumir o título e o garbo dos soldados.

E, no entanto, as eminências civis que vinham imediatamente depois da força eram mais dignas do um observador esclarecido. Mesmo não aparência exterior

davam uma impressão de majestade que fazia a imponência dos guerreiros parecer vulgar, senão absurda. Era numa época em que isso a que chamamos talento gozava de muito menos consideração do que agora, ao passo que os rígidos elementos que integram a firmeza e a dignidade do caráter desfrutavam

de muito maior apreço. O povo possuía, por direito de herança, a virtude do respeito, que se ainda existe nos seus descendentes, existe em menor proporção e com capacidade de escolha e apreciação dos homens públicos excessivamente reduzida.

Essa mudança pode ter sido boa ou má e talvez seja, parcialmente, ambas as coisas. Tendo abandonado rei, nobres e toda uma tremenda heráldica quando ainda sentiam em si, muito vivas, a propensão e a necessidade de venerar, os colonizadores ingleses destas praias bravias passaram a reverenciar, naqueles dias antigos, as cãs e a fronte conspícua dos velhos; a integridade longamente provada, a sabedoria profunda e a experiência árdua, as vantagens dessa ordem grave e pesada que comunica a impressão de solidez e se apresenta sob o nome genérico de respeitabilidade. Assim, os seus primeiros estadistas — Bradstreet, Endicott, Dudley, Bellingham e confrades — elevados ao poder pela escolha popular, parece que não foram frequentemente muito brilhantes e que se distinguiram mais por uma ponderosa sobriedade do que pela atividade da inteligência. Eram fortes e tinham confiança em si e, nas horas de crise ou perigo, erguiam-se pelo bem como uma linha de rochedos contra um mar de tempestade. Os traços de psicologia aqui esboçados achavam-se bem nítidos na atitude e no vasto desenvolvimento físico dos novos dirigentes coloniais. Quanto ao ar de autoridade natural, a mãe pátria não teria de que se

envergonhar ao ver aqueles vanguardeiros de uma democracia moderna recebidos na Gamara dos Pares ou participando do Conselho Privado do Soberano.

Logo após os magistrados vinha o muito distinto sacerdote de cujos lábios se aguardava o discurso religioso do aniversário. Naquele tempo, a sua profissão era mais propícia à revelação de dotes intelectuais do que à vida política. Porque, deixando de parte um motivo mais relevante, encontrava, na quase adoração de que a comunidade a envolvia, estímulos muito poderosos. Um pastor que atuasse bem tinha nas mãos o próprio poder temporal.

Todos os que viram o Sr. Dimmesdale observavam que, desde que ele havia posto os pés nas ribas da Nova Inglaterra, jamais revelara tanta energia como no andar e no porte com que acompanhava o cortejo. Não havia fraqueza nos seus passos, como antigamente. Não tinha o corpo curvado nem a mão

agourentamente pousada no coração. E, todavia, se o examinassem com cuidado, veriam que a disposição não parecia física. Era como que espiritual, proporcionada por influências angélicas. Talvez fosse um efeito desse cordial poderoso que só se destila na fornalha da meditação grave e persistente. Podia ser também que o seu temperamento vibrátil estivesse tonificado pela música estridente e penetrante que se erguia para o céu, arrebatando-o nos acordes.

Contudo, tão abstrato parecia o Sr. Dimmesdale, que se poderia perguntar se ele ouvia a música. Lá ia o seu corpo, avançando, num impulso inusitado. Mas, onde estava o seu espírito? Muito longe, enconchado nos próprios domínios, cuidando de si, para iniciar o desfile de ideias magníficas que em breve dali partiria. Por isso o pastor não via nada, nada escutava, nada sabia do que o rodeava. Os homens de inteligência fora do comum, quando se tornam mórbidos, têm desses instantes efêmeros de esforço poderoso, nos quais despendem a vida de muitos dias para depois ficar exaustos por muitos mais.

Hester Prynne, olhando de relance para o pastor, sentiu pesar sobre si uma impressão pressaga, cuja causa e procedência ignorava. Sabia apenas que o Sr. Dimmesdale parecia muito distante do mundo e inteiramente fora do seu alcance. E ela supusera que haveria entre ambos um rápido olhar de reconhecimento. Recordou a floresta, com o pequeno recanto de solidão, amor e angústia, e o tronco musgoso onde, sentados lados a lado, tinham confundido as suas tristes e apaixonadas palavras com o murmúrio melancólico do riacho.

Como, naquela ocasião, os dois se conheceram profundamente! E era aquele o homem?

Agora, Hester dificilmente o identificava! Lá se ia ele, marchando altivamente, envolto pela música, na procissão de poderosos e veneráveis confrades. Ele, tão inacessível na sua posição social, e ainda mais na longa perspectiva de

pensamentos dolorosos através da qual ela o enxergava naquele momento! A sua alma abateu-se à ideia de que tudo fora uma ilusão, e de que, por mais nitidamente que tivesse sonhado, a verdade era que nenhuma ligação real poderia existir entre ela e o sacerdote. E havia tanto de feminino em Hester que ela quase não podia perdoá-lo — sobretudo naquele instante, quando se podiam ouvir os passos pesados do Destino que se aproximava, mais perto — de ter conseguido se arrebatrar completamente ao mundo de ambos, enquanto ela tateava na treva, estendendo as mãos frias, sem conseguir encontrá-lo.

Pearl ou percebeu e refletiu as emoções da mãe, ou avaliou por si mesma a distância e a intangibilidade que isolavam o ministro. Enquanto o cortejo

passava, ficou inquieta, levantando-se e baixando-se nas pontas dos pés, como um pássaro que vai alçar voo. E quando tudo se escoou, olhou para cima, para o rosto de Hester.

— Mamãe — perguntou — aquele é o mesmo pastor que me beijou na beira do riacho?

— Cala-te, minha querida Pearl! — cochichou-lhe a mãe. Não se deve falar na praça do mercado daquilo que acontece conosco na floresta!

— Não posso crer que seja o mesmo. Está tão esquisito! — insistiu a menina. Se não estivesse eu teria corrido para ele,

teria pedido que ele me beijasse na vista de toda essa gente, da mesma forma que ele fez entre as árvores escuras! Que teria dito o pastor, mamãe? Teria posto a mão no coração, e me repreendido, e me enxotado?

— Que poderia dizer, Pearl? — respondeu Hester. Diria que o momento não era oportuno para beijos, e que beijos não se dão na praça do mercado. Felizmente, doidinha, não foste falar com ele!

Uma outra sombra de idêntico sentimento, a respeito do Sr. Dimmesdale, foi manifestada por certa pessoa cuja excentricidade — ou insânia, como chamaríamos — levou-a a cometer uma coisa a que pouca gente da cidade se atreveria: entabular, em público, palestra com a mulher da letra escarlata. Essa pessoa foi a Senhora Hibbins que, vestida com grande pompa, de gola tríplice, cinta bordada, vestido de veludo caro e bengala de castão de ouro, saíra para assistir ao desfile. Como a velha tinha a fama (que depois lhe custou nada menos que a vida) de ser a principal figura de todos os trabalhos de necromancia, a turba abriu-lhe passagem, temerosa do contato das suas vestes, como se elas carregassem peste entre as dobras aparatosas. Vista em companhia de Hester Prynne, a Senhora Hibbins passou a inspirar redobrado terror, provocando um rebuliço geral na parte da praça em que as duas se encontravam.

— Quem poderia conceber uma coisa destas! — sussurrou a velha, confidencialmente, para Hester. Aquele pastor! Aquele

santo na terra, como o povo diz — e, devo confessar — como parece! Quem, ao vê-lo passar agora com o cortejo, vai supor que ainda há pouco ele saiu do seu gabinete — garanto que ruminando algum texto hebraico da Escritura — para dar um passeio na floresta? Ah! Bem sabemos o que isso significa, Hester Prynne! Mas, sinceramente, pois

não, custo a acreditar que seja o mesmo homem! Vi, marchando atrás da música, muitos membros da igreja que dançaram comigo quando Alguém era rabequista! Isso não passa de ninharia, para uma mulher que conhece o mundo. Mas aquele pastor! Tu és capaz de dizer, Hester, se ele é o mesmo que te encontrou no caminho da floresta?

— Senhora, não sei a que vos referis. Não me cabe falar, nem de leve, de um piedoso e culto ministro do Verbo, como é o Reverendo Sr. Dimmesdale! — respondeu Hester, pensando que a velha estava tresvariando, porém, estranhamente impressionada e cheia de horror à segurança com que ela afirmava as relações de tantas pessoas (inclusive as suas próprias) com o Demônio.

— Passa fora, mulher! Passa fora! — gritou a bruxa brandindo o dedo. Pensas que depois de ir tantas vezes à floresta ainda não estou habilitada a saber quais os outros que também vão até lá? Eu te conheço, Hester, porque andas com um estigma. Todos podemos vê-lo ao clarão do sol. E à noite

ele brilha como uma chama na treva. Tu o usas francamente, e por isso não há necessidade de mistérios. Mas o pastor! Deixa-me que te diga ao ouvido... Quando o Homem Negro vê um dos seus servos, registrado e marcado, tão receoso do compromisso como está o Reverendo Sr. Dimmesdale, organiza as coisas de modo que a marca se revela em plena luz, aos olhos de todo o mundo! Que é que o pastor anda sempre procurando esconder, com a mão espalmada no peito? Ah, Hester Prynne!

— Que será, boa Senhora Hibbins? Já vistes? — perguntou alvoroçada a pequena Pearl.

— Não importa, queridinha! — respondeu a megera endereçando à criança uma profunda reverência. Tu mesma o verás, mais cedo ou mais tarde. Dizem, minha filha, que és descendente do Príncipe do Ar! Queres me levar, numa bela noite, para visitar o teu pai? Então saberás por que o pastor anda com a mão no peito!

E a velha e fantástica senhora afastou-se, rindo tão agudamente que toda a praça do mercado escutou.

Por esse tempo terminara na igreja a prece preliminar e ouviram-se as palavras do Reverendo Sr. Dimmesdale iniciando o sermão. Um sentimento irresistível obrigou Hester a aproximar-se do local. Como o templo estava repleto demais

para admitir mais outro ouvinte, postou-se ao lado da plataforma do pelourinho. Era uma distância suficiente para permitir que o discurso lhe chegasse aos ouvidos no murmúrio difuso, mas colorido, nos mansos e nos transbordamentos da singularíssima voz do sacerdote.

Aquele órgão vocal era, por si mesmo, um dote precioso. Tanto que um ouvinte, entendendo ou não o orador, podia embalar-se na sua entonação e no seu ritmo. Como todas as demais músicas, exprimia paixão e patético, emoções altas e ternas, numa linguagem natural para o coração humano. Embora o som viesse esbatido pelas paredes da igreja, Hester Prynne ouvia-o com tanta atenção e tanta simpatia íntima que o sermão adquiriu para ela um sentido exclusivo, de todo independente das palavras incompreensíveis. Ora a voz lhe chegava num tom rolante como o do vento que amaina para repousar; ora soava em gradações progressivas de doçura e de força, e o seu volume parecia envolvê-la numa atmosfera de grandeza terrível e solene. E, todavia, apesar de às vezes assumir um crescendo majestoso, não perdia o timbre essencial de queixume. Uma expressão grave ou aguda de angústia — o sussurro ou o grito que se diria do sofrimento da humanidade, tocando a sensibilidade de todos os corações!

Às vezes, tudo o que Hester conseguia escutar, e mal, era esse fluir profundo de dor cantando no silêncio desolado. Mas, ainda quando o pastor erguia a voz num arroubo imperioso, ainda quando ela reboava incontida, ainda quando assumia a

plenitude da sua força e alcance, transbordando do templo, rasgando passagem através das sólidas paredes e difundindo-se no ar livre, ainda aí, atentando bem e já prevenido, o ouvinte podia surpreender o mesmo gemido de sofrimento. Que seria aquilo? O lamento de um coração humano carregado de tristeza, talvez de culpa, contando os segredos, de culpa ou de tristeza, ao grande coração da humanidade; buscando a sua compaixão e o seu perdão, a cada instante, a cada sílaba, e jamais em vão! Esse planger profundo e contínuo era o elemento mais frisante da eloquência do sacerdote.

Durante todo esse tempo Hester permanecera, como urna estatua, ao pé do cadafalso. Mesmo que a voz do Sr. Dimmesdale não a alcançasse ali, haveria sempre uma atração irresistível naquele lugar, de onde ela datara a primeira hora da sua vida de ignominia.

A pequena Pearl, entretanto, deixara a companhia da mãe e andava se divertindo à vontade na praça do mercado. Alegrava a multidão sorumbática com a sua flama errante e luminosa — como um passarinho de rútila plumagem, indo e

vindo, meio visto e meio escondido no crepúsculo das ramadas, ilumina uma árvore de folhagem densa. Tinha um andar ondulado, porém às vezes impetuoso e regular — E isso indicava a incessante agitação do seu espírito que naquele dia dançava infatigável nas pontas dos pés porque dançava e

vibrava no ritmo de inquietude materna. Onde quer que visse um detalhe que lhe excitasse a curiosidade sempre ativa, Pearl corria podemos dizer assim, apoderava-se da coisa ou do indivíduo como se fosse ou se tratasse de uma sua propriedade legítima.

Os Puritanos olhavam e, se sorriam, nem por isso estavam menos inclinados a considerá-la um rebento do demônio, pelo indescritível feitiço da sua beleza, pela originalidade que irradiava da sua pessoa e cintilava com a sua mobilidade. Correu e encarou um índio: e o índio ficou conhecendo uma natureza mais bravia do que a sua. Daí, com um desembaraço natural, embora ainda pecado por uma certa desconfiança, meteu-se por um grupo de marinheiros, homens trigueiros do oceano, como os índios o eram da terra. E eles olharam-na surpreendidos e encantados, como se estivessem vendo um floco de espuma em forma de mocinha, animada pela alma do fogo do mar que à noite brilha debaixo das proas.

Um dos marujos — o comandante que conversara com Hester — sentiu-se tão fascinado pelo aspecto da menina que tentou agarrá-la para lhe dar um beijo. Mas afinal, convencido de que era tão impossível pegá-la como pegar um beija-flor no ar, arrancou a corrente de ouro do chapéu e atirou-a aos seus pés.

Imediatamente Pearl experimentou-a no pescoço e na cintura, com uma habilidade tão feliz que o enfeite, parecia completar a sua personalidade e, uma vez vistos juntos, era difícil imaginá-los separados.

— Tua mãe é aquela mulher da letra escarlata? — perguntou o marujo. Queres levar-lhe um recado meu?

— Se eu gostar do recado, levarei — respondeu a menina.

— Então dize-lhe que tornei a falar com o velho doutor de cara escura e ombro aleijado e que ele se encarrega de levar para bordo o amigo, o cavalheiro que ela sabe. Por isso não precisa se preocupar a não ser consigo mesma e contigo.

Queres dizer-lhe isso, feiticeira?

— A Senhora Hibbins disse que meu pai é o Príncipe do Ar! — exclamou Pearl

com um sorriso malicioso. Se me chamas nomes feios eu contarei a ele e ele perseguirá o teu navio com uma tempestade!

Ziguezagueando pela praça, voltou para junto da mãe e transmitiu-lhe a mensagem do marinheiro. E a arma de Hester, forte, calma, pronta para o sofrimento, quase desfaleceu percebendo — no momento em que no labirinto de desventura parecia se ter aberto uma saída para o ministro e para ela — a aproximação de uma desgraça irremediável, uma desgraça que se plantava, sorrindo cruelmente, bem no meio da passagem!

E, com o espírito cruciado na perplexidade em que o lançara o recado do capitão, viu-se submetida a uma nova provação. Na multidão encontravam-se várias pessoas das vizinhanças da cidade que frequentemente ouviam falar da letra escarlata — tornada terrível através de centenas de versões falsas ou exageradas

— mas que ainda não a haviam visto. Essa gente, depois de esgotar as outras formas de diversão, aglomerou-se em torno de Hester, numa impertinência brutal e rústica. Entretanto, apesar de inescrupulosa, não se aproximava demasiado.

Ficava de boa vontade a certa distância, imobilizada pela força centrífuga da repugnância que o símbolo místico lhe inspirava. Toda a turma de marujos, por sua vez, observando o ajuntamento de espectadores e posta ao pardo significado da letra escarlata, correu e enfiou pelo círculo as caras patibulares e requeimadas de sol. Até os índios foram atingidos por uma espécie de reflexo gelado da curiosidade dos brancos e, insinuando-se pela turba, cravaram os olhos negros de cobra no seio de Hester, provavelmente supondo que a dona daquele brilhante enfeite bordado não podia deixar de ser uma personagem de alta dignidade entre o povo.

Por último os próprios habitantes da cidade caminharam indolentemente para o local e, talvez mais do que todos os outros, supliciaram-na com frios, displicentes olhares endereçados ao estigma que conheciam tão bem. Hester notou e reconheceu as mesmas caras daquele grupo de matronas

que, sete anos atrás, esperara a sua aparição na porta do presídio. Todas, menos uma, a mais jovem, a única que se compadecera, e cuja mortalha já havia sido feita. Na hora derradeira, quando estava para ser atirada fora, a letra candente tornara-se, de modo estranho, centro de maior interesse e excitação, e assim o dilacerava o seio mais dolorosamente do que em outra qualquer ocasião, desde o dia em que começara a ser usada.

Enquanto Hester permanecia no círculo da ignomínia, em que a cruel habilidade

de uma sentença parecia tê-la fixado para sempre, o admirável pregador olhava do púlpito sagrado para uma assistência cuja mais íntima sensibilidade estava por ele subjugada. O santo sacerdote na igreja. A mulher da letra escarlata na praça do mercado! Que imaginação seria bastante irreverente para supor que ambos carregavam o mesmo ferrete?

CAPÍTULO XXIII

A revelação da letra escarlate

Parou afinal a voz eloquente em que as almas se tinham embalado como nas ondas de um mar. Houve um silêncio repentino, profundo como se fosse ressoar a fala de oráculos. Depois, um, murmúrio e um zunzum abafado, como se os ouvintes libertos do fascínio intenso que os transportara às regiões de um outro espírito, estivessem voltando a si, ainda sob o peso do espanto e do encantamento. Um momento mais, e os fiéis começaram a transbordar pelas portas do templo. Agora, que tudo terminara, sentiam necessidade de respirar outra atmosfera mais própria a prover a vida material e grosseira a que tinham voltado do que a daquele ambiente que o pregador incendiara com palavras de flama e impregnara da fragrância forte do seu pensamento.

Ao ar livre, o êxtase se converteu em clamor. A rua e a praça do mercado estremeceram inteiramente, de ponta a ponta, com os aplausos ao sacerdote. A opinião unanime era que jamais um homem falara com um espírito tão sábio, tão alto e tão sagrado como naquele dia tinha falado o Sr. Dimmesdale, nem jamais a inspiração bafejara lábios mortais com tanta evidência. O tema do sermão, ao que parece, havia sido a

relação entre a Divindade e as comunidades humanas e comportara uma referência especial à Nova Inglaterra que eles estavam plantando no deserto. E, quando se aproximava do fim, uma espécie de sentido de profecia empolgara o orador, arrebatando-o tão poderosamente como fazia aos profetas de Israel. Com a diferença, apenas, de que, enquanto os videntes Judeus prenunciaram calamidades e ruma da pátria, ao pastor coube vaticinar, para a nova colônia do povo de Deus, um destino sublime e glorioso. Mas, através de tudo isso, através de todo o discurso, havia uma certa profundidade e melancolia de tom, que não podia exprimir senão a saudade de quem sabe que em breve passará. Sim. O sacerdote que os fiéis tanto amavam — e que os amava tanto que não podia partir para o céu sem um soluço — tinha o pressentimento da sua transitória permanência entre os vivos, e isso dava, ao êxito do orador o último toque de patético. Era como se um anjo, de passagem para o céu, houvesse por um momento tatalado as asas rútilas sobre a multidão presságio e esplendor ao mesmo tempo — e deixasse cair sobre ela uma chuva de verdades de ouro.

Assim chegara para o Sr. Dimmesdale uma fase de vida mais brilhante e mais

vitoriosa do que qualquer das que tivera até então ou poderia ter no futuro. Naquele instante ele se erguia na mais altaneira eminência a que o talento, a cultura sólida, a eloquência dominadora e a reputação da mais casta santidade podiam

elevant um antigo sacerdote da Nova Inglaterra. Tal a sua posição quando, ao fim do seu discurso da Eleição, fez do púlpito uma reverencia com a cabeça. Enquanto isso, Hester Prynne continuava ao lado da plataforma do pelourinho, a letra escarlata ainda lhe queimando o seio!

Tornou-se a ouvir a música e o tropel compassado da escolta militar marchando para a porta da igreja. O cortejo ia se dirigir à câmara municipal, onde um banquete de gala completaria as cerimônias do dia.

Mais uma vez, pois, o venerando e majestoso grupo de patriarcas movimentou-se entre alas que o povo lhe abria reverentemente — o Governador, os magistrados, os anciãos e sábios, os sacerdotes e tudo quanto havia de ilustre e reputado. Quando irromperam na praça do mercado foram acolhidos com uma ovação. E a demonstração — embora talvez acrescida pela estima infantil que a época devotava aos administradores — foi considerada como uma irreprimível explosão do entusiasmo despertado no auditório pelo jorro magnífico de eloquência que ainda vibrava aos ouvidos da massa. Dentro do templo, ela se contivera com dificuldade. Ali, porém, subia ao auge. Havia bastante gente — eram numerosas as pessoas que tinham sentimentos exaltados e clangorosos — para produzir aquele clamor, mais impressionante do que o roncar da ventania ou do trovão, e do que o bramido do oceano. Nunca, no solo da Nova Inglaterra, se erguera uma tal aclamação! Nunca, no solo da Nova

Inglaterra, um homem fora homenageado pelos seus conterrâneos como o pregador estava sendo.

Quando as fileiras de soldados e patriarcas civis avançaram, todos os olhos se concentraram no ponto em que o pastor se devia achar. E a ovação se extinguiu num murmúrio, à medida que a multidão conseguia vê-lo. Em pleno triunfo, como parecia esgotado, como estava pálido! A energia — ou antes, a inspiração que o sustentara até que ele transmitisse a mensagem sagrada, que do próprio céu trouxera forças para insuflar-lhe — tinha-se esgotado, agora que ele cumprira tão fielmente a sua missão. O colorido, que antes todos tinham visto nas suas faces, extinguiu-se como uma chama que desaparece desamparada entre brasas desfeitas. Aquele rosto de tons cadavéricos pouco possuía do de um homem vivo. E parecia de morto aquele corpo que cambaleava ao andar, e cambaleava ainda, e não caía!

Um dos colegas do Sr. Dimmesdale — o venerável John Wilson observando o estado em que ele ficara depois de passada a onda de pensamento e emoção, correu-lhe ao encontro, para oferecer apoio. Trêmulo, mas decidido, o pastor recusou o braço do velho. Caminhou mais alguns passos — se é que se pode chamar assim a um movimento que mais parecia o esforço vacilante de uma criança a quem a mãe estende os braços para a animar a andar. Agora, os últimos passos quase nulos, ele ia passando pelo tão lembrado e envelhecido

pelourinho onde, há tanto tempo, Hester Prynne tinha afrontado os impudentes olhares do mundo. E lá estava ela, com a pequena Pearl pela mão. E lá estava a letra escarlate no seu seio! Então o sacerdote parou, embora a banda continuasse a tocar a marcha solene e festiva que puxava o cortejo.

A marcha o chamava — chamava-o para a festa. Ele, porém, não prosseguiu.

Bellingham tinha olhado com ansiedade. E agora, em pessoa deixava o seu lugar no desfile e vinha em socorro do Sr. Dimmesdale, julgando, pelo seu aspecto, que sem isso ele cairia. Mas na expressão do sacerdote havia qualquer coisa que deteve o magistrado, apesar de não se tratar de um homem de obediência fácil às vagas intimações que passam de um espírito para outro. E a turba olhava com terror e êxtase. Aos seus olhos, aquele delírio humano significava apenas uma outra prova da energia celeste do pastor. E nem fora considerado milagre impossível a tão grande santo que ele se alçasse à vista de todos, esvaindo-se, e brilhando, e fundindo-se, afinal, na luz do firmamento.

O sacerdote voltou-se para o pelourinho.

— Hester, vem cá! — chamou. Vem, minha pequena Pearl!

Era medonho de ver-se o modo porque as olhava. Mas nele havia, ao mesmo tempo, qualquer coisa de meigo e estranhamente triunfante. A menina, com os movimentos de pássaro que eram uma das suas características, voou para ele e abraçou-o pelos joelhos. Hester Prynne — vagarosa, como arrastada num destino inevitável, contra a sua mais decidida vontade — aproximou-se também, porém deteve-se antes de alcançá-lo. Nesse instante o velho Roger Chillingworth irrompeu da turba — ou eclodiu de alguma região infernal, tão negro, desvairado e maligno parecia — para demover a sua vítima. Avançou e agarrou o sacerdote pelo braço.

— Louco, detém-te! Que queres fazer? — sibilou. Enxota esta mulher! Enxota

esta criança! Tudo acabará bem! Não manches o teu nome, não morras desonrado! Ainda posso salvar-te! Queres desmoralizar a tua sagrada profissão?

— Ah, tentador! Creio que desta vez chegaste tarde! — respondeu o pastor encarando-o aterrado, mas firmemente. Teu poder já não mais é o que era! Com a ajuda de Deus, hei de me livrar de ti!

E de novo estendeu as mãos para a mulher da letra escarlate.

— Hester Prynne — exclamou, com uma austeridade cruciada — em nome daquele que é tão terrível e misericordioso que me concedeu a graça de fazer neste derradeiro instante o que — para meu próprio e irremissível pecado e para minha desgraçada agonia — eu me impedi de fazer há sete anos atrás, vem até aqui e esparze a tua energia sobre mim! Não relutes, Hester! Consente que a tua fortaleza seja útil ao desejo que Deus me inspirou! Esse velho infeliz e malvado está se opondo a ele com todas as forças! Com todas as suas forças, e as do demônio! Vem, Hester! Ajuda-me a subir ao patíbulo!

A multidão tumultuava. Os cidadãos de destaque e de posição que se achavam mais próximos do sacerdote ficaram tão surpresos e perplexos com o que viam

— incapazes de aceitar a explicação que mais prontamente se lhes oferecia, e incapazes também de imaginar outra — que se fizeram espectadores silenciosos e passivos do julgamento que a Providência parecia em vias de realizar. Viam o ministro, inclinado sobre o ombro de Hester, sustido pelo braço que ela lhe passara em redor da cintura, e de mãos dadas com a pequena filha do pecado, chegar ao cadafalso e subir-lhe os degraus. O velho Roger Chillingworth seguia- os, como alguém que estivesse intimamente ligado àquele drama de crime e de ruína, de que todos tinham sido atores e, portanto, bem credenciado para assistir à cena final.

— Tivesses percorrido o mundo inteiro — disse ele sombriamente ao pastor — e não haveria lugar escondido, alto

ou baixo, em que me pudesses escapar. A não ser este cada falso.

— Graças a ele, que me trouxe até aqui! — retrucou o Sr. Dimmesdale.

Estremeceu, dirigiu-se a Hester com uma expressão de dúvida e ansiedade no olhar e um débil sorriso nos lábios.

— Isto não é melhor do que o que sonhamos na floresta? — murmurou.

— Sim, sim! — concordou ela. Melhor? Sim! Assim morreremos os dois, e a pequena Pearl morrerá conosco!

— Por ti e por Pearl, seja como Deus quiser! — disse o sacerdote. E Deus é misericordioso! Deixa-me agora realizar o propósito que ele tornou fácil para mim! Porque, Hester, estou quase morto. Deixa que eu corra ao encontro da vergonha que me cabe!

Apoiado em Hester Prynne e segurando a mão da pequena Pearl, o Reverendo Sr. Dimmesdale voltou-se para os dignos e respeitáveis governantes; para os piedosos ministros, seus irmãos; para o povo, cujo grande coração se transia e transbordava de uma simpatia confrangida, como que adivinhando que alguma obscura história — que se era de pecado era também cheia de arrependimento e de dor — ia ser

revelada naquele instante. O sol, apenas começando a inclinar-se do apogeu, rutilava sobre o pastor, aureolando a figura como se ele tivesse deixado a terra para depor a sua confissão de culpa ante as barras da Justiça Eterna.

— Povo da Nova Inglaterra! — gritou o Sr. Dimmesdale, numa voz que se ergueu sobre os assistentes, alta, solene, majestosa, embora sempre trêmula, e algumas vezes estridente, surdindo das insondáveis profundezas da aflição e do remorso — vós que me tendes amado! vós que me considerais um santo! olhai-me, o único pecador neste mundo! Afinal! Afinal! Aqui estou, no lugar onde devia ter estado há sete anos! Aqui, com esta mulher, cujo braço, mais do que a precária energia que me permitiu vir, me impede, neste momento pavoroso, de enterrar a face no chão! Reparai na letra escarlate que Hester usa! Todos vós estremecestes diante dela! Aonde quer que Hester fosse — aonde quer que, fustigada pela desventura, se dirigisse, na esperança de repouso — essa letra irradiava em torno dela um clarão medonho e repulsivo. Mas, no meio de vós, alguém existe a cujo estigma de pecado e de infâmia ainda não estremecestes!

Dir-se-ia, neste momento, que o sacerdote ia deixar o segredo ir revelado. Ele, porém, sobrepujou o desfalecimento físico — e mais ainda a debilidade do coração — que lutavam por dominá-lo. Abandonou qualquer amparo, deu um passo violento para a frente.

— A letra escarlata está nesse alguém de quem vos falei! — prosseguiu com uma espécie de ferocidade, tão determinado estava a dizer tudo. O olhe de Deus a via! Os anjos a apontavam! O Demônio a conhecia e indicava-a

constantemente com o seu dedo abrasador! Ele, porém, ocultava-a habilmente aos olhos dos homens e dava-se, em vosso meio, a ares de espírito que sofria porque pairava num mundo tão cheio de pecado, e que era Riste porque fazia falta aos seus semelhantes do céu! Agora, na hora da morte, aqui está ele, diante de vós! Implora que olheis para a letra escarlata de Hester Prynne! E declara-vos que, com todo o seu horror misterioso, esse estigma não é senão uma sombra do que ele usa no peito, embora este, o rubro ferrete do pastor, não seja, por sua vez, mais do que uma amostra do que lhe lacera o âmago do coração! Haverá aqui alguém que descreia da justiça de Deus sobre um pecador? Olha! Olha uma pavorosa prova dessa justiça!

Com um gesto convulso, desnudou o peito. E o estigma foi revelado! Seria irreverente descrevê-lo. Por um instante o olhar horrorizado da turba concentrou-se no hediondo milagre, enquanto o Sr. Dimmesdale, com um rubor de triunfo nas faces, se empertigava como alguém que na crise mais penosa tivesse obtido a vitória. Depois, abateu-se na plataforma. Hester amparou-o como pôde e tomou-lhe a cabeça no colo. O velho

Roger Chillingworth ajoelhou-se ao seu lado, atordoado e sombrio, como um autômato.

— Escapaste-me! — repetiu. Tu me escapaste!

— Deus te perdoe! — murmurou o ministro. Também pecaste muito! Desviou os olhos, fitou a mulher e a menina.

— Minha pequena Pearl — sussurrou, débil (e havia no seu rosto um sorriso leve e doce, como o de um espírito que entra em profundo repouso. Não. Agora, que se dissipara o remorso, mais parecia que ele desejava brincar com a criança)

— querida Pearl, queres me beijar desta vez? Não o quiseste, lá na floresta! E agora, queres?

Pearl beijou-lhe os lábios. Quebrava-se um encanto. A grande cena de dor, de que a menina esquisita participara, tinha-lhe acordado todos os sentimentos. E quando as suas lágrimas rolaram para as faces do pai, eram o penhor de que ela cresceria entre a alegria e a tristeza humanas, não mais para lutar contra o mundo, mas para ser uma mulher dentro dele.

— Hester — disse o sacerdote — adeus!

Não nos encontraremos mais? — sussurrou ela, baixando o rosto sobre o dele.

Não estaremos juntos na nossa existência imortal? Sim, sim!
Nós nos redimimos neste sacrifício! Com estes olhos distantes e
luminosos, parece que já estás na eternidade! Que vês?

Silencio, Hester! Silêncio! — pediu ele, numa voz grave e
entrecortada. Quebramos a lei!... O pecado que aqui foi tão
terrivelmente revelado! Conserva- o na tua lembrança! Tenho
medo! Tenho medo! E assim acontece quando esquecemos o
nosso Deus... quando violamos o respeito que uma alma deve a
outra... Daqui por diante serão vão alimentar a esperança de
que ainda nos possamos encontrar numa última, eterna e casta
união! Deus sabe! E Ele é misericordioso! Mais do que em
qualquer outra coisa, provou Sua misericórdia nas minhas
agonias, inspirando-me a usar no peito este suplício candente,
enviando este velho sinistro e inevitável para manter sempre
em brasa o meu ferrete, trazendo-me até aqui para morrer
diante do povo esta morte de gloriosa ignomínia! Se faltasse
qualquer dessas torturas, eu estaria perdido para sempre!
Louvado seja o Seu nome! Foi feita a Sua vontade! Adeus!

A derradeira palavra evolou-se com o último suspiro do pastor.
A turba, até então muda, prorrompeu num estranho gemido de
terror e de espanto — espanto e terror que não podiam ainda
encontrar outra expressão a não ser a daquele soturno reboar
que se seguiu à partida da alma.

C A P Í T U L O XXIV

Conclusão

Muitos dias depois, quando o povo teve tempo bastante para coordenar as impressões da cena precedente, surgiu mais de uma versão sobre o que acontecera no pelourinho.

Vários espectadores declaravam ter visto, no peito do desventurado sacerdote, uma letra escarlate — cópia fiel da que Hester Prynne usava — mas esculpida na carne. Quanto a sua origem, circularam numerosas explicações, todas, necessariamente, meras conjecturas. Alguns afirmavam que o Reverendo Sr.

Dimmesdale, desde o primeiro dia em que Hester Prynne carregara o emblema infamante, havia iniciado uma série de penitências — que depois desandou em tantas modalidades inúteis — infligindo-se horrendas torturas. Outros teimavam que o estigma levava muito tempo para se revelar, até que Roger Chillingworth, poderoso feiticeiro, fizera-o aparecer por meio de magia e de drogas venenosas. Outros ainda — e estes mais capacitados para admirar a extraordinária emotividade do pastor e a espantosa hegemonia do seu espírito sobre a matéria

— confessavam a crença de que o pavoroso ferrete fosse obra do dente sempre ativo do remorso, roendo do âmago do coração para fora e, afinal, manifestando o tremendo julgamento do céu na presença visível da letra. Que o leitor escolha entre essas teorias. Já lançamos sobre o caso toda a luz que podíamos e sentir-nos-íamos felizes, agora que cumprimos a nossa missão, em varrê-lo do cérebro, onde a longa meditação o fixou, com uma nitidez total e intolerável.

Contudo é singular que algumas pessoas, testemunhas de toda a cena, e que afirmam não ter desviado os olhos do Reverendo Sr. Dimmesdale, neguem que ele apresentasse qualquer marca no peito que, segundo asseguram, estava liso como o de uma criança recém-nascida. Nem tampouco, pelo que contam, as palavras do moribundo haviam exprimido, sequer remotamente, a mais leve participação no crime pelo qual Hester Prynne usava há tanto tempo a letra escarlate. De acordo com esses altos e respeitáveis depoimentos, o sacerdote, cômico de que estava morrendo cômico também de que a reverência da multidão o situava entre os santos e os anjos — quisera, com o exalar do último suspiro nos braços daquela mulher decaída, fazer ver ao mundo como é inteiramente falível a mais escrupulosa justiça humana.

Depois de exaurir a vida em esforços pelo aperfeiçoamento espiritual da espécie, ele convertera a morte numa parábola, a fim de oferecer aos admiradores uma lição impressiva e triste,

ensinando-lhes que em face da Divina Pureza, todos somos pecadores. Sem entrar na discussão de verdade tão oportuna, permitimo- nos considerar esta interpretação do caso do Sr. Dimmesdale apenas como um exemplo da obstinada fidelidade com que os amigos de um homem — e especialmente de um sacerdote — às vezes pretendem elevar-lhe o caráter, quando as provas, claras como a luz do sol incidindo na letra escarlata, demonstram que ele é uma criatura vil, hipócrita e tisonada de pecado.

A autoridade que de preferência temos seguido — um manuscrito de velha data, proveniente da narrativa de pessoas, algumas das quais conheciam Hester Prynne, enquanto outras tinham ouvido a história de contemporâneo de fato confirma plenamente a versão adotada nas páginas anteriores. E as muitas conclusões de ordem moral que nos inspira o desgraçado episódio do pobre pastor, nos a condensamos nesta única sentença: Sê sincero! Sê sincero! Sê sincero! Mostra francamente ao mundo, senão o pior de ti, ao menos algum traço pelo qual se possa inferir o pior!”

Nada mais notável do que a transformação que se operou, quase imediatamente depois da morte do Sr. Dimmesdale, no aspecto e na atitude do velho conhecido pelo nome de Roger Chillingworth. Toda a força e energia — toda a seiva vital e mental — pareciam tê-lo abandonado, tanto que ele minguou, murchou, tornou- se quase invisível aos olhos humanos, como uma planta sem raiz que definha na soalheira. O infeliz erigira

em escopo da sua existência a perseguição e o exercício sistemático de uma vingança. E quando, pelo triunfo mais completo e pela consumação dessa vingança, o mau propósito deixou de ter material em que se cevar, quando, em suma, não houve mais na terra nenhum trabalho do Demônio para executar, ao mortal desumanizado restou somente rumar para onde o seu Senhor de certo teria inúmeras tarefas a confiar-lhe, pagando-lhe os devidos salários.

Mas, com todos esses torvos personagens, que há tanto conhecemos de perto — Roger Chillingworth e seus companheiros — somos obrigados a ser misericordiosos. Saber se, em essência, o amor e o ódio não são uma mesma coisa — eis um curioso assunto para a observação e a análise. Ambos, na sua trama recôndita, pressupõem grande intimidade e conhecimento de coração; ambos fazem com que um indivíduo dependa do outro para alimentar os seus impulsos e a sua vida interior; amor exaltado e ódio exaltada decepcionam-se,

desolam-se com a perda do objeto. Portanto, consideradas de um ponto de vista filosófico, as duas paixões parecem ser, em essência, uma só, com a diferença de que aquela se emoldura de uma ardência celestial e essa de um clarão fumarento e macabro. No mundo espiritual o velho médico e o pastor — mútuas vítimas como o foram — deviam, de súbito, encontrar as suas reservas de ódio e antipatia transformadas em radioso amor.

Temos uma coisa importante a comunicar ao leitor. Por ocasião da sua morte (que ocorreu um ano depois) e por sua última vontade e testamento do qual o Governador Bellingham e o Reverendo Sr. Wilson foram os executores, Roger Chillingworth legou considerável quantidade de bens, tanto na colônia como na Inglaterra, à pequena Pearl, à filha de Hester Prynne.

Assim a menina esquisita — o produto do demônio como muita gente até então teimava em considerá-la — tornou-se a mais rica herdeira do seu tempo, no Novo Mundo. Não é improvável que essa circunstância tenha determinado uma transformação bastante sensível do juízo público, e não é improvável que se a mãe e a filha tivessem continuado na Nova Inglaterra, Pearl, uma vez chegada à idade de casamento, misturasse o seu sangue libérrimo à linhagem do mais devoto dos Puritanos. Mas, pouco depois da morte do médico, a dona do emblema da ignomínia desapareceu, e com ela a criança. Por muitos anos, embora uma vaga notícia encontrasse de quando em quando o caminho através do oceano — como um pedaço informe de madeira gravada que desse à praia não se teve de ambas nenhuma informação certa.

A história da letra escarlate avultou em lenda. Entretanto exercia ainda um fascínio poderoso, conservando vivo o pavor do cadafalso em que morrera o pobre sacerdote, como também o da cabana da praia em que Hester residira. Uma tarde, alguns meninos brincavam perto dela, quando viram aproximar-se da porta uma mulher alta, vestida de cinzento.

Havia anos que aquela porta não se abria. Mas, ou porque a visitante a destrancasse, ou porque as madeiras e ferragens se lhe diluíssem nas mãos, ou porque ela se infiltrasse como um fantasma através dos corpos sólidos — o certo é que entrou.

Parou no portal — olhou em torno — talvez porque a ideia de penetrar tão só e tão mudada no antigo cenário de uma vida tão intensa, fosse mais aflitiva e lúgubre do que ela própria podia suportar. Mas a hesitação durou apenas um momento, mas suficientemente longa para deixar ver uma letra escarlate no seu seio.

Hester Prynne regressara para continuar usando o seu ferrete de há muito abandonado. Mas que fora feito da pequena Pearl? Se ainda vivesse devia estar no fulgor e na floração de uma juventude de mulher. Ninguém sabia — nem jamais soube com a segurança de uma certeza plena — se a menina esquisita partira prematuramente para um tumulto de virgem ou se, subjugada a sua natureza impetuosa e extravagante, se tinha tornado acessível a uma doce felicidade de esposa. O certo é que, durante o resto da vida de Hester, houve indícios de que a filha da letra escarlate era objeto do amor e dos cuidados de um cidadão de outro país. Chegavam cartas, com timbres de nobreza, embora de brasões desconhecidos na heráldica da Inglaterra.

Na cabana existiam elementos de conforto e de luxo que Hester nunca pensou utilizar, mas que só a riqueza podia adquirir, e que a amizade lhe enviara. E, de par com esses elementos, havia também ninharias, pequenos presentes, belas provas de uma recordação contínua, que deviam ter sido trabalhados por dedos gentis, sob ditames do íntimo do coração. E uma vez viram Hester bordando um vestidinho de bebê, com tal prodigalidade de arabescos em ouro que, exibido por um menino da nossa descolorida comunidade, teria levantado um clamor público.

Afinal as comadres do tempo acreditaram — e acreditou o Sr. Inspetor de Crianças, que fez investigações um século depois — e um dos seus recentes sucessores também acredita piamente — que a pequena Pearl não só estava viva, mas casada, e feliz, e amiga da mãe, e que o seu maior contentamento teria sido conservá-la ao calor da sua lareira.

Mas ali na Nova Inglaterra havia para Hester Prynne uma vida mais real do que na região desconhecida onde a filha encontrara um lar. Ali ela pecara, ali nascera a sua desventura, ali devia se cumprir a sua penitência. Por isso retomara de livre vontade, pois nem o mais rigoroso magistrado da época o teria imposto — o símbolo de que narramos a tão negra história. Nunca mais ele deixaria o seu seio. Todavia, no decurso dos anos laboriosos, austeros devotados, que constituíram seu fim de existência, a letra escarlata deixou de ser o estigma que atraía o escárnio e o insulto do mundo, para se tornar qualquer

coisa que devia ser lamentada e olhada com terror, mas também com respeito.

E, como Hester Prynne não alimentava intuítos egoístas, nem de modo algum vivia para o seu próprio proveito e prazer, o povo lhe trazia todas as suas dores e incertezas, pedindo-lhe conselhos, como a alguém que já passara por um transe

decisivo. As mulheres, com mais frequência nos vaivéns contínuos das paixões feridas, arruinadas, desiludidas, impossíveis, transviadas ou pecaminosas — ou com a temerosa angústia de um coração que não se declara porque desvalidos e anônimo — corriam à sua cabana para lhe perguntar por que eram tão infelizes, e para lhe pedir um remédio! Hester confortava-as e aconselhava-as o melhor que podia. Garantia-lhes também, numa convicção sincera, que, em alguma época mais brilhante, quando o mundo estivei em condições de merecê-la, no próprio período do céu, uma verdade nova será revelada para estabelecer, num terreno de felicidade mútua, a relação entre o homem e a mulher.

Ela pensara uma vez, em vão que era a eleita para a proclamação dessa verdade. Mas desde muito reconhecera a impossibilidade de que essa missão de divina e misteriosa sabedoria fosse confiada a uma mulher poluída pelo pecado, esmagada pela vergonha ou mesmo atormentada por uma longa tristeza. O anjo ou apóstolo da revelação que virá há de

ser uma mulher, sim, porém sublimada, casta e bela, esclarecida não nas penumbras da tristeza, mas nos desafogados ambientes da alegria para nos mostrar como o amor sagrado nos poderá tornar venturosos através da sincera experiência de uma vida voltada a esse objetivo.

Assim dizia Hester Prynne, e olhava com os olhos tristes para a letra escarlata. E depois de muitos, muitos anos, abriu-se um novo túmulo junto a outro, antigo e derruído, no cemitério a cujo lado a King Chapei fora construída. Junto ao túmulo velho e gasto, sim, mas com um espaço entre eles, como se o pó dos dois que ali dormiam não tivesse o direito de se confundir. Todavia, uma lápide servia para ambos. Em redor, tudo eram monumentos gravados com brasões. Também na singela tábua de ardósia — como o investigador curioso pode ainda distinguir e admirar — havia um esboço de escudo. E esse escudo tinha uma legenda, um motivo heráldico tão triste — apenas destacado por um toque sempre presente de luz mais desolada do que a sombra — que pode servir de fecho e resumo à nossa história, que aqui termina:

“NUM CAMPO NEGRO, A LETRA ESCARLATE, ESTOICISMOS”.

EPÍLOGO

O texto a seguir escrito por Hawthorne, fez parte da edição original da obra *A Letra Escarlate*, como uma introdução. Nela o autor relata o período em que trabalhou na alfândega, bem como a suposta origem da história que o inspirou a escrever o romance.

Sobre a Alfandega e *A Letra Escarlate* – N. Hawthorne

É curioso que — apesar de não ter inclinação para falar de mim e dos meus negócios com amigos particulares ao calor da lareira — esta seja a segunda vez que um impulso autobiográfico se apodera de mim ao dirigir-me ao público. A primeira foi há uns três anos, quando imperdoavelmente, e por nenhum motivo plausível que o leitor benévolo ou o autor impertinente pudesse imaginar — presenteei o leitor com um relatório sobre a minha vida na imperturbada solidão de um Velho Retiro. E agora, de novo — porque na outra ocasião me senti contente de ter encontrado um ou dois ouvintes para além da minha solidez — tomo a pegar o público pela lapela para contar-lhe a minha experiência de três anos numa Alfândega. O

exemplo do famoso “P. P., Sacristão desta Paróquia” nunca foi tão fielmente seguido. Entretanto, parece que a verdade é que, ao atirar as suas páginas ao vento, o escritor se dirige, não à maioria que passara de esguelha pelo livro, mas aos raros que, mais do que os colegas e os íntimos, o compreenderão.

Aliás certos autores vão além e — como se lançado ao vasto mundo o volume impresso fosse encontrar, na certa, o complemento do seu caráter e da sua sensibilidade, completando lhe, pelo contato, o ciclo da existência — permitem-se confidências tão profundas que caberiam, de maneira única e exclusiva, a um coração e a um espírito absolutamente afins. E é muito pouco conveniente dizer se tudo, mesmo quando se fala de um modo impessoal. Quando, porém, as ideias se acham frias e as expressões suavizadas, e uma vez que não se esteja em relação direta com o auditório, é perdoável que suponhamos ter a nos ouvir algum amigo complacente e compreensivo, embora não dos mais chegados.

Então, anulada a reserva instintiva por essa confortadora certeza, podemos tagarelar sobre as circunstâncias que nos rodeiam e até sobre nós mesmos, conservando, porém, sempre velado o Eu mais recôndito. Nessa medida, e dentro destes limites, acho que um autor pode ser autobiográfico sem violar os interesses do leitor, nem os seus.

Ver-se-á também que este esboço da Alfândega tem certa propriedade, de gênero sempre acatado em literatura, ao explicar como tantas das páginas que se seguem caíram em meu poder e ao oferecer provas da autenticidade da narração que nelas se contém. Este, aliás — o desejo de me colocar na sincera posição de redator, ou muito pouco mais, dos episódios que constituem o meu livro — este, e não outro, é o verdadeiro motivo pelo qual estabeleço ligação pessoal com o público. Para realizar o escopo essencial, pareceu-me permissível oferecer, por uns toques extra, a pálida reprodução de uma profissão ainda não descrita e fixar também alguns caracteres que se movem no ambiente, inclusive, acidentalmente, o do autor.

Na minha cidade natal, Salem, que há meio século passado, nos dias do velho Derby, era um porto movimentado — e que agora anda esmagada sob arruinados armazéns de madeira e poucos ou nenhum sintoma de vida comercial apresenta, exceto, talvez, o rumor de algum navio descarregando peles; ou, mais perto, uma escuna da Nova Escócia, desembarcando combustível — nesse cais derruído, dizia eu, que as marés frequentemente inundam e onde, na base e nos fundos de um renque de casas, uma orla de capim não desbastado revela o lânguido passar de longos anos — aí, dando vista pelas janelas da frente para essa perspectiva não muito alegre e para o porto, acha-se um espaçoso edifício de tijolos.

Durante três ou quatro horas de cada manhã, drapeja ou escorre do mastro, no ponto mais alto do teto, a bandeira da república. Mas com as treze listas em posição vertical, e não horizontal, para indicar que ali está instalado um posto civil, e não militar, do governo de Tio Sam. A fachada é ornada por um pórtico de doze pilares toscos sustentando uma varanda, da qual desce para a rua um lance de largos degraus de pedra. Na entrada esvoaça um enorme espécime de águia americana, com as asas espalmadas, um broquel no peito e, em cada garra, se bem me lembro, um feixe sortido de raios e dardos de ponta curva. Essa ave infeliz, com o costumeiro mau humor que a caracteriza, parece, pela ferocidade do bico e do olhar, ameaçar a comunidade inofensiva.

E, sobretudo, advertir todos os cidadãos ciosos do próprio bem-estar contra

qualquer intromissão nos prédios que ela sombreia com as asas. Entretanto, apesar dessa aparência irritada, muita gente procura, ainda neste mesmo momento, agasalhar-se no seu choco, imaginando — creio eu — que ele oferece a macieza e a comodidade de um travesseiro de penugem de ganso do Norte. A águia, porém, mesmo quando está na melhor das disposições, não é muito carinhosa e, mais cedo ou mais tarde — frequentemente mais cedo do que mais tarde — resolve enxotar os filhotes com um arranhão de garra, ou uma bicada, ou uma ferida viva causada pelos dardos em arpão.

A calçada que rodeia o edifício acima descrito — que desde já bem podemos chamar a Alfândega do porto — tem, nas rachaduras, capim bastante para mostrar que nos últimos tempos não é utilizada por nenhuma tumultuosa multidão atarefada. Em alguns meses do ano, todavia, são frequentes certos momentos em que os negócios se conduzem num ritmo mais agitado. Tais ocasiões relembram aos cidadãos mais idosos aquele período anterior à última guerra com a Inglaterra, em que Salem era um verdadeiro porto — e não estava, como agora, desprezada pelos seus próprios negociantes e armadores, que permitem que os seus molhes se arruinem, enquanto vão engrossar, desnecessária e anonimamente, a poderosa corrente de tráfico para New York ou Boston. Em algumas dessas manhãs, quando acontece que três ou quatro barcos chegam ao mesmo tempo — em geral da África e da América do Sul — há um soar frequente de passos subindo e descendo apressados os degraus de pedra. Aí, ainda no cais, verdes antes de encontrar a esposa, o capitão, curtido do mar com os documentos de bordo debaixo do braço, numa enferrujada caixa de folha de flandres. Vereis também passar o armador, alegre ou carrancudo, comunicativo ou emburrado, conforme o seu plano da viagem que vem de acabar resultou em mercadorias de permuta fácil por ouro ou o enterrou sob um montão de espigas de que ninguém o safará.

Aí, outrossim — grelo do negociante gasto de preocupações, de barbas grisalhas e testa enrugada — veremos o jovem caixeiro

esperto, provando o gosto do ofício como um filhote de lobo prova sangue, e já herói de peripécias nos navios do patrão, quando fora melhor que estivesse manobrando barquinhos de brinquedo numa represa de moinho. Outro tipo é o do marinheiro envolto em ataduras, à procura de garantia. Ou o recém-chegado, pálido e fraco, pedindo guia para o hospital. Nem devemos esquecer os mestres das pequenas escunas que trazem combustível das províncias britânicas: rudes marujos, sem a vivacidade da fisionomia ianque, mas atribuindo com uma parcela não pouco importante para o nosso decadente comércio.

Juntos esses indivíduos, como às vezes acontecia, com outros de vários tipos que matizavam o todo, transformavam a Alfândega num cenário agitado. Mais frequentemente, todavia, ao subir os degraus, veríeis — no saguão, se fosse no estio, ou nas salas interiores, se fosse no inverno ou fizesse mau tempo — uma fila de veneráveis figuras, sentadas em cadeiras antigas inclinadas contra a parede pelas pernas traseiras. Em geral dormiam, mas ocasionalmente podiam ser ouvidas conversando num tom que oscilava entre a fala e o resmungo, e com essa ausência de energia que distingue os asilados e todos os seres humanos cuja subsistência depende da caridade, ou do trabalho servil, ou de qualquer outra coisa que não seja a iniciativa própria. Estes velhos — sentados como Mateus, porém

não passíveis de serem convocados dali para fornadas apostólicas — eram guardas da Alfândega.

Além disso, à esquerda de quem entra pela porta da frente, há um certo gabinete ou escritório, de cerca de quinze pés quadrados e teto alto, com duas janelas arcadas dando vista para o já referido cais arruinado e uma terceira abrindo para um pequeno beco e para um trecho da Rua Derby. Todas ofereciam perspectivas de mercearias, oficinas, lojas de panos e bazares, a cujas portas se viam comumente, rindo e tagarelando, magotes de antigos marujos e outros ratos de cais contraditórios no ambiente de um porto de mar. A sala, pavimentada por um processo que há muito caiu em desuso, apresento teias de aranha e cores desbotadas pelo tempo. E, atentando-se na habitual sujeira do sítio, é fácil concluir que aquele é um santuário em que a humanidade, com os seus instrumentos mágicos, a vassoura e o esfregão, tem acesso pouco frequente. Em matéria de mobília, existem um fogão com bojuda chaminé, uma velha carteira de pinho, com um alto tamborete de três pés, duas ou três cadeiras de assento de pau, excessivamente decrepitas e instáveis e — não esquecer a biblioteca — em algumas prateleiras, um ou dois renques de volumes de Atos do Congresso e um sinistro Código de Leis do Fisco.

Um tubo fino, correndo pelo teto, constitui o meio de comunicação vocal com o resto do edifício. Neste lugar — há alguns seis meses — passeando de um canto para o outro, ou

ocioso no pernudo tamborete, com os cotovelos fincados na carteira e os olhos subindo e descendo as colunas de um matutino — poderíeis reconhecer, honrado leitor, o mesmo indivíduo que vos deu as boas-vindas no gabinete cor de cereja, em que o sol brilhava tão contente através das galhadas do salgueiro, no lado oeste do Velho Retiro. Agora, porém — viésseis procurá-lo

— em vão perguntaríeis por ele. A vassoura da reforma varreu-o do ofício. E um sucessor mais digno usa as suas prerrogativas e embolsa os seus salários.

Esta velha cidade de Salem — meu berço, embora eu tenha vivido muito longe dele, tanto na juventude como na idade viril — exerce ou exerceu sobre o meu afeto uma atração cuja força eu jamais avaliara durante o tempo em que ali morei. Com efeito, no que concerne ao seu aspecto físico, superfície plana e monótona, coberta principalmente de casas arruinadas, poucas ou nenhuma revelando pretensões a beleza arquitetônica — irregularidade nem pitoresca nem original, mas apenas incolor — uma comprida rua modorrenta estirando-se enfadonhamente por toda a extensão da península, com Gallows Hill e New Guinea numa extremidade e um asilo na outra — fora tão razoável ter-lhe apego como a um tabuleiro de xadrez desarrumado. E, todavia, apesar de invariavelmente mais feliz em outros lugares, nutro pela velha Salem um sentimento que, em falta de expressão melhor, me contentarei

em chamar afeição. Ele é provavelmente devido às profundas e vetustas raízes que a minha família mergulhou naquele solo. Anda por perto de dois séculos que o primeiro Bretão, o mais antigo dos emigrantes do meu nome, fez a sua aparição na rude colônia rodeada de floresta, que depois se tornou uma cidade. E aí os seus descendentes têm nascido e morrido, confundindo-se com o solo, de modo que não pequena porção dele deve necessariamente ter afinidades com o corpo perecível com que, transitoriamente, perambulo pelas ruas. Em parte, pois, a afeição de que falei é uma simples atração do pó pelo pó. Poucos dos meus conterrâneos podem saber o que isso é; nem — porque a transplantação frequente é talvez mais saudável para a cepa — devem julgar desejável sabê-lo.

Mas aquele sentimento tem também o seu aspecto moral. O vulto daquele primeiro ancestral, que a tradição da família investiu de uma grandiosidade intangível e austera, sempre, desde quando me posso lembrar, esteve presente na minha imaginação de criança. E ainda me possui e me inspira, em relação ao passado da terra, uma espécie de simpatia familiar que o presente dificilmente consegue. Parece que reivindico uma residência em Salem mais por causa daquele antepassado sorumbático, barbudo, de roupas tristes e chapéu alto, aqui chegado há tanto tempo, com a sua Bíblia e a sua espada, e que passeava com tanta imponência pela rua ainda não usada, e que fez tanta figura como homem de guerra e de paz — do

que por mim mesmo, cujo nome raramente se ouve e cuja cara pouco se vê.

Ele foi soldado, legislador, juiz. Foi um dos padres da Igreja. Tinha todas as características do Puritano, boas e más. Foi também um duro inquisidor, como testemunham os Quakers, que o recordam nas suas crônicas, e nanam um episódio seu com uma correligionária — caso que, ao que parece, perdurará mais

do que as suas boas ações, embora estas sejam muitas. O filho, também, herdou o espírito de inquisição e tornou-se tão célebre na tortura de feiticeiras que o sangue delas — pode-se dizer francamente — acabou por manchá-lo com uma nódoa tão indelével que, se ainda se não desfizeram completamente em pó, no cemitério de Charter Street, os seus velhos ossos ressequidos, ainda a conservam. Ignoro se esses meus ancestrais se lembraram de se arrepender, de pedir perdão a Deus pelas crueldades, ou se agora, num outro estado de ser, gemem sob o peso das suas consequências. Seja como for, eu, o atual escritor, como seu representante, avoco a vergonha por sua causa e oro para que todos os males por eles cometidos — de que tenho ouvido, e de que as lúgubres e improprias condições da raça demonstram a veracidade — possam ser, agora, e daqui por diante, perdoados.

Entretanto é certo que qualquer daqueles austeros e carrancudos puritanos teria considerado suficiente castigo para os seus pecados o fato de, depois de tantos anos, haver brotado no olhe da árvore da família, de tão venerável e musgoso tronco, um preguiçoso da minha marca. Nenhum dos objetivos que tenho acariciado eles julgariam louvável. Nenhum êxito da minha existência — se, além do campo doméstico, ela algum dia brilhou num sucesso — seria por eles considerado senão como desprezível ou mesmo positivamente vergonhoso. “Quem é ele?” — murmura uma sombra cinzenta de antepassado para outra. “Um escritor de novelas! Que espécie de ocupação na vida, que maneira será essa de glorificar Deus, ou de ser útil à humanidade dos seus dias e da sua geração? Vejam só! O degenerado era capaz até de ter nascido barbeiro!” Tais as gentilezas que os meus ancestrais me endereçam através do abismo do tempo. E todavia — deixai que eles me desprezem como quiserem — traços fortes do seu caráter acham-se entrelaçados no meu.

Plantada profundamente e na mais tenra infância por aqueles dois graves, e enérgicos pioneiros a raça desde então tem subsistido aqui. Sempre respeitável. Nunca, ao que eu saiba, deslustrada por um membro indigno: mas, por outro lado, depois idas duas primeiras gerações, raramente ou jamais realizando qualquer feito memorável, ou ao menos se tornando alvo da atenção pública.

Gradualmente, foi desaparecendo, como as casas velhas, aqui e ali, nas ruas, se tornam meio soterradas pelas acumulações do solo novo. De pai a filho, por quase uma centena de anos, seguiu os caminhos do mar: em cada geração um capitão encanecido retirava-se do seu beliche de comando, enquanto um rapaz de quatorze anos assumia o posto hereditário diante do mastro, afrontando o oceano e os ventos que já haviam rugido contra o pai e o avô. O rapaz, por sua

vez, no tempo devido, passava da proa para a cabina, levava uma vida tempestuosa e regressava das aventuras pelo mundo para envelhecer, morrer e mesclar o seu pó com o pó da terra natal. Essa longa ligação de uma família com um lugar, berço e túmulo, cria entre ele e os entes humanos uma amizade que independe completamente do encanto do cenário e das circunstâncias de ordem moral que o rodeiam.

O novo habitante — vindo de terra estrangeira, ou cujo pai e avô vieram — tem pouco direito a ser chamado Salemita. Não faz ideia da tenacidade de ostra com que um antigo colono, sobre o qual o terceiro século vai passando, agarra-se ao rincão em que as suas sucessivas gerações se fixaram. Não lhe importa que o lugar seja triste; que ele se aborreça das velhas casas derruídas, da lama e da poeira, do nível nulo de ação e de emoções, do vento frio de leste e da atmosfera social ainda mais fria. Tudo isso, e quaisquer outros que sejam os defeitos que ele possa imaginar, nada têm a ver com o caso. A atração

persiste, e precisamente tão poderosa como se o torrão natal fosse um paraíso terrestre.

Assim tem acontecido comigo. Sinto que é quase um destino fazer de Salem o meu lar: de modo que os traços fisionômicos e o matiz de caráter que sempre foram conhecidos ah — pois quando um representante da raça baixa no túmulo outro retoma, por assim dizer, a sua marcha ao longo da rua principal — podem, ainda na minha mesquinha época, ser identificados na velha cidade. Contudo, esse mesmo sentimento vem provar que a ligação, que se tornou doentia, deve ser desfeita. A natureza humana não progride, como não viça a batata, se plantada por um número excessivo de gerações no mesmo solo cansado. Meus filhos têm tido outros berços e, tanto quanto o seu destino estiver sob o meu controle, deverão mergulhar raízes numa terra diferente.

Quando saí do Velho Retiro foi principalmente esta estranha, melancólica, indolente agarrança ao torrão natal que me levou a ocupar um posto no edifício de tijolos de Tio Sam — naquela ocasião em que eu podia, tão bem, ou melhor, ir para qualquer outro lugar. É meu destino. Não é a primeira vez, nem a segunda que parto — partida com caráter definitivo — para voltar, como uma rele moeda de cobre, como se Salem fosse para mim o centro inevitável do universo. Assim, numa bela manhã, subi o -lance de degraus de pedra com a nomeação do Presidente no bolso e fui apresentado ao corpo de cavalheiros

que me havia de ajudar nas pendas responsabilidades de Administrador da Alfândega.

Duvido muito — ou antes: não duvido nada — de que algum funcionário

público dos Estados Unidos, civil ou militar, já tenha tido sob as suas ordens um quadro patriarcal de veteranos como o que tive. Por mais de vinte anos, a atitude imparcial do coletor conservara a Alfândega de Salem fora do redemoinho das adversidades políticas, que tornava tão instável a posse do cargo. Soldado — distintíssimo soldado da Nova Inglaterra — manteve-se firmemente no pedestal dos seus galantes serviços. E, seguro da sábia liberalidade de sucessivas administrações através das quais permanecera no posto, foi em muitas horas de perigo e terremoto, a salvação dos seus subordinados.

O General Miller era radical conservador. Um homem sobre o qual o hábito de ser benévolo não exercia a mínima influência. Fortemente agarrado a pontos de vista hereditários, recusava-se a qualquer mudança, mesmo quando esta podia trazer benefício indiscutível. Por isso, quando assumi as funções, encontrei poucos auxiliares, e velhos. A maioria era composta de antigos capitães de navio que, depois de se tostar em todos os mares, e de enfrentar atrevidamente os golpes de uma existência tumultuosa, haviam resvalado para aquele recanto

onde, com pouco para inquietá-los, exceto os terrores de uma eleição presidencial, conseguiam um novo meio de vida.

Dois ou três deles — conforme me certifiquei — sendo gotosos e reumáticos, ou talvez doentes de cama, nem sonhavam aparecer na Alfândega durante uma grande parte do ano.

Passado o entorpecido inverno surgiam nos calores de sol de maio ou junho, caminhavam preguiçosamente para aquilo a que chamavam o dever e quando as suas comodidades e conveniências o sugeriam, voltavam novamente ao leito. Devo confessar a culpa de ter encurtado a produtividade funcional de mais de um desses venerandos servidores da República.

Durante a minha gestão foi-lhes permitido descansar dos seus árduos trabalhos e logo em seguida — uma vez que o único princípio das suas vidas fora o serviço da Pátria, como eu sinceramente acreditava — partir para um mundo melhor.

É para mim uma piedosa consolação saber que, por interferência minha eles tiveram um prazo suficiente para o arrependimento das ações más e corruptas de que é naturalmente suspeito todo guarda de Alfândega. Numa Alfândega nem a porta da frente, nem a dos fundos dá para a estrada do Paraíso.

A maior parte dos meus funcionários era Whig. Felizmente para a sua venerável confraria o novo Administrador não tinha partido e, embora Democrata sincero, nem obtivera nem conservava o cargo por injunções políticas. Fosse de outra

maneira — fosse ele um político militante colocado naquele posto influente para

desempenhar a fácil tarefa de hostilizar o coletor Whig, cujas enfermidades o mantinham afastado da direção do seu departamento — e, um mês depois que o anjo exterminador tivesse galgado os degraus da Alfândega, dificilmente um elemento dos velhos quadros poderia aguentar o ritmo do trabalho administrativo. De acordo com o código aceito em tais assuntos não teria sido nada de falta de cumprimento do dever, num político, levar uma por uma daquelas cabeças encanecidas para baixo da lâmina da guilhotina. Era fácil de se ver que aqueles velhos camaradas esperavam de mim uma descortesia desse gênero.

Causavam-me pena, e ao mesmo tempo me divertiam, os terrores com que eles aguardaram o meu advento. Doía-me ver um rosto barbado, curtido pelas lufadas de meio século de tormenta, tornar-se lívido ao olhar de um indivíduo inofensivo como eu; observar, quando um e outro se dirigiam a mim, o tremor de uma voz que, em dias que iam longe, costumava ecoar através de um amplificador, tão rijamente que bastava para reduzir o próprio Bóreas ao silêncio. Sabiam, os excelentes anciãos, que, por todas as regras estabelecidas — e quanto a alguns deles em virtude da própria falta de eficiência no trabalho — deviam ter cedido o passo a homens mais jovens, mais ortodoxos em política e mais capazes de servir ao nosso

Tio comum. Disso eu também sabia, porém não conseguia achar forças no coração para agir de conformidade com essa ciência.

Assim, pois, muito, e merecidamente, para o meu próprio descrédito, e em considerável detrimento da minha consciência funcional, eles continuaram, durante a minha gestão, a perambular pelo cais e a subir e descer os degraus da Alfândega. Levavam, além disso, boa parte do tempo dormitando nos cantos costumeiros, com as cadeiras escoradas nas paredes — despertando, contudo, uma ou duas vezes cada tarde, para se mimosear com histórias de mar muitas vezes repetidas, bolorentas pilhérias que entre eles se haviam tornado uma espécie de senha e contrassenha.

Creio que não tardou a descoberta de que o novo Administrador não era lá muito mau. Assim, com os corações em festa e com a venturosa certeza de estar proveitosamente empregados — senão proveitosamente para o nosso bem-amado país, ao menos, para eles mesmos — os bons e venerandos cavalheiros prosseguiram nas várias modalidades da profissão.

Sagazmente, de óculos, fiscalizavam os navios. Era grande o seu tino nas pequenas coisas e maravilhosa, algumas vezes, a obtusidade com que permitiam que as grandes se lhes escapassem por entre os dedos. Quando acontecia essa

infelicidade — quando uma carga valiosa era contrabandeada, talvez em pleno dia e bem debaixo de suas cândidas ventas — nada podia exceder a vigilância e o entusiasmo com que tratavam de trancar, retrancar e interditar todas as passagens do barco delinquente. Em lugar de reprimenda pela negligência anterior, o raso até parecia comportar um elogio pelas cautelas louváveis que eles tomavam depois do mal consumado — um reconhecimento agradecido da presteza do seu zelo quando já não adiantava nenhum remédio.

A não ser quando o povo se mostra singularmente antipático, tenho o hábito maluco de me tornar de amores por ele. A melhor parte do seu caráter — se e que tem melhor parte é que geralmente se impõe, sobre todas, à minha estima, aquela que define o tipo em que reconheço o homem. Como a maioria dos velhos guardas da Alfândega possuía boas qualidades e a minha atitude em face deles, paternal e protetora, propiciava a eclosão de sentimentos de amizade, não tardei em começar a estimá-los. Era bem, nos meios-dias de verão — quando a temperatura escaldante, que quase liquefazia o resto da família humana, apenas lhes comunicava aos organismos meio emperrados um calorzinho confortável — era bom ouvi-los tagarelar no corredor dos fundos, inteiramente escorados na parede, como de costume, exumando das gerações passadas frios dichotes que borbulhavam entre risos nos seus lábios. Exteriormente, a alegria dos velhos possui muito das brincadeiras das crianças. A inteligência, a não ser para fins de

um humor pronunciado, nada tem a ver com ela. Em ambas as manifestações o que há é um raio que cintila na superfície e empresta um aspecto brilhante e lurado tanto ao ramo verde como ao tronco vetusto. Num caso, entretanto, o raio é real; no outro parece mais fogo-fátuo de madeira que se decompõe.

Seria uma triste injustiça — o leitor deve entender — aposentar os meus ótimos e venerandos colegas apenas pelo prisma do entrosamento. Em primeiro lugar, nem todos os meus colaboradores eram velhos: havia entre eles homens que ainda estavam com todas as forças, possuíam capacidade e vigor notáveis, absolutamente superiores à existência apática e subalterna a que os maus fados os atiraram. Entretanto, falando de um modo geral sobre o meu quadro de veteranos, não será demais que eu os qualifique como espíritos gastos que não retiveram coisa alguma das experiências multiformes da vida. Pareciam ter jogado fora todas as sementes de visão objetiva que tantas oportunidades encontraram para colher e, com casca e tudo, armazenar ainda mais cuidadosamente na memória. Falavam com muito mais interesse e unção do almoço matinal, ou do jantar de ontem, de hoje e de amanhã, do que do naufrágio de quarenta ou cinquenta anos passados e de todas as maravilhas do

mundo que haviam testemunhado com olhos de moços.

O pai da Alfândega — o patriarca não somente do pequeno esquadrão de guardas, mas, ousar dizer, de todo o respeitável corpo de guardas de Alfândega nos Estados Unidos — era um certo Inspetor Permanente. Este, desde que o pai, um Coronel Revolucionário e antigo Coletor do porto, num lapso de priscas eras de que poucos viventes ainda se podem lembrar, criou o cargo para ele e o nomeou para exercê-lo, podia ser chamado filho legítimo do sistema tributário, morto na lã — ou melhor: nascido na púrpura. Este Inspetor, quando o conheci, era homem de oitenta anos, ou por aí assim, e de certo um dos mais admiráveis espécimes de inverno alegre que, numa pesquisa através da vida, teríeis o prazer

-descobrir. De faces rubicundas, compleição maciça, elegantemente cingido num casaco azul de botões dourados, o passo rápido e vigoroso e o seu aspecto viril e desempenado davam uma impressão — não de juventude, é verdade — mas de uma espécie de milagre novo da Mãe Natureza, apresentado na forma de um homem com quem a idade e a decrepitude nada tinham a ver. A sua voz e o seu riso, que ecoavam perpetuamente pela Alfândega, nenhum sinal davam do timbre trêmulo cacarejado da voz e da risada de um velho: subiam-lhe dos pulmões como o canto de um galo uma estridência de clarim.

Olhando-o simplesmente como se olha um animal — e pouco mais do que isso havia nele para se ver — ali estava, do ponto de vista da abundância de saúde e da rijeza do organismo, da

capacidade de, naquela idade, encontrar em tudo, ou quase em tudo, as delícias que sempre visou ou imaginou, um tipo muitíssimo satisfatório. A descuidosa segurança da vida na Alfândega, com uma renda regular, e não sofrendo senão leves e espaçados sustos de remoção, haviam indubitavelmente contribuído para que o tempo passasse suavemente sobre ele. Não tinha força mental, nem profundidade de sentimento, nem sensibilidades incômodas. Nada, em suma, exceto alguns instintos vulgares que, ajudados pelo temperamento alegre que esfuziava inevitavelmente do seu bem-estar físico, exerciam conspicuamente, e com geral aceitação, as atribuições do espírito.

Fora marido de três esposas, todas de há muito falecidas; pai de vinte filhos, a maioria dos quais, na infância ou na maturidade, se haviam também convertido em pó. Nisto — pode alguém supor — deve se conter tristeza bastante para velar o gênio mais iluminado, velá-lo inteiramente de uma cor triste. Mas não o gênio do nosso encanecido Inspetor! Um breve suspiro bastava-lhe para afastar toda a dor dessas negras reminiscências. E logo sentia-se disposto a vadiar como qualquer garoto sem calções. Vadiar muito mais do que o jovem escrivão do

Coletor que, aos dezenove anos, levava-lhe enorme vantagem em velhice e austeridade.

Eu costumava observar e analisar esse patriarcal personagem com — ao que julgo — uma curiosidade mais viva do que a que dispensava a qualquer outra forma de humanidade das que ali se ofereciam ao meu exame. Tratava-se, de fato, de um fenômeno raro. Concluí que ele não possuía nem alma, nem coração, nem espírito. Como já disse, nada além de instintos. E, todavia, esses escassos elementos do seu feitio achavam-se tão sutilmente combinados que não permitiam qualquer impressão penosa de deficiência. Ao contrário. Quanto a mim, davam lugar a uma completa satisfação. Podia ser difícil — e era-o — conceber qual seria a sua vida no futuro, tão nutrido e sensual parecia; mas na verdade a sua existência aqui, admitindo-se que ela se apague com o último suspiro, não terá transcorrido de maneira antipática, uma vez que não se reveste de responsabilidades mais pesadas do que as dos animais dos campos, mas visa objetivos epicuristas mais amplos do que os deles, e dispõe inteiramente da sua abençoada imunidade no que diz respeito às tristezas e nostalgias da velhice,

Um ponto em que ele leva vantagem sobre os seus irmãos de quatro pés eram na capacidade de recordar os bons jantares que tinham constituído não pequena porção de ventura da sua existência. A sua gulodice era uma característica muito agradável. E ouvi-lo falar de um assado era tão aperitivo como um pepino em vinagre ou uma ostra.

Como não possuía atributo mais sublimado e nem sacrificava nem deformava nenhum dote espiritual devotando-se, com

todas as suas energias e habilidades, a tirar alegria e proveito dos queixos, sempre me causou prazer ouvi-lo doutrinar sobre peixes, galináceos e carne de açougue, e sobre os processos mais aconselháveis de prepará-los para a mesa. Recordações de petiscos, embora de velhas datas, pareciam trazer-lhe às narinas um odor de leitão e peru. No seu paladar perduravam sabores que nada menos do que sessenta ou setenta anos não tinham dissipado, e que se mantinham aparentemente tão recentes como o da costela de carneiro que ele acabara de devorar na refeição matinal.

Ouvi-o estalando os beiços sobre jantares cujos convidados, com a sua única exceção, de há muito tempo se tinham transformado em comida de vermes. E era maravilhoso observar-se como os fantasmas dos antigos bródios estavam continuamente se levantando diante dele: não como invectiva e suplício, mas como se lhe fossem gratos pela antiga predileção e procurassem, reduplicar a

série interminável de prazeres ao mesmo tempo passados e presentes. Era-lhe necessário recordar o tenro bife, o traseiro de veado, o pernil de porco, o franguinho escolhido ou o peru de escova que, porventura, nos dias dos antigos Adams, tivessem adornado o seu aparador — ao passo que toda a subsequente experiência da nossa raça, ou todos os acontecimentos que realçavam ou tisonavam a sua carreira pessoal, tinham passado sobre ele com um efeito fugaz como o

da brisa ligeira. Tanto quanto se pode julgar, o principal sucesso trágico da vida desse velho foi o seu equívoco a respeito de certo ganso que viveu e morreu há alguns vinte ou quarenta anos passados — ganso da mais prometedora aparência, mas que, posto na mesa, se revelou de uma dureza tão obstinada que o trinchante não lhe fazia massa na carcaça, esquartejável somente a machado e serrote.

Mas é tempo de abandonar este desenho — no qual, entretanto, eu gostaria de insistir muito mais, porque de todos os homens que tenho conhecido, esse indivíduo era o mais talhado para ser guarda de Alfândega. Devido a causas que não temos vagar para esmiuçar, a maioria das pessoas colhe desgostos morais dessa singular profissão. O velho Inspetor, entretanto, era incapaz disso. E tivesse de continuar no ofício até a consumação do tempo, chegaria lá tão fagueiro como dantes e sentar-se-ia para jantar com ele excelente apetite.

Há um retrato sem o qual a minha galeria de figuras da Alfândega ficaria estranhamente incompleta. Mas as oportunidades de observação, relativamente poucas, que me foram concedidas, autorizam-me apenas como o mais simples dos esboços.

Trata-se do retrato do Coletor, o nosso velho e galante General que, depois de brilhante carreira militar, após a qual governou o áspero território do Oeste, aqui chegou, há vinte anos, para passar o crepúsculo da sua existência tumultuosa e respeitável. O bravo soldado já contava, aproximadamente ou certos,

setenta anos, e continuava o restante da jornada terrestre carregado de enfermidades que mesmo a música marcial das suas recordações pouco podia aliviar. E agora que o fardo estava aumentado, os seus passos tornavam-se trôpegos.

Somente com a ajuda de um criado, e apoiando-se com força na balaustrada de ferro, ele conseguia, lenta e penosamente, galgar os degraus da Alfândega e, progredindo num caminhar arrastado, atingir a sua cadeira costumeira, ao lado do fogão.

Aí sentava-se, olhando com uma expressão de serenidade triste para as pessoas que iam e vinham entre farfalhar de papéis, discussões de negócios e palestras

casuais sobre a repartição — ruídos e circunstâncias que lhe não pareciam impressionar os sentidos senão confusamente, mal conseguindo caminho para a sua esfera íntima de contemplação. Nesse repouso, mantinha uma fisionomia indulgente e bondosa. Se notavam a sua presença, brilhava lhe no rosto uma expressão de cortesia solicitude, provando que ainda havia luz dentro dele e que apenas a crosta exterior da lâmpada intelectual obstruía a passagem dos raios.

Quanto mais penetrásseis a substância da sua alma, mais saudável ela se demonstraria. Quando já lhe não interessava falar nem ouvir — e ambas essas operações lhe custavam um esforço evidente — o seu rosto voltava imediatamente à antiga placidez. Não era doloroso observá-la, porque, embora

melancólica, não apresentava a expressão imbecilizada da caduquice. A estrutura do seu espírito, originalmente vigorosa e maciça, ainda não começava a desfazer-se em escombros.

Todavia, analisar e definir o seu caráter sob condições assim precárias, constituía uma tarefa tão difícil como desenhar e recompor na imaginação uma velha fortaleza como Ticonderoga, só pela vista das suas ruínas desoladas e desconjuntadas.

Entretanto, olhando afetuosamente o velho guerreiro — porque, apesar de ligeiras as comunicações entre nós, os meus sentimentos para com ele, como os de todos os bípedes e quadrúpedes que o conheciam, não seriam impropriamente chamados afeição — pude fixar pontos essenciais para o seu retrato. Era assinalado por nobres e heroicas virtudes que não são mero acidente, mas direito legítimo, herdado de uma estirpe distinta. O seu espírito — penso eu — jamais se pudera caracterizar por uma atividade trepidante. Devia, em todos os períodos da vida, ter necessitado de um impulso para só pôr em movimento. Mas, uma vez em ação, com obstáculos a transpor e um objetivo adequado a atingir, o homem não era de esmorecer ou fracassar. O calor que antigamente lhe acalentava a alma, e que ainda não se acha extinto, jamais pertenceu à espécie dos que luzem e irrompem em labaredas.

Era, porém, um calor concentrado e rubro como o de um ferro numa fornalha. Peso, solidez, firmeza. Tal a expressão da sua tranquilidade, mesmo na decadência que, no período de que estou falando, caíra sobre ele. Mas pude imaginar que, apesar de tudo, espicaçado por uma excitação que lhe tocasse profundamente a consciência — galvanizado por uma clarinada suficientemente forte para lhe despertar todas as energias, que não estavam mortas, mas simplesmente adormecidas — ele seria capaz de atirar para um lado as moléstias, como se atira uma camisa de enfermo, sacudir o fardo da velhice, e empunhar a espada de batalha para surgir, mais uma vez, guerreiro. E,

nesse instante tão sensacional, continuaria mantendo a serenidade de atitude. Só fantasia, entretanto, pode pincelar essa espetacular exibição. Que se não a espere, nem deseje. O que nele vi — tão nítidos como os bastiões não derrocados da velha Ticonderoga — foram os traços de uma obstinada e grave paciência, que nos dias idos bem podia ter avultado em teimosia; de integridade que, como a maioria dos seus dotes, se apresentava numa espécie de dose compacta, tão pouco maleável e manejável como uma tonelada de minério de ferro; e de benevolência que, malgrado a sua ferocidade no arremessar baionetas contra Chippewa e Forte Erie, creio ser de tipo tão legítimo como o da que influencia alguns ou todos os filantropos polemistas da época. Ao que sei, degolara

homens com as próprias mãos — e, certamente, na carga a que o seu espírito emprestou uma energia triunfante, eles caíram como folhas de capim ceifados pela foice.

Mas, seja como for, nunca houve no seu coração crueldade bastante para o induzir a mutilar de leve uma asa de borboleta.

Muitas características — e estas, também, não contribuiriam menos para a exatidão do esboço — se devem ter apagado ou obscurecido antes que eu encontrasse o General. Os atributos meramente graciosos são os que em geral mais depressa desaparecem. Nem a Natureza vai adornar a ruína humana com festões de beleza renovada cujas raízes só mergulhem o encontrem nutrição apropriada nas fendas e rachaduras — como acontece com as trepadeiras em flor nos muros da derrocada fortaleza de Ticonderoga. Apesar disso, mesmo a respeito de graça e beleza, havia no General certos pontos bem dignos de nota. O raio do humor, aqui e ali, abrirá caminho através do véu obscuro e luzirá alegremente nas nossas faces. Um traço de elegância natural, raramente constatado no caráter masculino depois da infância e da idade juvenil, revelava-se na sua paixão pelo aspecto e pelo perfume das flores. De um velho soldado pressupõe-se que somente admire, na própria frente, um laurel ensanguentado.

Mas aqui está um que parecia ter pela família floral o gosto de uma jovem senhorita.

Ali, ao lado do fogão, o bravo s velho General costumava sentar-se, enquanto o Inspetor — apesar de, podendo evitá-lo, raramente tomar a si a difícil tarefa de entabular palestra com ele — mantinha-se à distância, observando-lhe a fisionomia quieta e quase adormecida. O velho General parecia longe de nós, - embora o vissemos a apenas poucas jardas; remoto, embora passássemos ao lado da sua cadeira; inatingível, embora pudéssemos estender as mãos e tocar-lhe o corpo. É possível que, dentro dos seus pensamentos, ele vivesse uma vida mais real do que nas vizinhanças inconvenientes do gabinete do Coletor. As evoluções

da parada, o tumulto da batalha, os floreios da velha música heroica ouvida trinta anos passados — tais cenas, tais sons, talvez, se conservavam inteiramente vivos no seu mundo mental. Enquanto isso, os traficantes e armadores, os caixeiros espevitados, os rudes marinheiros, entravam e saíam; o burburinho da vida alfandegária e comercial envolvia-o num zumbido macio; e o General não demonstrava ter a mais longínqua relação nem com os indivíduos nem com os negócios. Tão deslocado como uma velha espada — já encostada, mas dantes rútila nas linhas de combate e exibindo ainda um raio brilhando ao longo da lâmina — ter-se-ia mostrado ao encontrar-se entre tinteiros, papéis e réguas de mogno na carteira do Deputado Coletor.

Houve uma coisa que muito me ajudou a renovar e reconstituir o valente soldado do Niágara — o homem de energia veraz e simples. Foi a recordação das suas memoráveis palavras — “Vou tentar, Senhor!” — proferidas na beira de uma empresa temerária e heroica, e que respirava a alma e o espírito da rijeza da Nova Inglaterra, compreendendo todos os perigos e aceitando-os todos. Se no nosso país o valor fosse recompensado com as honrarias da heráldica, esta frase — que parece tão fácil de se proferir, mas que somente ele, face a face com tamanha missão de risco e de glória, proferiu — teria sido a melhor e a mais apropriada de todas as legendas para a sua pedra de armas.

Muito contribui para a saúde moral e mental de um homem a ser conduzido a hábito de companheirismo com indivíduos diferentes, que pouco ligam aos seus centros de interesse e cujo mundo e cujas habilidades só lhe será dado apreciar saindo de si mesmo. Os acidentes da minha vida me têm proporcionado frequentemente essa vantagem, porém jamais com tanta plenitude e variedade como durante a minha permanência no gabinete. Um indivíduo existia, principalmente, de cuja observação tirei uma nova concepção de talento. As suas prendas eram, absolutamente, as de um homem de negócio: rápido, astuto, clarividente, com um olhar que enxergava através de todas as dificuldades e uma capacidade de acomodação que as fazia desaparecer, como a um aceno de mágico. Desde a infância criado na Alfândega, transformou-a

no seu campo de atividade. E as muitas complicações que costumam embaraçar os corretores fraudulentos — apresentavam-se diante dele com a organização de um sistema perfeitamente compreendido. A meu ver, ali estava o tipo ideal da classe. Tinha, de fato, a Alfândega nas mãos ou, pelo menos, a mola mestra que lhe acionava as engrenagens de revoluções variadas.

Porque, numa instituição como essa, em que os funcionários são designados para

promover o próprio proveito e conveniência, e raramente colocam em primeiro plano a solicitude no cumprimento do dever, lhes é indispensável buscar em outra parte a habilidade que não possuem. Assim como por uma necessidade irrecorrível, o magneto atrai as limalhas de aço, assim o nosso homem de negócios tomava a si as dificuldades com que eles se encontravam. Com uma condescendência fácil e uma espécie de tolerância para com a nossa estupidez — que, no seu modo de pensar, devia parecer pouco menos do que crime — imediatamente, mediante um simples toque do dedo, tornava o incompreensível claro como a luz do dia. Os comerciantes o estimavam não menos do que nós, seus amigos esotéricos. Tinha uma integridade perfeita: a integridade, para ele, era mais um ditame da natureza do que uma escolha ou um princípio. Uma nódoa na sua consciência, como qualquer outra coisa que lhe violasse o limite da vocação, lhe causaria

um aborrecimento semelhante, embora muito mais intenso, ao causado por um erro nas contas de balanço ou um borrão de tinta na página organizada de um livro de registro. Então, em uma palavra — e é um exemplo raro na minha vida — encontrei uma pessoa absolutamente adaptada à existência que levava.

Tais eram algumas das criaturas a que me encontrei ligado.

Atribuí em grande parte à obra da Providência o fato de ter sido atirado a uma posição tão pouco a fim dos meus hábitos passados, e esforcei-me seriamente para colher da oportunidade o proveito que ela pudesse oferecer. Depois da camaradagem de trabalho e de planos impraticáveis com os meus companheiros de Brook Farm; depois de viver três anos sob a sutil influência de um cérebro como o de Emerson; depois daqueles dias agrestes e livres sobre o Assabeth, entregue, com Ellery Channing, a fantásticas especulações, à beira do nosso fogo de ramos caídos; depois de conversar com Thoreau sobre pinheiros e relíquias índias, no seu retiro de Walden; depois de me embeber de sentimento poético na lareira de pedra de Long fellow — era tempo, afinal, de exercer outras faculdades da minha natureza e nutrir-me de comidas que até então pouco me haviam apetecido. Mesmo o velho Inspetor era desejável, como mudança de dieta, para um homem que tinha conhecido Alcott. De certo modo, encarei como evidência de um organismo naturalmente bem dosado, a cujo funcionamento não faltava nenhuma peça essencial, o fato de, com tantos companheiros para recordar, ter eu podido misturar-me

subitamente com homens de qualidades completamente diversas, e sem me queixar da troca.

A literatura, o seu exercício e objetivos, já nem se achavam mais nas minhas cogitações. Neste período não cuidei de livros: eles andavam afastados de mim.

A natureza — com exceção da natureza humana — a natureza que se desdobrava no céu e na terra, vivia, de um certo modo, oculta de mim; e todos os encantos da imaginação passavam por longe do meu espírito. Dom ou faculdade que não tivesse partido, se achava paralisado, inanimado dentro de mim. Em tudo isso haveria qualquer coisa de triste, de indizivelmente terrível, se eu não possuísse a consciência de que dependia da minha própria vontade fazer voltar o que de valiosa existia no passado. É também provável, entretanto, que este seja um gênero de vida que se não possa viver sem prejuízo durante um tempo demasiadamente longo; além disso, me podia ter transformado para sempre em outro, sem me proporcionar qualquer nova forma que me valesse a pena adotar. Porém jamais considerei essa existência senão como transitória. Sempre houve ao meu ouvido um cochicho, um aviso profético de que, quando uma nova mudança de hábitos se tornasse indispensável ao meu benefício, ela se daria rapidamente.

Enquanto isso, ali fiquei, agente do Fisco, e tanto quanto pude saber, tão bom quanto um agente do Fisco deve ser. Um

homem de pensamento, de fantasia e de sensibilidade pode a qualquer tempo se tornar um homem de negócios, bastando apenas que se disponha a ter aborrecimentos. Meus colegas funcionários, os comerciantes e os capitães de navio aos quais os deveres funcionais me ligavam de diferentes maneiras, não me viam sob outro aspecto e provavelmente não me conheciam sob outro caráter. Creio que nenhum deles jamais lera uma página de minha redação, e nem me prestaria um tico a mais de consideração se as tivesse lido todas; nem adiantaria nada que, no mínimo, qualquer dessas páginas tivesse sido escrita com uma pena como a de Burns ou a de Chaucer, que no seu tempo foram Funcionários de Alfândega, como eu fui.

Para um homem que sonhou com a celebridade literária e visou conquistar através dela um lugar entre os dignitários do mundo, constitui uma boa lição — embora frequentemente muito rude — sair do estreito círculo que lhe reconhece as pretensões e sentir como, além desse círculo, é completamente desprovido de significação tudo quanto ele realiza e tudo a que ele aspira. Não sei se eu, particularmente, necessitava da lição, como advertência ou como censura: mas, em todo caso, aprendi-a completamente. E dá-me prazer em constatar: jamais me custa sofrimento ou necessita de ser afastada com um suspiro a verdade que chega ao alcance da minha percepção. É verdade que, em matéria de palestra literária, o Oficial Naval — excelente companheiro que ingressou na carreira comigo e saiu pouco depois — às vezes gostava de me atrair para uma

discussão sobre os seus dois tipos favoritos: Napoleão e Shakespeare. O auxiliar do

Coletor, também — jovem elegante que, ao que se murmurava, de quando em quando cobria uma folha de papel de Tio Sam com qualquer coisa que (à distância de poucas jardas) parecia bastante ser poesia — costumava esporadicamente me falar de livros, como de um assunto de que talvez eu pudesse conversar. Este era todo O meu intercâmbio literário. E bastava perfeitamente às minhas necessidades.

Não me esforçando mais, nem cuidando de que o meu nome fosse blasonado no

-estrangeiro em letras gordas, sorria :em pensar que ele então desfrutava de outra espécie de notoriedade. O marcador da Alfândega imprimia-o, com moldes e tinta preta, em sacos de pimenta, caixões de charutos e em volumes de todos os tipos de mercadorias taxáveis, como prova de que aquelas utilidades, havia pagado os impostos e seguiam os trâmites legais. Por intermédio desse estranho veículo de fama, uma noção da minha existência, tanto quanto um nome à pode proporcionar, foi levada aonde jamais chegara e, assim o espero, aonde nunca mais chegará.

Mas o passado não está morto. De tempos em tempos o pensamento, que dantes parecia tão vivo e atuante, e que, todavia, fora posto num repouso tão completo, ressuscitava.

Uma das ocasiões mais notáveis em que o hábito dos dias idos acordou em mim foi esta que reconduziu o meu espírito às linhas da conveniência literária para oferecer ao público o esboço que estou escrevendo.

No segundo andar da Alfândega há uma grande sala cujas paredes de tijolos e vigas nuas jamais haviam sido rebocadas ou estucadas. O edifício — a princípio projetado em proporções condizentes com a antiga importância comercial do porto, e na previsão de um desenvolvimento futuro destinado a não se realizar jamais — dispõe de tanto espaço que os seus ocupantes não sabem o que fazer das sobras. Este salão de cima, portanto, sobre os escritórios do Coletor, continuava inacabado e, a despeito das vetustas teias de aranha que lhe enfeitavam os poeirentos barrotes, parecia ainda esperar o trabalho do carpinteiro e do pedreiro. Num recanto da peça, numerosas barricas, empilhadas, continham pacotes de documentos oficiais.

Grande quantidade de cisco desse gênero jazia adormecida no assoalho. Era triste pensar-se quantos dias, e semanas, e meses, e anos de fadiga haviam sido gastos naqueles papeis bolorentos, que agora constituíam apenas um monturo sobre a terra, escondidos naquele canto esquecido, para sempre afastados dos olhares humanos. Mas, então, quantas resmas mais de outras folhas manuscritas

— preenchidas não com tediosas formalidades oficiais, mas com a reflexão de cérebros inventivos e a rica efusão de corações sagazes — não teriam caído igualmente no esquecimento; e, além do mais, sem que pudessem servir a um propósito quando foram escritas, como serviram as demais folhas ali empilhadas, e — o que é mais triste nisso tudo — sem que seus autores chegassem a conquistar, por obra desses escritos, a vida confortável que os funcionários da alfândega conquistaram com garranchos sem valor! Não talvez completamente sem valor como subsídio para a crônica local.

Ali, sem dúvida, podem ser descobertas estatísticas do antigo comércio de Salem e memórias dos seus comerciantes principescos — o velho Derby, o velho Billy Gray, o velho Simon Forrester — e de vários outros magnatas daqueles dias, cujas cabeças empoadas, entretanto, raramente baixaram à cova antes que as pilhas das suas riquezas começassem a minguar. Os fundadores da maior parte das famílias que hoje constituem a aristocracia de Salem podem ser biografados ali, desde os começos humildes e obscuros dos seus negócios, em geral em período muito anterior à Revolução, que é de quando os seus descendentes assinalam uma casta como bem estabelecida.

Escasseiam referências mais remotas, pois que os mais antigos documentos e arquivos da Alfândega foram provavelmente levados para Halifax quando todos os funcionários do Rei acompanharam a esquadra britânica na sua fuga de Boston. Frequentemente isso me tem dado motivo de tristeza, porque,

recuando talvez até os dias do Protetorado, esses papéis deviam conter notas sobre homens esquecidos e lembrados e costumes antigos, notas cuja colheita me teria causado um prazer tão grande quanto o que eu sentia quando catava choupos de flechas indianas nas planuras próximas do Velho Retiro.

O Pergaminho e a Letra Escarlata

Num dia monótono e chuvoso, tive sorte de fazer uma descoberta de algum interesse. Remexendo e vasculhando o monte de velharias do canto, desdobrando este e aquele documento e lendo nomes de navios que há longos tempos haviam fundeado ou encostado no cais; olhando para essas coisas com a curiosidade melancólica, sombria, meio relutante que concedemos aos despojos

das atividades mortas — e ativando a imaginação embotada pelo desuso para reconstituir com aqueles ossos secos uma imagem do mais brilhante aspecto da cidade antiga, quando a índia era uma região nova e somente Salem conhecia o caminho até lá — aconteceu-me pôr a mão num pequeno

pacote, cuidadosamente feito de velho e encardido pergaminho. Tinha ares de registro oficial de alguma época muito distante, quando os escrivães carregavam a caligrafia esbelta e afetada em materiais mais firmes do que os atuais. Havia ali qualquer coisa que despertava uma curiosidade instintiva. E a convicção de que um tesouro ia ser revelado me levou a desatar o cordão vermelho desbotado que atava o envelope.

Desdobrando as folhas rígidas do pergaminho, vi que se tratava de uma nomeação, sob punho e selo do Governador Shirley, em favor de um certo Jonathan Pue, para Administrador das Alfândegas de Sua Majestade para o Porto de Salem, na Província da Baía de Massachusetts. Lembrei-me de que havia lido (provavelmente nos anais de Felts) uma notícia sobre a morte do Sr.

Administrador Pue, há coisa de oitenta anos. E, num jornal de tempos recentes, um relato da exumação dos seus restos no pequeno cemitério da Igreja de São Pedro, por ocasião da reforma desse edifício. Se bem me lembro, nada fora deixado do meu venerando predecessor, a não ser um esqueleto incompleto, alguns fragmentos de roupa e uma peruca de imponentes cachos que, ao contrário da cabeça que antigamente adornara, encontrava-se em estado de conservação bastante satisfatório. Mas examinando os papéis a que o pergaminho da nomeação servia de envelope, achei, da parte mental do Sr. Pue e das operações internas da sua

cabeça, sinais mais positivos do que os que a peruca frisada guardara do seu venerável crânio.

Aqueles documentos eram, em suma, não documentos oficiais, mas de natureza privada ou, pelo menos, escritos nesse caráter, e parecendo do próprio punho. Só pude atribuir a sua inclusão no monturo da Alfândega ao fato de ter a morte do Sr. Pue ocorrido repentinamente. Provavelmente os papéis, guardados na sua carteira, jamais haviam chegado ao conhecimento dos herdeiros ou tinham sido por eles confundidos com qualquer relatório sobre impostos. E, uma vez que não tratava de serviço público, o pacote fora abandonado na mudança para Halifax, conservando-se, desde então, fechado.

O antigo Administrador — creio que naqueles dias pouco atarefado no cargo — parece ter devotado algumas horas de lazer a pesquisas de antiquário e a outras investigações do mesmo gênero. De qualquer modo, muitos dos seus achados me

prestaram bom serviço na composição do artigo intitulado “Rua Principal”. Os restantes deverão talvez, daqui por diante, ser utilizados em coisas igualmente valiosas; e é também possível que venham a ser trabalhados e integrados na crônica de Salem, se a minha veneração pela terra natal me impelir a tão piedosa tarefa. Enquanto isso, estarão às ordens de

qualquer cavalheiro dedicado e competente, que deseje tomar das minhas mãos essa tarefa sem futuro. Como disposição final, pretendo depositá-los na Sociedade de História de Essex.

Mas o que no misterioso pacote mais me atraiu a atenção foi um certo objeto de leve tecido escarlate, muito moído e desbotado, tanto que nada ou quase nada lhe restava da cor. Fora trabalhado, como se constatava facilmente, com admirável habilidade de bordadeira e o ponto (ao que me afirmaram senhoras que lidam com esses misteres) era a prova de uma arte agora esquecida e que não é restaurável nem pelo processo de retirada paciente das linhas. O trapo escarlate

— porque o tempo, o uso e uma traça sacrílega haviam reduzido aquilo a pouco menos do que um trapo — assumia, depois de minuciosa observação, a forma de uma letra.

Era um A maiúsculo. Mediante cuidadosa medição, via-se que cada perna tinha três polegadas e meia de comprimento. Não restava dúvida de que aquilo fora ornamento de vestuário. Entretanto, como era usado e que categoria, distinção ou dignidade assinalava nos antigos tempos era um enigma que (transitórias como são as modas do mundo nestes assuntos) poucas esperanças tive de decifrar. E, todavia, aquilo me interessava estranhamente. Os meus olhos corriam ao longo da velha letra escarlate e dela não se queriam afastar. Havia certamente algum sentido profundo naquele objeto, muito merecedor de interpretação e que, por assim dizer, panava

sobre ele, comunicando-se sutilmente com a minha sensibilidade, mas furtando-se à análise do meu espírito.

Enquanto eu me encontrava assim perplexo — e pensando, entre outras hipóteses, se a letra escarlate não fora um daqueles enfeites que os brancos costumavam inventar para atrair os olhares dos índios — aconteceu que a levei ao peito.

Pareceu-me — o leitor pode sorrir, mas não deve duvidar da minha palavra — pareceu-me que, nesse instante, experimentei a sensação não inteiramente física, embora quase isso, de um ferrete — como se a letra não fosse de pano, mas de metal candente. Estremeci involuntariamente e deixei-a cair no assoalho.

Na absorta contemplação da letra escarlate eu esquecera de examinar o pequeno rolo de papel encardido que ela envolvia. Abri-o depois e tive a satisfação de encontrar, escrita pela pena do antigo Administrador, uma explicação razoavelmente completa de todo o caso. Havia meia dúzia de tiras de papel almaço contendo várias particularidades a respeito da vida e do comportamento de uma certa Hester Prynne, que, segundo depreendi, foi personagem digna de nota entre os nossos ancestrais. Vivera num período compreendido entre os primeiros dias de Massachusetts e o fim do século XVII. Pessoas idosas, contemporâneas do Sr. Administrador Pue, e de cujo depoimento oral ele tirara a narrativa, lembravam-se dela

como de uma mulher muito velha, mas não decrépita, e de porte altivo e solene. Costumava, desde data quase imemorial, percorrer a cidade, espécie de enfermeira voluntária, praticando toda sorte de benefício que estava ao seu alcance. Encarregava-se também de dar conselhos sobre todos os assuntos, especialmente sobre os que dizem respeito ao coração. Razão por que, como inevitavelmente acontece com criaturas que têm tais propensões, conquistou de muita gente a reverência que é devida a um anjo.

Entretanto, ao que acredito, era olhada por alguns como uma intrusa e uma praga. Rebuscando mais no manuscrito, encontrei o registro de outros fatos e sofrimentos da existência dessa mulher singular, para a maioria dos quais o leitor é enviado à história intitulada A letra escarlata.

E tenha-se cuidadosamente na lembrança que os principais episódios do romance estão autenticados e autorizados pelo documento do Sr. Administrador Pue. Os originais, juntamente com a letra escarlata — uma relíquia curiosíssima — conservam-se em meu poder e podem ser examinados livremente por quem quer que, levado pelo grande interesse da narrativa, deseje porventura dar-lhes uma vista de olhos. Não posso garantir que, na reconstituição do caso, imaginando os motivos e personagens, eu me tenha mantido estritamente nos limites da meia dúzia de tiras de alçaço do velho Sr. Administrador. Ao contrário, permiti-me, quanto a feitos pontos, liberdade relativa ou total, como se os acontecimentos fossem de minha

exclusiva invenção. O que reivindico é a autenticidade das linhas gerais. De certo modo, o achado chamou o meu espírito ao seu velho roteiro. Ali parecia haver o alicerce de uma história. Tive a impressão de que o antigo Administrador, na solenidade de uma «centena de anos passados, e usando a sua imortal peruca — que foi enterrada com o dono, mas não se rendeu à cova — viera ao meu encontro no deserto socavão da Alfândega. Havia no seu porte a imponência de quem gozara de um privilégio de Sua Majestade e que, portanto, andava iluminado por uma auréola esplêndida como a que brilha em volta do trono. Ai! como é diferente o olhar canino e dependurado de um

funcionário republicano, que, como criado do povo, sente-se o menor dos mínimos e o mais baixo dos ínfimos dos seus patrões!

Com a mão de fantasma, o vulto obscuro, porém magnífico, ele me estendeu a letra escarlata e o pequeno rolo do manuscrito esclarecedor. Com a voz de além- túmulo, exortou-me, apelando para as razões sacrossantas de dever filial e consideração — ele podia, razoavelmente, se considerar meu avô funcional — a trazer a público as suas lucubrações bolorentas e roídas de traça. “Faze isto — disse o fantasma do Sr. Administrador Pue, balançando solenemente a cabeça que parecia majestósissima dentro da memorável peruca — faze isto e a recompensa será tua! Dentro em pouco precisarás dela,

porque os teus dias não são iguais àqueles em que vivi, quando o cargo de um homem era vitalício e, em geral, constituía uma alfaia de família. Mas encarrego-te, neste caso da velha Hester Prynne, de dar à memória do teu predecessor o crédito que ela de fato merece!” E então respondi ao fantasma do Sr.

Administrador Pue: “Assim o farei!”

Gastei, entretanto, na história de Hester Prynne, muito de pensamento. Durante horas e horas ela foi o objeto das minhas meditações, enquanto eu passeava para lá e para cá no meu gabinete, ou por centenas de vezes cobrindo, ida e volta, a longa distância que vai da porta da frente da Alfândega à entrada lateral.

Imensas eram a estranheza e a indignação do velho Inspetor e dos pesadores e arqueadores, cujas sonecas se interrompiam ao impiedoso atropelar dos meus passos. Lembrando-se dos próprios antigos hábitos costumavam dizer que o

Administrador estava fazendo o quarto de convés. Supunham, provavelmente, que o meu único objetivo — e de fato é o único pelo qual um homem sadio se poderá impor uma movimentação incessante — era aguçar o apetite para o jantar. E, para dizer a verdade, o apetite, afiado pelo vento de leste que soprava pelo corredor, era o único resultado valioso do infatigável exercício. A atmosfera de uma Alfândega favorece tão pouco a delicada colheita da fantasia e da sensibilidade que, tivesse eu continuado ali durante os dez mandatos presidenciais que viriam, duvido que a história da A letra

escarlate tivesse sido trazida aos olhos do público. Minha imaginação era um espelho gasto. Não refletiria, nem com a mais deplorável obscuridade, as figuras de que me esforcei para povoar o livro. Os personagens não teriam vida nem maleabilidade, porque eu não encontraria na forja intelectual nenhum calor para aquecê-los. Não teriam brilho de ímpetos, nem ternura de sentimento. Conservar-se-iam na rigidez dos corpos mortos e me olhariam de cara com uma fixidez raivosa e terrível, de

injuriosa suspeita.

E fora como se me perguntassem: Que fizeste conosco? A pouca força que possuías sobre o mundo das irrealidades está esgotado! Trocaste-a por um punhado de ouro público. Vai, pois, e recebe os teus ordenados!” Em suma, a mais apagada das criaturas da minha fantasia zombaria de mim com descaso, e não sem oportunidade.

Não era apenas nas três horas e meia que Tio Sam reclamava como quinhão seu da minha vida diária que esse desgraçado obscurecimento se apoderava de mim. Acompanhava-me nos meus passeios pela praia e nas excursões pelo interior, onde — embora raramente e com dificuldade — eu me permitia buscar aquele encanto reconfortante da Natureza, que tanta frescura e agilidade de pensamento me transmitia quando eu

transpunha os portais do Velho Retiro. Esse mesmo torpor, quanto à capacidade para esforço intelectual, acompanhava-me até em casa e pesava sobre o quarto que eu absurdamente teimava em chamar gabinete. E nem me abandonava quando, tarde da noite, sentado na sala deserta, iluminada apenas pelo clarão das brasas e pela lua, eu lutava para armar apenas imaginárias que, no dia seguinte, se podiam transformar numa página vívida de narrativa multicolorida.

Se minha faculdade imaginativa se recusava a funcionar num momento assim, talvez fosse mesmo um caso perdido. O brilho da lua, a deitar sua luz tão branca sobre o tapete num ambiente familiar e tornando tão distintas todas as formas — tornando cada objeto minuciosamente visível, mas com uma clareza diferente daquela com que se enxerga pela manhã ou ao meio-dia — , constitui um dos meios mais propícios a que um ficcionista conheça seus esquivos hóspedes. Ali está o pequeno cenário doméstico de aposentos bem conhecidos; as cadeiras, cada uma com sua própria individualidade; a mesa de centro, com o cesto de utensílios, um ou dois livros e uma luminária apagada; o sofá; a estante; o quadro na parede; todos esses detalhes, tão completamente identificáveis, de tal forma se veem dotados de alma sob aquela luz incomum que parecem perder sua substância concreta e se tornar coisas do intelecto.

Nada é tão pequeno ou insignificante que não possa experimentar essa transformação e, assim, ganhar dignidade.

Um sapato de criança; a boneca sentada em seu carrinho de vime; o cavalinho de pau — numa palavra, qualquer coisa que, durante o dia, tenha sido usada ou com a qual se tenha brincado investe-se, ali, de uma qualidade de estranheza e distanciamento, embora sua

presença seja ainda quase tão intensa quanto à luz do dia. Assim, portanto, o chão de uma sala familiar se torna território neutro, alguma coisa entre o mundo de verdade e uma terra de contos de fada, onde real e imaginário podem se encontrar, imbuindo-se, cada qual, da natureza do outro. Fantasma podem entrar em cena sem nos aterrorizar. Não nos espantaria se, olhando à volta, descobríssemos alguma figura querida, mas já não mais entre nós, ali sentada em silêncio sob aquele mágico facho lunar, e com uma aparência que nos faria ter dúvidas se retornava de um lugar distante ou jamais deixara seu posto, ao pé da lareira.

O brilho um pouco turvo do fogão exerce uma influência essencial na produção de certo efeito que eu desejaria descrever. Lança através da sala o seu matiz imponderável, tingindo de vermelhe esmaecido as paredes e o forro, acendendo reflexos no polimento da mobília. E esta luz quente mescla-se com a fria espiritualidade dos raios da lua e comunica, por assim dizer, pulsações e vibrações de ternura humana aos vultos que a fantasia convoca. Transforma-os, de

figuras de neve, em homens e mulheres. Olhando para os espelhos, divisamos

— profundo, nos limites da moldura — o lento queimar da antracite meio extinta, os raios brancos da lua escorrendo no chão e a reprodução exata do claro

e. escuro do cenário, numa distância para além do presente, mais perto do imaginário. A uma hora destas, e tendo esse quadro à vista, se um homem, em solitário repouso, não consegue sonhar coisas estranhas nem as fazer parecer reais, não precisa, nunca mais, tentar escrever romances.

Para mim, durante todo o exercício na Alfândega, luar, soalheira e brilho do fogão eram perfeitamente iguais. E nenhum valia mais do que o bruxulear de uma vela de sebo. Toda uma gama de sensibilidades e um dote que lhes dizia respeito — não muito pujante e valioso, porém o melhor que eu possuía — me tinham abandonado.

Acredito, contudo, que, se eu tentasse outra espécie de composição, as minhas faculdades não se mostrariam tão embotadas e ineficientes. Podia, por exemplo, ter-me contentado com escrever as narrativas que me fazia um veterano patrão de navio, um dos Vigilantes, que eu seria o maior dos ingratos não citando, uma vez que dificilmente se passava um dia sem que ele me fizesse vibrar de riso e de admiração com as suas maravilhosas prendas de narrador. Houvesse eu conservado a energia pitoresca de seu estilo e o

colorido humorístico que a natureza lhe ensinou para as descrições, e o resultado, creio sinceramente, seria qualquer coisa de novo em literatura.

Também podia ter procurado logo uma tarefa mais concreta. Era loucura, com a materialidade daquela vida diária pesando sobre mim, arrebatá-me a uma época passada; ou insistir em criar de coisas aéreas à semelhança de um mundo quando, a cada momento, a impalpável beleza da minha bolha de sabão se via destruída pelo áspero contato de alguma realidade presente. Esforço mais sábio teria sido difundir o pensamento e a imaginação pela crosta opaca. do presente e emprestar-lhe uma brilhante transparência, espiritualizar a carga que começava a se tornar tão árdua, buscar, resolutamente, a verdade e o valor ocultos nos incidentes mesquinhos e fastidiosos, nos tipos vulgares com que então eu convivia. A culpa foi minha. A página de vida que se estendia diante de mim só me pareceu enfadonha e banal porque não procurei o seu conteúdo profundo. Ali estava o melhor livro que eu poderia escrever, apresentando-se má folha por folha, exatamente como se estivesse sendo composto pelo realismo da hora corrente, e apagando-se tão depressa era composto, apenas porque ao meu cérebro faltava argúcia e à minha mão destreza para transcrevê-lo.

Essas constatações chegaram tarde demais. Eu vivia na convicção exclusiva de que o que dantes fora um prazer era

então uma desesperada tortura. E não havia tempo para muitas queixas sobre este estado de coisas. Eu deixarei de ser o escritor de novelas e ensaios toleravelmente medíocres para me tomar um administrador de Alfândega toleravelmente bom. Era tudo. Mas, afinal, não é nada agradável ser assombrado pela suspeita de que o próprio intelecto está definhando, ou, sem que a pessoa saiba, evaporando-se como o éter se evapora de um frasco, de modo que, a cada olhar, se encontra um resíduo menor e menos volátil. Não podia haver dúvida sobre o fato: e examinando-me e examinando outros fui levado, no que diz respeito ao efeito que a função pública exerce sobre o caráter, a conclusões não muito lisonjeiras para esta profissão. Basta dizer que um funcionário da Alfândega, de longo tempo de serviço, dificilmente, e por muitas razões, pode ser personagem digno de elogio ou de respeito. Um dos motivos é o modo porque assegura a sua situação e o outro é a natureza íntima do cargo que — embora, sendo honesto, creio — possui características que o impedem de partilhar do esforço coletivo da humanidade.

Uma coisa — que considero observável em todo indivíduo que exerce cargo público — é que, enquanto ele se reclina no braço potente da República, as suas próprias forças o abandonam. Perde, na proporção da fraqueza ou da força de caráter, a capacidade de viver por si. Se possui uma parcela incomum de energia, ou se a enervante influência do ofício não atuou sobre

ele, pode renovar o vigor e redimir-se. O funcionário demitido — afortunado no golpe inamistoso que o

atira logo à luta independente no mundo hostil — é capaz de voltar a si e tornar a ser tudo quanto era. Isso, todavia, raramente acontece. Em geral ele defende o seu emprego exatamente o bastante para a própria ruína. Então, com os nervos todos desfeitos, é empurrado para cambalear como lhe for possível ao longo do caminho da vida. Cômico do seu próprio mal — de que perdeu a têmpera de aço e a elasticidade — olha fixamente em torno de si, procurando um arrimo. A sua esperança, difusa e persistente — alucinação que, apesar de todo o desencorajamento e todos os impossíveis, permanece pela vida inteira e atormenta-o até depois da morte, parecendo, imagino eu, as contrações do cólera

— a sua esperança é que, finalmente, e dentro de pouco tempo, por alguma sequência feliz de coincidências, venha a ser reintegrado no cargo. Esta fé, mais do que tudo, rouba a seiva e a utilidade de qualquer empresa que ele sonhe tentar. Por que penar no trabalho para se arrancar da lama, se não tarda que o braço forte de Tio Sam o levante e ampare? Por que lutar agora pela vida, ou ir cavar ouro na Califórnia, quando em breve ele será feliz, de mês em mês embolsando um pacotinho de rútilas moedas do Tio Sam? É tristemente curioso observar como uma ligeira degustação de função pública é o suficiente para transmitir a um pobre camarada essa doença

singular. O ouro de Tio Sam — sem desrespeito a esse digníssimo cavaleiro — tem, neste particular, o poder enfeitiçador das pagas do Diabo. Quem quer que o toque se deve cuidar, ou verá que a barganha se voltou contra si, envolvendo, senão a sua alma, ao menos os seus melhores atributos: a força ousada, a coragem e a tenacidade, a sinceridade, a confiança, e tudo quanto torna potente o caráter do homem.

Ali estava uma bela perspectiva de futuro! Não que este inspetor aqui se desse conta disso, ao chegar em casa, tampouco admitisse que poderia ficar tão completamente arrasado tanto permanecendo no cargo como em caso de demissão. Mas minhas reflexões não eram das mais confortáveis. Comecei a ficar melancólico e inquieto; a esquadrihar minha mente, sem descanso, em busca de descobrir quais de suas medíocres propriedades haviam desaparecido e, quanto às que tinham sobrado, em que grau de deterioração se encontravam.

Empenhei-me em calcular quanto tempo mais aguentaria continuar na alfândega sem deixar de ser um homem. Para falar a verdade, essa era minha maior apreensão — posto que um indivíduo calmo como eu jamais seria alvo de um processo de exoneração, e pedir demissão não é muito da natureza de um funcionário público — , meu grande incômodo, pensar que talvez acabasse triste e decrépito naquela inspetoria, tornando-me, em grande medida, um animal como o velho inspetor. Será

que, naquele tedioso lapso de tempo que se estendia diante de mim, preso à rotina de funcionário público, não sucederia comigo o

que sucedera a esse venerável amigo — passar a considerar o jantar como o centro do meu dia, vivendo o restante das horas como um velho cão, a cochilar ora à sombra, ora ao sol? Um sombrio prospecto, tratando-se de um homem para quem a melhor definição de felicidade era viver com plenitude suas faculdades e sensibilidades! Mas, durante todo esse tempo, eu me sobressaltava à toa.

A Providência tinha, para mim, melhores planos do que eu mesmo poderia conceber. Ali estava uma bela perspectiva de futuro! Não que este inspetor aqui se desse conta disso, ao chegar em casa, tampouco admitisse que poderia ficar tão completamente arrasado tanto permanecendo no cargo como em caso de demissão. Mas minhas reflexões não eram das mais confortáveis. Começava a me sentir inquieto e melancólico. Dava buscas incessantes no espírito, para ver quais das suas pobres qualidades tinham desaparecido, e em que grau de enfraquecimento se achavam as restantes. Esforçava-me por calcular quanto tempo poderia ainda permanecer na Alfândega — continuando a ser um homem. Para confessar a verdade, eis aqui a minha maior apreensão: uma vez que nunca foi medida de boa política botar na rua indivíduos moderados como eu, e desde que um funcionário

difficilmente se dispõe a pedir demissão, estaria eu destinado a encanecer e me tornar decrépito na Inspetoria e me tornar um animal da espécie do velho Inspetor? Quem sabia se no decorrer do tedioso lapso de vida funcional que se estendia diante de mim eu não acabaria como aquele venerável companheiro — considerando a hora da comida o núcleo do dia e, como um cão caduco faz, gastando-o resto do tempo em dormir ao sol ou à sombra? Terrível previsão esta, para um homem que sente, como a melhor definição da felicidade, o viver integralmente toda a gama das dificuldades e das emoções! Mas, durante todo esse tempo, eu me estivera dando um alarme desnecessário. A Providência guardava para mim coisas melhores do que eu podia imaginar.

No terceiro ano da minha gestão aconteceu uma coisa notável: a eleição do general Taylor para a Presidência. É essencial, para melhor avaliação das vantagens da carreira administrativa, ver-se o funcionário à chegada de um governo hostil. Fica na mais singular situação de tédio e de desconforto que um desgraçado mortal possa porventura ocupar: com uma vaga possibilidade de bem em cada mão, embora o que se apresente como pior possa ser provavelmente o melhor. Contudo, para um homem de brio e sensibilidade, resulta numa estranha sensação saber que os seus interesses estão sob o controle de indivíduos que nem o estimam nem o compreendem, e pelos quais será mais facilmente prejudicado do que servido. Estranho, também, para alguém que manteve a

calma durante a luta, e observar a sede de sangue que se desenvolve na hora do triunfo e saber

que está entre os objetivos dos sanguissedentos!

Não há, na natureza humana, traço mais feio do que essa tendência para se tornar cruel simplesmente porque se dispõe de força para fazer o mal. Se a guilhotina, quando utilizada nos que têm emprego público, exprimisse um fato real em vez de uma metáfora das mais frisantes, creio com sinceridade que a excitação dos elementos militantes do partido vitorioso era suficiente para levá-los a fazer voar as nossas cabeças e agradecer a Deus a oportunidade! Parece-me — a mim, que me mantive como observador sereno e curioso tanto na vitória como na derrota

— que esse espírito feroz e amargo de maldade e de vingança jamais assinalou os muitos triunfos do meu partido como assinalou agora o dos Whigs. Os Democratas tomam cargos, como uma regra geral, porque precisam deles e porque uma prática de muitos anos transformou esse procedimento numa lei de guerra política, contra a qual, a menos que se proclame outro regime, fora fraqueza e covardia queixar-se. Mas o longo hábito da vitória tornou-os generosos. Sabem investir, quando veem a ocasião. E quando golpeiam, podem fazê-lo com um machado acerado, sim, mas raramente de fio

empeçonhado de malquerença. E nem é dos seus costumes dar pontapés na cabeça que acabaram de cortar.

Em suma, por desagradável que seja a minha situação, encontro muita razão para me felicitar por estar do lado sentido, e não do vencedor. Se, até aqui, não fui um dos correligionários mais ardentes, começo agora, neste período de perigo e adversidade, a ser inteira e agudamente sensível ao partido com que -estão as minhas predileções. Nem foi sem uma espécie de arrependimento e vergonha que, de acordo com uma prudente avaliação de oportunidades, vi que as minhas possibilidades de manter o cargo eram melhores do que as dos meus companheiros Democráticos. Mas quem pode enxergar no futuro uma pategada adiante do nariz? Minha cabeça foi a primeira a rolar!

O instante em que a cabeça de um homem tomba e, raramente ou nunca — estou inclinado a supor — o mais agradável da sua existência. Entretanto, como acontece a maioria das nossas desventuras, até essa contingência tão séria traz o remédio e a consolação em si mesma, desde que o sofredor se decida utilizar para o melhor, em vez de para o pior, o acidente que o derrubou. No meu caso pessoal, as mezinhas consoladoras estavam à mão e, com efeito, tinham-se indicado às minhas meditações muito antes de se tornar necessárias. Em virtude do meu prematuro cansaço do cargo e de vagas intenções de pedir exoneração, minha sorte e um pouco parecida com a de uma pessoa que entretivesse a ideia

de cometer o suicídio e encontrasse, muito além das suas esperanças, a felicidade de ser assassinada.

Na Alfândega, como antes, no Velho Retiro, levei três anos.

Tempo bastante para descansar um cérebro fatigado, tempo bastante para fazer desaparecer antigos hábitos intelectuais e deixar lugar para outros, tempo suficiente — até demasiado

— para se ter vivido num estado antinatural, fazendo o que realmente não constitui vantagem nem prazer para nenhum ente humano. Além disso, em relação à sua sem-cerimoniosa demissão, o antigo Administrador da Alfândega não se acha inteiramente contrariado por ser reconhecido pelos Whigs como um inimigo, pois que a sua inatividade nas coisas políticas a sua tendência para vagabundar à vontade nesse vasto e tranquilo campo onde toda a humanidade pode se encontrar, tendência maior do que a de se confinar nos estreitos corredores onde os filhos da mesma casa têm que divergir uns dos outros — tornou algumas vezes duvidosa, para os seus irmãos Democratas, a sua dedicação de amigo. Agora, que ele ganhou a coroa do martírio (já não tendo, aliás, cabeça para usá-la) este ponto deve ser considerado como esclarecido.

Finalmente, apesar de pouco heroico, pareceu-lhe mais decoroso ser posto abaixo com o partido a que tivera o prazer de pertencer do que sobrar como um sobrevivente solitário, quando tantos homens dignos estavam caindo — para, afinal,

depois de subsistir quatro anos à mercê de um governo hostil, ser compelido a definir novamente a sua posição e suplicar a misericórdia ainda mais humilhante de um governo amigo.

A imprensa tomou conta do meu caso e, por uma ou duas semanas, me carreou nos papéis públicos, na minha condição de decapitado, como o Cavaleiro Sem Cabeça de Irving; medonho e indignado, louco por ser sepultado como deve ser um homem politicamente morto. Isso quanto ao meu “eu” figurado. Nesse intervalo, com a cabeça em segurança sobre os ombros, o verdadeiro ser humano tinha chegado à confortável conclusão de que tudo acontecera para melhor. E, fazendo uma compra de tinta, papel e penas de aço, abriu a sua escrivaninha longamente abandonada e voltara a ser um literato.

Foi então que entraram em jogo as lucubrações do meu velho predecessor, o Sr. Administrador Pue. Enferrujado pela longa inatividade, o meu mecanismo intelectual exigiu algum tempo antes que pudesse tratar a história de modo satisfatório.

Entretanto, embora os meus pensamentos estivessem ultimamente muito absorvidos na tarefa, ela me pareceu fúnebre e torva, desprovida de luz alegre, muito pouco ungida pelas influências ternas que adoçam quase todas as

cenas da natureza e da vida real e que, sem dúvida, amaciariam os seus quadros. Esta impressão pouco lisonjeira

será talvez devida ao período de revolução incompleta, que ainda tumultua, em que o romance foi escrito. Não indica, todavia, nenhuma falta de boa vontade da parte do escritor, porque, enquanto ele tateava através da obscuridade dessas fantasias, sentia-se mais feliz do que em qualquer outra época, desde a partida do Velho Retiro. Alguns dos breves tópicos que contribuem para formar o volume foram escritos depois da minha saída involuntária dos tormentos e das honrarias da vida pública. O restante foi respigado em anuários e magazines tão antigos que descreveram todo um ciclo e voltaram a ser novidade{I}.

Voltemos à metáfora da guilhotina política: este volume deve ser considerado como E o esboço, a cujo termo estou agora chegando, se demasiado autobiográfico para uma modesta pessoa editar em vida, deve ser prontamente perdoado a um cavalheiro que o redige de além-túmulo. Paz a todo o mundo! Bênçãos aos meus amigos! Perdão aos meus inimigos! Porque estou no reino da quietude!

A vida da Alfândega jaz como um sonho no meu passado. O velho Inspetor que, a propósito — lamento dizê-lo — foi há algum tempo derrubado e morto por um cavalo, sem o que teria continuado a viver para sempre; ele, e todas aquelas veneráveis criaturas que ao seu redor se sentavam no saguão do edifício, para mim não são mais do que sombras, imagens encanecidas e enrugadas com que a minha imaginação costumava se divertir, e agora definitivamente postas de lado.

Os comerciantes — Pingree, Phillips, Shepard, Upton, Kimball, Bertram, Hunt

— e muitos outros, cujos nomes seis meses atrás tinham uma familiaridade tão clássica com os meus ouvidos — homens de tráfico que pareciam ocupar uma posição tão importante no mundo — em que instante os desliguei de mim, não apenas da minha existência material, mas também das minhas recordações! E com esforço que mie lembro dos tipos e dos nomes daqueles poucos. Da mesma forma, em breve a minha velha terra natal me aparecerá envolta em bruma, no nevoeiro da memória, como se não fosse uma porção do mundo, mas uma cidade nas nuvens, com uma população imaginária para lhe povoar as casas derruídas, passear pelos seus campos e pela dissaboreada prolixidade da sua rua principal.

De agora em diante, ela deixará de ser uma realidade em minha vida. Sou cidadão de qualquer outro lugar. Os meus bons conterrâneos não me desiludirão mais. Apesar de, nos meus esforços literários, a intenção mais acariciada ter sido a de conquistar algum valor aos seus olhos e firmar uma memória lisonjeira no berço e túmulo de tantos dos meus antepassados — ali nunca houve, para mim, a

atmosfera simpática de que um escritor necessita para realizar a colheita mais bela do seu espírito. Ficarei melhor entre

estranhos. Os conhecidos, nem é preciso dizer, ficarão melhor sem a minha presença.

Talvez aconteça, entretanto — ó ideia encantadora e triunfal! — que os bisnetos da atual geração possam algumas vezes recordar amistosamente o escriba dos dias passados, quando os antiquários dos dias futuros apontarem, entre os sítios memoráveis na história da terra, o lugar da TOWN PUMP.

InfoLivros.org

